

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA (PPGSCA)

ANNE ARIADNE ALVES MENEZES PONCE DE LEÃO

"KÓ SI EWÉ KÓ SÍ OMI KOSI ÒRISÀ".
UM ESTUDO SOBRE AS RELIGIÕES DE MANAUS NA PERSPECTIVA DE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA



Manaus - AM

2018

ANNE ARIADNE ALVES MENEZES PONCE DE LEÃO

"KÓ SI EWÉ KÓ SÍ OMI KOSI ÒRISÀ".
**UM ESTUDO SOBRE AS RELIGIÕES DE MANAUS NA PERSPECTIVA DE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Dissertação apresentada para a obtenção do
título de Mestre em Sociedade e Cultura na
Amazônia – PPGSCA, da Universidade
Federal do Amazonas.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos

Manaus - AM

2018

ANNE ARIADNE ALVES MENEZES PONCE DE LEÃO

**"KÓ SI EWÉ KÓ SÍ OMI KOSI ÒRISÀ".
UM ESTUDO SOBRE AS RELIGIÕES DE MANAUS NA PERSPECTIVA DE
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Amazonas, para obtenção do título de Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia

Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Gláucio Campos Gomes de Matos (Presidente) Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professora Doutora Renilda Aparecida Costa (Membro)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professor Doutor Paulo Ricardo Freire de Souza (Membro)
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFAM)

Professor Doutor Odenei de Souza Ribeiro (Suplente)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Professor Doutor Nelson Matos de Noronha (Suplente)
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Data da defesa: 27 de abril de 2018.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L437“ Leao, Anne Ariadne Alves Menezes Ponce de
“Kó si ewé kó si omi kosi òrisà” : Um estudo sobre as religiões de
Manaus na perspectiva de intolerância religiosa / Anne Ariadne Alves
Menezes Ponce de Leao. 2018
212 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Gláucio Campos Gomes de Matos
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Religiões. 2. Intolerância Religiosa. 3. Candomblé. 4. Diversidade.
5. Manaus. I. Matos, Gláucio Campos Gomes de II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

Dedico

Ao meu Criador e Mantenedor Deus o Pai, Filho e Espírito Santo pelas inúmeras bênçãos concedidas a mim como sua filha.

Ao meu filho e pequeno Davi, por ser minha inspiração, e minha real motivação de viver, meu amor...

Ao meu amado esposo Edson, pelo cuidado que sempre teve a mim como esposa, companheira e acima de tudo apoio e compreensão pela minha jornada acadêmica.

A minha família por ter sido sempre a minha coluna de sustentação em busca das minhas realizações.

A minha sogra Selma Nogueira, pela ajuda com meu pequeno Davi para me dedicar à conclusão da pesquisa.

A meu orientador Glaúcio Campos, que sempre me inspirou a buscar o conhecimento e à minha realização acadêmica.

A todos os líderes religiosos que participaram da pesquisa e as vítimas de intolerância religiosa.

Aqueles que fizeram parte das minhas angústias e conquistas do Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos primeiramente a Deus que compõem a trindade do Pai, Filho e Espírito Santo por ser meu Mantenedor, Ser Supremo, Pai Celestial, Amigo e acima de tudo Bondoso em me direcionar espiritualmente em minhas decisões e momentos de fraqueza em que eu pude buscar a Jesus como minha Fortaleza maior.

Ao presente mais puro e sublime que pude ganhar por Deus, ainda em outubro de 2017, meu pequeno amado filho Davi que hoje é o motivo da minha alegria e a razão pela qual vivo e minhas sinceras desculpas por ter que me ausentar algumas horas de estar com ele, por ter que produzir, estudar e organizar esse trabalho, também devo isso a ele.

A meu esposo, amado e querido Edson Nogueira da Silva por me apoiar e ter me conduzido às entrevistas durante a pesquisa de campo, por me encontrar impossibilitada de dirigir e andar sozinha nos locais, e que desde o início esteve me incentivando a buscar sempre a satisfação pessoal e profissional.

Aos meus pais Evandro Menezes Ponce de Leão e Maria Amélia Alves Vieira pela criação como sua filha, proteção e principalmente incentivo pelos estudos e apoio que sempre me incentivaram a buscar minha satisfação profissional e acadêmica cada vez mais. A minha irmã Alice Alves Menezes Ponce de Leão Nonato, por me conduzir ao caminho da pesquisa, dando força para prosseguir mesmo diante a dias tão exaustivos de trabalho. Muita grata a todos que estruturaram e compõem minha base biológica. A minha sogra Selma Nogueira, pelas palavras de incentivo e principalmente por cuidar tão bem do meu Davi, enquanto estava impossibilitada com material da pesquisa para concluir. Obrigada de coração a todos!

A meu orientador Professor Doutor Gláucio Campos de Matos, que conheci logo após ingressar ao Programa, por sua dedicação, paciência e apoio em momentos em que achava que não fosse capaz de prosseguir com a pesquisa e por me incentivar a continuar acreditar em meus sonhos e que tudo é possível.

Aos professores convidados para a Defesa da Dissertação pelas sugestões para a garantia de um trabalho maduro e significativo. Um agradecimento especial a Profa. Dra. Renilda Aparecida Costa pelas contribuições muito relevantes a minha pesquisa, o que pude olhar meu objeto a partir de um olhar mais multidisciplinar, ambos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM) e ao Prof. Dr. Paulo Ricardo Freire do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM), pelo

auxílio nas considerações sobre meu trabalho e sua dedicação minuciosa que sempre demonstrou desde o período em que fui sua aluna no curso de graduação em Pedagogia ainda em 2007. Enfim, a todos esses que se disponibilizaram a estiveram presentes na minha banca de qualificação e defesa com pontuações precisas.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM) pelo empenho em suas aulas em sala e poder proporcionar a amplitude de novos caminhos que a pesquisa pode alcançar pelo processo multidisciplinar existente.

Ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, pela estrutura disponibilizada.

A FAPEAM, pelo financiamento da bolsa de estudo, pois ajudou tanto na dedicação a pesquisa quanto nos custos financeiros ao mestrado.

A todos os entrevistados, líderes religiosos e pessoas que disponibilizaram seu tempo para contribuir de modo significativo e relevante a minha pesquisa.

Por fim, a todas as pessoas que passaram pela minha vida profissional e acadêmica.

Agradeço a todos com
carinho!

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus;”

Mateus 5:43,44

RESUMO

A dissertação apresenta a discussão sobre os casos que geram intolerância religiosa na cidade de Manaus. A relevância da temática tem como aprofundamento da discussão do estudo, bem como o de responder se a sociedade está avançando em âmbito sociocultural a ser mais tolerante. A pesquisa objetivou identificar os acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados, como também em discutir a ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica, enunciar o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância e listar as principais ocorrências de casos que despertam intolerância na cidade de Manaus. Os procedimentos metodológicos foram de natureza qualitativa e a identificação dos participantes ocorreu por amostragem intencional, por contemplar um tema moderno. Foram realizados como instrumentos entrevistas semiestruturadas e questionários. A análise de dados foi interpretada através da análise de conteúdo. Verificou-se nos resultados, apesar do estudo apresentar um elevado índice de intolerância religiosa na denominação de matriz africana, especificamente ao do candomblé, outras religiões como o catolicismo, pentecostalismo e judaísmo também são vítimas de intolerância religiosa na sociedade. Embora a sociedade esteja mais avançada nas discussões socioculturais, ainda há um caminho longo a ser percorrido para alcançar a liberdade religiosa através de uma educação voltada para a diversidade. Os líderes religiosos e seus praticantes almejam uma educação voltada para tolerância, à sociedade apela para uma educação para a diversidade, e as vítimas de agressão e violência lutam por igualdade. A partir desses resultados, podemos concluir que a sociedade precisa ser educada para a convivência da diversidade, prezando pelo diálogo e abrindo novas possibilidades de liberdade de expressão para que a igualdade entre as denominações religiosas possam se tornar pacíficas, livres de preconceitos diante a pluralidade existente em nosso país.

Palavras-chave: Religiões. Intolerância Religiosa. Candomblé. Diversidade. Manaus.

ABSTRACT

The Dissertation presents a discussion about the cases that generate religious intolerance in the city of Manaus. The relevance of the theme aims to deepen the discussion of the study, as well as responding to society is advancing in *sociocultural* context to be more tolerant. The research aimed to identify the events that generate religious intolerance in sacred spaces, as well as discuss the idea of religious intolerance from a multicultural perspective and symbolic, stating what they think the religious leaders on the issues of intolerance and list the main occurrences of cases which arouse intolerance in the city of Manaus. The methodological procedures were of a qualitative nature and the identification of the participants occurred through intentional sampling, to contemplate a modern theme. As instruments were conducted structured interviews and questionnaires. Data analysis was performed by means of content analysis. It appeared in the results, although the study presenting a high index of religious intolerance in the name of African matrix, specifically to the *candomblé* ceremony, other religions such as Catholicism, Pentecostalism and Judaism are also victims of religious intolerance in society. Although the society is more advanced in the *sociocultural* discussions, there is still a long way to go to achieve religious freedom through an education for diversity. The religious leaders and practitioners crave an education geared to tolerance, to society calls for an education for diversity, and the victims of aggression and violence are fighting for equality. From these results, we can conclude that society needs to be educated to the coexistence of diversity, taking care of the dialog and opening up new possibilities for freedom of expression for the equality between the religious denominations can become peaceful, free from prejudices before the plurality that exists in our country.

Keywords: Religions. Religious intolerance. *Candomblé*. Diversity. Manaus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ARATRAMA	Articulação Amazônica dos Povos Tradicionais de Matriz Africana
AREPE	Associação Renascer dos Empresários e Profissionais Evangélicos
CCIR	Cadastro de Imóvel Rural
CERDRAM	Comitê Estadual de Respeito à Diversidade Religiosa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
GPS	Global Positioning System
DEOPS	Delegacia Especializada de Ordem Política e Social
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EUA	Estados Unidos da América
IESP	Instituto Integrado de Ensino de Segurança Pública
ITEPES	Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia
IPAAM	Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas
MPF	Ministério Público Federal
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SAFERNET	Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos
SARES	Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social
SEJUS	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania
SEMAS	Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade
SDH	Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

SSP Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

CCIR Instituto de Tecnologia da PUC

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Intolerância Religiosa gera debate em escola.....	26
Figura 2 – Cartilha de Campanha em defesa da Liberdade Religiosa e contra a Intolerância Religiosa.....	27
Figura 3 – Gráfico de Casos de Violência de Intolerância Religiosa por Estado.....	28
Figura 4 – Vítima de Intolerância Religiosa em Manaus/AM.....	29
Figura 5 – Pai de Santo também é vítima de agressão	30
Figura 6 – Presidente do Islamismo diz ignorar rejeições por outras religiões	32
Figura 7 – Gráfico de Casos de crime por ódio	34
Figura 8 – Entrevista com o pároco São Bento	42
Figura 9 – Entrevista com o rabino Abba.....	49
Figura 10 – Arca da sinagoga.....	50
Figura 11 – Entrevista com a secretaria da sinagoga.....	52
Figura 12 – Liberdade Religiosa no Brasil	87
Figura 13 – Gráfico Identificação.....	124
Figura 14 – Gráfico Escolaridade	125
Figura 15 – Gráfico Religião/ Religiosidade	126
Figura 16 – Pintura da santa, caboclo Jacaúna e Pombagira Cigana.....	162
Figura 17 – Manifestação no espaço sagrado	164
Figura 18 – Iniciação do culto aos orixás	165
Figura 19 – Estátua do Caboclo Jacaúna no espaço	167
Figura 20 – Celebração aos orixás.....	168
Figura 21 – Observação do terreiro de vítima por intolerância religiosa	169
Figura 22 – Pedágio respeito a diversidade e intolerância religiosa.....	171
Figura 23 – Ação social de respeito a diversidade religiosa.....	172
Figura 24 – Secretaria Graça Prola em palestra na ADUA/UFAM.....	173
Figura 25 – Seminário da UEA: “Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa.”	174
Figura 26 – Direitos Humanos, Caminhada Pela Cultura de Paz	179
Figura 27 – Passeata contra a Intolerância Religiosa	180
Figura 28 – Povo do terreiro na Caminhada até a paróquia de São Sebastião.	181
Figura 29 – Mãe de Santo entoando durante a caminhada	182
Figura 30 – Povo do terreiro na caminhada expondo seus santos	183

Figura 31 – Chegando ao término da caminhada	183
Figura 32 – Imagem de São Sebastião carregada pelos povos do terreiro	184
Figura 33 – Discurso do Pai de Santos antes de entrar na paróquia	185
Figura 34 – Mãe de Santo entra entoando na paróquia	185
Figura 35 – Entrada do povo de terreiro na paróquia	186
Figura 36 – Povo de terreiro se dirigindo próximo ao púlpito	187
Figura 37 – Diálogo com os fiéis da paróquia.....	188
Figura 38 – Campanha socioeducativa no cinema	189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição do perfil e rótulo atribuído a cada um dos participantes	123
Tabela 2 – Categoria da Análise de Dados	126
Tabela 3 – Sistematização dos Resultados definidos por Categorias	161

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	18
1. A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	25
1.1. CASOS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM MANAUS	28
2. LÍDERES RELIGIOSOS NA PESQUISA.....	38
2.1. OLURUM	39
2.2. SÃO BENTO	41
2.3. SÃO SEBASTIÃO.....	44
2.4. SARA.....	45
2.5. ABBA	47
2.6. AMALIA	50
3. O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO NA AMAZÔNIA.....	54
3.1. RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS	56
3.2. MONOTEÍSMO: ALGUMAS PONTUAÇÕES	64
3.3. A PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA.....	68
3.4. O SIMBÓLICO NAS RELIGIÕES	73
3.5. O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	76
3.6. EDUCAR PARA A DIVERSIDADE.....	79
4. TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	86
4.1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE TOLERÂNCIA	93
4.2. A DIVERSIDADE SOCIAL ENQUANTO TOLERÂNCIA	95
4.3. A TOLERÂNCIA ENQUANTO VIRTUDE	97
4.4. TOLERÂNCIA: DO ILUMINISMO A RENASCENÇA.....	98
4.5. BREVE CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DO RECONHECIMENTO.....	100
5. A TOLERÂNCIA NO CURSO DO PROCESSO CIVILIZADOR	104
5.1. O CONCEITO DE CIVILITÉ E KULTUR	106
5.2. A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA VERGONHA	109
5.3. A TOLERÂNCIA E AUTOCONTROLE: UM DIFERENCIAL SOCIAL	114
5.4. A AUTOREGULAÇÃO INSTINTIVA E BIOLÓGICA.....	118
6. RESULTADOS DA PESQUISA.....	123
6.1. DADOS DO QUESTIONÁRIO	124

6.2. DADOS DA ENTREVISTA	127
6.3. OBSERVAÇÃO DOS LOCAIS	162
6.3.1. AS MANIFESTAÇÕES DO TERREIRO	162
6.3.2. AÇÕES DA SOCIEDADE PELA DIVERSIDADE RELIGIOSA	170
6.3.3. AÇÃO SOCIOEDUCATIVA NAS UNIVERSIDADES	172
6.3.4. CONQUISTA DE DIREITOS NA SOCIEDADE	176
6.3.5. EDUCAR PARA A DIVERSIDADE.....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	192
REFERÊNCIAS.....	197
APÊNDICE 1 – PERFIL SOCIOECONÔMICO	205
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	207
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	209

INTRODUÇÃO

A escolha pela temática da expressão de *“Kó si ewé kó si omi kosi òrisà”*: *Um estudo sobre as religiões de Manaus na perspectiva de intolerância religiosa* partiu de uma indagação da pesquisadora em desvendar no âmbito educacional os reais motivos que acometiam as principais causas de agressões por conta do credo religioso dos alunos. A expressão é muito visto na religião do candomblé e como problemática maior que a religião afro vem sofrendo com os casos de intolerância religiosa não somente no país, mas como também no aspecto regional manauara.

O candomblé Barros (2009) não representa o termo dessa maneira, à medida que o sentido da religião é o da “confraternização geral”, ou seja, do homem com as divindades e destas com eles, não tendo o ser humano medo de se relacionar com o seus criadores.

É quase impossível falar sobre tolerância / intolerância sem se referir também à pluralidade ou diversidade cultural. Da mesma forma que temos dificuldade para entender e aceitar a experiência religiosa do outro porque fomos vítimas de um processo histórico fundamentado na noção de conversão, também aconteceu o mesmo processo em relação ao conceito de pluralidade.

O marco histórico do candomblé Barros (2009) representa um período que demarcou fortemente a colonização na Amazônia. Todas as nações que para cá foram trazidas adotaram também intervenções filosóficas e psicológicas dos índios que aqui viviam, os primeiros e verdadeiros "donos desta terra". Igualmente ao candomblé, todas estas religiões que coexistem no Brasil também precisaram sofrer algumas modificações e influências para poderem aqui se instalar. Como exemplo, podemos citar o catolicismo que precisou promover alterações em seus atos litúrgicos e em sua catequese.

Desse modo, conforme as origens históricas que se baseavam em guerras religiosas entre os cristãos e protestantes, surgiu o interesse também em inserir na pesquisa outras denominações religiosas. Embora a religião afro venha sido a mais sofrida com os casos de agressão e violência, além dessa a pesquisa também indicará as religiões católica, pentecostal e judaica como elementos norteadores dos acontecimentos gerados sobre a temática de intolerância religiosa.

O catolicismo precisou promover alterações em seus atos litúrgicos e em sua catequese a partir de seus de seus ensinamentos. Nesse período de colonização da Amazônia, alguns índios se identificaram com as nações “bantu”, foi a partir desta junção que surgiram os

primórdios da umbanda, que tem nos seus caboclos a figura dos nossos ancestrais indígenas, e nos pretos-velhos, a síntese dos nossos ancestrais escravos e se uniram quando os participantes desta nação aqui chegaram para trabalhar como escravos. Esta parceria era uma tentativa de ambos se resguardarem contra seus opressores e de protegerem seus interesses sociais e suas necessidades religiosas.

Foi a partir da parceria dos indígenas com as nações bantu, que foi criada a umbanda que passa a ser uma religião que se deu origem no Brasil, amalgamando saberes africanos e indígenas com o saber europeu, por meio do sincretismo e com a religião católica. Tanto o candomblé quanto o catolicismo apresentam semelhanças entre si, pela representação simbólica, representada pelos santos que fazem parte de seus credos como bem tiveram uma grande repercussão histórica na colonização e nas primeiras aparições do candomblé no Brasil e na Amazônia.

A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). E definida historicamente, e não biologicamente. De uma forma única e singular a cultura dos mais diferentes grupos sociais estabelece a diversidade de crenças, valores, religião do social ao cultural e do cultural ao religioso. Gomes (2003) explica que o sentido que atribuímos às diferenças, passam pela cultura e pelas relações políticas.

A pesquisa tem como objetivo central identificar acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus, elemento norteador da pesquisa que apresentou desafios e ao mesmo tempo promoveu novas possibilidades a pesquisadora. O olhar fechado da pesquisadora sobre as religiões amadureceu com o decorrer das leituras e execução das pesquisas, bem como de gerar uma nova visão sobre as mais diversas denominações religiosas na cidade. E como objetivos secundários: discutir a ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica, enunciar o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância e listar as principais ocorrências de casos que despertam intolerância na cidade de Manaus.

Pretende-se também em identificar não somente os acontecimentos na cidade de Manaus, mas também em conhecer os espaços sagrados nas denominações pesquisadas. Para isso, a pesquisadora frequentou todas as denominações para poder ter facilidade com os sujeitos entrevistados, bem como de entender melhor os processos de relações que ocorrem em suas práticas religiosas.

O primeiro capítulo evidenciará a problemática da pesquisa, o que motivou a pesquisadora a realizar a mesma e divulgar os principais casos de intolerância religiosa na cidade de Manaus.

O segundo capítulo aponta a identidade dos sujeitos entrevistados, apresentando como relevância a descrição do espaço pesquisado, bem como suas vestimentas e sua conduta frente a entrevista e as manifestações do espaço. Será levado em conta também o nome fictício de cada um dos entrevistados que serão preservados conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Portanto, frente às mudanças que partiram de uma perspectiva simbólica, nomeando o sujeito da religião do candomblé de Olurum, do catolicismo os nomes de São Bento e São Sebastião, pentecostal de Sara, e judaica Abba e Amália.

O terceiro capítulo apresenta o processo de colonização na Amazônia, apontando a importância do simbólico e suas manifestações através do objeto proposto estudado nessa dissertação; como o surgimento do candomblé e as primeiras origens da presença negra na região, o diálogo inter-religioso e a educação voltada para a diversidade. Ressaltando que nesse trabalho não pretende analisar as religiões em seu âmago, mas o de identificar nas denominações estudadas suas análises/interpretações sobre os casos de intolerância religiosa, bem como os relatos de violências, agressões que possam ferir suas crenças e ameaçar suas práticas mediante as manifestações religiosas em espaços sagrados.

O quarto capítulo discutir-se-á os conceitos que permeiam a ideia de tolerância e intolerância religiosa, a partir dos pressupostos demarcados durante a história e no período de colonização e das principais guerras oriundas por conta do credo religioso que professavam.

Enquanto o quinto capítulo se propõe em compreender a tolerância como processo de civilização a partir dos conceitos francês de *civilité* e *kultur*, segundo as teorias do sociólogo Norbert Elias (1994). Dentre a teoria de Vygotsky, visa compreender o estudo das emoções e do autocontrole em uma perspectiva social e cultural, e deslocar para o estudo da tolerância e intolerância. Na leitura desse autor, dando atenção à concepção de configuração, poderemos verificar que o processo de tolerância deve ser trabalhado através nas relações sociais, que orientadas por regras e normas perpassadas ao longo do processo de desenvolvimento da sociedade, pois passaram por transformações dos costumes e comportamentos. O capítulo procura enfatizar que no atual estágio da sociedade, no contexto de cada configuração são verificáveis relações de poder, sentimento de vergonha e autocontrole, que elementos importantes na sensibilidade do indivíduo para a tolerância.

A relação do pentecostalismo e com o candomblé vem representando um grande número de casos que estão acontecendo desde o ano de 2015 sobre intolerância religiosa aos cultos e manifestações. Os pentecostais acreditam que os que praticam a religião do candomblé fazem apologia ao satanismo e de certa forma os cultos reverenciam demônios e entidades malignas.

Assim, o Brasil vem sofrendo com casos de violência e até mortes por conta disso, sendo uma das vítimas mais recorrentes além dos que cultuam o candomblé, os católicos também são penalizados por apresentarem semelhanças a suas crenças e intercessões aos santos, o que representa tensões de cunho social e cultural.

O próximo capítulo consistirá na discussão através da análise de dados, interpretada pelos questionários e entrevistas e em escolha a análise de conteúdo, enfatizando a abordagem sobre a educação para a diversidade, englobando vários fatores que visam contribuir para uma sociedade tolerante.

A dissertação contextualizará a discussão da problemática que consiste na questão norteadora. *A partir de situações previamente levantadas que permeiam a questões geradas por conflitos religiosos, embate ao discurso religioso e frente a questões de intolerância religiosa, ainda é possível a sociedade ser educada para a diversidade, sendo tolerante?*

A pesquisa se baseou de cunho qualitativo, na intenção de privilegiar a investigação e identificar os acontecimentos que gera intolerância religiosa na cidade de Manaus, a partir da perspectiva de líderes religiosos. Como instrumentos foram coletados perfil socioeconômico, questionários e entrevistas. Os locais da observação direta serão nos espaços sagrados (igrejas, templos sagrados, sinagogas e paróquias), e alguns casos na rua.

Participaram da pesquisa foram quatro denominações: A Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana – ARATRAMA, antiga CARMA, em conjunto com a Associação de Desenvolvimento Cultural Toy Badé, da denominação do candomblé, localizada na Rua Grandes Rios, nº 33, Cidade Nova I – Zona Norte de Manaus. A Igreja Apostólica Renascer, de denominação pentecostal, localizada na Rua 07, nº 281, Quadra 14, Parque Dez de Novembro – Zona Centro Sul de Manaus. A Paróquia São Bento de denominação católica, localizada na Rua Félix Valois, s/n - Cidade Nova I – Zona Norte de Manaus. As sinagogas de denominação judaica da Comunidade Bet-Shalom – Divisão Judaico Messiânica, situada na Rua 28, nº 26, Quadra 14, Conj. Osvaldo Frota I, Cidade Nova I - Zona Norte de Manaus e da Beit Chabad, localizada Rua Rio Pauini, 113 – Vieiralves – Zona Centro Sul de Manaus, ambas de cunho judaicas.

A identificação das participantes aconteceu por meio de uma amostragem intencional, onde nem todos os sujeitos foram selecionados para participar da pesquisa. Foram realizadas seis entrevistas, sendo um membro que representa o candomblé, dois que representam o catolicismo, um líder que representa o movimento pentecostal, e dois que representam a sinagoga, sendo um rabino e outra secretária.

Os critérios inclusão foram: ser líder religioso e participar de manifestações religiosas que envolvam o sagrado; sendo que este primeiro momento o foco consistiu em coletar informações a respeito de casos que geram/despertam intolerância religiosa a partir das práticas sagradas desses espaços; se tiver mais de um líder religiosos, a seleção consistirá no sujeito da pesquisa que tiver mais tempo de atuação; sujeitos que se enquadram em casos que vem despertando intolerância na sociedade; ter 18 anos ou mais e estar de acordo em participar da pesquisa e ter assinado o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Os critérios de exclusão foram os sujeitos que não exerçam a função de líder religioso ou outra condição que não contemplasse os objetivos da pesquisa. Algumas implicações ocorreram para a realização das entrevistas nas ruas com algumas pessoas, pelo fato de estarem ocupadas em alguma atividade ou rotina diária. Quanto aos espaços sagrados, a dificuldade apresentada se deu nas negações de algumas informações a respeito da pesquisa.

Foram realizadas observações das reuniões, cultos, missas nos espaços sagrados, bem como realizada descrição das mesmas e das ações dos líderes religiosos que autorizaram essas observações. As observações consistiram em três eixos: dos sujeitos (conduta no espaço sagrado, vestimentas e adereços), do cenário (como o espaço é organizado e dividido e a descrição do local) e do comportamento social (práticas religiosas ocorridas no espaço sagrado).

Em se tratar de uma realidade contemporânea e como relevância do estudo, escolheu-se análise de conteúdo que consiste em uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo evidente da comunicação (LAKATOS & MARCONI, 1999). Dessa maneira, a mesma envolverá a análise das respostas dos sujeitos entrevistados, visando identificar casos sobre tolerância e intolerância religiosa, observadas nas práticas sociais e nas manifestações /socioculturais, assim como os processos de inclusão e exclusão na perspectiva de compreender melhor essa realidade plural que acomete o sagrado e o religioso. Tanto as observações quanto às informações das entrevistas serão pautadas nessa forma de análise, visto que partiremos de teorias previamente construídas.

A pesquisa apresenta algumas características da análise de conteúdo necessárias para a utilização desse método, levando em consideração: os objetivos da pesquisa – em captar um saber que está por trás da superfície textual, do “eu” pesquisador – que é um espião da ordem que se propõe a desvendar a subversão escondida, no leitor privilegiado por dispor de “técnicas seguras de trabalho”, da concepção de texto – que representa o véu que esconde o significado, a intenção do autor, a concepção de linguagem – reprodução e disseminação de

uma realidade *apriori*, e a concepção da ciência – instrumento neutro de verificação de uma determinada realidade.

A análise dos resultados das entrevistas, que compõem a parte qualitativa da pesquisa, foi feita utilizando-se o método de análise de conteúdo. Primeiramente, foi feita a leitura flutuante e, em seguida, a exploração do material das entrevistas. Com isso, identificaram-se as categorias existentes no discurso dos indivíduos, atentando-se sempre para o referencial teórico.

Depois de uma primeira leitura da entrevista a analisar, pretendeu-se codificar (salientar, classificar, agregar e categorizar) trechos da entrevista transcrita, que passamos a apresentar a seguir. Dessa maneira, pretendeu-se atender o objetivo geral da pesquisa que consiste em identificar acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus.

Na Categoria foram agregados os três grandes temas da entrevista: 1. Manifestações Religiosas 2. Intolerância e Conflitos e Religiosos 3. Propostas para a Liberdade Religiosa. As categorias foram agrupadas em subcategorias para melhor compreensão do objeto proposta pela pesquisa que estiveram propostas a discutir a ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica; enunciar o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância religiosa e a listar as principais ocorrências de casos que despertam intolerância religiosa na cidade de Manaus.

A categoria “Manifestações Religiosas” surge da necessidade de discussão do tema da pesquisa na perspectiva de intolerância religiosa a partir da ideia de tolerância, levando como relevância suas questões culturais que envolvem o sagrado e o simbólico. Ainda nessa categoria levará em conta apontar a distinção do sagrado com o profano, e a comparação a outras denominações nessas manifestações.

A categoria “Intolerância e Conflitos Religiosos” buscará apontar alguns casos que destacam a problemática da pesquisa, bem como de levar em consideração a discussão sobre intolerância religiosa na cidade de Manaus segundo os entrevistados. Ainda na mesma categoria, será apresentado o entendimento sobre a questão de intolerância, os principais casos de intolerância religião, bem como o de apontar se existe rivalidade entre outras denominações nessa perspectiva.

Na última categoria “Propostas para a Liberdade Religiosa” procura-se levar em reflexão a problemática de intolerância a partir de uma nova visão de religião. Dessa forma de evidenciar propostas para a liberdade, bem como lidar com os que ferem essa liberdade através medidas preventivas para a garantia da paz entre as religiões, através da autonomia

política e da tão sonhada universalização da educação para a diversidade.

Ressaltando que a construção dos dados desta pesquisa obedeceu aos cuidados éticos definidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com o envio ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Amazonas, pesquisa aprovada pelo CAEE 53214216.8.0000.5020, com o número do parecer: 1.424.469.

Este estudo se faz relevante tanto do ponto de vista social e acadêmico, pois pretende contribuir com o aprofundamento de questões sobre esta temática ao passo que visa subsidiar os conflitos relacionados à intolerância religiosa a partir da concepção e relatos dos líderes religiosos e compreender as causas de tais conflitos, numa perspectiva intercultural. Para isso objetiva identificar os acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus a respeito desse debate inter-religioso, a melhorar as relações de convivência em sociedade principalmente em sua diversidade em prol de convívio social/cultural e na superação de diferenças, numa perspectiva plural que represente as relações sincréticas do nosso país, e especificamente em nossa região manauara.

1. A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Essa pesquisa pretende compreender as manifestações de tolerância/intolerância religiosa enquanto manifestação sociocultural em espaços sagrados na cidade de Manaus, a partir da perspectiva de líderes religiosos. Para isso apresentaremos os conceitos que permeiam a ideia de tolerância/intolerância religiosa no âmbito das discussões sobre pluralismo cultural e religioso, buscando entender o que pensam os líderes religiosos sobre tolerância/intolerância religiosa e relatar as principais ocorrências de casos que despertam a intolerância religiosa nos espaços sagrados na cidade de Manaus.

As práticas culturais realizadas no espaço tem gerado bastante repercussão tanto no âmbito cultural quanto no religioso, envolvendo uma diversidade de movimentos como a arte, música, dança e teatro. Em qualquer ambiente, é notável muitas vezes manifestações de racismo, discriminação social e étnica, ainda que de maneira involuntária ou inconsciente. Essas atitudes representam violação dos direitos dos discriminados, ocasionando transtornos de conduta aos agressores e aos vitimizados criarem obstáculos em seu desenvolvimento pleno.

Tendo em vista a necessidade de enfrentamento da problemática em questão, este estudo é motivado por uma experiência profissional durante sua práxis pedagógica, consistindo em observações das possíveis limitações da participação de alunos em eventos e manifestações culturais promovidos pela escola em trabalhar a inclusão de alunos que partilham de outra fé sem que seja a mesma instituída pelos valores e filosofia do regime escolar interno.

A partir dessa experiência foi escolhido inicialmente o ambiente escolar para a pesquisa frente à realidade vivenciada pela pesquisadora sendo em seguida modificado, por entendermos a amplitude do tema e seu significado simbólico que assume nas religiões, no mundo e em Manaus. Por essa razão foi modificado apenas o lócus da pesquisa bem como aos sujeitos que antes se destinava a escola e agora são as igrejas, centros religiosos e espaços sagrados. Quanto aos sujeitos antes se tratavam de professores e alunos e agora, trata-se de líderes religiosos e outros sujeitos comuns, vítimas de ou não de intolerância em qualquer esfera.

Figura 1 – Intolerância Religiosa gera debate em escola



Fonte: Derzi (2012)

A imagem acima demonstra caso que aconteceu em uma escola de Manaus, localizada na zona norte do Município, onde houve um protesto organizado por um grupo de 13 alunos evangélicos do ensino médio que se recusaram a fazer um trabalho sobre a cultura afro-brasileira. O caso gerou polêmica entre os grupos étnicos culturais do Amazonas. Os estudantes se negaram a defender o projeto interdisciplinar sobre a “Preservação da Identidade Étnico Cultural Brasileira”, por entenderem que o trabalho faz apologia ao “satanismo e ao homossexualismo”, proposta que contraria as crenças deles.

Estimulada pelo debate, a amplitude do tema e o acesso às novas concepções teóricas, foi repensando sobre o objeto e optamos em mudar o lócus da pesquisa para os templos sagrados. A decisão se deu a partir da participação do Seminário Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa em 19 de Janeiro de 2017 que teve como objetivo conscientizar a sociedade na semana, que antecede ao dia 21 de janeiro, contra a Intolerância Religiosa.

Para o entrevistado da pesquisa, Olurum lembra que: *“Com isso um grupo de evangélicos que se reuniram e inclusive vieram até aqui com terçado inclusive aqui na frente conta da área que eles queriam mandar construir igreja aqui na frente e diziam bem assim: - Vocês vão sair daí, terreiro de macumba tem que sair desse lugar! Procuramos vários outros órgãos: Ipaam (Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas), Semas (Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade), entraram em processo, mas não conseguiram.”* A violência de outro grupo de evangélicos em não aceitar o credo religioso alheio se tornou tão incomodo que correram para as esferas legais para acabar com o local, pois poderiam temer caso os mesmos o fizessem de modo ilegal.

Figura 2 – Cartilha de Campanha em Defesa da Liberdade de Crença e Contra a Intolerância Religiosa.



Fonte: Ministério Público Federal (2014)

No seminário houve a distribuição de uma cartilha que foi organizada após a parceria com o Ministério Público Federal da Procuradoria da República no Estado do Amazonas, instaurou o Inquérito Civil nº. 1.13.000.000439/2014-32 da portaria nº. 0159/2014-GS/SSP de 30 de julho de 2014, formalizou a criação e funcionamento do Grupo de Trabalho Temporário (GTT), para elaborar diretrizes e a inserção de matéria específica tendo como foco a intolerância étnica e religiosa nos cursos de formação e capacitação desenvolvidos no Instituto Integrado de Ensino de Segurança Pública (IESP) e destinado aos policiais civis e militares do sistema de segurança pública do Amazonas.

Compreender o pluralismo religioso parte de um diálogo inter-religioso a partir das ideias de estudiosos que refletem sobre essa temática. Segundo Bobbio (1992, p. 203), no século XVI precisamente, foi resultado de guerras religiosas entre católicos e protestantes, demanda dos nascentes Estados europeus a formulação de leis para promover e regulamentar a intolerância e a liberdade religiosa por meio de diversos arranjos institucionais, visando garantir a paz.

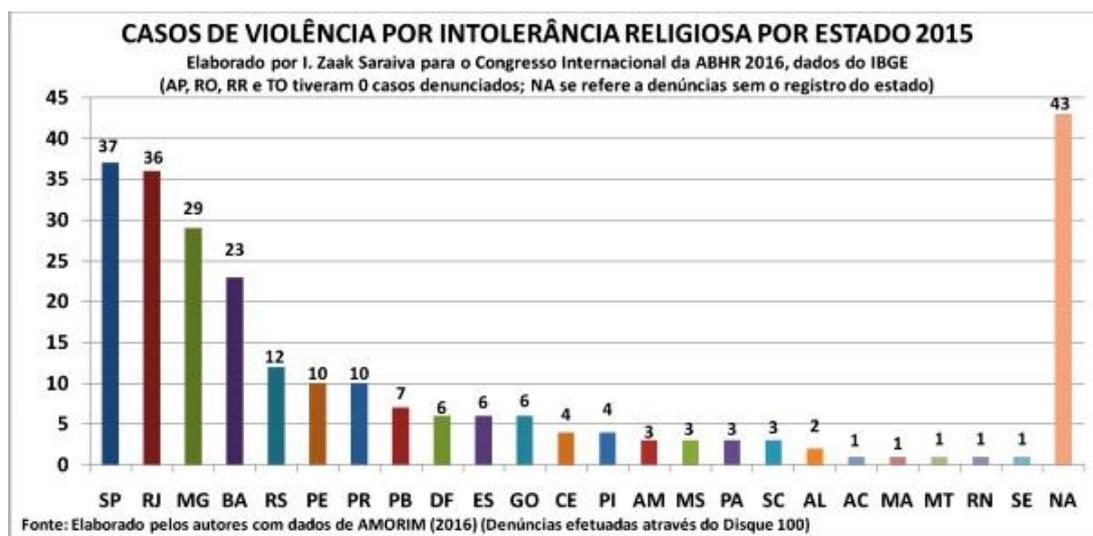
Mircea Eliade (1992), a concepção de *sagrado* encontrada em onde o conceito é compreendido como um fenômeno presente nas diversas religiões e diferentes localidades, não entrando aqui na discussão que o pesquisador romeno faz em torno do *sagrado* e do *profano*. Neste sentido, Eliade apud (SOUZA, 2014, p. 87) a manifestação se dá na construção religiosa que contempla estruturas míticas, ritos, ascese e comportamentos.

(SOUZA, 2014, p. 87).

1.1. CASOS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM MANAUS

No estado do Amazonas, mesmo não estando no ranking dos casos mais elevados, ainda se torna um número preocupante, pois no ano de 2015 registrou-se 300 casos de discriminação, sendo o de racismo a primeira mais recorrente, acompanhado com a de intolerância religiosa.

Figura 3 – Casos de Violência de intolerância religiosa por Estado



Fonte: Amorim (2016)

No gráfico, apontam que os estados do Sudeste e a Bahia são o que apresentam um grande número de casos relacionados à violência por conta a Intolerância Religiosa, embora a violência não gera intolerância, o que acontece é a falta de respeito ao conhecimento das manifestações religiosas e sua compreensão com a aceitação do credo que outros professam. O resultado mais importante desse quadro representa o aumento de intolerância no Brasil, contudo, a questões de violência e intolerância: as religiões de matriz africana são as mais atacadas em todo o território nacional, segundo dados da CCIR – Cadastro de Imóvel Rural (2015) vez que mais de 70% dos 1.014 casos de ofensas, abusos e atos violentos reportados apenas no estado do Rio de Janeiro entre 2012 e 2015 são contra os praticantes de religiões de matrizes africanas (PUFF, 2016).

No País, as denúncias de intolerância religiosa recebidas pelo Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) cresceram mais de

sete vezes em 2013 em relação a 2012, um aumento de 62,6%. Segundo a associação SaferNet, em 2013, a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos recebeu 494 denúncias de intolerância religiosa praticadas em perfis do Facebook.

Figura 4 - Vítima de intolerância religiosa em Manaus/AM



Fonte: Nunes (2016)

A Mãe de Santo, Maria do Jacaúna¹ é uma das vítimas que sofreu e ainda sofre intolerância religiosa no estado do Amazonas. Seu terreiro se localiza na zona leste da cidade e a mesma afirma ter sido violada até mesmo no templo sagrado a qual cultua. Segundo ela: *“Isto ocorreu ano passado (2015). Foi intolerância, pois o povo não suporta as nossas crenças”*. Houve discussões sobre religião e atentaram contra a vida dela. O seu esposo caiu por cima dela, sendo atingido por seis tiros, além de ter que sair da cidade de Manaus para não ser perseguida, comentou ela que acusa evangélicos radicais pelo crime. *“Coisas assim ocorrem todo dia”*, ressalta ela, que acompanha sempre e se torna presente nas passeatas

¹ Entrevista concedida por JACAÚNA, Mãe Maria do seu. Entrevista [dez. 2016]. Entrevistador: Paulo André Nunes. Manaus, 2016. 1 arquivo .mp3 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se disponível em: <http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/nova-delegacia-especializada-visa-coibir-crimes-contra-a-intolerancia>.

contra a discriminação a intolerância religiosa que normalmente ocorre todo ano no mês de janeiro.

Antes de ser uma religião em termos constituídos, o *sagrado* é sua primeira constatação. “O sagrado, antes de ser um conceito ou criação humana, seria uma experiência, algo que acompanharia a sensibilidade humana” (MAGALHÃES & PORTELLA, 2008, p. 62).

Em nove anos, 15 pais e mães de santo foram assassinados no Amazonas. O número foi divulgado pelo Ministério Público Federal no Amazonas (MPF/AM), com base em dados de entidades ligadas à Articulação Amazônica de Povos Tradicionais de Matriz Africana (Aratrama). O que está acontecendo, é um avanço na sociedade para a garantia desses direitos às pessoas de matriz africana, que mesmo assegurados pelos Direitos Humanos e Leis Constitucionais, costumam sofrer constantemente de agressões e violações aos templos sagrados devido a suas crenças e tradições religiosas, o que agrava mais ainda a situação, pois a segurança não oferece assistência a esses tipos de casos, e acabam engavetando os mesmos e apontando pelo coordenador da associação e pai de santo Alberto Jorge, como “*brigas de vizinho*”.

Figura 5 – Pai de Santo também é vítima de agressão



Fonte: Gomes (2017)

Alberto já sofreu dois ataques de violência, sendo o mais destacado da cidade de Manaus, um se deu por agressão física e o outro teve sua casa apedrejada. O mesmo relata:

²“*Desta forma, fazer cartazes e marchar pela conscientização são alternativas de quem sofre represálias durante o culto, ritual ou missa*”. O pai de santo, coordenador da Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana - Aratrama, afirma que na primeira violência teve seu rosto desfigurado com dois ossos quebrados a pauladas, e outro jogaram pedras em sua residência. O mesmo ainda aponta: “*Quase acertou minha mãe, neste dia. Sou alvo de inúmeras ameaças de morte, vindas de variadas partes. É um quadro comum da minha vida. As pessoas guardam uma imagem negativa de nós, por puro preconceito*”. O mesmo enfatiza ainda que o candomblé é visto como “*coisas de preto*”, onde acabam referindo a religião de negro por apresentar descendência afro.

Alberto afirma que os povos de terreiros agem na rede nacional possuem três grandes organizações ligadas ao povo de terreiro, que mantêm em Brasília um diálogo com o Senado e a Câmara Federal, solicitando da Comissão de Direitos Humanos do Senado a realização de uma audiência pública em caráter de urgência para analisar a situação de agressão, violência e até morte: “*Queremos pedir providências efetivas, levando em conta que no Estado nada ainda foi feito em relação aos casos*”, afirmou o mesmo, ressaltando a comunidade do terreiro estaria apreensiva pela vida das pessoas envolvidas, principalmente nos casos em que os seus agressores estão permanecem soltos.

Ainda na religião do candomblé, houve um caso de pai de santo de 41 anos que levou facadas na comunidade Nova Vitória, zona leste da cidade de Manaus. A discussão iniciou em seu terreiro. A vítima discorreu sobre o caso: ³“*Quando cheguei, o agressor foi logo dizendo que macumbeiro e viado tinha que morrer e ainda ameaçou tocar fogo na minha casa*”, que reside há sete anos na rua Salvador. O mesmo foi alertado pelos vizinhos sobre a intenção do agressor de matá-lo, e conta que tentou sair do local, mas foi atingido por dois dos sete golpes de faca desferidos pelo agressor. Uma facada atingiu suas costas e cotovelo. “*Cai no chão ainda sangrando e meus vizinhos, revoltados, chegaram a bater nele e jogá-lo dentro do igarapé*”, afirmou. O agressor continua livre, residindo na área.

Saleh vive em Manaus há 30 anos e afirma que violência física ainda não chegou a sofrer, mas o preconceito ainda é presente na religião muçulmana. O mesmo narra que: “*Houve um caso em particular que uma irmã queria levar às autoridades por se sentir atacada, mas conversamos e ela achou melhor não levar adiante. Pregamos a paz, a*

² Disponível em: <<http://d.emtempo.com.br/manaus-cidades/90063/intolerancia-religiosa-escolhas-individuais-ainda-sao-vitimas-de-critica-e-preconceito>> Acesso: 23 de mar de 2018.

³ Disponível em: <https://acervo.racismoambiental.net.br/2011/08/04/am-homens-sao-vitimas-de-discriminacao-religiosa-e-homofobia-manaus/> Acesso: 23 de mar de 2018.

aceitação e a união. Não queremos dar margem para o ódio. Só atinge aquilo que deixamos”. Pode-se notar que nesse relato, o mesmo preza pela paz e justiça.

Figura 6 – Presidente do Islamismo diz ignorar rejeições por outras religiões



Fonte: Cadihe (2017)

Aconteceu também intolerância a igreja católica partindo dos próprios evangélicos, gerando uma divisão entre ambas as doutrinas. Ocorreu na paróquia de São Bento, localizada na zona norte da cidade pelo diácono Antônio Amarildo que conta: *“o jeito do catolicismo é seguir a fé”*. O mesmo ainda aponta: *“quando fazemos nossas procissões, muitos evangélicos colocam a Bíblia na nossa cara dizendo que somos idólatras. Apenas estamos seguindo o que acreditamos. A luta pelo respeito faz parte da nossa preocupação dentro da própria igreja”*.

Para o entrevistado São Bento, pároco de uma paróquia da cidade, relata que em frente a igreja ocorreu um caso: *“Não tenho problema de usar a praça, mas tem de ter senso, respeito, o povo ficou chateado, eventualmente eles foram embora, no meu país EUA (Estados Unidos da América), queimaram igrejas, era muita intolerância, eu escuto comentários, como judeus são culpados, árabes que são mulçumanos que são discriminados, que vem da ignorância daquilo que eu não entendo, tem católicos que também são intransigentes como nas cruzadas, tudo é questão de intolerância, eu amo minha fé católica, não amo de tudo, mas eu respeito”*. Na verdade, o que se observa é uma luta por territórios e espaços religiosos para alcançar uma determinada hegemonia.

Para entender melhor sobre o pluralismo cultural se faz necessário compreender o que é cultura, religião e sociedade. O homem é o resultado do meio cultural em que foi

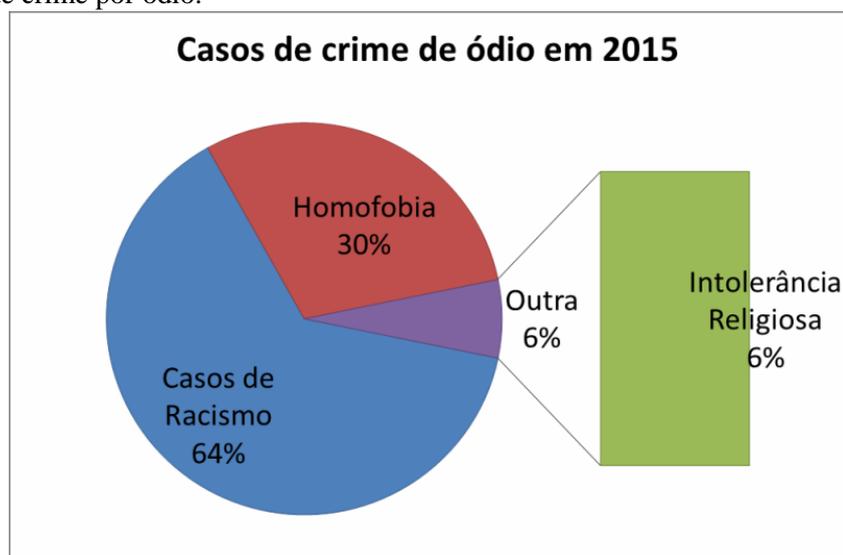
socializado, reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. E com o passar do tempo o ser humano vai transformando e inovando o seu patrimônio cultural. Para Corrêa (2008) a cultura tem o poder de enraizar o sujeito em modos de vida, em modos de ser que os sujeitam as práticas, aos comportamentos. Por isso, pode-se afirmar que a cultura é um dos aspectos que mais marcam um povo, revela sua identidade.

Conforme Santos (2002) a identificação das estruturas de representações dos diversos campos permite conhecer melhor essa realidade social. A identidade torna-se uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1990). Definida historicamente e não biologicamente uma forma única e singular, a cultura dos mais diferentes grupos sociais estabelece a diversidade de crenças, valores.

As características que especificam a perspectiva intercultural é a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais, presentes em uma determinada sociedade (Candau, 2008). O diálogo construído a partir do diferente, a partir dos opostos, ou seja, a partir de discursos opostos que se estruturam e se respeitam dentro da diversidade de crenças e multiplicidade das culturas é o que reforça Junqueira (2007).

Dessa forma, a cultura, religião e sociedade segundo os autores mencionados são elementos indissociáveis. Representa a bagagem que o indivíduo carrega ao decorrer de sua história frente a suas relações sociais, definições religiosas e herança cultural. É o que aconteceu ao longo da história do nosso Brasil no período de colonização e as movimentações sociais e políticas que se observa principalmente a questões religiosas que despertam a intolerância religiosa.

Certamente, o quadro evidencia que no nosso estado foi apontado um número significativo de casos e crimes voltados as questões de violência por conta da religião e intolerância. Os dados do quadro exemplificam os casos que mais geraram transtornos violentos no ano de 2015 envolvendo em maioria crimes de racismo chegando a 64%, homofobia a 30% e intolerância religiosa a 6%, dados estes apresentados pela Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (Sejusc).

Figura 7 – Casos de crime por ódio.

Fonte: Sejusc (2015)

O avanço que o grupo da Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana (ARATRAMA) tem conquistado é a garantia de uma nova Delegacia contra crimes de Discriminação e Intolerância Religiosa no Estado do Amazonas. A unidade deverá ficar localizada na Avenida Boulevard Álvaro Maia e vai substituir a Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (Deops).

Segundo Graça Prola⁴, da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas (SSP/AM) garantiu que a delegacia especializada começa a funcionar no primeiro semestre de 2017.

A pastora Sara da pentecostal, sobre esses índices de violência e agressão em nosso país relata: *“Olha, na realidade ser cristão aqui no Brasil, ainda não é ruim como em outros países. Existem países por aí que você não pode pregar o Evangelho, se não você vai pra força, por incrível que pareça isso ainda existe neste século. Mas, o que acontece em relação às igrejas evangélicas, é que o inimigo acaba atacando a vida dos líderes da igreja, então você precisa ter uma vida muito limpa. Nós somos passíveis de erro, não tô aqui pra defender nenhuma instituição, nem bispo Macedo, nem Waldomiro, nem Apóstolo Rener, eu defendo a visão que eu faço parte, porque eu conheço o caráter e a integridade de nossos líderes espirituais, de andar com eles, de conhecê-los. Então quando você vê, no noticiário da TV, notícias inventadas de situações montadas, então eu acho que isso é uma das piores formas*

⁴ A delegacia ficou de ser inaugurada em março ainda nesse ano de 2017. Enquanto aguardamos a inauguração o registro das denúncias e crimes contra discriminação e intolerância religiosa, pode ser realizado pelo atendimento do disque 100 da secretaria dos direitos humanos. O registro das denúncias ainda pode ser realizado pela internet pelo site www.humanizaredes.gov.br e pelo aplicativo Proteja Brasil disponível para smartphones e androides.

de agressão... Mas, a palavra de Deus diz assim: “Se perseguirem a mim, irão perseguir também vocês pelas obras que vocês fazem”, então acho que esse é o ataque. Eles não atacam a igreja em si, mas uma forma de atacar é buscar algo nos líderes, que possa ser de uma forma pra trazer vergonha, pra trazer injúrias... É espiritual, e creio que às vezes político.”.

Outra relevância do estudo consiste na observação das práticas religiosas que despertam a tolerância/intolerância nos espaços sagrados para posterior reflexão de líderes religiosos sobre essas questões. Não obstante, a intolerância religiosa parece ter pouca visibilidade na sociedade. A intolerância deve ser trabalhada, através de uma educação constante que tem início na infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais (Eco, 1998, p.117).

Diante do exposto escolhemos quatro denominações religiosas para o desenvolvimento da dissertação. A primeira pela Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana (ARATRAMA) se deu a partir da participação de um evento sobre Seminário de Diálogo com o Sagrado com Mediação no Processo de Superação da Intolerância Religiosa, que ocorreu na Universidade Federal do Amazonas em 2016.

O palestrante foi Alberto Jorge, que é o Pai de Santo coordenador geral da associação e também militante dos movimentos religiosos da cidade de Manaus que objetiva garantir aos povos de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda, por exemplo, o direito a igualdade, liberdade e a manifestação dos cultos afros nos terreiros.

Alberto apontou no seminário alguns casos dos terreiros que sofreram violência por razão dos cultos realizados nos terreiros, gerando na maioria das vezes mortes e suicídio por conta da intolerância religiosa. A partir desse seminário, pude amplificar meu objeto a qual se limitava apenas no espaço escolar, o que fez pensar no meu objeto e perceber o quanto estava limitado por se tratar apenas de um local a ser pesquisado, pois sociedade e escola, na ótica de Norbert Elias (1994) são uma só.

Redimensionei a partir de então meu objeto e direcionei os sujeitos entrevistados como critérios em ser líderes religiosos, pois discorrem melhor acerca dessas situações que envolvem casos de intolerância nos principais espaços que mais sofrem violência e mortes. O candomblé é a religião que vem mais sofrendo intolerância, por além de ser um fato sociocultural, na maioria das vezes a sociedade chegam fazer apologia a religião como macumba, demoníaca ou satânica.

Ao contrário do que se pensa comumente, educar para a tolerância não é pouco Andrade, (2009). É sim o fundamental, se é que queremos construir e manter uma sociedade plural. E talvez seja ainda mais necessária e produtiva do que se imagina inicialmente, pois busca intervir em nossos valores e atitudes como mínimos de justiça, moralmente exigível.

Além da Aratrama que assegura a defesa de cultos e direitos humanos sobre a denominação da umbanda e do candomblé, também serão pesquisados outras denominações religiosas como a pentecostal, a judaica e a católica.

O padre entrevistado de uma determinada igreja católica, nomeado como São Sebastião vê essa questão: *“É claro que, por exemplo, o neopentecostalismo que seria o das igrejas universais, nas igrejas eletrônicas, elas se fundamentam nesse princípio de intolerância e aí que elas crescem, porque toda problemática humana gira em torno do diabo, do poder do mal sobre as pessoas e esse poder do mal, está ligado a tradições religiosas históricas, culturais tanto da região como do Brasil em modo geral”*. Em vista da diversidade cultural e religiosa, que o candomblé busca reconhecimento de suas crenças e respeito aos seus cultos e manifestações religiosas.

Como explana Barros (2009) em um de seus escritos, sobre essa questão:

O que queremos e precisamos, nos dias atuais, é que o candomblé seja reconhecido unicamente como *uma religião*, sem que esteja inserido ou irmanado a nenhuma outra. Em nossa religião não existe, como nas demais, um simbolismo do bem ou do mal, do paraíso ou do inferno, e ela também não torna o homem ou a mulher seres escravizados por um Deus. (p. 31)

Barros enfatiza que o candomblé é uma religião sendo considerada uma das mais antigas e não cultuam apenas um Deus, e sim vários. Cultuam divindades que representam a reverência e a gratidão a natureza, pois creem que tudo provem dela. Em Cuba, por exemplo, a religião de culto a orixás denomina-se santeria, representando a ligação das divindades com o catolicismo. Nas regiões de Alagoas e Pernambuco, denomina-se “xangô”, no Rio Grande do Sul “batuque” e no Maranhão “tambor de mina”. Já na África, é o culto as divindades individualizado por regiões, cidades e famílias e no Brasil conhecemos pelo candomblé.

Para entrevistado São Sebastião: *“Como somos um país muito religioso, apesar de estarmos em um estado laico nós somos uma população muito religiosa, apesar de o número de ateus tenha crescido, mas nós ainda somos uma população bastante religiosa nessas várias vertentes, mas nós não temos um caminho de educação religiosa, tanto no âmbito familiar como no âmbito das comunidades cristãs como no âmbito escolar. As pessoas não estão preparadas para lidar com isso, existem muitas dificuldades vamos dizer assim de*

adentrar nessas temáticas no contexto pastoral. Muitas vezes, também não existe espaço dentro da pastoral pra lidar com essas questões, principalmente na Amazônia eu vejo que o movimento ecumênico ele é muito fraco, nós não temos expressões ecumênicas, nós não temos o momento de estarmos juntos como igrejas, como tradições religiosas, pouca fomentada essa dinâmica.”.

Em busca de respostas sobre a criação dos próprios seres humanos e do universo encontramos a religião com uma das alternativas para suprir tais indagações. Apesar da sua diversidade, em quase todas as religiões, como fenômenos individuais e sociais para Silveira (2010) se encontram as seguintes características: crenças no sobrenatural, no Sagrado (Deus, Ser Supremo), os quais são evocados por meio de rituais ou celebrações, (utilizando-se vestimentas, instrumentos, livros sagrados, etc., que são dotados de simbolismo, ou seja, de significado religioso), realizados em lugares sagrados como igrejas, templos, terreiros, mesquitas etc.

2. LÍDERES RELIGIOSOS NA PESQUISA

Nesse capítulo realizar-se-á uma breve descrição do perfil dos entrevistados: Olurum, São Bento, São Sebastião, Sara, Abba e Amália. Esse relato ajudará a entender quem são esses líderes religiosos, abarcando uma descrição social, educacional e pessoal dos mesmos. O estudo como já anteriormente relato, é motivado por uma experiência da pesquisadora e consiste em identificar os acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus.

Os nomes dos entrevistados serão preservados conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Logo, os sujeitos entrevistados foram modificados a partir de uma perspectiva simbólica, onde os nomes representam o significado de suas imagens segundo suas personalidades/ ao uso a atribuições de suas religiões, dentro das manifestações/celebrações religiosas que fazem parte, evidenciando seu credo religioso a partir do sagrado.

O interesse inicial foi estudar os motivos e as razões que acometem os casos de intolerância religiosa na cidade Manaus, especificamente com as religiões de matriz africana, como o candomblé, o que nos últimos anos vem sofrendo com as violências, físicas e simbólicas por conta do seu credo religioso. Dessa maneira, as outras religiões também foram questionadas pela pesquisadora quando a casos da mesma espécie (intolerância), o que se torna pouco visível nas mídias e imprensas locais. Assim, a religião católica, pentecostal e judaica também se faz presente no estudo; buscando responder os objetivos da pesquisa e principalmente a indagação da pesquisadora que norteia o estudo a partir da questão: *“A partir de situações previamente levantadas que permeiam a questões geradas por conflitos religiosos, embate ao discurso religioso e frente a questões de intolerância religiosa, ainda é possível a sociedade ser educada para a diversidade, sendo tolerante?”*.

Os dados expostos foram coletados através do questionário de perfil socioeconômico, juntamente, com o início da entrevista semiestruturada, perguntas direcionadas aos templos sagrados, a religião, a condição como líder religioso, cerimônias/manifestações religiosas, intolerância e conflitos religiosos e propostas para a liberdade religiosa. A apresentação das entrevistas; visa evidenciar quem são esses líderes religiosos, seu tempo de duração enquanto líder, bem como a discussão sobre fatos de intolerância religiosa quanto suas manifestações religiosas e listar os principais acontecimentos de intolerância, violência e agressão que ocorrem por conta do proferir sua fé.

2.1. OLURUM

Olurum é um entrevistado que possui um cargo importante na associação em que cultua o candomblé. O nome foi escolhido pelo fato de o entrevistado ter sido iniciado no candomblé de Ketu, e o nome fictício representa o criador de tudo e todos e para a nação Ketu que representa o Deus único.

CARNEIRO (2008, p. 14) o termo Olorum segundo os negros de língua ‘banto’ chamavam Zãmbi ou Zambiampongo. Todas as qualidades dos deuses das religiões universais, como o cristianismo e o maometismo, são atribuídas à suprema divindade, que não tem altares, nem culto organizado, nem se pode representar materialmente. Tendo criado o céu e a terra, porém, Olorum ou Zaniapombo jamais voltou a intervir nas coisas da Criação. O filho desse deus, Oxalá, teria gerado a humanidade. As divindades são chamados aqui orixás ou voduns — vocábulos nagô e jeje, encantados, caboclos, santos, guias ou anjos-da-guarda.

Olurum é acadêmico de curso superior, trabalha na associação com questões socioculturais na Associação desde a fundação dela, que passou por impasses e dificuldades de legalização da empresa até se tornar jurídica. O mesmo também faz levantamento cartográfico dos povos e comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana do candomblé e umbanda.

Olurum foi iniciado no candomblé de Ketu, por vários outros motivos que teve em sua adolescência teve que ser iniciado. Passou a ser cobrado pela própria ancestralidade, e depois de um tempo passou praticamente 6 anos no candomblé de Ketu e logo após procurou se aprofundar um pouco mais sobre suas raízes.

Conseguiu chegar ao seu local de origem e sua raiz ancestral, que era africana da Costa da Mina (Beni), região pertencente ao Golfo da Guiné e nisso procurou e migrar de uma etnia para outra. Hoje em dia, Olurum ficar tanto entre os ketus (nome dado ao candomblé de Ketu), quanto os nagôs (termo étnico designado representa a identidade) como chama os uruguais, como também o povo de eja, que é o povo da costa da mina que fala a língua fon como costumam chamar.

Segundo as manifestações do candomblé: *“A gente já vai cultuar nanã como vó Misan ou Iemanjá como a gente costuma chamar no candomblé que no tambor de Mina passa a ser Agbê Manjá, isso por conta do grupo étnico que é diferente do próprio dialeto que são falados. Já no tambor de mina, você vai encontrar o encantado bossô marinho que vai encontrar Dona Jarina, vai encontrar caboclo roxo, vai encontrar alguns outros tipos que muitos vocês vão encontrar também na própria umbanda.”*

Aqui encontramos CARNEIRO (2008, p. 23), além dos cigarros de tauari e das espadas, figuras de pajelança, como os mestres Carlos, Marajó e Paroá, a palmeira Jarina transformada em divindade alegre e estouvada e os voduns e orixás trazidos do Maranhão. Podemos arrematar dizendo que a presença de cultos de origem africana em todas essas áreas, na forma em que os encontramos, acompanha as linhas de dispersão (tráfico interno) de escravos até a abolição, embora os movimentos posteriores, e especialmente os atuais, da população brasileira já estejam, paulatinamente, ampliando, complicando e transformando esse esquema.

Olurum tem procurado estudar cada vez mais, e estado no projeto da associação, que não representa só povo de terreiro, mas acaba tendo outras pessoas que são simpatizantes que frequentam. Procurou estudar dessa forma sua ancestralidade, para melhor aprofundar seus conhecimentos e poder representar melhor a diretoria da associação. Com isso, devido às outras áreas de atuações antes de trabalhar no meio cultural, procura trabalhar também na parte da intolerância religiosa e saúde nos terreiros e também na prevenção com DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), entre outras atividades também, como a parte da educação e palestras.

Como apontado inicialmente à proposta metodológica utilizada na pesquisa, a observação direta simples foi utilizada em todas os espaços sagrados. Dessa maneira, a pesquisadora como não é inserida no grupo que se diz respeito à religião do candomblé, teve certa dificuldade de realização da entrevista. Antes de qualquer coisa, a descrição foi realizada de maneira espontânea dos fatos que surgiram no decorrer das ações do sujeito e do local de trabalho, conforme GIL (2008).

O local observado, do mesmo modo, anteriormente analisado pelo entrevistado, funciona como associação e local também, onde acontecem as manifestações e reuniões sagradas. No espaço esporadicamente é cultuado o candomblé em algumas cerimônias, e também funciona como reunião dos membros da associação.

Não foi permitido participar das celebrações religiosas no espaço e segundo o entrevistado as mesmas também ocorrem fora do local, que é em frente o local. O espaço é bem bonito tanto por fora quanto por dentro e fica reservado no final de uma avenida de uma determinada zona da cidade, onde se concentra uma vasta área florestal.

As observações foram definidas em três eixos: dos sujeitos, dos cenários e do comportamento social. Quanto ao sujeito, havia mais de um no espaço que será exposto a seguir, e ambos não estavam com adereços da representação simbólica de seu credo. O cenário, logo a frente do espaço existem umas plantas e uma placa contendo o nome do local,

e dentro onde a pesquisadora foi recebida para a entrevista, um local como uma varanda, pois não se foi permitido explorar toda a dependência do local. Na varanda, existe uma fonte que representa uma cachoeira, emitindo sons de água e os aguçados sons de animais da natureza, como pássaros, galinhas e sapos. Não se foi permitido realizar os registros, tampouco as observações das reuniões, cultos, no espaço sagrado, por não ser concedida autorização. Quanto ao comportamento social, o entrevistado se mostrou bem simpático e flexível a responder as perguntas que lhe fora questionado e indagado, uma vez que foi bastante solícito em indicar mães de terreiro para a realização da pesquisa.

O entrevistado foi bastante objetivo nas respostas, uma vez que no dia tinha compromisso, e demonstrou que haveria dificuldades novamente para encontrá-lo, por ser bastante participativo na sociedade. Ainda, sugeriu a pesquisadora acompanhar o Dia de Combate a Intolerância Religiosa, uma passeata que seria realizada no dia 21 de janeiro de 2017 no centro da cidade de Manaus, que se daria em um encontro de pacificação entre o candomblé e o catolicismo na perspectiva de sincretismo religioso.

2.2. SÃO BENTO

⁵São Bento é um pároco (padre) de uma igreja católica da cidade, nasceu de uma família católica mais ou menos praticante, que assistia as missas aos domingos, e conheceu a igreja como criança, entrando no ritmo da igreja e estudando na catequese do antigo ao novo testamento e desde lá conheceu a igreja. Nos Estados Unidos, lembrou que conhecia igreja um pouco diferente do que em Manaus, por que o início de suas religiões tinham certos problemas assim como na cidade de Manaus.

⁵ Nome escolhido por representar um dos santos das paróquias da cidade de Manaus e por atender a preservação da identidade do entrevistado, que representa um monge padroeiro da Europa a partir de uma perspectiva simbólica.

Figura 8: Entrevista com o pároco São Bento



Fonte: Leão (2017).

Conheceu a igreja católica da qual é padre, por que chegou em janeiro de 2016, pois o padre que estava já era idoso e, portanto, era um momento justo para troca de padres. Então lhe pediram para vir à cidade sendo que estava em Parintins, pois fazia parte do grupo de padres missionários, e seu órgão missionário pediu para vir a Manaus para a fundação da paróquia.

Tomou posse, como administrador, pois todas as decisões grandes partem primeiramente ao bispo, por ainda ser novo na cidade, a autorização para direção dependeria da aprovação do mesmo. Como a comunidade estava indo bem, se nomeou pároco desde julho do ano de 2016, e tem seus estudos em psicologia, filosofia e prontamente em teologia.

Na visão de religião, para São Bento, *“Existem caminhos que são fáceis para subir, uma montanha tem caminhos que são difíceis, por isso se chega com mais caráter, outros nunca vai chegar por que se pede, mas Deus está nesses caminhos”*; se sente abençoado em ser católico e vê valor em todas as religiões e no vaticano. Para ele, Deus está presente em todas as religiões como budismo, porém a moralidade se encontra na religião e em aceitar os outros seres humanos que são seres com fraquezas, a religião dá esperança em meio às fases econômicas, guerras, calamidades naturais. Existe um Deus que ama, que tem um plano pra salvação, da felicidade eterna, a religião nos ajuda a enfrentar os problemas e viver com mais esperança.

Segundo São Bento, na matriz como nas demais igrejas, só na segunda-feira que se tem o descanso, pois Deus (na religião do cristianismo representa a trindade, Deus Pai, Filho e

Espírito Santo), descansou no sétimo dia e a cada dia tem três missas de domingo, sábado tem uma missa e nas comunidades uma missa, e domingo uma ao mês e um sábado entre as semanas nas doze comunidades. Para o pároco, é grato pela tecnologia do whatsapp, que ajuda na comunicação, mas por vezes complica um pouco na questão da organização, segundo tudo que se é feito na igreja é voluntariado, então tem de ter um pouco de paciência, pois é pago aos quem fazem a contabilidade, e a secretaria para atender as pessoas, mas existem seus voluntários que tem tido tempo, e às vezes se torna difícil organizar e enviá-los para as comunidades, pois muitos párocos e padres gostam de centralizar o poder.

Para o pároco São Bento as missas: *“Usualmente são feitas na igreja, mas tem um lugar lá atrás, gostamos de fazer missas campais, tem um lugar chamado cruzeiro gostamos de fazer missas lá. Vamos às casas também quando as pessoas estão morrendo.”* Assim sendo, influencia familiar passa a ser definida historicamente e não biologicamente uma forma única e singular, a cultura dos mais diferentes grupos sociais estabelece a diversidade de crenças, valores.

A sua experiência de igreja é quase de 19 anos como padre, e como pároco a responsabilidade final fica com ele, pois têm problemas nas comunidades e as deixa caminhar; dar dicas e formações, e está presente para poder confiar nos demais. Quando é procurado apenas para organizar, o faz tudo como Ele quer (Deus), pois acredita de ter a bondade de Cristo no coração para não ter graves problemas.

Na paróquia, tem a formação para catequese, as pastorais sociais é voluntariado, fazem as formações que ajudam muito, e tem os grupos de orações que se encontram nas famílias, todos os grupos são bem participativos, e já trabalhou em outros países como México, Estados Unidos e Itália e todos de lá querem ser coordenadores, e aqui na cidade de Manaus ninguém prioriza isso, e ele torce e pede a Deus para alguém ser. Antes tinham brigas para quem iria ser o líder, agora existem os líderes participativos, pois quando se abre ao trabalho Ele abençoa, então existem muitos bons.

O local observado se refere a uma igreja católica e a intenção da pesquisa nessa perspectiva não foi a de descrever o local, mas de entrevistar o pároco, uma vez que para atender o objetivo da pesquisa não consiste descrever fielmente o lócus pesquisado, mas relatar os casos de intolerância das religiões, bem como relatar/listar os casos acometidos por violência. A intenção com o pároco São Bento foi de se fazer o levantamento de dados a fim de serem coletados para atender o objeto do estudo.

Quanto às observações: O sujeito da pesquisa se mostrou solene desde o início e disposto a participar da pesquisa, forneceu seu contato a fim de contatá-lo logo após o término

da pesquisa, pois o mesmo relatou a questão de poder ler o trabalho e agradeceu por ter participado da mesma. O cenário onde se foi realizada a entrevista foi em um anexo a paróquia, pois a mesma estava fechada por ser em uma segunda feira, que é o dia de folga dos párocos, o local funciona como sede administrativa onde são feitos os levantamentos financeiros da paróquia e a prestação de contas, bem como outros serviços. O comportamento social do entrevistado foi bastante receptivo e aberto ao diálogo, o que facilitou bastante a condução da mesma e coleta de análise.

2.3. SÃO SEBASTIÃO

⁶São Sebastião é um pároco de outra igreja católica da cidade, que desde 1990 teve como formação de base em Manaus, depois foi concluir seu mestrado em ciências da religião na Inglaterra, terminou teologia e depois iniciou o mestrado na Louviere na Bélgica, logo após morou dez anos na África, Moçambique África do Sul, e depois em São Paulo, onde fez um primeiro doutorado Pontifício Assunção, e depois lá de 2005 a 2007 voltou para a cidade.

Foi quando começou a atuar em Manaus, especificamente no Sares (Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social), que era uma organização que dava formação social e política, nos movimentos sociais e pastorais sociais aqui na região da Amazônia. É professor na escola de teologia de Belém, Santarém, Porto Velho e no Dom Bosco e no Itepes (Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia), esse foi seu trajeto.

O interesse em realizar a pesquisa com São Sebastião ocorreu logo após as observações do Dia de Combate a Intolerância Religiosa, realizada a cada dia 21 do mês de janeiro, onde aconteceu uma passeata no centro de Manaus. A procura consistiu em entrevistar um pároco que fizesse parte de uma determinada organização política que apoia esse movimento e como não tinha padres disponíveis nesse período, o único contato que foi fornecido à pesquisadora foi a do pároco. O mesmo estava fora da cidade, pois seu doutorado é em São Paulo, e após retornar a Manaus, foi conseguido um tempo para entrevistá-lo, o que de fato contribuiu bastante com a pesquisa.

Quanto às observações: O sujeito se mostrou bastante simpático e cordial ao decorrer da entrevista, recebeu a pesquisadora em uma determinada instituição onde leciona na cidade e disponibilizou mais de uma hora em conversa com a mesma. O cenário de onde foi realizada a pesquisa como dito previamente partiu do local do trabalho do mesmo, e o comportamento

⁶Nome fictício atribuído pela mesma razão anterior, por representação a outro santo da igreja católica.

social foi bastante cauteloso em suas respostas e indagações realizadas pela pesquisadora.

2.4. SARA

⁷Sara é pastora de uma igreja pentecostal avivada (igreja mais viva, renovada, alegre) da cidade de Manaus, conhecida como marca pioneira. Possui formação superior em Direito e desde quando conheceu a igreja, teve oportunidade em 2010 e em seis anos se converteu, tendo mais ou menos 15 anos de convertida, mas era de outra denominação (católica). Já conhecia a Cristo, mas a visão pentecostal foi em 2010. O movimento apostólico segundo ela é o ID de Deus, porque Deus, Jesus, constituiu os doze apóstolos, para que fosse aos quatro cantos da terra, levar o evangelho. Para se tornar adepta da religião foi pela palavra da Igreja.

Tornou-se pastora e dirigente da igreja há três anos. Fez cursos na própria igreja, foi indicada pelo bispo, e assim foi chamada. O bispo começou um projeto na área carente, um projeto social voltado no bairro do São Jorge na rua da Cachoeira. E lá existe um ponto forte que é a droga, a prostituição e a miséria, então desde o primeiro dia em que entrou na igreja, foi começando a buscar formação. E assim foi convidada para assumir uma pequena igreja, chamada de núcleo do São Jorge e começou o trabalho de: levar a palavra, alimentos, sopas, cestas básicas.

Para a pastora ser líder, é necessária estar em constante estudo com a palavra de Deus: *“Então, nós precisamos passar a palavra que o espírito santo nos dá pra que você tenha um entendimento de trazer teu dízimo, tua oferta para a casa do Senhor. E aí em segundo lugar, nós vamos para a Palavra de Deus, uma palavra que vai ser direcionada para a vida daqueles que estão ali, que vai trazer edificação, que vai trazer mudança de sorte, que vai trazer mudança de comportamento... Nós dizemos que a Palavra do Altar, nunca volta vazia, ainda que você se sinta aborrecido, com raiva e não queira ouvir, mas uma Palavra pode ser uma palavra de três letras, ela vai entrar em teu coração e cumprir o fim que foi resignado.”*

Para a pastora, *“a igreja não é uma palavra pronta, não é uma aula técnica de Bíblia, é uma palavra com uma revelação tremenda”*. Então aprendeu através da palavra a ter uma vida diferente, a palavra que chamou a converter, a palavra revelada que sai do altar, da Igreja que não encontrou em nenhum outro lugar.

⁷ Foi escolhido, por revelar sua origem ao caráter cristão, a qual a pastora faz parte e ao significado atribuído as formas de boa conduta de capacidade de se sobressair com méritos próprios, o que marca a história de vida da entrevistada.

O movimento apostólico significa movimento, não para, e não se restringe a ficar entre quatro paredes, é sair, é andar. O movimento apostólico no Brasil começou de uma maneira muito forte através da igreja pentecostal. As primeiras músicas com sons de rock, músicas gospel, foram feitas pela Igreja Pentecostal. A primeira bispa do Brasil Sônia, fundadora da Igreja Renascer, os primeiros programas de rádio de igreja evangélica foram feitos pelas Igrejas Renascer. Então, esse movimento apostólico tem a característica de pioneirismo, a música gospel sofreu uma transformação a partir dessa igreja, e houve uma revolução nesse movimento apostólico nas outras igrejas. Porque as igrejas evangélicas antes não aceitavam mulher a frente da liderança, então a bispa Sonia, foi à primeira bispa do Brasil, pioneira, é uma igreja que destaca a mulher que não vive nos bastidores.

Para Sara, a visão da igreja pentecostal, é uma visão de reconstrução e construção de vida, baseada no livro de ⁸Neemias que fala da reconstrução dos muros queimados e quebrados de Jerusalém. Segunda ela, vivemos em uma sociedade onde as pessoas têm suas vidas destruídas, e elas são excluídas da sociedade. Uma mulher quando é separada do marido, que chega um determinado lugar, muitas vezes ela é vista por maus olhos; um cara que fuma e usa droga, dificilmente pelo currículo dele, vai arranjar um emprego, vai se adequar em alguma situação na sociedade; um presidiário da mesma forma. Então assim, a visão da igreja, é uma visão de resgate, de levar a uma reconstrução de vida, de levar aquelas pessoas excluída da sociedade que são chamadas pelo Senhor, pelo novo tempo, uma nova reconstrução para uma nova vida, então a visão da Igreja se baseia principalmente nesse fato: reconstrução de vidas.

A igreja tem uma importância para a comunidade, é uma forma de trazer organização, de trazer vida, de trazer soluções para conflitos, humanamente o que o ser humano não consegue resolver. A pastora costuma trabalhar na obra de Deus fora da igreja: *“No São Jorge, o povo tem resistência a entrar na igreja, então eles ficam espalhados pelas calçadas, pelas ruas e quando a gente vai entregar a sopa, fica aquele aglomerado e aí é a hora de a gente levar a Palavra de Deus. Liga a caixa de som e o microfone e começa a Palavra de Deus.”*. Então é pra trazer essas pessoas mais próximas de Deus, porque hoje em dia o mundo está despencando, as pessoas se matando, a morte invadindo, é destruição. Então, a igreja trás vida, trás saúde espiritual, trás paz, trás alegria, trás direção para vida familiar em todas as áreas da nossa vida, então é de suma importância.

⁸Fala da restauração de Jerusalém, umas das renomadas históricas Bíblicas do Antigo Testamento.

Para entrevistar Sara, foi preciso realizar com precisão a observação reportagem, uma vez que a pesquisadora nunca havia entrado em uma igreja pentecostal avivada, o que dificultava para a realização da coleta de dados, por não conhecer ninguém. Foi então sondado pela pesquisadora, semanas de observação do espaço com o propósito de chegar mais próximo do local, bem como o de conhecer melhor o espaço e os sujeitos que frequentam o espaço sagrado. A pesquisadora começou a frequentar os cultos com seu esposo, e gradativamente foi ganhando a confiança dos fiéis da igreja, sendo convidada para participar da rede de mulheres e logo mais ganhou a amizade da pastora Sara, o que facilitou em responder as perguntas e a participar das entrevistas.

Quanto às observações: O sujeito da pesquisa se prontificou em responder com calma todas as perguntas e se mostrou bastante solícita para eventuais dúvidas e questionamentos. O local pesquisado é bastante alegre, onde os fiéis costumam chamar “cultos avivados”, que demonstram ações contínuas em: dançar, cantar, bater palmas, gritar bem alto enaltecendo a expressão: “Glória a Deus!, Aleluia! Louvado seja o nome do Senhor...”. A igreja possui uma programação bem diversificada, cada dia da semana representa um culto (homenagem de caráter religioso ao divino, sagrado) diferente a fim de alcançar um graça, a partir de um determinado dia da semana, por exemplo, na segunda-feira é o culto Arepe (Associação Renascer dos Empresários e Profissionais Evangélicos), que se destina a finanças e prosperidade nos negócios, terça-feira culto da Batalha Espiritual, referente as questões de lutas e dificuldades de saúde, entre outros associados a relações que não pertencem ao sagrado (Deus), da quarta-feira Culto de Mulheres +QV (Mais que Vencedoras) a tarde e a noite com o culto Noite do Poder, que funciona como libertação espiritual, na quinta-feira Causas Impossíveis, objetivando uma graça que ainda se alcançou e na sexta-feira Culto de Casais aos jovens, noivos e casados, no sábado Culto Jovem a sociedade jovem que trabalha na programação da igreja, no domingo Culto de Celebração da Família, onde todos se reúnem. Quanto aos adereços, não se é feito acepção por roupas para os cultos, normalmente os homem usam o traje de calça jeans/ social, camiseta polo / social e as mulheres frequentemente de vestidos, saias, calças compridas jeans / social.

2.5. ABBA

⁹Abba é rabino de uma sinogoga na cidade de Manaus, possui mestrado judaico fora

⁹Escolhido por significado hebraico ao de Pai, Deus Pai. O rabino como representa uma figura de autoridade no judaísmo, essa foi a razão de ter sido nomeado por esse nome.

do país. O ultimo rabino que veio a Manaus, foi Shalom Manoel Eduiam, mais ou menos em 1910. E vários anos a comunidade da cidade de Manaus queria uma guia, tinha procurado, uma pessoa de uma comunidade local turística em um monte de pessoas. Então fizeram uma guia e teve varias oportunidades de visitar Manaus e ao ver a situação da comunidade e a muito pedido, voltou de Nova Yorque para Manaus. Logo após vê um vídeo que falava sobre as comunidades e a precariedade e a falta de tudo, indagou-se se preferiria ficar no bairro que tivesse tudo pronto ou atender aqueles que mais necessitavam. E para isso teria que se dispor para ajudar os outros, pois acredita que *“Deus tem muita vida para dar”* e depois decidiram ele e sua esposa, que como fazia cem anos que ninguém vinha a Manaus resolveram vir. Em meio a tantas dificuldades notáveis na cidade como ausência de: *“escola judaica, ¹⁰comida kasher, a simulação muito grande, sendo que as pessoas não sabem o básico e sem educação”* palavra do Rabino agradece a Deus por estar há sete anos na cidade.

Para o rabino Abba, quanto sua visão de religião, chama de ¹¹*“judaísmo tradicional, porque seguem ao pé da letra, mas as pessoas que estão aqui (Manaus) fora querem lhe influenciar entre os judeus”*. Segundo Abba, para muitos a religião pertence à igreja, o local, etc., mas não tem estilo de vida em casa, quanto no judaísmo não, ao acordar de manhã até dormir e morrer tem mandamentos a fazer. Quando de manhã, tem que agradecer a cerimonia que tem que ser feita, ao ir ao banheiro o jeito é diferente, o primeiro local do corpo a lavar, o jeito de tomar banho o que lavar primeiro, o copo de água qual a ser utilizada, a fruta qual que tem que comer primeiro, tudo. O jeito de deixar a barba crescer, jeito de casar, jeito de ter filho, tudo requer estilo de vida e não pertence somente a religião.

Quanto aos símbolos sagrados, para Abba não existem. As letras, considera sagradas em hebraico, pois certas pessoas pensam que símbolos como candelabro é coisa sagrada. E para ele *“não, pois hoje todo mundo copia, estrela de Davi todo mundo está copiando, ele perde e foi isso que a palavra de Deus falou”*.

O interesse inicial em entrevistar Abba, se deu quando a pesquisadora conheceu outra sinagoga na cidade, porém nomeada ¹²messiânica, o que difere da fé de Abba por ser de tradição judaica ortodoxa. Dessa maneira, surgiu o interesse em realizar a pesquisa com o mesmo a fim de conhecer os dois extremos ortodoxos e messiânicos. Inicialmente o contato foi realizado por telefone e o mesmo se mostrou bastante simpático para agendar a entrevista.

¹⁰ Comida Judaica.

¹¹ Para o entrevistado, não chamam isso de religião, judaísmo não é religião, é estilo de vida. Fala de religião, e religião é as pessoas religiosas, todo o mundo, chamam religião dos outros, não chama de religião de judaísmo. No judaísmo, se faz isso: religião em certos lugares, porque judaísmo é estilo de vida.

¹² Que crê em Cristo Jesus como Messias, o Salvador dos judeus.

Quanto às observações: o sujeito da pesquisa durante a execução das entrevistas se mostrou inflexível a responder certas perguntas, o que dava a impressão que algumas talvez chegassem a incomodá-lo ou mesmo não entendia os questionamentos. Foi explicada insistentemente ao sujeito da pesquisa a relevância da mesma, bem como as perguntas eram interrogadas usando uma linguagem bastante simples, o que a pesquisadora subentendeu que por talvez ser americano não entendesse de fato a coerência da linguagem, embora o mesmo falasse muito bem o português.

Figura 9: Entrevista com o rabino Abba



Fonte: Leão (2017)

A impressão que se deu por sua entrevista em que o entrevistado acreditasse que houvesse certa comparação de sua tradição com as demais, e não é esse o foco da pesquisa. A pesquisadora teve bastante dificuldade e não se sentiu a vontade durante a mesma, o que não durou nem uma hora de entrevista. O local pesquisado foi em sua própria residência, que também são ensinados os mandamentos da ¹³Torah e onde são realizados os cursos que o mesmo ministra da linguagem em hebraico e dos serviços do Shabat (dia de sábado) que é realizado na sinagoga com distinção dos grupos, o grupo dos judeus e dos não judeus. Quanto aos adereços, no ato da entrevista o mesmo trajava vestimentas oriundas de sua tradição, conforme a ilustração acima.

¹³ Vocábulo hebraico que significa ensinamento ou lei. É o termo clássico para indicar os 5 primeiros livros da Bíblia, também conhecidos com o nome grego de Pentateuco.

Figura 10: Arca da sinagoga



Fonte: Leão (2017).

2.6. AMÁLIA

¹⁴Amália é secretária de uma sinagoga da cidade de Manaus, que aceitou os termos de pesquisa para sua participação. Para Amália, ser uma neo-judia (recém judia) é entrar no âmbito da descendência do pai Abraham e Sarah, e de viver todo o processo e por vezes as pessoas costumam dizer assim: *“Mais a mulher dentro da prática judaica é muito inferiorizada, e não é, porque a mulher tem uma responsabilidade grande em relação a Torah, porque quase todas as práticas tradicionais está centrado nela.”*

Para ela, ser judia é ser uma mulher virtuosa. E o que é ser uma mulher virtuosa? *“É ser uma mulher acima de qualquer suspeita. Tudo que caracteriza uma mulher judia e o temor ao eterno.”* Amália não é judia desde berço, se tornou logo após adulta, sua religião anterior foi católica fervorosa. Mas depois, do processo dos ¹⁵marranos foram todos os convertidos. A sua descendência foram convertidas ao catolicismo a força. Os serviços da sinagoga: *“Então começa às 18 horas e pela manhã temos o Shabat, temos o processo de ritual, pela manhã nós temos aqui os serviços que começa 9 horas, 9 e meia e o encerramento total é as 18h e 30 a 19 horas, fechamento do por do sol”*.

A sinagoga existe há 20 anos e não tem divisão nenhuma, é uma sinagoga interdenominacional, por isso que o nome dela é comunidade-judaico, sinagoga judaica

¹⁴ Significa em hebraico “obra do Senhor, trabalhadeira”, o que atribui às características da entrevistada.

¹⁵ Expressão judaica, referente aos judeus convertidos ao cristianismo.

messiânica, porque ela tem o âmbito de crer no messias, que é o que o judaísmo tradicional não crê. *“E a sinagoga tem esse entendimento de que pode crer no messias, mas no aspecto de divisão, não existe. É uma sinagoga apenas e foi levantada nesse lugar, com essa visão de realmente propagar o nome do messias junto a religião e as práticas judaicas”*. Assim sendo, para a pesquisadora fora bastante aprazível realizar a pesquisa na sinagoga judaica messiânica, uma vez que a mesma já havia frequentado a religião adventista do sétimo dia que apresenta similaridade com as tradições hebraicas.

Para Amália, já se faz 20 anos que a sinagoga existe e foi com essa intenção, de ser levantada para restauração, das raízes judaicas, dos Menezes, dos Marranos, desses judeus e também dos que gostariam de se aproximar da Torah, para estar nessa comunhão com eles. E nesse processo de restauração, segundo ela isso depende muito, porque, às vezes, uma pessoa é judia e não quer suas raízes.

Quanto ao ensino do judaísmo vem pelo gosto, o gosto pela Torah, o entendimento simples e até mesmo sem rodeios. *“E que às vezes quer forçar a fazer algo que não tá na bíblia, ou que não tá na Torah, e até mesmo a Torah te dá liberdade de escolha. Até o eterno (Deus) te dá à opção de escolher e eu escolhi restaurar minhas raízes e desde a mesma diz estar nesse processo”*.

Sua visão de religião representava antes uma fechada em relação a isso, em relação a entender que não pode ir contra o que a pessoa quer. Aquilo que escolheu pra ela, e mesmo a Torah traz esse entendimento, porque tem que ter esse equilíbrio de saber respeitar a pessoa que crer e não querer forçar, porque tem certas religiões existe isso. Segundo ela: *“A pessoa que tem que ter a decisão de escolha, ou ela vai ficar no candomblé, na batista, na presbiteriana... E outra coisa, de respeitar esse equilíbrio, respeitar a vivência de cada um”*.

A razão em entrevistar Amália, foi quando a pesquisadora estava procurando o endereço do entrevistado que pertenceria ao candomblé e no Gps do celular avistou que nas proximidades existia uma sinagoga judaica próxima, daí partiu o interesse de entrevistar. A pesquisadora se dirigiu a sinagoga e logo após uns minutos, foi recebida por um rabino denominado de origem judaica messiânica que não participou da entrevista porque segundo ele não disponha de tempo. A pesquisadora ficou curiosa em conhecer a sinagoga e pediu a permissão do mesmo para visitar um dia com seu esposo, o rabino anotou o nome completo da pesquisadora e do seu esposo e ficou de retornar através de uma secretaria da igreja o contato para agendar o dia. Logo após uma semana, Amália faz contato e agenda para um

sábado pela manhã às 9h, que chamam de ¹⁶Serviços do Shabat. Receberam-nos cordialmente na sinagoga, mas sempre com muita cautela, não permitiram registrar nada do local, apenas as observações, e um momento adiante a entrevista foi concedida apenas a secretária da igreja que nesse trabalho se nomeia por Amália.

Figura 11: Entrevista com a secretária da sinagoga.



Fonte: Leão (2017)

Quanto às observações: do sujeito da pesquisa desde o início em que foi conhecida Amália, sempre demonstrou simpatia e disposta a ajudar com a pesquisa. O único ponto contra, era o dia de agendar a entrevista, uma vez que a mesma vivia presente em alguns movimentos religiosos e políticos da cidade. O espaço visitado pela pesquisadora que é a sinagoga se vê como um local bastante pacato, a reverência se torna a adoração ao Deus Todo Poderoso, existindo duas divisões na igreja do lado esquerdo as mulheres se assentam no banco, e no lado direito os homens usam ¹⁷kipá em todo momento, em frente o rabino que ora fala o idioma português e ora hebraico, e todos respondem em hebraico. No local também havia uma Aron HaCodesh (arca sagrada), Sifrei Torá (rolos de Torá), uma lâmpada chamada Ner tamid (luz eterna), Menorá (candelabro) e a Bimá, que representa a plataforma que é separada da arca, que nela há uma mesa para a congregação dos serviços dos judeus. Quanto aos adereços durante o serviço, como é chamado dentro da sinagoga, as mulheres trajam-se de saias, blusas compridas e vestidos; e os homens de calça jeans / social e blusa comprida social

¹⁶ Serviços do Sábado como são realizadas as cerimônias judias do por do sol de sexta ao término do por do sol de sábado.

¹⁷ Chapéu, boina utilizada pelos judeus que simboliza o temor a Deus.

com a kipá (representa o fato de Deus estar acima de tudo, e protegendo os judeus em todos os lugares) e ambos tanto mulheres quanto homens com a Torah. O rabino é trajado por Talit (espécie de manto listrado por homens durante as orações), que de vez em quando carrega um Tefilin (duas pequenas caixas quadradas de couro, que contem um pergaminho de escritos da Torá) e o Tsitsit (usado sob a camisa, tipo um colete feito de algodão).

3. O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

O capítulo objetiva abordar o processo de colonização na Amazônia a fim de compreender melhor o processo sociocultural que retrata a identidade amazônica na perspectiva de evidenciar fatos que ocorreram a respeito da intolerância religiosa a partir desse processo. A ocupação na região ocorreu a partir da presença indígena marcado seu habitat a própria natureza. A partir da ocupação de colonizadores gananciosos, houve uma série de problemas, um deles está relacionado a maus tratos aos habitantes da nossa região e o processo de catequização indígena. Muitos escravos foram trazidos da África nesse período e muitos desses tiveram suas relações com os índios bantu, que adotaram o candomblé como religião a partir do convívio com os mesmos, que logo mais adiante passou a ser chamado de umbanda.

MONTEIRO (2010) o homem amazônico, no seu estado natural, dispensadas as formalizações classificatórias, não conheceu o trabalho como estigma maldito, aquele insólito castigo bíblico, viverás com o suor do teu rosto uma compulsão que estava bem para a época e o ambiente em que a escravidão do indivíduo constituía expressão de soberania e de riquezas. (p. 09)

Além da mão de obra explorada, os indígenas sentiam mais violados quanto à catequese. Eram obrigados a adquirirem hábitos instituídos por regras impostas pelos colonos, sendo educados a partir do cristianismo e a viverem como tal. A simbolização da cultura era fortemente destruída pela política metropolitana, com a finalidade de destruir os aldeamentos para facilitar a conversão mais rápida aos índios.

Em sintonia a ideia interior, MONTEIRO (2010) essa escravidão humana não foi um argumento secundário na existência dos povos. O homem sentiu-se desde cedo inclinado a praticá-la em proveito próprio, mesmo a “escravidão branca”. A escravidão como norma político-econômica é um vírus que mina a estrutura da sociedade, aos poucos, geração após geração, modificando a linguagem. (p.11)

Torna-se notório observar, que além de interesses nos indígenas a se tornarem escravos, os colonos visavam interesses econômicos da região, principalmente os que estavam em alta na época como a borracha, o café e a cana de açúcar. Os indígenas eram escravizados

a trabalharem em prol de seus interesses, e ainda por cima aprender a serem “civilizados”, da forma que lhes eram instruídos.

O homem amazônico era proprietário de tudo quanto o cercava: água, mata, frutas, peixes, caça, era só levantar a mão e alcançar o objeto necessitado. Bastava-se a si mesmo, era autônomo e único proprietário do mundo farto. O homem natural não necessitava oferecer satisfações a chefes hierárquicos, até que uma aventura empresa o instaurasse na dependência de gente vinda de muito longe e com ares soberanos de mandonismo absoluto. Isto aconteceu em 1541-42, com a expedição espanhola comandada pelo prófugo capitão Francisco de Orellana. MONTEIRO: 2010:12

Aos poucos essa identidade foi sendo usurpada pelos interesses econômicos e políticos da colônia. Para MONTEIRO (2010), a realza já havia devastado a Europa de suas matas e tapadas de caça, quando volta os olhos para o Brasil deixado numa negligência de causar espécie. E essa volta de olhos piorou de um lado, como um barco mal equilibrado pela carga ameaça adernar, e cambotar, quando a monarquia portuguesa resolveu desdobrar o governo do (p.13).

Os colonos não consideravam a cultura indígena como cultura “civilizada”. E a identidade cultural que já preexistia a priori da chegada deles a região? Não existia? Ou apenas era inferior aos colonos por serem letrados em diversas línguas. Os índios eram marcados fortemente por marcas físicas e psicológicas por viverem dignamente em sua região em sua diversidade cultural e religiosa. E a catequese porque era necessária? Por que em vez de forçarem a adquirirem novos hábitos, não se apropriavam da cultura desses nativos? E a tolerância quanto à diversidade religiosa?

Esse processo foi fortemente demarcado pelos traços que segundo MONTEIRO (2010) resultou de *“um índio esgotado, impossibilitado de acompanhar a marcha da entrada era um elemento já e si condenado à morte; ficava abandonado, entregue ao Deus, mas um soldado de Cristo ou do Rei era comboiado em maca improvisada, assistido espiritual e materialmente, enterrado com todas as honras se morria ali, e/ou recebia tratamento, porque os religiosos estavam preparados para todas essas eventualidades; rezavam ensalmos contra mazelas e ferimentos, na falta de puçangas”*. Foi o que ocorreu na primeira derrota de Orellana, fato referido pelo escrivão da frota, frei Gaspar do Carvajal. (p.17)

Para melhor entendimento do estudo, o capítulo trará elementos sobre a conversão dos índios bantu da Amazônia a partir dos relatos históricos e sobre a construção da identidade frente ao viés do pensamento social na Amazônia a partir da religião do candomblé e sua relação com a nação bantu, resultante de um resgate da conversão histórica e da visão plural de “ser bantu” em seu meio social e cultural e suas possíveis implicações. Para a realização dessa dissertação foram utilizados estudos de Marcelo Barros, precisamente na obra “*O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon (2009)*” e Edison Carneiro, da respectiva obra: “*Candomblés da Bahia (2008)*”.

O estudo busca gerar uma análise a partir do olhar multicultural, percorrendo os elementos históricos e religiosos dos bantu e sua conversão da religião para a umbanda, tal como suas relações socioculturais de acordo com as manifestações simbólicas, o surgimento do candomblé que terá como ponto relevante na pesquisa uma vez que é uma das religiões que mais sofrem violência e intolerância religiosa, a presença negra na região bem como a importância do monoteísmo, o diálogo inter-religioso, a relação do simbólico e a educação para a diversidade.

3.1. RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS

As primeiras religiões de matrizes africanas segundo MELO (2012) foram estabelecidas na América Portuguesa e no final do século XVIII ao XIX, vieram lideranças praticantes de culto aos Orixás. O candomblé é uma religião iniciada na África, sem ter renegado seus fundamentos e doutrinas. O termo *religião* advém da ideia de re(atar) e re(ligar) o homem a seu Deus. Aparentemente, todas as nações que para cá foram trazidas adotaram também intervenções filosóficas e psicológicas dos índios que aqui viviam, os primeiros e verdadeiros "donos desta terra". Igualmente ao candomblé, todas estas religiões que coexistem no Brasil também precisaram sofrer algumas modificações e influências para poderem aqui se instalar. Como exemplo, podemos citar o catolicismo que precisou promover alterações em seus atos litúrgicos e em sua catequese.

Em harmonia ao discurso anterior, CARNEIRO (2008, p. 33) o candomblé funde e resume as várias religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, (ora muita coisa do catolicismo popular e do espiritismo. Há sempre um pequeno altar com imagens e registros católicos na sala das festas, mas os seres que vêm ao *terreiro* são

legítimos deuses africanos, o Teus do ferro Ogum, o deus da caça Oxoce, o deus das tempestades Xangô; são personificações das tribos naturais do país, como Tupinambá; são figuras fantásticas, que ora divinizam as árvores, como Coco e Juremeiro, ora idealizam uma profissão, como o Boiadeiro; são antepassados comuns, que se singularizam no favor dos deuses, como os eguns. A comunhão dos seres humanos com os deuses e com os ancestrais, assim os dois mundos se confundem no candomblé. Os deuses e os mortos se misturam com os vivos, ouvem as suas queixas, aconselham, concedem graças, resolvem as suas desavenças e dão remédio para as suas dores e consolo para os seus infortúnios. O mundo celeste não está distante, nem superior, e o crente pode conversar diretamente com os deuses e aproveitar da sua beneficência.

O Candomblé por assim dizer é uma palavra derivada da língua bantu: ca [ka]=uso, costume, ndomb=negro, preto e lé=lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque. É uma religião monoteísta, embora alguns defendam que cultuem vários deuses, o deus único para a Nação Ketu é Olorum, para a Nação Bantu é Zambi e para a Nação Jeje é Mawu, são nações independentes na prática diária e em virtude do sincretismo existente no Brasil, na maioria dos participantes consideram como sendo o mesmo Deus da Igreja Católica.

CARNEIRO (2008, p. 06) questiona o termo: candomblé, macumba, xango, batuque, parah, babaçue, tambor não seriam designações de cultos diferentes, uns dos outros? A meia noite, numa cerimônia de macumba carioca ou paulista, todos os crentes são possuídos por Exu – uma prahtica que constitui um verdadeiro absurdo para os fregueses dos candomblés da Bahia. Que o pessoal das macumbas do Rio de Janeiro se apresente uniformizado, e não com vestimentas características de cada divindade, não pode ser entendido por quem frequente os candomblés da Bahia, os xangos do Recife ou os batuques de Porto Alegre.

Com o propósito de evidenciar melhor a temática, o presente trabalho será tratado com quatro religiões, mas especificamente uma que despertou grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa. BARROS E MAURICIO (2009) destaca que o candomblé é uma religião que foi criada no Brasil trazido pelos africanos escravizados e tem como objetivo cultuar as divindades (inquices, voduns e orixás), seres que são a força e o poder da natureza, sendo assim seus criadores e administradores. A religião do candomblé possui muitos simbolismos e representações que ajudam compreender o passado. A palavra candomblé parece ter se originado de um termo da nação “Bantu”, candomblé, traduzido como “dança, batuque”. (p.29)

Seguidamente, a Costa da Mina (CARNEIRO, 2008, p.08), durante todo o século XVIII em busca de negros para os trabalhos da mineração: negros do litoral, nagôs, jejes, fantis e axântis, gás e txis (minas), e negros do interior do Sudão islamizado, hauçás, canúris, tapas, gurunxes, e

novamente fulas e mandingas. Desembarcados na Bahia, que detinha o monopólio do comércio de escravos com a Costa da Mina, esses negros eram transferidos, pelo interior, para as catas de ouro e de diamantes de Minas Gerais. O desenvolvimento econômico e político do Brasil impôs modificações substanciais à primitiva localização de escravos no território nacional.

A fim de que essa representação do homem seja o resultado do meio cultural em que foi socializado, a reflexão parte do conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. E com o passar do tempo o ser humano vai transformando e inovando o seu patrimônio cultural. Para CORRÊA (2008) a cultura tem o poder de enraizar o sujeito em modos de vida, em modos de ser que os sujeitam as práticas, aos comportamentos. Por isso, pode-se afirmar que a cultura é um dos aspectos que mais marcam um povo, revelam sua identidade.

Ainda sobre as primeiras aparições de religiões de matrizes africanas, Carneiro (2008) discorre sobre:

... a acusação de exclusivamente nagô, de menosprezo das religiões trazidas por outras tribos africanas. As pesquisas empreendidas, sob o influxo da sua obra, em pontos que não a Bahia, revelaram elementos religiosos de marca diferente, aparentemente sem explicação. (p.5)

¹⁸O lugar em que os negros da Bahia realizavam as suas características festas religiosas tem hoje o nome de candomblé, que antigamente significou somente as festas públicas anuais das seitas africanas, e com menor escala os nomes de terreiro, roça ou aldeia, este último caso dos candomblés de influência ameríndia. situam-se, a bem 'dizer, no meio do mato, nos arrabaldes e subúrbios mais afastados da cidade. Em geral, estão localizados em sítios de difícil acesso, como os de Bernardino e Aninha, por exemplo.

Assim, CARNEIRO (2008, p. 08) provocaram enorme dispersão de negros, mas foram as sucessivas mudanças de interesse econômico do açúcar para o ouro, do ouro para o café que realmente transformaram o país num cadinho de tipos físicos e de culturas da África: muitos negros da Costa da Mina, quando a corrida do ouro arrefeceu, ficaram na Bahia, outros foram vendidos para Pernambuco e para o Maranhão; a maioria dos escravos antes empregados nas minas serviu às culturas do café e do algodão ou aos novos empreendimentos pecuários no Sul; as cidades reuniram elementos de todas as tribos, quer agregados à camuflagem do senhor, quer alugados a particulares, quer trabalhando por conta própria, quer engajados em explorações de tipo industrial.

¹⁸ CARNEIRO (2008, p. 35).

Os negros então passaram ser comercializados nesse período e vendidos para vários lugares do Brasil e nisso foi ocorrendo o processo de miscigenação negra pelas relações multiculturais. E assim trabalhavam para os seus senhores.

¹⁹O tráfico dispôs o campo para o intercâmbio lingüístico, sexual e religioso entre escravos e ex-escravos. Deu o retoque final a concentração de negros nagôs na Bahia, em fins do século XVIII, quando os mineradores, desinteressados das minas, já não precisavam dos negros procedentes da Costa da Mina, nem se dispunham a pagar os altos preços que os traficantes por eles pediam. A religião dos nagôs havia dado o padrão para todas as religiões dos povos vizinhos, com a ajuda das divindades "apenas nacionais" dos jejes — isto é, todos os negros procedentes do litoral do Golfo da Guiné professavam religiões semelhantes à dos nagôs.

Os nagôs da Bahia logo se constituíram numa espécie de elite e não tiveram dificuldade em impor à massa escrava, já preparada para recebê-la, a sua religião, com que esta podia manter fidelidade à terra de origem, reinterpretando à sua maneira a religião católica oficial.

Com a intenção de entender o contexto, grande parte dos orixás em seus cultos encontram na religião católica seus santos e fazem analogia. É o caso do exu, por exemplo, que tem como diabo, iemanjá que representa Nossa Senhora, Ogum a São Jorge, Iansã a Santa Bárbara, Oxóssi a São Sebastião, Oxalá a Jesus Cristo, Omulú a São Lázaro, Ossain a São Benedito, Oxumaré a São Bartolomeu e Xangô a São Jerônimo.

Dessa maneira, o sincretismo religioso era visto como fuga a perseguições religiões que resultavam em grande maioria em violências e até homicídios. Essa relação ainda é demarcada no atual cenário do país e especificamente na região manauara, que através dos nomes nomeados por santos católicos, em vezes conseguem afugentar os perseguidores de suas religiões.

Assim sendo, TRAMONTE (2001) os Orixás da Mitologia Yoruba foram criados por um deus supremo, Olorun (Olorum) dos Yoruba; os Voduns da Mitologia Fon ou Mitologia Ewe, foram criados por Mawu, o deus supremo dos Fon; os Inquices da Mitologia Bantu, foram criados por Zambi, Zambiapongo, deus supremo e criador. No Estado da Bahia, por exemplo, no ano de 1830, ocorreram às primeiras práticas religiosas ao candomblé, apesar da forte perseguição policial, um grande número de terreiros se proliferava cada vez mais.

Essas perseguições ainda são presente em todas as cidades do país, embora alguns estados apresentassem números maiores de violência e violação a templos religiosos, ainda é

¹⁹ Idem (2008, p.9).

evidente casos de agressão física aos praticantes de outras denominações, principalmente as de religião de matrizes africanas.

Todavia, o candomblé dessa forma cultua entre todas as nações, umas cinquenta das centenas de divindades da África. Mas, na maioria dos terreiros das grandes cidades, são doze as mais cultuadas. O que acontece é que algumas divindades têm “qualidades”, que podem ser cultuadas como um diferente Orixá/Inquice/Vodun em um ou outro terreiro. Então, a lista de divindades das diferentes nações é grande e muitos Orixás do Ketu podem ser “identificados” com os Voduns do Jeje e Inquices dos Bantu em suas características, mas na realidade não são os mesmos; seus cultos, rituais e toques são totalmente diferentes.²⁰

Do mesmo modo, os atributos dessas divindades é explicitada pelo pai de santo entrevistado, que discorre: *“Só aqui no terreiro, o que aconteceu? Fiz acordo com os vodus, ou vou fazer militância, ou vou fazer cerimônia. Porque nossa cerimônia agora, por exemplo, hoje é dia 11/01/2017, daqui há mais de dois dias se eu for fazer cerimônia com um figurino de vodu sapatá, eu não posso mais ter aborrecimento, eu não posso ter mais uma série de coisas, tem que fazer os andró, se reunir pra rezar, pedir um acordo, eu não queria nada com isso, achava essa questão política muito... E aí o que ocorre, por ordem do meu vodu eu fiz uma palestra em 2004, e por conta dessa palestra abordei um aspecto que nunca tinha abordado aqui em Manaus, pessoal gostou, quis mais, busquei um aspecto bem antropológico, sociológico, filosófico e aí teve resultado e fiz isso aqui na exceção e pra minha surpresa meu vodu me pede pra me dedicar a isso... Aí com a visão que a gente tem depois, não vai dar certo, ou eu vou fazer bem feito uma coisa ou vou fazer outra, aí fiz o acordo com ele: - Posso atender que o Senhor está me pedindo? Posso! Mas eu tenho que escolher entre uma coisa e outra, ou eu vou fazer a ortodoxia como manda ou eu vou fazer militância. Então os rituais internos eles acontecem, as coisas que levam os vodus, que levam os ancestrais.”*

Dessa forma, para o pai de santo atender o chamado dos vodus antes de tudo precisa se consagrar também e não permanecer bitolado com demais atribuições. É muito importante atender o chamado de um vodu, pois ele é um ser protetor, e uma espécie de mensageiro entre os homens.

Levando para o nosso lócus regional em um contexto para melhor evidenciar a historicidade dos fatos, na Amazônia (CARNEIRO, 2008, p.25), as primeiras populações africanas foram trazidas nos séculos XVIII e XIX. No período da colonização aflorou o

²⁰Fonte: www.fietreca.org.br (2017)

comércio na região, com o afluxo de contingentes africanos a fim de resolver conflitos entre os colonos leigos e os missionários pela posse e controle da força de trabalho. Em homenagem às novas divindades caboclas, na Bahia e na Amazônia; e, finalmente, nas macumbas, lida tradição anterior de danças semi-religiosas, sem estruturação associativa que lhes permitisse fixar um padrão a que se subordinasse a iniciativa pessoal.

Certamente, nesse período além de expandir o comércio com a presença negra e a mão de obra pelos colonos, ainda era notável a disputa entre os padres e os colonos. Enquanto o termo da macumba para (CARNEIRO 2008, 27), talvez as desigualdades regionais de desenvolvimento econômico do Brasil possam explicar a distância relativa a que, em cada área, estão os cultos de origem africana em relação ao modelo original. A distância entre a macumba e o modelo de culto, enquanto a economia extrativa da Amazônia, que não mudou de caráter nem de métodos desde a penetração portuguesa, e a sua população rarefeita ajudam a entender a aceitação, com a frouxidão que têm na área C, dos cultos trazidos do Maranhão.

Alem dessas disputas pela mão de obra negra, outros movimentos foram despertados a partir das relações multiculturais da época. A essência humana KRONBAUER (2009) por muito tempo, a mulher, o índio, o negro, os latinos, os árabes, os indianos, os orientais e outros eram vistos como resultado de miscigenação, ou seja, não trazia em sua essência um princípio único como responsável por sua origem. (p. 33). A tentativa de encontrar uma essência para o ser humano também ocasionou muitos equívocos e preconceitos.

A intolerância era notória não somente pelos grupos de relações étnicas, mas também percebidos em demais grupos como aos indígenas, a mulher e entre outros. Isso ainda repercute na sociedade em que vivemos e essa desigualdade ainda está sendo gradativamente ganhando um novo cenário, através de lutas e movimentos sociais por reconhecimento.

Da mesma forma, ainda na historicidade dessa discussão, essa retirada abrupta dos africanos BARROS E MAURICIO (2009, p. 33) de sua terra natal não somente desestruturou a sua organização religiosa como também restringiu seu progresso cultural, material e humano. Com relação à sua religiosidade, em uma imposição da religião católica, precisou recorrer a artifícios que a camuflassem, fazendo surgir assim o sincretismo.

Assim, os escravos ficaram por mais de 300 anos como instrumentos indispensáveis ao progresso da economia colonial e imperial brasileira. Eram também um poderoso alicerce para alguns reinados africanos que viam no comércio escravagista como possibilidade de lucro. Nas guerras intertribais, os vencidos eram colocados à venda ou trocados com os

européus por produtos que eram necessários e muito apreciados pelos africanos, como o sal e a cachaça.

Quanto aos escravos, especificamente (CARNEIRO, 2008, p. 10) os nagôs, com marcada preponderância sobre os jejes, assumiram a liderança religiosa na Bahia e em Pernambuco; e, em igualdade de condições com os jejes, no Maranhão. De Pernambuco se difundiu por todo o Nordeste Oriental, enquanto o Maranhão, outrora cabeça do Estado do Maranhão e Grão-Pará, assegurava o seu triunfo entre a pequena população negra da Amazônia. Ao centro-sul, pela Bahia através da zona da mineração. Já em pleno século XIX deu a Bahia o modelo aos cultos surgidos, mais tardiamente do que os outros, no Rio Grande do Sul. Para que, essa migração fosse difundida no país, gradativamente os negros foram se deslocando para algumas cidades.

Imediatamente havia a exploração do trabalho escravo indígena era legalmente amparada pela Coroa Portuguesa, o que na legislação mudaria com a chegada do Diretório dos Índios (1755-1798), por Sebastião de Carvalho e Melo, quanto Marquês de Pombal fora responsável por esse processo de modernização do Estado Português, sob a égide dos preceitos Iluministas, como destacam Ferreira e Silva (2015). E assim parecia cada vez mais distante a liberdade desses grupos.

Como a dispersão era muito grande BARROS E MAURICIO, (2009), famílias inteiras e grupos étnicos foram separados. A etnia bantu se espalhou mais pelos interiores dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul. Os iorubás, fons e savalunos ficaram mais concentrados em áreas urbanas dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Maranhão. Preponderantemente, os ewes e uma outra parte dos savalunos foram para o Maranhão e uma pequena parte para Bahia e Pernambuco.

Assim, sendo o modelo ideal para tudo passou a ser a cultura ocidental representada pelos europeus. Dessa forma KRONBAUER (2009), todos que não se enquadravam no modelo ocidental não se sentiam como participante da essência humana (p. 33). Essa maneira de enxergar a realidade dificultou o entendimento em relação aos benefícios de uma sociedade diversificada no que diz respeito à etnia, à cultura, às crianças e às mulheres. E cada vez mais as relações desiguais eram e ainda permanecem presentes.

Sobre essa perspectiva, o pároco entrevistado São Sebastião discorre: *“Eu acho que essas pessoas, você tem que, compreender o nível de mentalidade religiosa dessas pessoas e também o nível de estrutura psicológica, estrutura de formação espiritual ou psicoespiritual, porque mesmo hoje falando com os alunos em sala de aula eu dizia isso... Que muitas vezes, as pessoas, por exemplo, a questão que está acontecendo nas prisões. As pessoas não estão*

apenas se matando, elas estão degolando as pessoas, estão esquartejando as pessoas, então eu acho que isso é doentio, é patológico e nós temos uma sociedade doente, uma sociedade demente, e a gente sabe que um dos atrativos para o demente é o aspecto religioso.”. Essa reflexão se dar desde o contexto histórico na obrigatoriedade de forçar o outro a pertencer a um outro grupo, a uma outra religião, negar suas raízes e sua identidade.

Há registros, com efeito, de religiosos católicos descontentes com determinadas manifestações de religiosidade africana, a época eram acusadas de demoníacas. (Funes:1996). E no cenário contemporâneo ainda existem esse preconceito por conta da umbanda e do candomblé. Os estudos históricos de BRAGA (2011) apontam a preponderância de negros de origem bantu, trazidos, principalmente da Angola, o que obviamente trouxeram suas práticas religiosas para a religião amazônica. Dessa maneira, o sincretismo na região se deu a partir também a partir da colonização uma vez que em grande parte da nação indígena aderiu a religião africana como credo religioso próprio.

De repente, todas as nações deixaram marcas da sua presença na vida dos portugueses e, mais tarde, dos brasileiros. BARROS E MAURICIO (2009) aponta que a manifestação negra se dá a partir da dança sensual e alegre, a comida saborosa e cheirosa, a vestimenta colorida, o amor e o respeito à natureza foram legados que permanecem até os dias atuais e que, com certeza, se perpetuarão enquanto o homem procurar respeitar e se irmanar com o seu próximo e, principalmente, com o meio ambiente. Isso é observável nas observações da pesquisa, nas cerimônias religiosas traja-se de roupas bem coloridas, quando não brancas e no final são oferecidos alimentos onde todos ceiam.

As capitais de estados (CARNEIRO, 2008, p. 11), vindo em seguida às cidades que servem de centro a zonas econômicas de relativa importância no âmbito estadual. Duas dezenas deles na zona da cana-de-açúcar e do fumo do Recôncavo e na zona do cacau, em torno de Ilhéus. O culto não podia florescer no quadro rural — a fazenda ou a cata. Para mantê-lo, o negro precisava de dinheiro e de liberdade, que só viria a ter nos centros urbanos... o modelo nagô se sobrepôs às diferenças tribais em matéria religiosa exatamente quando a massa escrava, acompanhando o fazendeiro e o minerador, se adensava nas cidades, ocupando-se em misteres diversos daqueles para os quais chegara ao Brasil.

Na história ainda da região nesse período de colonização, SANTOS (2002), a Amazônia é peculiar às outras regiões quando comparadas, na época em que o Brasil estava inscrito na América Portuguesa. Inicialmente a ocupação se deu por parte militar, com o objetivo de proteger a região contra “invasores” franco-batavos, que percorreu por quase todo

o processo de colonização na economia, estruturada na extração das drogas do sertão, foi alavancada pela escravidão indígena.

Na primeira metade do século XVIII (CARNEIRO, 2008, p. 11), o negro urbano, já com dinheiro, funda, sob a orientação dos seus senhores, as Irmandades do Rosário e de São Benedito; na segunda metade do século, quando começa a viver independentemente do senhor, as suas religiões tribais se fusionam numa unidade de culto. O novo culto viveu sujeito aos azares da repressão policial, até a Independência e as agitações conseqüentes, feito e desfeito várias vezes em 1830, o início de uma nova fase na existência do culto organizado de origem africana.

Em síntese, as religiões de matrizes africanas que foram estabelecidas na América Portuguesa, os negros sofreram com perseguições e explorações de seus colonos, mas mesmo assim suas identidades eram preservadas. Embora, fossem remanejados para outras capitais do Estado e suas religiões modificadas em algumas regiões, sempre estiverem em busca de igualdade e reconhecimento.

3.2. MONOTEÍSMO: ALGUMAS PONTUAÇÕES

Em princípio, o tópico discutirá brevemente sobre o prosseguimento da discussão anterior, mas adentrando sobre a doutrina religiosa dos negros que vieram da África e como o monoteísmo é estabelecido aqui no Brasil. Diante lutas, avanços, perseguições e escravidão conseguiram ainda preservar suas raízes culturais e suas manifestações do culto propriamente. Será levado em consideração os estudos de CARNEIRO (2008), precisamente em sua obra *Candomblés da Bahia*, o que representou o marco do início dessa longa jornada.

A representação indireta das divindades parece geral no Brasil, fora das macumbas cariocas e paulistas. Os cultos já muito distanciados das tradições africanas, como os candomblés de caboclo da Bahia. As divindades se representam pela sua morada permanente ou eventual. Há esculturas, quadros e desenhos representando diretamente as divindades caboclas e negras (escravos) nascidas no Brasil. (p. 16)

A fim de compreender melhor essa relação, os cultos do Brasil das religiões de matrizes africanas sofreram alguns reajustes e são pouco diferenciados ao da África. Isso representa, a diferenciação das divindades, pois algumas foram germinadas no país.

A *possessão pela divindade* se apossa do crente, nos cultos negros, servindo-se dele como instrumento para a sua comunicação com os mortais. No espiritismo são os mortos, e não as divindades, que se incorporam nos crentes; na pajelança, embora sejam as divindades dos rios e das florestas que se apresentam, somente o pajé, e não os crentes em geral, é

possuído por elas. (p. 16-17)

Pouco depois, as religiões de matrizes africanas foram designadas como candomblé e umbanda, o que não seguem a mesma linha. O candomblé é de origem africana, e a possessão é feita pelos que creem e nelas se apossam os deuses (orixás) que foram mortos, em uma relação de comunicação com os que estão vivos. Enquanto a umbanda é de origem brasileira e os espíritos ancestrais que se comunicam através de médium.

A possessão pela divindade, que torna inconfundíveis os cultos de origem africana, se exerce não sobre todos os crentes, mas sobre alguns eleitos, especialmente do sexo feminino. Acredita-se, em todo o Brasil, que cada pessoa tem, velando por si, uma divindade protetora. O privilégio de servir de instrumento (cavalo) à divindade está reservado a alguns, que precisam iniciar-se (*assentar o santo*) para recebê-la. Os demais devem submeter-se, entretanto, a determinadas cerimônias para poder servi-la de outra forma. (p. 17)

Dessa maneira, no Candomblé as incorporações de espíritos ou orixás são inexistentes. As entidades oferecem energias naturais e puras, e as leituras das mensagens trazidas por eles são feitas através dos búzios. Enquanto a Umbanda, a consulta é feita através por um médium “incorporado”, e os trabalhos normalmente são realizados pelo espírito incorporado através de elementos ritualísticos.

A iniciação prepara o crente como devoto e como altar para a divindade protetora, que tem caráter *pessoal*. Na Bahia, no Recife, no Maranhão, em Porto Alegre, que a mesma pessoa receba em si certo número de divindades duas ou três, mas nas macumbas cariocas e paulistas e no batuque da Amazônia os crentes podem receber, sucessivamente, várias divindades e, nas primeiras, a possessão por Exu, à meia-noite, atinge ao mesmo tempo todos eles. (p.17)

Conforme em ambos, o candomblé, é presente o culto a “Exu”, uma entidade ambivalente, positiva e negativa, que representa o bem e mal, e suas atribuições e estão associadas aos da humanidade. Para Exu, são realizadas as oferendas e em alguns terreiros, sacrifícios e usos de sangue animal. Já a Umbanda não cultua a Exu e tampouco realizam sacrifícios e oferendas.

O oráculo e o mensageiro os nagôs e os jejes, são seres intermediários entre as divindades e os homens. Por não terem vindo para o Brasil elementos da sua ordem sacerdotal, o oráculo Ifá, generalizado entre as tribos do litoral do Golfo da Guiné, aqui chegou na "mais modesta" das suas formas: a interpretação de oito ou dezesseis búzios, dispostos em rosário ou soltos, atirados pelo adivinho. (p. 17)

Sob o mesmo ponto de vista, na Umbanda, o Orixá é incorporado, e em alguns

médiuns fazem uso do tabaco e da bebida, como vícios das suas próprias entidades. E nem sempre são todas as linhas da Umbanda que fazem uso dessas drogas, a Umbanda Branca, por exemplo, não faz. Já no Candomblé o uso de álcool e tabaco não é comum.

Exu, que tem sido equiparado ao diabo cristão por observadores apressados, serve de correio entre os homens e as divindades, como elemento indispensável de ligação entre uns e outras. Todos os momentos iniciais de qualquer cerimônia, individual ou coletiva, pública ou privada, lhe são dedicados para que possa transmitir às divindades os desejos, bons ou maus, daqueles que a celebram. A homenagem obrigatória a Exu (despacho ou ebó), contendo bode, galinha preta e outros animais sacrificados, bonecas de pano, às vezes picadas de alfinetes (lembrança do *envoütement* ocidental), farofa de azeite de dendê, garrafas de cachaça, tiras de pano vermelho e moedas, como na Bahia, até apenas uma vela acesa, uma garrafa de cachaça e alguns charutos, como no Rio de Janeiro. O despacho de Exu deve ser depositado numa encruzilhada, domínio incontestado do mensageiro celeste. (p.19).

Igualmente a comparação a Exu, com a do diabo nas denominações cristãs ainda é associada a essa divindade. Principalmente os pentecostais que representam uma figura marcante nesse processo de intolerância religiosa, e os que mais violam os templos sagrados das religiões de matrizes africanas e até mesmo as paróquias. A representação do diabo, denomina como um ser demoníaco, representado por um anjo chamado Lúcifer que caiu do céu em desobediência ao Deus que criou os céus e a terra na perspectiva cristã e o Exu (diabo/satanás) é o responsável por todas as desgraças e maldições do mundo, como enfermidades, desunião, violências, homicídios e assim por diante.

Exu preside à fecundidade, sendo as danças em sua homenagem uma representação do ato sexual. Somente as macumbas cariocas e paulistas preservaram as suas danças, amenizando-as, tornando menos ostensiva à marca do sexo. O mensageiro se multiplica, em todos os cultos, em vários Exus, com nomes e funções os mais diversos. (p.19)

Para entender mais claramente, no momento da fecundação Exu assiste todo o ato representando a figura masculina, e Oxum figura feminina, considerada como deusa da fertilidade. Exu representa assim o dono da fecundação que representa o espermatozóide e iemanjá a mãe que realiza o parto.

No Rio de Janeiro, além de apresentar-se com a sua múltipla personalidade, os crentes confundiram a outra divindade, Omolu, criando o Exu Caveira, com o cargo de proteger os cemitérios, especialmente o de Irajá concepção semelhante à do Baron Cimetière, do Haiti. (p.19). Logo, o Exu Caveira pertence a uma legião de espíritos que apregoam tanto a Umbanda quanto ao Candomblé.

Se a consulta às divindades nem sempre se faz sob a invocação de Ifá, a sua associação ao despacho de Exu dar-nos-á confirmação de que se trata de uma das facetas mais importantes dos modelos nagôs. A possessão pela divindade, o caráter *pessoal* desta, a consulta ao adivinho e o despacho de Exu —, demonstram que esses cultos constituem realmente uma unidade, que assume *formas* diversas em cada lugar. (p.20)

Embora Exu esteja presente nos cultos e nas manifestações religiosas, o despacho é realizado em uma encruzilhada, certa forma de homenagear a divindade. Nesse despacho podem ser lhes oferecidos bebidas, alimentos, cachaças, sangues de animais e outros elementos.

Visto que, os termos “Angola, Congo, caboclo”, na realidade são, estruturalmente, produtos secundários daqueles, simples repetição e diluição das divindades, do processo de iniciação, das cerimônias e, em suma, de todo o complexo religioso jeje-nagô, com ligeiras modificações de pormenor. Alguns cultos da Bahia se tenham transferido para o Rio de Janeiro, reforçando o contingente original, em nenhuma outra área os cultos de origem africana se apresentam em tão adiantado estágio de nacionalização. (p.21)

Mediante, a formação de subtipos, todo dia mais numerosos, se deve, por um lado, à aceitação do modelo de culto (na forma em que externo no local ou na região) por grupos cada vez mais distantes das tradições que o plasmaram e, por outro, à falta de uma autoridade eclesiástica comum, capaz de manter vivas essas tradições. Tanto brancos como negros, ricos e pobres, letrados e analfabetos, são assistentes, participantes, chefes de culto — negros já sem lembrança das suas antigas relações tribais com a África, que aprenderam o que sabem de negros igualmente destribalizados, devotos de cultos já acomodados às condições brasileiras locais, e brancos que aderem a candomblés, xangós e macumbas pelas mais diversas razões. (p.24)

Assim, a iniciação pode prolongar-se por um ano ou por algumas semanas como pode deixar de verificar-se de todo (candomblés de caboclo, Bahia) ou a iniciância *se desenvolve* ao mesmo tempo em que participa, com as mais antigas, das cerimônias religiosas (macumba); a vestimenta pode ser sacerdotal (o crente, possuído pela divindade, se paramenta com as vestes sagradas dela, como na Bahia) ou sem nenhuma dessas coisas (Belém e Manaus); a língua ritual pode ser nagô, jeje, angolense, português, ou o que os crentes chamam guarani. (p.24). Isso se reflete na liturgia no modelo original.

Já o canto, a música e a dança estavam intimamente ligados entre si, no modelo de culto. (p.26). Já vimos que a dança, a não ser na Bahia e em Porto Alegre, deixou de obedecer ao padrão imposto pela ocasião e, portanto, pelo canto. Em toda parte continua-se o

hábito de cantar e dançar três vezes para cada divindade que se deseja saudar, mas tende a desaparecer uma característica essencialmente africana do canto litúrgico a sua autonomia melódica em relação à música produzida pelos instrumentos de percussão. Nessas casas, destinado às festas — o *barracão*.

Quando o candomblé se faz em casas quaisquer, o barracão está aos fundos da casa, coberto de palmas verdes, ou simplesmente se identifica com a sala de visitas. (p.36) Nas casas especialmente construídas para candomblé, o barracão faz parte do corpo da casa, como no Engenho Velho e no Gantois, ou constitui uma construção independente, como no Bate-Folha, no Beiru, em vários outros lugares.

Em síntese Nina Rodrigues pontua muito bem sobre a colocação: “a sociedade brasileira não conseguiu *desafricanizar* o negro, no referente às suas crenças religiosas, enquanto tiveram foros oficiais a religião católica, como o fez no referente à língua, à vestimenta, aos costumes em geral.”. (p.28) E assim, o negro ainda luta por sua inserção na sociedade por reconhecimento, respeito e acima de tudo igualdade.

3.3. A PRESENÇA NEGRA NA AMAZÔNIA

A discussão pautar-se-á em sintetizar *apriori* chegada dos negros na região do Amazonas, bem como a sua representação cultural pós-período de colonial. A intensificação da inserção ocorreu a partir de 1755 da Campanha Geral de Comércio Grão Pará e Maranhão no período de Marquês de Pombal. No Estado do Pará e do Maranhão, os negros foram remanejados através de canaviais lavouras de arroz e algodão. O cultivo da cana-de-açúcar foi assim, uma das primeiras atividades econômicas dos europeus na Amazônia.

CARNEIRO (2008, p. 08) discute a história de Angola que foi, desde os primeiros anos do século XVII, a grande raça de escravos do Brasil. Dessa maneira, mal se haviam estabelecido no litoral angolense, porém os portugueses foram dali desalojados pelos holandeses, que, pela força das armas, ocuparam também outros entrepostos comerciais lusitanos das vizinhanças, as ilhas de São Tomé e Príncipe e o Forte da Mina, carreando escravos para a Nova Holanda.

A colônia estendia-se mais para o norte do que atualmente, até a embocadura do rio Congo, mas o estabelecimento português na foz do grande rio foi progressivamente reduzido, constituindo, agora, o enclave de Cabinda. De Angola e do Congo vieram para o Brasil, negros de língua banto conhecidos nomes geográficos e tribais, caçanjes, benguelas, rebolos, cambindas, muxicongos, utilizados nas culturas de cana-de-açúcar e do tabaco, em toda a faixa litorânea.

Da região de Moçambique, outrora chamada a Contra-Costa, chegaram ao Brasil poucos negros: não somente o seu comércio de escravos se dirigia para o Oriente, como os escravos dali trazidos, embora a viagem fosse mais custosa, não alcançavam boa cotação nos mercados brasileiros. Pequenos contingentes de mácuas e angicos se misturaram, assim, a população escrava no século XVIII.

KRONBAUER (2009, p. 48) vindo em grupos faziam-se reconhecer pelo seu traço cultural. Dois grupos se sobressaíam: bantos e sudaneses. Quando os africanos eram trazidos para o Brasil como escravos, o continente africano apresentava uma divisão diferente da atual.

Segundo o jesuíta Bettendorf, precisamente em 200 anos saíram das florestas amazônicas, para repovoar a região de Belém, São Luiz e Marajó, pelo massacre dos tupinambás, caetés e aruãs, mais de 2.000.000 de escravos, descidos ou resgatados, através de guerras justas, por roubo, antropofagia, impedimentos à difusão da religião cristã e outros crimes, vendidos em hasta pública, no mercado de Belém. Assim despovoava-se o Alto, Médio e Baixo Amazonas, em favor do repovoamento daquelas regiões, além da obtenção de mão de obra barata.

O tráfico de escravos (CARNEIRO, 2008 p.07), externo se dirigiu a Guiné, Angola, e a Costa do Marfim. O interno se produziu do povoamento e da colonização do Brasil, o tráfico sem combinaram-se sobre o denominador comum da escravidão anular as peculiaridades nacionais das tribos africanas. Historicamente a religião era imposta pelo colonizador aos negros do Guaporé, como de todo o restante da colônia foi o catolicismo através do próprio cristianismo. TEIXEIRA (1998) a escravidão foi legitimada, constituindo-se em uma religião de obrigações formalista, o catolicismo colonial pregou os alicerces da ordem senhorial e da denominação escravocrata. (p. 26). Inicialmente esse interesse ainda consistia em catequizar os índios para a religião do catolicismo.

Frente essa questão CARNEIRO (2008)

... "a precedência na aquisição de riquezas ou da liberdade" por parte dos nagôs na Bahia
 ... "Uma vez organizado o culto, facilmente se compreende que, de preferência ao culto católico de que nada ou pouco podiam compreender, houvessem os negros de outras nações e procedências adotado como sua religião africana, que estava mais ao alcance da sua inteligência rudimentar, e mais de acordo com seu modo de sentir." (p. 05).

De fato a imposição com os índios não consistia somente tomar posse de seus bens, de suas terras, de suas origens, mas de forçá-los a serem letrados pela própria língua do colonizador a fim de interesses próprios da Coroa. Era notório os interesses dos europeus na Amazônia, uma vez que o no Eldorado segundo FERREIRA (2005).

Havia, pois uma euforia de grandes lucros por parte de todo o mundo. Não havia quem não sonhasse ganhar muito na estrada de ferro Madeira Marmoré. Até parecia que o Eldorado havia sido descoberto ali”. (p. 111)

No Eldorado era um lindo lugar e a cidade Manauara representava as mulheres lendárias guerreiras, demarcadas em nossa história da Amazônia desde sua criação. Como aponta GODIM, (1994): “*Com relação ao imaginário dos antigos viajantes a procura de fortunas incríveis no Eldorado*” (p. 79).

O interesse pelas nossas riquezas atraíam cada vez mais olhares da colônia. As guerreiras vieram enviadas ao estado e viviam no reino de Daomé e acredita-se que ainda existam a presença das mesmas na região. O desenvolvimento econômico na região era cada vez maior, na análise de Gilberto Freyre, (2003): “*Graças às particularidades desta Região Amazônica, o homem figura do conquistador, não conseguiu ser o senhor total da região, como os senhores de engenho.*”.

Os portugueses KRONBAUER (2009, p. 50), tinham fortalezas e entrepostos por toda a costa africana, mas realizavam pouco comércio de escravos com a Costa do Ouro, onde se encontrava um de seus mais antigos estabelecimentos: o Castelo de São Jorge da Mina, nesse lugar, o objeto do tráfico era o outro. Assim pelo principio de que a moeda de troa era o outro, navegadores portugueses trocavam barras de ferro por escravos no Congo para permutá-los, em seguida, por ouro.

A luta era incansável para a busca das terras e riquezas da região e isso evidencia a região como um dos maiores setores econômico do país. Quanto para TOCANTINS (1968), “O esforço humano em ocupar a Amazônia, traduz de início, o espírito de aventura, nas incursões em busca de riquezas que a fantasia criava na mente dos primeiros navegantes. Depois veio o interesse pela coleta dos produtores silvestres, [...] até que o aproveitamento industrial da borracha amazônica infundiu, em determinadas áreas, uma nova modalidade de vida, obedecendo a sistemas econômicos especiais”. (p. 248)

A historicidade regional amazônica era fortemente demarcada pelo setor econômico pelo século XVIII, a atividade agropecuária transformou-se em polo de extrativismo do látex e da produção da borracha. A partir da segunda Revolução Industrial que se deu o surgimento das máquinas desenvolvidas pela era tecnológica. Dessa maneira, os países capitalistas alcançavam um desenvolvimento estável, tanto na produção de borracha quanto ao setor industrial.

VERGER (2002), no começo do segundo ciclo de Angola, no final do século XVI, e durante o século XVII (p. 28), os holandeses invadiram o Brasil, entre 1630 e 1680, através da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Dessa forma, financiaram os senhores de engenho e, em 1639, apenas com nove anos de ocupação, exportaram mil toneladas de açúcar. A invasão holandesa, pacífica a priori, não modificou os modos de produção; ao contrário, aproveitou-se do sistema escravista vigente no Brasil e fortaleceu seus negócios.

Quando adentramos o campo do homem amazônida primeiro se faz necessário buscar recursos teóricos visando compreender a formação da população desta região, principalmente a cultural. Percebemos que a formação de nossa região, denominada Amazônia se desenhou a partir da colonização europeia tendo o negro influenciado pouco na formação da cultura deste povo, porém sua contribuição foi extremamente importante para que venhamos a entender a proposta desta pesquisa.

As propostas de mudanças começaram a surgir com a publicação da Lei da Terra (1850) e da Lei Áurea (1888), quando essa parcela significativa da população brasileira foi desafiada a encontrar seu espaço nos diversos projetos sociais, econômicos e políticos que iriam caracterizar o Brasil no século XX. Mas é no ambiente da prática da religião e da religiosidade popular que a população negra recuperou uma parte significativa da dignidade humana e étnica, através de diversas ações e atitudes.

Sem a influência maciça negra, conforme aponta BENCHIMOL (1999) que a participação negra foi quase inexistente, a região desenvolve principalmente com a miscigenação entre brancos e índios, o índio destribalizado, que por RIBEIRO (1983) foram denominados de caboclos oriundo do tupi “Ca - a - boc”, ou aquele que vem do mato. E como aponta BENCHIMOL (1999) com a mistura dos povos imigrantes, Portugueses, Espanhóis, Árabes e Judeus, Japoneses, Chineses e os poucos africanos além dos migrantes nordestinos, principalmente o cearense, e os sulistas que aportaram aqui quando na época áurea da borracha denominada de “Belle Epoque”, onde a capital se tornou o centro, principalmente, cultural, da região, porém na criação, ou formação do vilarejo, a literatura aponta, não mais que 260 pessoas.

Segundo SALLES (1988) “a região amazônica recebeu 50 mil escravos no período entre 1755 e 1820, com o funcionamento da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão” (p.51). Grande parte desse contingente de escravos foi encaminhada para a ilha do

Marajó, com o intuito de atuar principalmente na criação do gado das grandes fazendas que iam se constituindo nessa região.

Em *Os Índios e a Civilização*, pois, para RIBEIRO (1985), o impacto da civilização ocasionou grandes transfigurações étnicas das sociedades tribais que habitavam o espaço amazônico. Conforme o autor, isto apenas se tornou possível "pela desindianização forçada dos índios e pela desafricanização do negro, que, despojados de sua identidade, se vêem condenados a inventar uma nova etnicidade englobadora de todos eles" (p.448). Em decorrência disso, tais grupos perderam "a sua cara", vítimas de um etnocídio radical. Tal foi o trágico destino dos mundurucus, ficcionalizado em *Os Selvagens*.

No final do século XVII, como condição da escravidão, os negros africanos desembarcam em terras marajoaras e passaram a exercer trabalhos ligados, principalmente a pecuária, a agricultura e a pesca. Por um lado, foi de suma relevância para o setor econômico da região, pois a ilha do Marajó se constituía um dos conceituados polos de produção de carne bovina da época. Por outras palavras, as condições sub-humanas de vida e trabalho a qual eram submetidos, causou-lhes profunda revolta e desta forma a luta e a resistência contra o sistema escravocrata tornou-se uma constante, e assim muitos escravos, ansiosos pela liberdade, fugiam das fazendas buscando espaços que lhes afastassem de seus algozes.

SALLES (1988) apresenta quilombo como "povoado de ex-escravos negros foragidos, coletivo de mocambo, que é a habitação propriamente dita (p.222). Os espaços formaram-se os quilombos, uma das maiores expressões de resistência negra. Daí então passaram a ser uma alternativa de constituir espaços livres, onde os negros pretendiam garantir a sobrevivência de maneira digna e almejavam serem livres, terem liberdade, serem seus próprios "donos", além de conquistarem um espaço territorial que lhes garantisse "o domínio e o uso da terra", inicia-se nesse momento histórico, então, o conflito de terras que perdura até hoje na região do Marajó, onde as comunidades remanescentes de quilombos resistem bravamente para não serem esmagadas pelo agronegócio, e permanecem lutando para legitimar seu pertencimento como dono da terra, já que esta fora ocupada lá no passado por seus ancestrais escravizados que criteriosamente as escolhia.

Esse movimento quilombola possui três características básicas (CASTRO 1999): "Interiorização nos espaços de rios e igarapés menos povoados; Ocupação de novas DIVERSIDADES: Diálogos Interculturais e Currículo 10 terras; Aposseamento coletivo como estratégia grupal de defesa de territórios e da reprodução social" (p. 16)

Desse modo, os escravos eram nomeados como “fujões”, adjetivo empregado pelos seus senhores quando as fugas passavam a ser constantes em meados do século XIX. As fugas se destinavam em direção à floresta amazônica na perspectiva de esconder e dificultar o acesso dos capitães do mato, que os caçavam iguais animais. Desse modo, a “fuga” em direção ao quilombo, era na verdade um resgate da sua ancestralidade, ser ressignificada com o passar dos tempos.

3.4. O SIMBÓLICO NAS RELIGIÕES

A violência simbólica e o poder na perspectiva da religião e suas manifestações é compreendida nesse trabalho a partir das relações socioculturais representadas pela cultura, sociedade e religião. Para BOURDIEU (1989), o poder simbólico é visto como estruturas estruturadas, uma vez que podem estar associadas a arte, a religião e a língua. No campo da religião que é o objeto dessa pesquisa, o autor aponta como sistemas ideológicos que os especialistas produzem para a luta pelo monopólio da produção ideológica legítima, e por meio dessa luta sendo instrumentos de dominação estruturantes, pois que estão estruturados, reproduzem sob forma irreconhecível, por intermédio da homologia entre o campo de produção ideológica e o campo das classes sociais, a estrutura dos campos das classes sociais.

Dessa maneira, o pai de santo discorre o aspecto religioso: *“Temos as cerimônias internas, dos banhos e tudo mais, lógico nós vamos tocar tambor, porque pra fazer isso sete dias antes, toda preparação ritualística que nós não vamos dar conta tendo que dar conta dessas outras coisas e tem as nossas vidas também. Eu sou conselheiro municipal de saúde, conselheiro estadual de saúde, somos os dois conselheiros dos povos tradicionais de comunidade tradicionais do Amazonas e membro do comitê de intolerância religiosa.”* Suas cerimônias religiosas estão envolvidas no aspecto simbólico também vista como empoderamento social e religioso.

(CARNEIRO 2008, p. 14-15) quanto às naturais do Brasil, talhadas à maneira nagô, são divindades caboclas e negras, decorrência imediata das campanhas nacionais pela independência e pela abolição: as caboclas são idealizações à moda romântica, indianista, dos antigos habitantes do país: Pena Verde, Tupinambá, Sete Serras, e as negras figuram velhos escravos, santificados pelo sofrimento, Pai Joaquim, o Velho Lourenço, Maria Conga. (pg.14-15)

BOURDIEU (1989) A história da transformação do mito em religião (ideologia) não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e ritos religiosos, quer dizer, do progresso da divisão do trabalho religioso, que é, ele próprio, uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, portanto, da divisão em classes e que conduz, entre outras consequências, a que se desapossem os laicos dos instrumentos de produção simbólica. (p.12-13)

²¹Quanto às naturais do Brasil, talhadas à maneira nagô, são divindades caboclas e negras, decorrência imediata das campanhas nacionais pela independência e pela abolição: as caboclas são idealizações à moda romântica, indianista, dos antigos habitantes do país: Pena Verde, Tupinambá, Sete Serras, e as negras figuram velhos escravos, santificados pelo sofrimento, Pai Joaquim, o Velho Lourenço, Maria Conga. (pg.14-15)

Para o sociólogo, a religião também é representada pela uma sociedade de classes, sendo organizada de forma hierárquica e que representa um grande marco político histórico e social. Outro sociólogo que teve como sua última obra publicada de “*A Teoria Simbólica*”, que na perspectiva de intolerância religiosa a partir da análise do autor pode ser compreendido como:

“A função social da religião independente de sua verdade ou do seu erro e as religiões que achamos falsas ou mesmo absurdas e repugnantes como aquelas das tribos selvagens, podem desempenhar um papel importante e eficaz no mecanismo social: sem essas religiões [ditas] “falsas” a evolução social e o desenvolvimento da civilização moderna seria impossível”.(RADCLIFFE- BROWN, 1968, p. 231.)

COSTA (2010) este aponta a definição proposta por Lannoy Dorin (s.d) como um conjunto de pensamentos, sentimentos, atitudes e rituais que estabelecem relação entre o ser humano e forças superiores, ou pode ainda ser como Richard Sloan (s.d) aponta como um modo espiritual de estar no mundo.

ELIADE em sua obra: O Sagrado e o Profano (1992) afirma que o ser humano se constitui no mundo em duas situações ao longo da história, em duas modalidades: no sagrado e no profano. O pai de santo exemplifica: *“Se você vê a maior parte da associação é de árvores, por que para nós elas são sagradas, e aí nós não podemos, por exemplo, negar hospedagem pra um casal de periquitos, pra uma garça, pra uma iguana, pra uma cobra, entendeu? Todos eles, dentro da nossa filosofia, se você chega aqui no portão e chega ate lá no nosso quintal, então você precisa ser acolhido. Então temos cobra jiboia, temos periquitos, papagaio, nós temos tudo isso. Aqui só não temos animais peçonhentos, porque*

²¹ CARNEIRO (2008, p.14-15).

aqui não pode por conta da própria segurança, quando uma aranha caranguejeira aparece, ela vai para o outro lado da rua, vai para área verde. Tem toda uma filosofia ancestral, que não corrobora com o pensamento de moradores, porque antes ninguém queria morar aqui, 30 anos atrás quando o terreiro veio pra cá, ninguém queria essas casas, aí com a passagem da avenida das flores, agora todo mundo quer casa aqui.” Assim, o autor considera que o ser humano, em sua condição a-histórica é um ser religioso por natureza, um homo religiosus, cujo "(...) comportamento enquadra-se no comportamento geral do homem" (ELÍADE, 1992, p.20).

Segundo SOUZA (2009) é muito controversa e especulante a origem do homem amazônico bem como da formação racial desta população, existem várias hipóteses fantásticas que vão desde as expedições orientais e europeias. O certo é que a população amazônica evidencia uma diversificação genética que constituiu sua sociedade e recebeu influências que nos torna uma população singular.

“O momento histórico em que vivemos nos solicita para uma abertura com relação às culturas e religiões diferentes da nossa, não só para satisfazer um interesse cognitivo e uma espontânea curiosidade, mas também para estabelecer comparações e estreitar laços, a fim de realizar, quem sabe uma união da humanidade além das diferenças. (BELLO, 1998, p 169)

O simbolismo do centro refere-se a necessidade íntima do ser humano do lugar onde esteja, na construção de lugares sagrados que o separe da existência profana do mundo e assim estabeleça um eixo fixo de sua existência. Esse eixo corresponde à ideia de o universo ou o cosmos ter surgido de um ponto inicial, da ideia do Centro do Mundo, sendo assim um local onde a criação divina primeira aconteceu. De acordo com ELIADE (1992, p.40), o simbolismo do Centro explica diversas e importantes imagens simbólicas e crenças religiosas, tais quais "as cidades santas e santuários" e os "templos" construídos nas mais variadas culturas.

Para a pastora Sara a relação entre ambos: *“Então aquilo ali é sagrado, aquilo é consagrado a cada início de culto, então aquilo ali, a gente tem que tocar com reverência. Então o profano, é toda a atitude de desprezo e de relação aquilo que é sagrado, se você entra na Casa do Senhor e vê a arca que simboliza a presença de Deus, você não vai se sentar em cima, não vai colocar um pacote em cima, mas porque pastora? A arca tem uma simbologia na Bíblia, ela simboliza a Palavra de Deus, o local onde foram guardadas as tábuas dos dez mandamentos, então a gente tem que ter temor e zelo na Casa do Senhor. O profano, ele agride, o profano ele é irreverente, ele não tem noção do que é Santo, do que é*

sagrado.” Para Eliade (1992, p.26), a construção de lugares sagrados seria então a repetição dessa ação divina criadora primordial que cria o espaço de comunhão do humano com o divino.

Logo é visível e explícita a grande religiosidade do Amazônia por conta da diversidade cultural existente e aqui trazida por uma bagagem enriquecida, e sabemos que as religiões de matriz africana é fruto de uma miscigenação escrava que adentra o Brasil no período colonial e se recria ao longo dos séculos.

3.5. O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O diálogo inter-religioso apresenta como possibilidade de relações entre as religiões diante a diversidade cultural existente em nossa região. A pesquisa trouxe esse elemento como uma das propostas para a liberdade religiosa entre as denominações confessionais. Em virtude de, melhor estabelecer tais relações, o tópico abordará o termo diálogo inter-religioso, seu significado, sua breve origem e como estabelecer tais ações com denominações religiosas distintas.

O termo diálogo está estreitamente relacionado com ruah, pneuma, spiritus, como expressão do espírito vital, algo que tem vida. “Tudo o que tem vida re-spira” pode ser entendido como “tudo o que tem vida dialoga”. O termo re-spirar significa inspirar, expirar, suspirar. Trata-se de uma ação que envolve a interioridade da pessoa com sua realidade exterior. É sempre emitir algo de si para fora e receber algo do exterior para dentro de si. O alento interior (inspirar, suspirar) se exterioriza na palavra (expirar) que transmite um mundo de significados.

Com o efeito do termo o diálogo é, então, o ato de exteriorizar a interioridade e interiorizar outras exterioridades. Diálogo é mais do que transmissão de ideias, opiniões, projetos teóricos. Exprime um comportamento, uma atitude, um modo de ser que aproxima, interage, comunga. Dialogamos com o que somos e cremos e como somos e cremos.

O diálogo segundo o entrevistado da pesquisa Olurum, enfatiza: *“A gente tem um diálogo, e praticamente sempre os nossas eventos como também os próprios eventos da arquidiocese somos convidados enquanto sacerdotes, enquanto religiosos para poder participar”*.

Visto que, segundo entrevistado a conexão entre a arquidiocese e associação que representa as religiões de matrizes africanas na cidade de Manaus, conseguiu esse diálogo. Isso se deu por conta de vários movimentos sociais e lutas por igualdade religiosa que até hoje estão sendo enfrentados nos âmbitos sociais e políticos na sociedade. Esse avanço representa uma conquista e muito mais ainda poderá ser feito.

Uma vez que, no universo católico, a disposição encontrada para o diálogo inter-religioso foi iniciada, oficialmente, pelo Concílio Vaticano II. “O concílio deu ao diálogo inter-religioso um impulso inédito, fazendo dele um dos pontos básicos da renovação e da abertura da igreja” (DUPUIS, 1994, p. 230).¹ Esse Concílio expressou, em grandes linhas, que a Igreja Católica assimilou as mudanças sociais e reconheceu o pluralismo religioso existente. Declarou o caráter “verdadeiro e santo” das outras religiões (NA 2), como também reafirmou a vontade salvífica universal de Deus, que, por intermédio do Espírito, “opera de modo invisível” e oferece a todos a salvação (GS 22).

Diante da “multiplicidade de modos por que se exerce o diálogo” (DM 28), os quatro níveis de encontro com suas respectivas formas de diálogo que o catolicismo e, de maneira mais ampla, o cristianismo têm buscado concretizar são: a) nível existencial: presença e testemunho; b) nível místico: oração e contemplação; c) nível ético: libertação e promoção do ser humano; d) nível teológico: enriquecimento e aplicação dos patrimônios religiosos. Essas formas podem ser vividas separadamente ou em conjunto. Isso dependerá do momento histórico específico, das tradições em diálogo e do objetivo pelo qual estão se encontrando.

Para o pároco entrevistado, São Sebastião: *“Então eu pessoalmente não lembro como minha formação foi uma formação voltada para missionaridade da igreja, eu fui formado dentro de um contexto que prevalecia o diálogo, cultural e diálogo ecumênico, o diálogo inter-religioso, então eu fui formado dentro dessa mentalidade. Apesar de que nossa história na Amazônia que a gente ainda tem de resquícios, da infância, da nossa formação cristã, a gente vamos dizer assim temos aquele preconceito”*. O diálogo para o padre esteve o acompanhando desde sua infância, pois o mesmo foi educado para a missionaridade, objetivando o ecumenismo a favor da união entre as denominações religiosas.

A natureza e a razão profundas do diálogo inter-religioso são, primeiramente, de caráter teológico. O ponto de partida é o reconhecimento do Espírito agindo no coração de cada pessoa e em sua tradição religiosa, em sintonia com a tese das *semina verbi*, de modo

que “há um só desígnio divino para cada ser humano que vem a este mundo (cf. Jo 1,9)” (GIOVANNI PAOLO II, 1986, p. 2024 apud DUPUIS, 1997, p. 485).

Disso advém a necessidade de um “diálogo de salvação” com todas as pessoas, da mesma forma que Deus com elas se comunica: “Nesse diálogo de salvação, os cristãos e os demais são chamados a colaborar com o Espírito do Senhor Ressuscitado, Espírito que é presente e age universalmente” (Diálogo e Anúncio – DA, n. 40). 2)

Para o pároco São bento, ainda sobre o tema: “*Nos EUA, fazemos almoços para estamos juntos oramos juntos ou trabalhamos, mas parece que aqui falta a vontade e a confiança, minha realidade nos EUA era bem diferente, por isso eu sou aberto as reuniões ecumênicas*”. O diálogo torna-se elemento central na ação evangelizadora da Igreja (Ecclesiam Suam – 1964). O espírito desse diálogo traduz-se por “uma atitude de respeito e de amizade, que penetra em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja” (DA, n. 9). Esse diálogo, “guiado apenas pelo amor pela verdade e com a necessária prudência, não exclui ninguém” (GS, n. 92). Por isso, “[...] todos os cristãos devem empenhar-se no diálogo com os fiéis de todas as religiões, de modo a fazer crescer a compreensão e a colaboração, para reforçar os valores morais, para que Deus seja louvado em toda a criação” (GIOVANNI PAOLO II, 1981, p. 455 apud DUPUIS, 1997, p. 485).

O diálogo visa, portanto, a “uma conversão mais profunda de todos para Deus” (DA, n. 41). Daí o diálogo espiritual como intercâmbio das experiências religiosas de oração, contemplação, busca do Absoluto (Diálogo e Missão – DM, n. 28-35)¹¹. Isso é o que sustenta as diferentes formas ou dimensões do diálogo, como o diálogo de vida, de cooperação social e de doutrinas.

A problemática da unidade entre as religiões não é apenas uma questão de logos (discurso, linguagem) nem se dá simplesmente por meio dele (diá-logo), como pode sugerir a expressão diálogo inter-religioso. Tudo isso mostra que a problemática do “diálogo” inter-religioso adquire uma importância cada vez maior em nossa sociedade, tornando-se uma necessidade e uma urgência social (configuração plural da vida coletiva) e um imperativo religioso (potencial salvífico-humanizador das diversas tradições religiosas).

CASALDÁLIGA formula isso muito bem. O texto é longo, mas vale a pena: “Macroecumenismo é dialogar inter-religiosamente, porém sempre num compromisso social pelos excluídos. Eu não entenderia de jeito nenhum um diálogo inter-religioso se não o

entendesse como compromisso sociopolítico e econômico, a serviço das maiorias excluídas que é a maior parte da família desse Deus da Vida que a gente quer proclamar.

Haja vista, fazer da fé no Deus da Vida um culto militante à vida, por amor à obra e ao sonho desse Deus. E dialogar com todas as religiões, não apenas com as chamadas ‘grandes’, pois neste caso estaríamos nos distanciando da tradição evangélica, pois o evangelho distingue-se por dialogar com o que é pequeno. Dialogar também com as pequenas religiões, com as religiões indígenas, com a religião do povo Tapirapé”.

De modo que pensar e efetivar a interação e o diálogo entre as religiões a partir dos pobres, oprimidos e fracos, além de não ser um “desvio” da questão propriamente religiosa, ajuda a reformulá-la de modo mais consequente com seu potencial salvífico-humanizador e tornar efetiva e fecunda sua tarefa e contribuição na construção de uma cultura de paz. É o problema da correta e consequente articulação ortopraxis-ortodoxia.

3.6. EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

Retomando ao diálogo, a educação para a diversidade vem como proposta alternativa para a liberdade religiosa. Relembrando que a educação não se pauta exclusivamente nos ambientes escolares de ensino, mas também ela representa todo o meio em que o indivíduo está inserido, referendo-se preferencialmente ao cultural e social.

Neste sentido, algumas questões éticas também envolvem o tema que tem sido objeto dessa pesquisa. Assim, uma interrogação tem sido fundamental, a saber: Ainda é possível a sociedade ser educada para a diversidade, sendo tolerante?

Educar para tolerância de adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tem início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais (ECO, 1998, p.117).

A educação para tolerância é retomar todo o contexto de igualdade, respeito, fraternidade, diversidade e amor. Na concepção religiosa, muitos conseguem desenvolver esses frutos que podem ser apaziguados nas relações com o outro. E nem mesmo a religião,

ou pertencer algum credo terá o direito de inferiorizar, demonizar, excluir, violar e até mesmo matar o outro. A educação para tolerância, antes de qualquer coisa é consciência, é zelo, eu não concordo, mas aceito, eu não violo, mas não machuco e assim por diante.

Em 25 de novembro de 1981, a Assembleia Geral das Nações Unidas apresentou a ²²“Declaração sobre eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundada na religião ou nas convicções”, no que diz:

Artigo 1º.

1. Toda pessoa tem o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito inclui a liberdade de ter uma religião ou qualquer convicção a sua escolha, assim, como a liberdade de manifestar sua religião ou suas convicções individuais ou coletivamente, tanto em público como em privado, mediante o culto, a observância, a prática e o ensino.
2. Ninguém será objeto de coação capaz de limitar a sua liberdade de ter uma religião ou convicções de sua escolha.
3. A liberdade de manifestar a própria religião ou as próprias convicções estará sujeita unicamente às limitações prescritas na lei e que sejam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos e liberdades fundamentais dos demais.

Artigo 2º.

1. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares.
2. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por “intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções” toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

²² DECLARAÇÃO sobre eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundada na religião ou nas convicções. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. São Paulo, Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/Onu/Minorias_discriminacao/texto/texto_4.html. Acesso em: 16 out. 2018.

Artigo 4º.

1. Todos os estados adotarão medidas eficazes para prevenir e eliminar toda discriminação por motivos de religião ou convicções [...] e por tomar as medidas adequadas para combater a intolerância.

Artigo 6º.

[...] O direito à liberdade de pensamento, de consciência, de religião ou de convicções compreenderá especialmente as seguintes liberdades:

- a) A de praticar o culto e o de celebrar reuniões sobre a religião ou as convicções, e de fundar e manter lugares para esses fins; [...]
- b) A de confeccionar, adquirir e utilizar em quantidade suficiente os artigos e materiais necessários para os ritos e costumes de uma religião ou convicção;
- c) A de escrever, publicar e difundir publicações pertinentes a essas esferas;
- d) A de ensinar a religião ou as convicções em lugares aptos para esses fins; [...]
- e) A de observar dias de descanso e de comemorar festividades e cerimônias de acordo com os preceitos de uma religião ou convicção; [...].

Logo, Ter conhecimento desse valioso instrumento de proteção da dignidade humana como forma de subsidiar a atuação pública e cidadã é de suma relevância para o respaldo legal social. Nesse documento, podemos presenciar as convicções religiosas de cada pessoa estão protegidas pelas Nações Unidas. E também podemos encontrar subsídios para afastar todo tipo de obscurantismo, de intolerância e de fundamentalismo em que nada contribui e acrescenta ao desenvolvimento das próprias crenças e religiões e menos ainda para a convivência pacífica e justa entre a humanidade.

A educação KRONBAUER (2009, p. 42) aqui não é entendida apenas como o momento destinado ao ensino formal da sala de aula, mas educação como prática e ações realizadas no dia a dia, ou seja, educação que deve se dar em todos os momentos das relações sociais. É provável que o problema não seja conviver, porque, mesmo vivendo em sociedade, ninguém é obrigado a partilhar valores ou pensamentos com os quais não concorde. Se entendermos conviver como “aceitar para si”, tal convivência não obriga a pessoa a aceitar entendimentos com os quais não se identifique, mas é obrigada a respeitá-lo.

Mais uma vez, reitero que a educação voltada para a tolerância não resume apenas nos espaços escolares, que enfatiza que a cultura deve ser trabalhada, seguindo a base dos

Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) através da pluralidade cultural focada nas disciplinas de artes, história e geografia. Dessa maneira as escolas também podem definir a metodologia ou instrumentos que essa cultura possa ser desenvolvida de cunho pedagógico das mais diversas maneiras que possam levar os educandos ao desenvolvimento de suas capacidades e também na aceitação da ação e reflexão sem discrepância de preconceitos.

Para o entrevistado São Sebastião: *“Então eu acho que mesmo revestindo de um elemento religioso, o aspecto de conversão, o proselitismo, ele é uma dimensão do ódio religioso, você não pode ser o que você é, então pra mim transformar você eu tenho que vê primeiramente em você algo feio, algo demoníaco, algo pecaminoso, algo do mal, então a todos esses elementos imaginários eu vou impregnando você. E no momento em que você se converte não é que haja um elemento de igualdade, que a gente vai perceber, por exemplo, que em muitas vertentes religiosas sejam católicas, sejam evangélicas, sejam de outras vertentes cristãs ou mesmo islâmicas, muitas vezes o negro não galgo em aspectos de autoridade, nem o negro nem a mulher. E o mais importante de lidar com agressores, com intolerantes, é a gente perguntar como prevenir esse tipo de ação, fazer um trabalho preventivo que aí vem àquilo que eu dizia: A gente tem que ter uma educação religiosa, uma formação espiritual, a gente tem que trabalhar com igrejas e tradições religiosas, que ajudem as pessoas de fato a ter sua religião como maneira de se humanizar, de conviver, de agir, de lutar pelos seus direitos, de ter cidadania e não de criar mais problemas sociais”*. O pároco acredita que através de uma educação preventivo envolvendo todos em uma ação solidária e que podemos trabalhar para que essa rivalidade entre as religiões sejam minimizadas.

Em discussão ao discurso é importante apontar que igualdade e liberdade são distintas e articuladas, porém funciona como balizas limitadoras uma para a outra, como diz KONDER (2001): são conceitos de determinação reflexiva. Levando em conta, ANDRADE (2009) que não apenas nos ambientes escolares que essa tolerância deve ser trabalhada por intermédio de programas e projetos escolares, mas ela representa socialmente aquilo que representamos como seres, envolvidos em uma cadeia de interdependência, em configurações, o que sinalizo *a posteriori* dos capítulos, embasada nas teorias de Norbert Elias. (p. 200).

O pai de santo em relato sobre a diversidade aponta: *“Já tivemos ajuda de evangélicos, porque viram, gostaram não do quesito religioso, mas da identidade étnica, daquele tipo de evangélico que diz assim: - Eu sou preto, nasci de um preto e fui criado em um terreiro de macumba, então tô vendo o alcance do trabalho de vocês, vocês estão fazendo realmente.”*. Ainda ressalta que é por intermédio do diálogo que estão conseguindo avançar

como religião afro na sociedade manauara, devido suas relações com outras organizações religiosas.

Nota-se que nem a diversidade não consiste em aceitar e concordar com as práticas culturais e religiosas exercidas por um determinado grupo religioso, mas no respeito, na apreciação do indivíduo em seu meio, seja ele cultural ou social. É garantido às pessoas o direito de serem diferentes.²³ A Declaração sobre raça e preconceito racial enfatiza que “todos os povos têm o direito de ser diferentes, de se considerarem diferentes e de serem vistos como tais”.

Conforme SANTOS (2002) a identificação das estruturas de representações dos diversos campos permite saber sobre a realidade social. A cultura é híbrida, multicultural, formada por populações e culturas diferentes e por isso, trabalham pedagogicamente a autonomia dos sujeitos e a originalidade de sua cultura, que são as vozes, os saberes, costumes, os imaginários e representações das populações locais. Eles trabalham o conjunto de saberes culturais na sua pluralidade e complexidade em respeito à diversidade cultural dos educandos, que perpassa pelo respeito às diferentes manifestações religiosas. Essa cultura é social, cultural e pedagógica à medida que ela se relaciona com as mais diversas esferas da conduta social e psíquica dos seres humanos.

Ao contrário do que se pensa comumente, ANDRADE (2009) educar para a tolerância não é pouco. É sim o fundamental, se é que queremos construir e manter uma sociedade plural. E talvez seja ainda mais necessária e produtiva do que se imagina inicialmente, pois busca intervir em nossos valores e atitudes como mínimos de justiça, moralmente exigível.

O pároco entrevistado São Sebastião sobre diversidade: *“Então, uma coisa são As ideias que estão nos livros e nas pesquisas dentro do contexto acadêmico, outra coisa é o nosso povo, o modo que a gente vai formando, nós temos ainda uma formação de uma igreja que se automantém, que investe muito na sua auto compreensão e às vezes até muito defasada ainda, e nós não discutimos esses grandes desafios do pluralismo, das sexualidades as questões de gênero, mesmo as questões de gênero foram muito mal compreendidas no início do Pontificado Francisco, que é um papa muito aberto para essas questões, agora que está tendo uma melhor compreensão, mas a gente vê que esse papa está aberto pra isso, pra essas discussões. Então eu acho que há uma discrepância entre a pesquisa acadêmica, a*

²³ COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 663.

compreensão intelectual da igreja, os documentos que a igreja começa a abrir nessa questão, mas eu acho que desde o Concílio do Vaticano II, a igreja ela se abriu e muito para as questões das religiões, agora a nível de povo aí o negócio fica complicado, acho que o problema é da academia, muitas vezes o que temos na academia não dilui, não vai lá pro povão, então o povão fica sem essa formação, essa preparação pra esse encontro. É muito difícil chegar lá, porque a gente tem uma educação muito contéudista, e de um conteúdo mais profissionalizante do que ético, do que humano e isso dificulta, eu acho que é o mesmo problema no contexto das igrejas.” Nesta perspectiva, educar para a tolerância religiosa é uma questão de justiça que visa assegurar, numa sociedade pluralista, a maior multiplicidade possível de ofertas de vida feliz condizentes com a estatura moral que estes tempos nos exigem.

ELIAS (1990) a sociedade é concebida, por exemplo, como uma entidade orgânica supraindividual que avança inelutavelmente para a morte, atravessando etapas da juventude, maturidade e velhice. (p.14). Em uma abordagem histórica para explicar melhor esse processo de formação e processos sócio-históricos tiveram como grande influencia as “forças supra-individuais anônimas”, conhecida como panteísmo histórico ou Espírito do Mundo.

Ao falar sobre diversidade, o pároco São Bento relata: *“Minha irmã é lésbica, ela me perguntou a posição da bíblia, pois ela não aceitava, por que preciso julgar? Apesar de que eu não entendo eles, nós temos de amar como pessoas e filhos de Deus, não fazemos publicidade e abertas, você vive sua vida sem se expor, Deus nos julgará, se for uma depravação, meu dever é amar e cuidar, não me interessa a vida íntima, pode se demonstrar o amor sem depravação. Já encontrei muita distinção raciais dentro da igreja, que se sente melhor que outros, um grupo que queria tirar catequista homossexual, e o bispo falou se não tiver fazendo mal o por que tirar. Deus ama a todos”*. Com o depoimento de São Bento, ao ser revelado que sua irmã é lésbica e o mesmo saber lidar com essa situação demonstra o quão aceitável o mesmo enfrente a diversidade como ponto positivo em ouvir e respeitar e não em julgar, condenar.

Para TEXEIRA (1999) o pluralismo religioso é um dom de Deus e revela as riquezas singulares de sua sabedoria infinita e multiforme, e esse pluralismo é construído a partir da realidade social em que representamos como seres brasileiros e inseridos em uma miscigenação do nosso povo, enraizado no processo de colonização a qual fazemos parte. Por isso, que somos diferentes de outros seres em toda a representação social, seja ela racial, religiosa e cultural.

Um grande educador e humanizador, conhecimento pelo seu marco histórico

educacional e defensor da transformação social FREIRE (2002) enfatiza a importância dos educadores compreenderem que homens e mulheres são seres histórico-culturais e o papel da cultura no processo de libertação das classes oprimidas. Contra a cultura do silêncio imposta às classes oprimidas destaca a força política do «dizer a palavra». A pastora Sara, acredita que para o diálogo deve ter um eixo principal: “*Nós nunca vamos atacar uma pessoa dentro da nossa denominação por ele não fazer parte, pelo contrário, a direção que nós temos é receber em amor*”. O respeito à pessoa do outro se constitui pelo respeito à cultura do outro, que se processa por meio de uma relação dialogal.

Unificar a cultura com questões e princípios religiosos têm gerado bastantes dificuldades e conflitos entre os líderes religiosos. Segundo TEIXEIRA (1997), o diálogo inter-religioso instaura uma comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Esta comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, removendo preconceitos e suscitando compreensão mútua, enriquecimento mútuo, comprometimento comum e partilha da experiência religiosa.

Algumas das características que especificam a perspectiva intercultural segundo CANDAU (2008), é a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais, presentes em uma determinada sociedade. O diálogo construído a partir do diferente, a partir dos opostos, ou seja, a partir de discursos opostos que se estruturam e se respeitam dentro da diversidade de crenças e multiplicidade das culturas.

KRONBAUER (2009, p. 24) A intolerância está relacionada à forma como percebemos e reagimos em relação ao outro. A nossa visão de mundo está determinada ou é resultado da tradição cultural, filosófica e mesmo religiosa. Por muito tempo fomos ensinados a perceber as diferenças entre os grupos religiosos. Essa diferença passou a ser classificada a partir de uma experiência religiosa que se colocava como oficial em comparação a outras visitas como seitas.

4. TOLERÂNCIA E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Compreender as ideias de tolerância e intolerância torna-se imprescindível um reflexão em retrospectiva que envolva a historicidade demarcada no movimento Iluminista, que ainda repercutem nas guerras religiosas, até a contemporaneidade tornando-se cada vez mais evidentes. O capítulo abordará sobre as principais ideias da tolerância/intolerância religiosa, apontando as relações históricas trazendo uma breve discussão sobre a história da tolerância. Ainda discorrerá na discussão da diversidade social enquanto intolerância a partir das relações multiculturais, observando a essa tolerância como virtude, apontando os principais defensores sobre a tolerância e os que passaram também por intolerância religiosa.

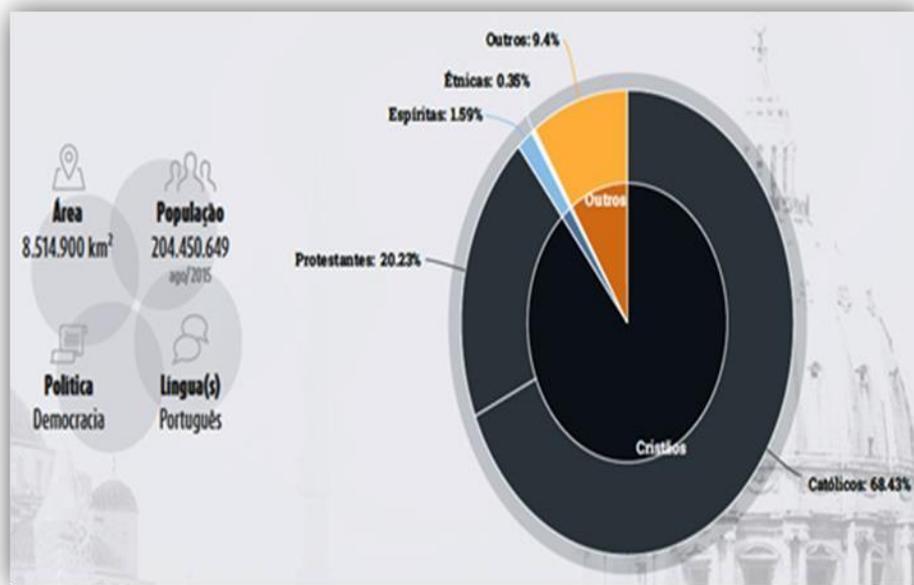
²⁴A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturais de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, a abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. A tolerância não é concessão, condescendência, indulgência. A tolerância é antes de tudo uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. [...]

Na sociedade pós-contemporânea à intolerância vem se manifestando em todas as situações presenciadas nos mais variados meios sociais, como nas instituições de ensino, nos ambientes profissionais e quaisquer outros, sendo por vezes representada pela raça, religião, opção sexual, política ou cor da pele. O que fere a Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde qualquer tipo de preconceito deveria ser combatido na perspectiva de se desenvolver uma sociedade mais livre, justa e igualitária. (ANDRADE: 2009, grifo do autor).

A partir desse quadro, ainda torna-se constante a percepção de rejeição quanto à discriminação que está crescendo no Brasil, observando-se um grande crescimento de números de adeptos a religiões que lideram entre católicos e protestantes. Além dos incentivos as políticas públicas frente a campanhas contra a discriminação que iniciou pela a raça, seguida pelas questões de gênero e mais recentemente pela religião.

²⁴ Declaração de Princípios sobre a Tolerância. Artigo Primeiro. São Paulo, Universidade de São Paulo [USP].

Figura 12 – Liberdade Religiosa no Brasil



Fonte: Relatório Liberdade Religiosa no Mundo - 2016

Desde 1989, segundo o relatório de liberdade religiosa mundial (2016), uma agência federal tem sido responsável por implementar políticas públicas contra a discriminação (inicialmente Secretariado de Direitos Humanos da Presidência da República, atual Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos). Contudo, apenas em 2015 foi criada uma agência especificamente dedicada à discriminação religiosa, chamada Assessoria de Diversidade Religiosa e Direitos Humanos.

Em observação dos artigos, a ONU procurou explicitar o que era liberdade de religião precisamente no artigo 18 da Declaração Universal, propondo a liberdade por uma escolha do cidadão, não podendo ser restringindo a uma determinada religião, mas tendo livre escolha. Para KRONBAUER (2009), a liberdade está ligada à garantia de manifestar a sua religiosidade e de não sofrer discriminação por parte do Estado, instituições ou grupos. A discriminação religiosa praticada pelo Estado é obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações. (p. 39). Nesse aspecto, a religião é vista como instrumento para promoção de paz e das relações entre os povos.

Se o Estado não propor condições e leis para que de fato essa realidade venha ocorrer à lei não apresenta validade. No artigo 4, por exemplo, aponta que os Estados precisam criar ou adotar medidas eficazes para prevenção e eliminação de todo tipo de discriminação, garantindo que as discussões não fiquem apenas no nível de adesão e assinatura de

documentos, mas que sejam realizadas na prática.

Assim sendo, a ONU se preocupou em discorrer sobre liberdade religiosa e esclarecer o que se entendia por tolerância e intolerância. Em 1995, a Conferência Geral da Unesco aprovou a ²⁵Declaração de Princípios sobre a Tolerância e estabeleceu 16 de novembro como o Dia Internacional da Tolerância. Declara o documento:

Artigo 1º. **Significado da tolerância**

- 1.1 A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo [...]. A tolerância é a harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica.
- 1.2 A tolerância não é concessão, condescendência, indulgência. A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. [...]. A tolerância deve ser praticada pelos indivíduos, pelos grupos e pelo Estado.
- 1.3 A tolerância é o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo (inclusive o pluralismo cultural), da democracia e do Estado de Direito. Implica a rejeição do dogmatismo e do absolutismo [...].
- 1.4 Praticar a tolerância não significa tolerar a injustiça social, nem renunciar às próprias convicções, nem fazer concessões a respeito. A prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa aceitar o fato de que os seres humanos [...] se caracterizam naturalmente pela diversidade [...].

Artigo 2º. **O papel do Estado**

- 1.2 A fim de instaurar uma sociedade mais tolerante, os Estados devem ratificar as convenções internacionais relativas aos direitos humanos e [...] garantir igualdade de tratamento e de oportunidades aos diferentes grupos e indivíduos da sociedade.

²⁵ COMITÉ Paulista para a Década da Cultura de Paz. Um programa da Unesco 2001-2010. Declaração de Princípios sobre a Tolerância. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/tolerancia.htm>. Acesso em: 16 abri. 2018.

- 1.3 Para a harmonia internacional, torna-se essencial que os indivíduos, as comunidades e as nações aceitem e respeitem o caráter multicultural da família humana.

Artigo 3º. **Dimensões sociais**

- 1.1 [...] Visto que inexiste uma única parte do mundo que não seja caracterizada pela diversidade, a intensificação da intolerância e dos conflitos constitui ameaça [...] universal.
- 1.2 [...] A promoção da tolerância [...] deve ser realizada nas escolas e nas universidades, por meio da educação não formal, nos lares e nos locais de trabalho. Os meios de comunicação devem desempenhar um papel construtivo favorecendo o diálogo e o debate livres e abertos, propagando os valores da tolerância e ressaltando os riscos da indiferença à expansão das ideologias e dos grupos intolerantes.
- 1.3 [...] medidas devem ser tomadas para assegurar a igualdade na dignidade e nos direitos dos indivíduos e dos grupos humanos [...].

Artigo 4º. **Educação**

- 4.1 A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância.
- 4.2 A educação para a tolerância deve ser considerada como imperativo prioritário. [...]

Na base da discussão KRONBAUER, (2009) ou das ações intolerantes está a questão sobre qual a melhor forma de vida ou quais os melhores valores que devem ser desenvolvidos pelo ser humano no seu convívio social. (p.27). Os documentos apontam a responsabilidade do Estado na promoção e divulgação da tolerância. É importante perceber a definição como “uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro”. O documento aponta a educação como relevância e meio eficaz para prevenir a intolerância.

Para melhor compreender esse processo, o estudo remete-se a aprofundar as teorias das obras Sociedade dos Indivíduos e o Processo Civilizador de Norbert Elias, pois além de fornecer subsídio teórico metodológico garantirá um melhor entendimento sobre ambas as questões. Além de fornecer elementos que fortificam as mudanças processuais da sociedade como elemento cultural e pedagógico, garantindo a contribuição de estudos que retrataram a colonização não só em um olhar amplo como dimensioná-la em nossa região amazônica a

evidencia do belo e o simbólico através dos processos culturais remetidos pelas religiões em suas manifestações.

O tema tem sido uma inquietação pessoal da pesquisadora e alvo de vários movimentos oriundo de guerras manifestadas pelas ações políticas, mundiais e sociais. No Brasil, país laico onde a liberdade religiosa sempre foi aparentemente instituída de modo que os praticantes adeptos de várias religiões presentes em nossa identidade multicultural tiveram uma relativa autonomia de realizar seus cultos e práticas religiosas em lugares considerados como “sagrados”. Mas, em grande maioria pertencentes a religiões como cristianismo e catolicismo. Na perspectiva contemporânea de nossa sociedade o país está passando tensões e conflitos que induzem a disputas religiosas frente à ações de intolerância religiosa, resultando em violências, e até mesmo alguns casos em homicídios.

ANDRADE (2009) explica que o fenômeno de tolerância e intolerância partiu de um movimento que esteve mais evidente no período da colonização, escravidão e marcado fortemente pelas desigualdades sociais e o modo de produção capitalista.

Este tema tem sido pesquisado em diferentes áreas das ciências humanas e sociais, nomeados como estudos culturais e multiculturais. Para melhor compreensão dessa realidade plural que é o caso do Brasil, demarcado por uma forte e rica diversidade, principalmente no âmbito cultural e religioso, como observado no movimento iluminista precisamente no século XVIII, que surgiu através de um movimento cultural, político e econômico, objetivando desenvolver uma educação e a liberdade religiosa. Sendo assim, o presente pautar-se-á nas ciências que compreende áreas da filosofia, economia, biologia, sociologia, teologia e educação.

O conceito de tolerância é aquele que conhecemos historicamente como foi construído e que a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), em 1995, na sua *Declaração de Princípios sobre a Tolerância* consagrou como um conceito atitude necessário e urgente ao cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos: Tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. [...] A tolerância é harmonia na diferença. Não só um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e jurídica. [...] A tolerância é o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo (inclusive do pluralismo cultural), da democracia e do Estado de Direito. (UNESCO, 1997, p.11 a 12)

Em um evento, a representante da Secretaria do Estado e Justiça Direitos Humanos e Cidadania do Estado do Amazonas, Graça Prola, apresenta sua percepção de intolerância.

*"Com relação à questão da intolerância religiosa, o meu olhar sobre a intolerância religiosa, é na verdade o olhar de incompreensão, foi passado para nós de geração a geração de que tudo que não era católico era satânico, então a uma demonização muito grande das práticas das religiões de matrizes africanas assim como a uma satanização eu diria de muitas igrejas evangélicas em cima de algumas manifestações religiosas, onde cultua mesmo."*²⁶

O olhar da secretária, o conceito de intolerância perpassa aquilo que já conhecemos desde o período histórico demarcado pela luta e disputas religiosas. Também se acredita que através dessas lutas a sociedade veio passando por uma transição de acontecimentos que sucederam a diversas mudanças; dentre elas política, econômica, social, religiosa e até pedagógica.

As relações entre educação e mudança social estiveram sempre fortalecidas pelos ideários educacionais marcados pelas fortes teorias pedagógicas. GADOTTI (1941) aponta a educação também como mudança social voltada para uma pedagogia da práxis educativa, em constante renovação. Para o autor *"não existem sociedades que não estejam em processo de mudança, em processo de profundas transformações"*. Dessa maneira, a educação não acompanhava as mudanças que a sociedade vinha passando, por serem consideradas "primitivas" e por exercer um papel conservador, representado pela reprodução de valores e cultura. O que não difere da teoria de Elias em o processo de civilização ocidental, observáveis em dois pontos que merecem destaque: as disposições íntimas e a uma movimentação contínua. A primeira corresponde ao desenvolvimento que o indivíduo apresenta com o decorrer da sociedade, não de uma resposta biológica e inata, e a segunda se refere à continuidade por não se limitar em um processo acabado e sim inacabado que está em constante evolução. ELIAS (2007), ainda prevê essa relação da educação e sua transformação através do "psiquismo individual", controlado por seus instintos e emoções através da auto regulação e controle, que *"embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que toma possível, sob determinadas condições uma civilização, portanto uma auto regulação individual de impulsos de comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões ou o desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada"*. (p. 20). Enquanto para GADOTTI (1941), esse processo, contudo não é

²⁶ Secretária Graça Prola da SEJUSC/AM (Secretaria de Estado e Justiça Direitos Humanos e Cidadania do Estado do Amazonas) em palestra na ADUA (UFAM) em 18 de janeiro de 2017.

“mecânico, as forças internas se desenvolvem espontaneamente para o seu desenvolvimento que contribuem as forças externas”. (p.81) O que é para Gadotti o intervir sobre a natureza e a sociedade a partir da história do homem, para Elias apresenta como teoria do processo de civilização o desenvolvimento psíquicas das cadeias de relações formadas pelos indivíduos, como a sociogênese e a psicogênese.

Seguindo a declaração da Unesco e tomando como orientação a sua Declaração de Princípios sobre a Tolerância, acreditamos que a educação tem um papel privilegiado na promoção da tolerância como um valor que conduz ao respeito dos Direitos Humanos e que a educação é o meio eficaz de prevenir a intolerância. Nessa perspectiva, ANDRADE (2009, p. 17) a concepção do mundo ocidental e a concepção do mundo judaico-cristã, apesar de lacunas evidentes, possuem uma relação estreita e profunda; funcionam como vasos comunicantes que se retroalimentam, principalmente no campo das normas éticas.

Para ANDRADE (2009) essa origem partiu da ação do movimento judaico-cristão que herdamos, seguindo o princípio maior que está nas Escrituras Sagradas, amar a Deus e ao próximo. Em razão desse movimento que foi sendo desenvolvida a concepção do mundo ocidental ao judaico cristão, principalmente para as normas da ética e boa conduta foram ganhando supremacia em movimentos liderados pela igreja, política e pelas organizações sociais.

Do ideário iluminista, herdamos também com um grande peso o discurso acerca da igualdade. Acredita-se que somos todos iguais em dignidade e direitos porque estamos dotados de razão e consciência e daí devemos agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade. Este imaginário, ilustrado nos informa que somos todos iguais. (ANDRADE 2009, p.17). De acordo com essa herança que supostamente herdamos segundo princípios cristãos nos remete a uma posição de princípios interligados a ética moral, social e não menos política. Dessa maneira poderíamos definir as atitudes intolerantes que contrapõe esses princípios e que estaria ligada a razão e respeito à religião, cultura, homossexualismo entre outros, que se origina e se reproduz na mesma sociedade, que não se limita apenas em ampliar a educação formal (escola) a ter autonomia dessa mudança.

No sentido filosófico se o que nos define é a razão, então devemos racionalmente, optar por um comportamento moral e justificável, devemos todos nos respeitar com espírito de fraternidade. Igualdade e razão, valores e ao mesmo tempo características indiscutíveis do iluminismo, estão na base do ideário ético do ocidente. Estamos descobrindo com mais força que não somos apenas iguais, mas também diferentes. E afirmar a igualdade não significa, em hipótese nenhuma, negar as diferenças que nos caracterizam. (ANDRADE, 2009: p.18)

Do mesmo modo que essa razão que nos define remete-nos ao respeito da diferença com o próximo, principalmente no Brasil, um país plural e diversificado. Dada *Declaração de Princípios sobre a Tolerância*: A prática da tolerância significa que toda a pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa aceitar o fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade do seu aspecto físico, de sua situação, de seu modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm o direito de viver em paz e de ser tais como são. Significa também que ninguém deve impor suas opiniões a outrem. (UNESCO, 1997, p.12).

O mundo, porém, é compreendido, cada vez mais, como multicultural, plural e diversificado. Nesse sentido, a temática da diferença tem suscitado novas questões para o campo ético e elas não podem ser ignoradas ou minimizadas. O ocidente tem cultivado um ideário de paz entre os povos baseado principalmente na igualdade e na fraternidade, segundo a tradição judaico-cristã e iluminista. De acordo com o ideário judaico-cristão e iluminista, a paz e a concórdia dominariam corações piedosos através do amor fraterno e mentes ilustradas através da razão. (ANDRADE 2009, p.18).

E essa prática assegurada em lei dispõe de uma liberdade religiosa de seus praticantes quer seja de raízes culturais ou em outras esferas como o homossexualismo, independente das diferenças trazidas em nossa sociedade de raça, tais como gênero, classe social, orientação sexual, identidade, religião, etc. Essa pluralidade deve ser respeitada e preservada, por isso que devemos pautar em uma educação voltada para o respeito à diversidade e a tolerância e que venha objetivar as práticas dessas ações e que as mesmas possam estar consolidadas em projetos sociais, campanhas educativas e políticas consistindo em uma perspectiva humanizadora e conscientizadora em prol de alertar a sociedade para a convivência com a diversidade, respeitando todos os níveis socioculturais e religiosos, e para isso, requer um trabalho conjunto e em parceria entre estado, escola e organizações sociais e religiosas, em vista de romper o abismo entre eles.

4.1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE TOLERÂNCIA

O processo de conversão exige que o fiel declare sua experiência religiosa anterior como errônea, ou mentirosa ou equivocada. Na base da intolerância atual está esse processo histórico juntamente com a ideia de conversão. Nesse sentido, a experiência religiosa

KRONBAUER (2009, p. 31), é sempre vista como um caminho errado, fechando, dessa forma, qualquer possibilidade de diálogo, uma vez que muitos fiéis passaram por esse processo, principalmente, os de tradição protestante. Muito deles se apresentam como ex-católicos, ex-espíritas, ex-umbandistas etc.

A colonização, a escravidão, as desigualdades sociais e o modo de produção capitalista colaboraram para melhor evidenciar. O tema tem sido motivador de um considerável número de pesquisas em diferentes áreas das ciências humanas e sociais e que costumam ser abreviadas no que mais recentemente se chama de *estudos culturais* ou mesmo *estudos multiculturais*.

Para ANDRADE (2009) compreender o conceito de tolerância como um valor-atitude legítimo para uma proposta ética numa sociedade plural e como fundamento válido para refletir sobre uma prática pedagógica que se queira respeitosa das diferenças que nos constituem dignamente enquanto humanos. “Uma atitude neutra de quem não quer aceitar e muito menos amar o outro, mas apenas ‘tolerar’, permitir, como um favor de condescendência, que ele exista”. (p. 18)

A miscigenação no Brasil é um fato demarcado no período de nossa história e a sociedade ao longo do tempo vem sendo diferenciada a partir das crenças que inclui a diversidade. O país cultua a crença evangélica, católica, umbanda, candomblé, judaica e entre outras. Muito comum, presenciarmos nas mídias questões de intolerância e guerra a religião do catolicismo contra o evangélico, por vezes do catolicismo junto com a denominação evangélica em oposição ao umbandismo e assim por diante.

As críticas mais comuns, e com a devida pertinência, são de que tolerância remete-se a uma proposta que marca a falta de utopias, destituída de projetos. Essas críticas geralmente se baseiam na ideia de que a tolerância é um valor menor no campo da ética e das relações sociais. Os defensores dessas críticas parecem crer que a tolerância é uma atitude simples demais, quase um favor que se faz ao outro, mas que na verdade não o aceita.

Do ideário judaico-cristão herdamos com grande força a máxima que devemos nos amar, pois somos todos filhos de Deus. A concepção do mundo ocidental e a concepção do mundo judaico-cristã, apesar de lacunas evidentes, possuem uma relação estreita e profunda; funcionam como vasos comunicantes que se retroalimentam, principalmente no campo das normas éticas.

No judaísmo essa relação dar-se-á em analisar o contexto do livro de Levítico, precisamente no capítulo 19, versículo 18: “*Ama a teu próximo como a ti mesmo*”. O termo “próximo” se refere a qualquer ser humano e significa, portanto que devemos ter a mesma

consideração por qualquer pessoa independente da religião, nacionalidade ou etnia a que pertença. Esta é a grande declaração de respeito e tolerância que caracteriza a religião Judaica.

Se o que nos define é a razão, então devemos racionalmente, optar por um comportamento moral e justificável, devemos todos nos respeitar com espírito de fraternidade. Igualdade, razão e valores e ao mesmo tempo características indiscutíveis do iluminismo, estão na base do ideário ético do ocidente.

Estamos descobrindo com mais força que não somos apenas iguais, mas também diferentes. E afirmar a igualdade não significa, em hipótese nenhuma, negar as diferenças que nos caracterizam.

Em termos religiosos existem cada vez mais religiões e cada vez mais seitas e tradições novas, mas ultimamente tem se vindo a reparar que não existe um clima muito respeitado entre elas. Em certas partes no mundo existe guerra devido ao desrespeito entre religiões. No caso de Portugal cada vez existe mais afastamento das pessoas devido às religiões, e cada vez mais discussões, e conflitos. Devesse respeitar cada religião e aceitar o que ela oferece, aderindo ou não a ela, porque ser realmente religioso implica respeitar o próximo, e é uma forma para não arranjar mais afastamentos e conflitos entre as pessoas. Andrade (2009). Hoje, mais do que nunca, vivemos num espaço e tempo marcados pela efervescência das questões trazidas pelas diferenças. Diferença de gênero, de raça, de classe social, de orientação sexual, de identidades, de origens, de pertencimentos, de territorialidade, de geração, de religião, de capacidade física e mental. Diferença que ficou, até bem pouco tempo, ocultada pela força do discurso sobre o direito à igualdade e o compromisso fraterno.

O mundo, porém, é compreendido, cada vez mais, como multicultural, plural e diversificado. Nesse sentido, a temática da intolerância representa a diferença e tem suscitado novas questões para o campo ético e elas não podem ser ignoradas ou minimizadas. O ocidente tem cultivado um ideário de paz entre os povos baseado principalmente na igualdade e na fraternidade, segundo a tradição judaico-cristã e iluminista. De acordo com o ideário judaico-cristão e iluminista, a paz e a concórdia dominariam corações piedosos através do amor fraterno e mentes ilustradas através da razão.

4.2. A DIVERSIDADE SOCIAL ENQUANTO INTOLERÂNCIA

Em sociedades multiculturais e marcadas pelo preconceito e pela discriminação de

vários tipos – racismo, sexismo, xenofobia, homofobia, aporofobia, etc. – A tolerância com o diferente apresenta-se como uma agenda mínima, urgente e extremamente necessária. ANDRADE (2009): “*Quando se fala de tolerância, é, na verdade, da intolerância que se trata*”. (p. 23)

Em um contexto de "relações sociais intensificadas", o multiculturalismo é a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz, modificando e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar. Multiculturalismo de cunho conservador, que busca a conciliação das diferenças com base no mito da harmonia.

Esta construção ideológica nega que as relações entre as comunidades pós-modernas são marcadas por antagonismos e conflitos, reiterando os estereótipos e estigmas que recaem sobre as chamadas "minorias" (que às vezes tornam-se majorias), e coloca-nos frente a uma concepção estática de cultura. BHABHA (1998) adverte que a harmonia só é alcançada em condições tácitas de normas sociais construídas e administradas pelo grupo dominante, obscurecendo-se, portanto o exercício do poder.

O multiculturalismo crítico (também chamado de revolucionário, ou emancipatório, ou contra hegemônico), o qual tendo por base a política cultural da diferença questiona o monoculturalismo, evidencia as contradições socioculturais fazendo vir à tona as diferenças e as ausências de muitas vozes que foram caladas pelas meta-narrativas da modernidade. Ao rejeitar todo o preconceito ou hierarquia, este multiculturalismo baseia-se no respeito ao ponto de vista, às interpretações e atitudes do outro, constituindo-se numa fonte de possibilidades de transformação e de criação cultural.

O conceito de tolerância se coloca cada vez mais na pauta de discussão porque a intolerância com a diferença tem sido recorrente na história e ainda hoje nas sociedades. Inegavelmente estamos caracterizados pela diferença e, no entanto, parece que não sabemos tratá-la. A humanidade deveria não mais permitir nenhuma manifestação de intolerância com o diferente, pois a intolerância não é apenas questão de não tolerar as opiniões divergentes; ela é agressiva e com frequência assassina no seu ódio à diversidade alheia.

A tolerância surgiu historicamente como uma luta contra a intolerância, e, como as lutas contra as discriminações que vieram depois – o movimento negro, o movimento feminista – tem uma atitude clara de militância, não é uma atitude primeira. É, antes, uma reação contra uma situação dada; contra a intolerância; é a defesa de um direito humano dos mais sagrados; o direito à diferença. (MENEZES, 1997:42).

O conceito de tolerância se firma como uma resposta possível contra a intolerância à diferença. Para além de um jogo de palavras, a bandeira da tolerância é a luta por negar a possibilidade de ser negar a diferença. Sendo assim, é fundamental que ao tratarmos de tolerância, pensemos na natureza, nas causas e nas consequências de intolerância.

A tolerância religiosa exige que cultos diferentes convivam entre si. Cada um terá “certeza” de que está com a verdade ao seu lado, que conhece o único caminho da salvação, mas é crucial que as escolhas dos demais sejam toleradas. O pecado, apenas por ser pecado, nunca deve ser punido pelo magistrado. LOCKE (1980) diz: “Mesmo os pecados da mentira e do perjúrio em nenhum lugar são puníveis pelas leis, exceto nos casos em que a verdadeira baixeza da coisa e a ofensa contra Deus não são consideradas, mas somente a injúria cometida contra os vizinhos e contra a comunidade”.

A intolerância diante do diferente tem imposto uma quantidade de maus-tratos e massacres impiedosos a grupos que sustentam um estigma, um suposto sinal vergonhoso e socialmente rejeitado. A intolerância mais perigosa é exatamente aquela que surge na ausência de qualquer doutrina, acionada por pulsões elementares. Por mais contraditório que pareça, o intolerante não pode ser tolerado. A tolerância não tem limites. No entanto, não há como escapar do fato de que numa sociedade plural que se queira manter assim o intolerante não poderá estufar o peito e defender o ataque ao diferente como um direito seu. A intolerância tem limites e o mais claro deles é o ódio à diversidade alheia, a intolerância.

4.3. A TOLERÂNCIA ENQUANTO VIRTUDE

Quanto à intolerância com a diferença que se expressa claramente em forma de preconceito, discriminação e violência, torna-se recorrente em nossas sociedades. Assim, torna-se evidente e justificável a urgência e a necessidade de se entender o conceito de tolerância como virtude e como atitude moralmente exigíveis de nosso tempo. O preconceito e a discriminação se expressam violentamente contra as diferenças que nos constituem dignamente enquanto humanos.

Iniciamos o século XXI marcados pelo terrorismo cruel e pela disputa de poder. Os atentados a Nova York em 2001, as guerras do Afeganistão em 2002 e do Iraque em 2001, os ataques terroristas aos trens de Madrid em 2004 e aos ônibus de Londres em 2005 demonstram como o clima tenso de choque de interesse está orientado pelo desconhecimento total do outro, pela não aceitação de outras possibilidades de organizar a sociedade, a política e a religião.

Assim KRONBAUER (2009), como os filósofos pré-socráticos e a filosofia grega em geral buscaram encontrar o elemento que está na origem de todas as coisas, a tradição judaico-cristã identificou esse elemento com a própria divindade. (p. 32). "Durante muito tempo, a idade média foi o sinônimo de trevas, violência, atrocidades, entre outras coisas. Mas, chegou o iluminismo que começou a mudar o coração dos homens. As transformações surgiram, as fogueiras desapareceram, e houve um novo tempo. As pessoas estão cada vez mais intolerantes, e a violência tem aumentando, custando muitas vidas, trazendo dor e sofrimento. É preciso enfrentar esta realidade, e divulgar cada vez mais que o único caminho para a convivência pacífica entre as pessoas e os povos é a tolerância, pois caso contrário, estaremos mais uma vez caminhando para guerras e convulsões sociais".

Este aspecto de conjuntura mundial – guerra, terrorismo, confronto de culturas, intolerância com o diferente, medo do outro convida a uma reflexão sobre um novo mundo é possível. É bem verdade que o confronto, o conflito, a disputa, a guerra entre nações e grupos e mesmo dentro de uma mesma nação ou grupo, sempre estiveram presentes na história da humanidade. O contexto nacional ANDRADE (2009) também não tem sido alentador no que se relaciona ao respeito à diferença. O Brasil da democracia racial, da liberação sexual e da integração nacional também é do Brasil do racismo nada sutil, da perseguição aberta aos homossexuais, dos óbitos de mulheres assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros, da humilhação pública dos nordestinos ou de setores pobres da população. (p. 27)

Nesse sentido, urge a busca de alternativas no campo social, político, religioso, econômico e educacional para a construção de novas propostas que visem formar sujeitos comprometidos com o valor da tolerância e respeito à diversidade.

4.4. TOLERÂNCIA: DO ILUMINISMO A RENASCENÇA

A questão mais grave talvez resida exatamente onde muitas pessoas não se escandalizam mais com fatos de intolerância. Tudo parece normal. O trágico dessa realidade é que estamos nos acostumando cotidianamente com o horror intolerante. Parece que foi perdida a capacidade de se indignar, de se revelar. É verdade também que, aqui e acolá, os assuntos surgiam com alguma indignação, mas a indiferença tem sido a mais recorrente e pior resposta que estamos dando à intolerância assassina.

Foram os livres pensadores, adeptos de iluminismo, que “mobilizaram a opinião pública contra os horrores da intolerância, proclamaram o direito sagrado de discordar, de

guiar-se por sua consciência e por sua razão, e não mais pela religião oficial do Estado”.

A defesa da tolerância é resposta indignada à tolerância cotidiana, que vem sendo pouco a pouco naturalizada, como algo comum, normal e corriqueiro. Se há apatia e indiferença não é naqueles que defendem que minimamente se respeite às diferenças através de uma postura tolerante. Assim, reafirmo: tolerar não é ser indiferente, mas sim levantar com indignação a bandeira da valorização da diferença. Defender a tolerância é combater a intolerância e, mas do que isso é também uma tentativa de superar o clima de apatia e de acomodação diante da violência presente na sociedade.

A tolerância não é bela indiferença com o outro, mas sim um convite para a saída da indiferença, do desinteresse, da apatia. Tais questões e temáticas justificam como válidas uma investigação sobre o conceito de tolerância e sua validade para o campo educacional.

A tolerância é filha da Modernidade. No entanto, talvez o termo Modernidade seja um dos mais complexos no campo das ciências humanas e sociais. Liberalismo político, mercantilismo econômico, ética individualista, subjetivismo epistemológico e racionalismo científico são alguns dos termos que acompanham e definem essa época. O fato é que esses fenômenos e acontecimentos revolucionaram para sempre a história da humanidade. Foi um tempo de mudanças que deu um ritmo mais acelerado para as mudanças futuras.

Na prática, o que se percebia era a dissolução da ordem feudal, a contestação ao poder temporal a Igreja, um profundo cisma religioso dentro da cristandade, o combate às monarquias absolutistas, a intensificação do comércio, as grandes descobertas marítimas absolutistas e a ascensão de dois novos sujeitos coletivos: a burguesia e o proletariado. Esse período cheio de revoluções, reformas e inovações (a Renascença, a Reforma Protestante, a Revolução Industrial, a Nova Ciência e a Revolução Francesa), em última instância é um período de ruptura com a tradição, com o saber revelado e com uma série de instituições que se viam desacreditadas após séculos de pleno domínio.

O Iluminismo se refletiu a partir do pensamento europeu aproximadamente no século XVIII, o chamado Século das Luzes. O movimento defendia a liberdade religiosa da época nos ambientes escolares de ensino, uma vez que nesse século já presenciavam casos que geravam violência por conta a religião. Nessa perspectiva, o uso da razão era a melhor proposta para alcançar a liberdade em busca de uma educação para o povo. *grifo nosso*

Os grandes instrumentos da Ilustração foram o conhecimento, a ciência e a educação, tendo em vista que o movimento tinha como objetivo capital formar as consciências de maneira livre, autônoma e individual. Importa não esquecer que a Ilustração visava expandir a crítica à tradição, à religião, à monarquia, ao feudalismo e a qualquer outra

autoridade que não pudesse se justificar racionalmente e que necessitasse recorrer ao medo, à superstição e à força para se impor. Não há dúvidas, então, de que a Ilustração tinha um projeto educacional e ético declaradamente emancipador.

Quanto à concepção filosófica de tolerância, no entanto, cumpre retroceder um pouco mais no tempo e identificar algumas raízes do conceito. Faz-se necessário ir à Renascença encontrar alguns sinais que já indicavam uma reflexão sobre o tema, alguns embriões que a partir do humanismo renascentista ganharão posteriormente com Locke e Voltaire, uma forma mais definitiva na Ilustração.

Nesse sentido, KRONBAUER (2009), tolerar é reconhecer o outro como sujeito de direitos. A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas. “A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro”. (p. 33)

Analisando a tolerância e intolerância, pode-se dizer que enquanto a intolerância é exclusão a tolerância é partilha que a intolerância vem da ignorância, do medo, da cegueira, e a tolerância vem do conhecimento, que implica aceitação, que a intolerância é apropriação total da verdade e a tolerância é a aceitação do erro.

4.5. BREVE CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DO RECONHECIMENTO

Após o pensamento livre dos seguidores da corrente iluminista, houve reivindicações sobre o discurso da intolerância e o direito de discordância pela razão e não como religião estatal. A teoria do reconhecimento parte de um conceito filosófico, inspirado pelo alemão Anerkennung, onde o termo representa o sentido cognitivo das relações intersubjetivas do sujeito. Axel Honneth é o representante da tradição da teoria crítica da Escola de Frankfurt.

A teoria do reconhecimento busca trazer novas formas do conhecimento a uma necessidade multidisciplinar, principalmente a fim de buscar entendimento das religiões de matriz africana, por exemplo, que é um dos focos do estudo em questão. Desse modo, alguns aspectos da política actual estimulam a necessidade, ou, por vezes, a exigência, de reconhecimento. Pode-se dizer que a necessidade é, no âmbito da política, uma das forças motrizes dos movimentos nacionalistas. E a exigência faz-se sentir, na política de hoje, de determinadas formas, em nome dos grupos minoritários ou ‘subalternos’, em algumas

manifestações do feminismo e naquilo que agora, na política, se designa por ‘multiculturalismo’.²⁷

McLaren e Giroux, (2000) apontam não só que o conhecimento é uma construção social por excelência, que é simbolicamente construído pela mente e o corpo, através de interações que levam em conta os contextos culturais, políticos e históricos. Essas interações podem ser então assim definidas pelo contexto sociocultural em que o indivíduo fora criado e estimulado, o que refletira em sua personalidade quando adulta.

Na perspectiva iluminista a tolerância esta impregnada na humanidade, como um campo que apresenta complexidade nas ciências. Interpretar a realidade a partir de uma única categoria da *dependência absoluta*, o reconhecimento, ou melhor, a luta pelo reconhecimento. Saavedra & Sobottka (2008), destaca esta categoria designa a primeira fase do desenvolvimento infantil, na qual a mãe e o bebê se encontram num estado de relação simbiótica. A carência e a dependência total do bebê e o direcionamento completo da atenção da mãe para a satisfação das necessidades da criança fazem com que entre eles não haja nenhum tipo de limite de individualidade e ambos se sintam como unidade (Honneth, 2003, p. 160s).

Frente a essas questões sociais e as relações de dependência, conforme exemplificado anteriormente as mudanças sociais que atualmente estão ocorrendo, necessita-se de uma política voltada para igualdade e de identidade. SANTOS (1995, p. 41): “temos direito a ser iguais sempre que diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre a que igualdade nos descaracteriza”.

Essas inferioridades provem de uma atitude agressiva de não vê o outro como ser igual, como ser de direitos e deveres. O ato provocativo que gera intolerância, especificamente religiosa foi e ainda é e continua sendo em busca da luta pelo reconhecimento desses indivíduos na sociedade.

Imaginando-se, que há relação entre reconhecimento e identidade, esta concebida como a maneira com que alguém se vê e se percebe como ser humano, o autor faz a seguinte constatação: “A tese consiste no facto de a nossa identidade ser formada, em parte, pela

²⁷ TAYLOR, Charles. (Org.). **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 45. Disponível em: <http://unisinis.br/blogs/ndh/2014/12/15/a-politica-de-reconhecimento-de-charles-taylor-para-uma-cultura-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 11 mai de 2018.

existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento *incorrecto* dos outros.”²⁸ Ele argumenta que essa inexistência de reconhecimento ou o reconhecimento incorreto por parte da sociedade e de outros membros da comunidade em que o indivíduo está inserido constituem uma forma de agressão, afetando negativamente sua identidade, “reduzindo a pessoa a uma maneira de ser falsa, distorcida, que a restringe.”

Essa identidade que gradativamente vai sendo construída interfere nas relações sociais desse indivíduo, que além de vitimizado é violado em todas as circunstâncias. Esse reconhecimento vem de uma série de transformações que ocorre na sociedade em busca de uma articulação das relações multiculturais das políticas de igualdade.

O autor argumenta que, por exemplo, nas sociedades patriarcais, as mulheres eram levadas a adotar uma visão depreciativa de si próprias, sendo que, quando as barreiras reais impostas às mulheres deixavam de existir, elas ainda demonstravam certa incapacidade de aproveitar as novas oportunidades que surgiam. O mesmo ocorre com os negros, a quem foi imposta uma visão depreciativa e de inferioridade incorporada por alguns indivíduos e determinante para suas dificuldades para prosperar. “Nesta perspectiva, a sua auto depreciação torna-se um dos instrumentos mais poderosos da sua própria opressão.”²⁹ O mesmo se argumenta no relativo aos indígenas e os povos colonizados, aos homossexuais, a religiões entre outros fatores.

Em relação ao Iluminismo que prezava pela liberdade religiosa naquele período, a teoria do reconhecimento vem buscar através dessas lutas e dos movimentos sociais pelo âmbito das políticas de identidade e igualdade que todos devem ser tratados com respeito, independente de classe, raça, etnia, gênero e religião. O autor indica: “Perante estas considerações, o reconhecimento *incorrecto* não implica só uma falta do respeito devido. Pode também marcar as suas vítimas de forma cruel, subjugando-as através de um sentimento incapacitante de ódio contra elas mesmas.”³⁰ Desse modo, argumenta o autor que a necessidade do devido reconhecimento e o respeito são necessidades humanas vitais.

No movimento do chamado Século das Luzes, já era visível os casos que incitavam a violar o credo religioso e uso da razão era agiria ponto libertador e na teoria do reconhecimento, a luta pela igualdade e identidade. O autor aduz que a democracia introduziu

²⁸ Id. 1998, p. 45.

²⁹ Id. 1998, p. 46.

³⁰ Id. 1998, p. 46.

a política de reconhecimento igualitário, que assumiu diversas formas durante os anos, agora retornando à discussão, também na esfera pública, sob a forma de “exigências de um estatuto igual para as diversas culturas e para os sexos.”³¹

CUCHE (1999, p. 198), do mesmo modo, é importante não só reconhecer as diferenças, mas diferenciar entre as que inferiorizam e as que não inferiorizam, no contexto relacional em que elas se encontram. Outro obstáculo com o qual se precisa conviver é a complexidade da própria política de identidade, pois esta se “constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente”.

O autor afirma que conhecimento e o reconhecimento são relações paradigmáticas do ponto de vista epistemológicas e desconhecidas, uma vez que compara o colonialismo, como ponto de conhecimento, a solidariedade. Somente diante desses pressupostos, a solidariedade poderá se tornar efetiva.

A configuração do contexto político no qual se dão as lutas pelo reconhecimento vai em direção da concepção discursiva de democracia, ou seja, o reconhecimento como ampliação do paradigma da comunicação não apenas no sentido da racionalidade voltada para o entendimento, mas, como noção das condições do reconhecimento.

Os discursos assim são agentes influenciadores dos sujeitos sociais, e na busca de promover uma linguagem crítica a fim de auxiliar os sujeitos a tornarem-se convictos de meio, de sua identidade, é desafiando as imagens e as linguagens que congelam e discriminam aqueles percebidos como “diferentes”. A linguagem ou diálogo por assim dizer, deverá fornecer elementos de superação no que concerne a questões identitárias, notáveis em cada construção.

³¹ Id. 1998, p. 48.

5. A TOLERÂNCIA NO CURSO DO PROCESSO CIVILIZADOR

Efeitos do processo civilizacional ocidental vêm sendo discutido nesse capítulo, precisamente no Projeto de Pesquisa para o Mestrado em curso como suporte para a ideia de Tolerância e Intolerância Religiosa. Essa ponte se faz necessário para compreender a sociedade plural em que vivemos e sua origem. Os costumes, os modos de viver e se portar a mesa, as regras de etiqueta, a educação, suas normas e os modos de se vestir evidencia uma cultura que fazemos parte, porém são parâmetros ocidentais, presentes em nosso cotidiano, e que fazem parte desse processo civilizador em curso.

Através de Elias, poderemos analisar, a partir de seus escritos, como a sociedade veio se organizando com a imposição de regras e costumes. Portanto, este capítulo apontará o conceito de cultura e sociedade para melhor exemplificar as transformações que a sociedade veio passando através de um período histórico e costumes europeus instituídos e que até hoje ainda são notáveis em certas sociedades. Tendo como referência o processo civilizatório, teoria levantada por Norbert Elias, fazemos algumas indagações: A sociedade está pronta para a discussão da tolerância/intolerância? Como ela está se posicionando a partir dos fatos históricos demarcados? Como denominação ainda política que a Igreja Católica exerceu e ainda exerce em nosso país, será que ela seria a principal revolucionária da intolerância mundial?

A questão da importância da sociologia empírica no trabalho desenvolvido por ELIAS, 1994, (p. 216-217, vol. 1) pode ser aferida de maneira direta ou indireta. De forma direta, essa questão está posta no primeiro volume do livro O Processo Civilizador (Uma história dos costumes), no momento em que Elias afirma que, quando da elaboração desse trabalho, pareceu-lhe “muito claro que estava lançando os alicerces de uma teoria sociológica não dogmática, empiricamente baseada”, e que “a prova factual é que nos interessa aqui”.

Muito se debate o respeito da importância de se discutir acerca da tolerância/intolerância. Em seu modo geral, poderá ter sido fortalecida através desse processo de civilização a qual estamos submetidos, principalmente em um contexto que somos socialmente envolvidos pelos costumes de nossos antepassados, pela auto regulação e autocontrole. A intolerância por vezes pode ferir a nossa personalidade, causando algum constrangimento ou sentimento de vergonha? A partir da teoria eliseana, iremos observar a tolerância no curso do processo civilizador.

Segundo BOBBIO (1992) no século XVI precisamente, foi resultado de guerras religiosas entre católicos e protestantes, demanda dos nascentes Estados europeus a formulação de leis para promover e regulamentar a intolerância e a liberdade religiosa por meio de diversos arranjos institucionais, visando garantir a paz. (p. 203)

Na teoria eliasiana um dos pontos iniciais é mostrar a impossibilidade de pensarmos os conceitos de indivíduos e de sociedade como duas categorias separadas ou antagônicas. A necessidade de compreender a civilização a partir do pluralismo parte de um diálogo inter-religioso a partir das ideias de estudiosos que refletem sobre essa temática.

Na análise eliasiana, no que se refere ao termo cultura há uma relação próxima, a partir de seu significado de origem, com o termo civilização, e ELIAS (1994) aborda os dois conceitos em sua obra, já que seu foco central foi o estudo do processo civilizador. Para ele o conceito de civilização tem sua origem na consciência que o indivíduo ocidental adquire de sua superioridade científica e cultural sobre a de outras nações, sendo expressa principalmente através de seus costumes e comportamentos.

Para entender melhor sobre o pluralismo em uma perspectiva cultural se faz necessário compreender os conceitos de cultura, religião e sociedade. Entendemos que, o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado, reflete o conhecimento e as experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. E com o passar do tempo o ser humano vai transformando e inovando o seu patrimônio cultural. Para CORRÊA (2008) a cultura tem o poder de enraizar o sujeito em modos de vida, em modos de ser que os sujeitam as práticas, aos comportamentos. Dessa forma, pode-se afirmar que a cultura é um dos aspectos que mais marcam um povo, revela sua identidade.

ELIAS (1990) em sua Obra *Introdução a Sociologia* analisa o sentido que cada um tem da sua identidade está estreitamente relacionado com as «relações de nós» e de «eles» no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos por «nós» e «eles». Contudo, os pronomes nem sempre se referem às mesmas pessoas. As configurações a que habitualmente se referem podem mudar no decurso de uma vida, tal como uma pessoa muda. Isto é verdadeiro não só para todas as pessoas consideradas. (p.139)

Em *Sociedade dos Indivíduos*, ELIAS (1994) afirma que os conceitos que influenciam decisivamente o pensamento e os atos das pessoas que crescem na esfera delas, fazem com que o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes. (p.07)

Ao contrário ANDRADE (2009) do que se pensa comumente, educar para a tolerância não é pouco. É sim o fundamental, se é que queremos construir e manter uma sociedade plural, porque ela independe da tolerância. E talvez seja ainda mais necessária e produtiva do que se imagina inicialmente, pois busca intervir em nossos valores e atitudes como mínimos de justiça, moralmente exigível.

O estudo do fenômeno religioso JUNQUEIRA (2007) desencadeia o respeito à tolerância para com o diferente. O diálogo construído a partir do diferente, a partir dos opostos, ou seja, a partir de discursos opostos que se estruturam e se respeitam dentro da diversidade de crenças e multiplicidade das culturas.

ERASMO (1469-1536), especialmente nas duas obras destinadas à educação do filho de um príncipe “*De Pueris*” e “*Civilidade Pueril*”, nas quais procura ensinar como a criança deve se comportar no convívio social amplia essa visão de cultura nesses conceitos de uma educação voltada para se viver em sociedade. Essas duas obras, ou manuais, tinham como objetivo mostrar que o comportamento social necessita de polidez, etiqueta e requinte, características ainda vistas e priorizadas em teorias do comportamento humano e instituídas com mais rigorosidade nos ambientes educacionais de ensino, pela forte pressão social e política que representam.

Para compreender melhor essa pluralidade se faz necessário remeter-se aos estudos de Nobeit Elias que apresenta esses conceitos a partir da sua obra *O Processo Civilizador* estabelecendo uma discussão dos conceitos de cultura (*Kultur*) e civilização. Erasmo de Rotterdam em seu manual que serviu como instrumento de análise de Elias, apresentando em sua Obra *A Civilidade Pueril* nesse mesmo processo cultural oriundo desde a primeira infância às transformações dos costumes medievais à mesa, retratado desde a Idade Média e que ainda repercute na Idade Moderna. Já em *Sociedade dos Indivíduos* é apresentado conceitos sobre “sociedade e indivíduo”, em certos aspectos dos seres humanos. Além disso, oferece instrumentos para refletir sobre as pessoas e observá-las em uma perspectiva emancipadora como forma de liberdade do pensamento resultante de uma postura crítica diante a pluralidade.

5.1. O CONCEITO DE *CIVILITÉ* E *KULTUR*

O conceito de *civilité* ELIAS (1994) adquiriu significado para o mundo Ocidental numa época em que a sociedade cavaleirosa e a unidade da Igreja Católica se esboroavam. É a encarnação de uma sociedade que, como estágio específico da formação dos costumes

medievais, ou “civilização”, não foi menos importante do que a sociedade feudal que a procedeu. O conceito de *civilité*, também, constitui expressão e símbolo de uma formação social que enfeixava as mais variadas nacionalidades, na qual, como na Igreja uma língua comum é falada, inicialmente o italiano, e em seguida, cada vez mais, o francês. (p.67)

Ao processo de civilização ELIAS (1994) aponta que: “A civilização que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Todas as características distintivas que lhe atribuímos – a existência de maquinaria, descobertas científicas, formas de Estado, ou o quer que seja – atestam a existência de uma estrutura particular de comportamento”. (p. 76)

Elias utiliza dois pontos classificados por ele como empíricos presentes nas relações sociais: a história dos costumes dos homens na vida cotidiana e a formação dos chamados Estados nacionais, sendo que ambos os aspectos podem ser compreendidos como interdependentes. Assim, Elias aponta que a definição de civilização é entendida como um processo contínuo, não acabado e sem a possibilidade de definição de uma única causa, algum tipo de ponto inicial a qualquer tipo de relação que envolve a civilização.

A partir do desenvolvimento do conceito de *civilité* e seu significado, foram atribuídos novos conceitos adotados pela sociedade a um curto tratado da autoria de Erasmo de Rotterdam, *De civilitate morum puerilim (Da civilidade em crianças)* precisamente em 1530. Em seu tratado, Erasmo deu nova nitidez e força a uma palavra muito antiga e comum, *civilitas*.

Diz ELIAS (1993) na introdução que a arte de educar jovens envolve disciplinas, mas que a *civilitas morum* é apenas uma delas, e não nega que ela é *crassíssima philosophiae pars (a parte mais grosseira da filosofia)*. Este tratado reveste-se de uma importância especial menos como fenômeno ou obra isolada do que como sintoma de mudança, uma concretização de processos sociais. Acima de tudo, é a sua ressonância, a elevação da palavra-título à condição de expressão fundamental de auto-interpretação da sociedade europeia, que nos chama a atenção para o tratado. (p. 68-69)

O tratado de Erasmo aborda de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade e acima de tudo, embora, não exclusivamente, “do decoro corporal externo”, dedicado a um menino nobre, filho de príncipe, e escrito para a educação de crianças. ELIAS (1993) com o mesmo infinito cuidado e naturalidade com que essas coisas são ditas, a mera menção das quais, choca o homem “civilizado” de um estagio posterior, mas de diferente formação afetiva, somos ensinados a como sentar ou cumprimentar alguém.

São descritos gestos que se tornaram estranhos para nós, como, por exemplo, ficar de pé sobre uma perna só. (p.70)

Com grande cuidado, Erasmo delimita em seu tratado toda a faixa de conduta humana, as principais situações da vida social e de convívio. Com a mesma naturalidade fala das questões mais elementares e sutis das relações humanas. Erasmo ainda diz que mesmo esses sentimentos dominantes no valor de “bárbaro” ou “incivilizado” que ocultam e restringem as pessoas causam desconforto, mal-estar e até mesmo repugnância por parte de sociedades, que chamamos de “não-civilizadas”, precedida pela precondição.

Nosso comportamento avança com o desenvolvimento da sociedade. Esses conceitos, porém aprendem a mudança de forma excessivamente estática e grosseira. Na verdade, nossos termos “civilizado” e “incivil” não constituem uma antítese do tipo existente entre o “bem” e o “mal”, mas representam, sim, fases em um desenvolvimento que, além do mais, ainda continua. (Idem, p.72,73)

A “civilização” que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos. Resta saber se a mudança em comportamento, no processo social da “civilização” do homem, pode ser compreendida pelo menos em fases isoladas e em seus aspectos elementares, com qualquer grau de precisão. (Idem, p.73)

Norbert Elias analisou o uso dos termos *cultura* e *civilização*, principalmente nas nações francesa e alemã, a partir do século XVIII. O termo *civilização*, *Zivilisation*, para os alemães, significava algo útil, a aparência externa de seres humanos, a superfície da existência humana. Já para os franceses *civilização* possuía um significado diferente, estando relacionado ao orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade, ainda se referindo a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais.

Porém, para os alemães, *cultura* (*Kultur*), expressava o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, aludindo a fatos intelectuais, artísticos e religiosos, distinguindo-se nitidamente de fatos políticos, econômicos e sociais. De acordo com ELIAS (1994, p. 24) *cultura* encontra sua expressão em seu derivado *kulturell*, que descreve o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa; não alude diretamente às próprias pessoas, mas exclusivamente às realizações humanas peculiares. O conceito de *kultur* delimita. Dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos. Principalmente em virtude disto, o conceito adquiriu em

campos como a pesquisa etnológica e antropológica uma significação que vai muito além da área linguística alemã e da situação em que se originou o conceito. (1994, p.25)

ELIAS (1994, p.25) explica que enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: — Qual é, realmente, nossa identidade? A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico. (1994, p.25)

Já o termo *Kultiviert*, também derivado de cultura, significa cultivado, aproximando-se muito do conceito ocidental de civilização, representando a forma mais alta de ser civilizado, a forma da conduta ou comportamento da pessoa, ainda se referindo à qualidade social das pessoas, suas habitações, suas maneiras, sua fala, suas roupas.

No entanto, para ele o emprego dos termos civilização e cultura (*Kultur*) estão relacionados com seus usos na língua francesa, inglesa e alemã. Elias busca a desconstrução desses dois conceitos, para melhor compreendê-los, no início da década de trinta. GEBARA (2005), Cultura e civilização são conceitos que tiveram sua origem nos processos de competição no interior das classes médias e altas europeias, com o objetivo de identificar seus próprios comportamentos e simbolizar uma autoimagem construída a fim de afirmar uma superioridade tecnológica, política e educacional (p.116).

Conseqüentemente, a sociedade contemporânea, está pronta para a discussão da tolerância e intolerância? As regras instituídas como civilizadas pela sociedade alemã nessa perspectiva ainda influencia nos costumes de hoje? Há tolerância em aceitar outra sociedade que apresenta regras e costumes sociais distintos aos quais fomos educados? Pelo o que presenciamos ao longo da história a sociedade veio evoluindo nessa discussão à medida que a mesma veio se transformando no avanço da pluralidade como um todo, seja no modo religioso, social e cultural.

5.2. A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA VERGONHA

A obra de ELIAS (1994), “*Sociedade dos Indivíduos*” apresenta uma análise sobre o tema “sociedade e indivíduo”, e dar ênfase a relação de interdependência. Dessa maneira, o estudo oferece essa compreensão a partir da sociedade em que vivemos e como lidar com

suas regras e leis civis, o que torna o cidadão um ser mais pacífico e tolerante.

A análise de Norbert Elias nos permite compreender a forma como as transformações sociais ocorrem ao longo do tempo e perceber que determinadas condutas e instituições sociais são construções humanas e que não devem ser naturalizadas. Sobre indivíduo e sociedade, no curso do processo civilizador que se estende por inúmeras gerações, numa determinada direção observável, o limiar de vergonha e constrangimento os acompanha.

Tal situação ocorre, pois há de entender que as pessoas de uma geração posterior ingressavam na sociedade numa fase posterior. ELIAS (1994) ao crescerem como indivíduos, tinham que se adaptar a um padrão de vergonha e constrangimento, em todo o processo social de formação de consciência, posterior ao das pessoas das gerações precedentes. (p. 08). O repertório completo de padrões sociais de auto regulação, que o indivíduo tem que desenvolver dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, é específico de cada geração e, por conseguinte, num sentido mais amplo, específico de cada sociedade.

O modelo dessa auto regulação configurada como autocontrole se relaciona ao padrão pelo qual são moldadas as paixões e o comportamento humano, o que varia muito de acordo com a função social desempenhado pelo indivíduo nessa cadeia e em diferentes setores do mundo ocidental, variações de intensidade e estabilidade nas funções e relações sociais e institucionais que parecem, à primeira vista, muito grandes. *grifo nosso*

O declínio alterna-se com a ascensão, a guerra com a paz, às crises com os surtos de crescimento. Sobre o indivíduo, até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe.

É através da educação que ainda somos moldados em nossas reflexões e conduta. Uma vez que os conflitos religiosos são oriundos de violência que possam gerar intolerância a religião, práticas e manifestações culturais de uma determinação crença. O que evidencia os principais fatos históricos demarcados na sociedade desde a historicidade que refletia em guerras até a contemporaneidade.

Um exemplo disso foi que, no início da Idade Média houve um contrato social com base em eleições, atual rede funcional complexa que emergiu e no Ocidente ligaram as pessoas como padres, cavaleiros e escravos. No Ocidente, as pessoas não se reuniram, num determinado momento, como que vindas de uma situação desprovida de relações, para,

através de uma votação expressando a vontade da maioria, decidirem distribuir, de acordo com o esquema atual, funções como as de comerciante, diretor de fábrica, policial e operário.

Assim, ELIAS (1994) a rede de funções interdependentes pela qual as pessoas estão ligadas entre si tem peso e leis próprios, que deixam apenas uma margem bem circunscrita para compromissos firmados sem derramamento de sangue e toda eleição majoritária é, em última análise, um acordo desse tipo. (p. 22-23)

Em virtude dessa inerradicável interdependência das funções individuais, os atos de muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade complexa quanto a nossa, precisa, vincular-se ininterruptamente, formando longas cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades. Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais”. (Idem. p.23) A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a “sociedade”.

A criança não é apenas maleável ou adaptável em grau muito maior do que os adultos. Ela precisa ser adaptada pelo outro, precisa de sociedade para se tornar fisicamente adulta. (ELIAS 1994:30)

A criança é um ser suscetível à adaptação, está em processo de formação, do desenvolvimento psico-sociocultural e vai sendo moldada, para uma sociedade que conviva com a diversidade seja ela em qualquer esfera.

E mais, a maneira como a sociedade promove a adaptação do indivíduo a suas funções adultas acentua, com muita frequência, a cisão e a tensão internas a seu psiquismo. (ELIAS 1994:32)

Há de entender que o comportamento humano é influenciado pelo social conforme a adaptação do meio. O controle das emoções/instinto em nossa perspectiva seguindo a ponte de Elias evidencia que a conduta humana se dar através de relações perpassadas pelo laço cultural. Dessa maneira, fica muito mais vulnerável estabelecer ou criar certos limites

ao adulto do que moldar o comportamento da criança ainda em formação.

ELIAS (1994), o avanço da divisão das funções e da civilização, em certos estágios, é crescentemente acompanhado pelo sentimento dos indivíduos de que, para manterem suas posições na rede humana, devem deixar fenecer sua verdadeira natureza. (p.33). Eles se sentem constantemente impelidos pela estrutura social a violentar sua “verdade interior”. Sentem-se incapazes de fazer o que mais se ajusta a suas faculdades ou de se transformar no que realmente queriam vir a ser.

Na expressão que Elias refere-se: *“se sentem constantemente impelidos pela estrutura social a violentar sua “verdade interior”*, acreditamos que essa expressão se dá a partir do conceito de tolerância representada ou ações que o indivíduo consegue controlar, talvez pelo ambiente social inserido ou mesmo devido a padrão tradicional de sociedade ainda que vivemos. Ele pode ser inibido a não ser intolerante em sua conduta ao sentir-se motivado de agredir alguém ou mesmo praticar algum ato violento por conta das represálias da sociedade e receio de punição quanto às leis civis.

Uma concepção bastante aceita da relação entre indivíduo e sociedade expressa de maneira particularmente vivaz esse estágio de desenvolvimento. Assim compreendemos que essa “cela” enfatizada por Elias reitera a discussão do penúltimo parágrafo, uma vez que sua forma de libertação social a qual deveria vivenciar está aprisionada dentro da estrutura social que está inserido. O indivíduo inserido na sociedade nem sempre vive conforme seus desejos sejam eles liderados por fantasias, atitudes e vontades, mas se sente impelido a se reprimir para não ser atacado ou mesmo incompreendido.

Similarmente, a fala do outro desenvolve na criança em crescimento algo que lhe é inteiramente próprio, uma linguagem que é inteiramente sua e que, ao mesmo tempo, é um produto de suas relações com os outros, uma expressão da rede humana em que ela vive.

Do mesmo modo, as ideias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter produzem-se no indivíduo mediante a interação com os outros, como coisas que compõem seu “eu” mais pessoal e nas quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. (ELIAS 1994, p.35-36)

O que molda e compromete o indivíduo dentro do cosmo humano, e lhe confere todo o alcance de sua vida não são os reflexos de sua natureza animal, mas a inerradicável vinculação entre seus desejos e comportamentos e os das outras pessoas, dos vivos, dos mortos e até, em certo sentido, dos que ainda não nasceram, em suma, sua dependência dos outros e a dependência que os outros têm dele, as funções dos outros para eles e suas funções

para outros.

ELIAS (1994) quanto mais essa divisão avança numa sociedade maior é o intercâmbio entre as pessoas, mais estreitamente elas são ligadas pelo fato de cada uma só poder sustentar sua vida e sua existência social em conjunto com muitas outras. (p.44). Mas, como os seres humanos podem ajustar-se uns aos outros nessa medida, e, além disso, precisa dessa adaptação, a rede de suas relações, sua sociedade não se pode compreender em termos de indivíduos singulares, como se cada qual formasse, antes de tudo, um cosmo natural e autônomo.

Ao contrário, o indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros. A estrutura e a configuração do controle comportamental de um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos dependem da estrutura das relações entre os indivíduos.

Em certos estágios, os instrumentos de violência à disposição de alguns podem permitir-lhes negar aos outros aquilo de que estes precisa, para garantir e efetivar sua existência social, ou mesmo ameaçá-los, subjuga-los e explorá-los constantemente; ou então as metas de alguns podem realmente exigir que se destrua a existência social e física de outros. (ELIAS, 1994)

A sociedade plural em que vivemos representadas por diferenças sociais, culturais e políticas advém de cultura perpassada desde seu enraizamento a tradições, crenças e costumes. O país está passando por vários momentos delicados no que se refere a religião como intolerância religiosa, demarcado por fortes pressões de lutas, guerras, violências e até mortes, o que presenciamos constantemente em noticiários e manchetes. O que de fato está acontecendo com os indivíduos que não aceitam os costumes e tradições religiosas que diferem das suas? A cultura precisa ser compreendida desde sua historicidade em uma perspectiva emancipadora no processo educativo para que haja respeito, igualdade e acima de tudo tolerância com o diferente.

No processo civilizador pode ser compreendido como uma concepção social e política do “humano” e, como tal, constitui um componente do conceito de cultura tal como é concebido na perspectiva histórico-cultural de que Vigotski é a referência maior.

A cultura e a sociedade deverão agir a partir da relação entre indivíduo que é a parte de um todo maior, que se forma junto com outros. Na realidade, pensam e sentem os expoentes desse ponto de vista, “não existe sociedade; na realidade, existem apenas indivíduos”. E esse mesmos indivíduos que formam a sociedade estão inseridos no curso desse processo civilizador que impõe valores e condutas desencadeando autocontrole e

níveis de sensibilidade frente ao outro.

Em uma sociedade, há diferenças que se emergem com mais clareza. A vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões. E é partir desse ponto de vista que devemos educar essa sociedade que a cada dia se torna mais plural a partir de uma visão transformadora e emancipadora. A partir dessa visão tendo a cultura e sociedade como aspecto plural, complexo, interdisciplinar e interdependente, deverá ser ressignificada a partir de uma nova linguagem que flagre sua vivência nas múltiplas formas de se viver a partir de suas diferenças dos indivíduos como sociedade e assim sucessivamente.

Em se tratando de religiosidade, tolerância e intolerância, relacionamos essa atitude como um valor cultural perpassada por pais e uma cultura fortemente enraizada e presas a crenças e valores tradicionais fechados que se limitam a religião apenas como uma única verdade. O que esteja fora dos costumes tradicionais, por vezes é classificado como diferente, demoníaco e até mesmo ofensivo a suas regras religiosas. O que precisamos ao curso dessa análise civilizacional é compreender que a criança não é um adulto em miniatura, isso nos faz entender que no processo de transformação na sociedade em que vive, a educação que recebe vai ser essencial para que não venha representar *apriori* um ser violento e agressivo que não seja capaz de respeitar a diversidade.

5.3. A TOLERÂNCIA E AUTOCONTROLE: UM DIFERENCIAL SOCIAL

Discutiremos as relações que fazem parte do contexto sociocultural na perspectiva de compreender melhor a partir de Norbert Elias e Lev Vigotski na perspectiva de compreender a tolerância como autocontrole. Elias por compreender o processo de desenvolvimento da sociedade (sociogênese e psicogênese) e Vigotski, psicólogo construtivista que estudou as relações socioculturais.

Elias aponta que “a maneira como falamos em impulsos ou manifestações emocionais leva às vezes a supor que temos dentro de nós um feixe inteiro de motivações diferentes entre si.” (ELIAS, 1994c, p. 189, vol. 1). Para Elias o poder do autocontrole é exercido como forma de coerção externa para autocoerção, onde representa a transformação de caráter individual, a partir de que os impulsos afetivos e emocionais não são vivenciados como antes nas relações cotidianas. Esse processo de metamorfose transformou a *compulsão externa interpessoal* em *compulsão interna individual*. A partir desse ponto impulsos afetivos foram controlados subjetivamente, impedindo a manifestação de comportamentos violentos em contextos de interação social. Não podemos esquecer, contudo, que os

autocontroles individuais surgiram no âmbito da vida social.

VIGOTSKI (1932/1999a, p.101) aponta que “o mérito de ter demonstrado como os movimentos agudos dos processos emocionais geram mudanças da consciência, as quais relegam a um segundo plano, outras funções que asseguram a vida normal da mesma consciência”. Estudar o processo das emoções a partir de Vygotsky é um desafio, seja pela abrangência e persistência do tema, perpassa de toda a sua produção, seja pela interlocução com os autores nos mais diversos campos e tendências; a busca de compreensão de sua ideia e a análise de suas concepções requer um estudo detido e aprofundado. Assim, nesse trabalho não serão aprofundados a teoria do autor, mas procurará correlacionar esses processos através das mudanças sociais e culturais. A partir desse ponto de vista que se buscará identificar esse processo de autocontrole liderado a partir das emoções.

A teoria do processo civilizador de Elias aponta a sustentação da estrutura do comportamento em civilização estando inter-relacionado com a organização das sociedades ocidentais a partir da formação dos Estados, apresentando uma abordagem de estudo da sociedade e as relações humanas partirem da contribuição da psicologia, sociologia e história. Elias desenvolveu seu pensamento a partir das linhas sociológicas, o conceito de civilização, a relação entre estrutura psíquica e formação dos Estados, a difusão do processo civilizador europeu através da colonização. Trata-se de observar a construção de um modelo interpretativo das interações sociais que tem potencial para abrir novas perspectivas de abordagem historiográfica e de construção de objetos de estudo para aqueles que se debruçam sobre os contextos coloniais gerados pelo expansionismo europeu.

Um dos conceitos principais sobre a teoria sociológica proposta por Elias é o conceito que ele denomina por “configuração”. Tal conceito “refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”, sendo que “as ações de uma pluralidade de pessoas interdependentes interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes, tais como relações de força, eixos de tensão, sistemas de classes e de estratificação, desportos, guerras e crises econômicas”. (ELIAS DUNNING, 1992, p.25-26).

Entender o conceito de configuração remete a uma análise das relações e funções sociais vistas a uma teia de interdependentes defendida por Elias, ligando os indivíduos entre si. Essas formações, Elias denomina como configuração, respeitando cada época histórica, e a um determinado tipo de sociedade a partir de seu contexto histórico, na perspectiva de produção de conjuntos de configurações únicas e específicas. Portanto é pertinente correlacionar sua teoria com o objeto da dissertação, em busca de clarificar a compreensão

do estudo relacionado à configuração social no curso do processo civilizador em uma perspectiva social e cultural, direcionando a tolerância e intolerância.

Assim para ELIAS (1994), essas configurações são resultado “do entrelaçamento de incontáveis interesses e intenções individuais”, os possuam direções convergentes ou divergentes.

O conceito de configuração para o autor é a própria sociedade como um todo, admitindo que dentro dessa configuração maior (o conjunto de todas as relações sociais que formam uma sociedade), encontramos uma série de outras configurações menores (relações sociais entre grupos, classes, etc). (ELIAS, 1994c, p. 140, vol. 2).

As modificações ocorridas nas estruturas das sociedades afetaram a estrutura de personalidade de seres no sentido específico do controle de seus impulsos e paixões, os quais produzem autocontrole quando realizados.

Nessa direção, para subsidiar melhor a teoria do processo civilizador das sociedades ocidentais, Elias afirma que a civilização pode ser entendida como uma mudança no controle das paixões e da conduta, a qual “guarda estreita relação com o entrelaçamento e interdependência crescente das pessoas”. (Ibid., id., p. 54, vol. 2).

Por “configuração”, ELIAS (2004) pretendeu expressar a ideia de que os seres humanos são interdependentes e apenas podem ser entendidos como tal; as suas vidas desenrolam-se e são moldadas por processos dinâmicos próprios em constante fluxo, passando por mudanças de ordens diversas.

ELIAS (1994c, p. 221) descreve “as estruturas de personalidade e da sociedade evoluem em uma inter-relação indissolúvel. Jamais se pode dizer com absoluta certeza que os membros de uma sociedade são civilizados”. Não obstante, pode-se demonstrar sem dificuldade que tal mudança nas estruturas da personalidade é um aspecto específico do desenvolvimento de estruturas sociais. (ELIAS, 1994c, vol. 1).

Para Elias, o controle dos impulsos e das paixões pelo indivíduo é feito através da coação externa (do meio social em que o indivíduo vive, por exemplo) ou através de coação interna. O processo civilizador, apesar de aumentar o autocontrole do indivíduo, seja por pressão externa ou interna, também é “acompanhado permanentemente por tipos de libertação dos mais diversos”, mas é impossível a existência de uma suposta liberdade ‘absoluta’, se por ela entendermos total independência e ausência de qualquer coação social. O que há é libertação, de uma forma de restrição opressiva ou intolerável para outra, menos pesada.

Para BRANDÃO (1994), o objetivo de Elias também é o de explicitar quais os

mecanismos (sociais, históricos, políticos e econômicos) que possibilitam a existência de tais sociedades, bem como as forças de coesão e/ ou as forças de distensão (as quais ele irá chamar de forças centrífugas), que possibilitaram a sucessão, nessa sequência, desses diferentes tipos de sociedades ou configurações sociais. (p. 69)

ELIAS (1994c, p. 185) aponta essa relação dos impulsos, das paixões subsidiada pelo controle das emoções a partir da evolução das sociedades passadas. De modo que “O processo civilizador não segue uma linha reta. A tendência geral da mudança pode ser identificada, como aqui fizemos. Em escala menor, observamos os mais diversos movimentos que se entrecruzam, mudanças e surtos nesta ou naquela direção. Mas, se estudamos o movimento por um longo período, vemos claramente que diminuem as compulsões originadas diretamente na ameaça do uso das armas e da força física, e que as formas de dependência que levam à regulação dos efeitos, sob a forma de autocontrole, gradualmente aumentam.

Esta mudança desponta em seu aspecto mais composto se observamos os homens de classe alta do tempo- isto é, a classe composta inicialmente de guerreiros ou cavaleiros, em seguida de cortesãos e finalmente de profissionais burgueses. Se analisamos ELIAS, (1994c, vol. 1).”. o tecido de muitas camadas do desenvolvimento histórico, contudo, verificamos que o movimento é infinitamente mais complexo. Em todas as fases ocorrem numerosas flutuações, frequentes avanços ou recuos dos controles internos e externos.”.

Ainda sobre a questão do controle das emoções pelas pessoas que viviam na Idade Média, diz Elias: “Quem quer não amasse ou odiasse ao máximo nessa sociedade, quem quer não soubesse defender sua posição no jogo das paixões, podia entrar para um mosteiro, para todos os efeitos. Na vida mundana ele estava tão perdido como inversamente, estaria numa sociedade posterior, e particularmente na corte, o homem que não pudesse controlá-las, não pudesse esconder e ‘civilizar’ suas emoções”. (Ibid., id, p. 198, vol1, aspas no original).

ELIAS (1994c, p. 199, vol. 2). considera que momentos de pacificação na sociedade guerreira, por menores que sejam devem ser observadas que: “Nessa sociedade não havia poder central suficientemente forte para obrigar as pessoas a se controlarem. Mas se nesta região ou naquela o poder de uma autoridade central crescia, se em uma área maior ou menos as pessoas eram forçadas a viver em paz entre si, a modelação das emoções e os padrões da economia dos instintos lentamente mudavam.”.

Segundo ELIAS (1994c, p. 61, vol. 2), o “processo de feudalização nada mais foi do que uma dessas mudanças compulsivas na rede de dependência”. Esse fato reforçava as

forças centrífugas numa sociedade, na qual cada pedaço de terra sustentava seu proprietário. Essa foi a forma simples desses processos, no curso dos quais, em toda a hierarquia da sociedade guerreira, os antigos servidores foram se tornando, em número crescente, proprietários independentes da terra que lhes fora confiada, e os títulos nobiliárquicos, baseados em serviço, tornaram-se designações simples de posição na escala social, em correspondência com o tamanho da propriedade e o poderio militar.

Na corte, ELIAS, (1194c, p. 74-75, vol. 2). procura esclarecer o estágio em que as encontrava o controle das emoções nas sociedades de corte, sem estar sob o domínio de um governante absoluto. Para Elias, os “relacionamentos e as compulsões humanas estabelecidos nesse ambiente não eram tão estritos e contínuos, ou inescapáveis, como mais tarde viriam a se tornar nas cortes absolutistas maiores, que eram muito mais estruturadas por relações monetárias.”.

Um dos motivos comentados por BRANDÃO (1994. p. 78-79) declarado e apontados por Elias para o aumento do autocontrole, se deu a velocidade da competição sobre as diversas funções sociais. Na medida em que a sociedade se diferenciava entre as pessoas, fazendo com que elas, cada vez mais, pautassem a sua conduta e seus hábitos em relações às outras pessoas. Para ELIAS (1194c, p. 195-196, vol. 2) o autocontrole passou a fazer parte da personalidade do indivíduo na medida em que “o controle mais complexo e estável da conduta passou a ser cada vez mais instilado no indivíduo desde seus primeiros anos, como uma espécie de automatismo, uma autocompulsão à qual ele não poderia resistir, mesmo que desejasse.”.

Entender o conceito de configuração remete a uma análise das relações e funções sociais vistas a uma teia de interdependentes defendida por Elias, ligando os indivíduos entre si. Essas formações, Elias denomina como configuração, respeitando cada época histórica, e a um determinado tipo de sociedade a partir de seu contexto histórico, na perspectiva de produção de conjuntos de configurações únicas e específicas. Portanto é pertinente correlacionar sua teoria com o objeto da dissertação, em busca de clarificar a compreensão do estudo relacionado à configuração social no curso do processo civilizador em uma perspectiva social e cultural, direcionando a tolerância e intolerância.

5.4. A AUTOREGULAÇÃO INSTINTIVA E BIOLÓGICA

Esse tópico será remetido à análise social e histórica do indivíduo sobre o viés de Elias e Vigotsky, o que implica voltar o olhar para a sociedade em que o indivíduo se

constitui e compreender os caminhos de sua própria evolução. Na visão de Elias, ele perpassa a investigar o processo civilizador a partir de um estudo que se estende por séculos e Vygotsky diferentemente analisa sobre essas emoções humanas a partir das preposições do materialismo dialético, interligando os pontos da evolução e história.

À medida desse processo que evidencia a ação psicológica dos homens, ELIAS (1994) destaca um distanciamento maior das funções de controle de mecanismos reflexos hereditários e sua aproximação de uma ordem regida por leis sociais, e para a “transformação gradativa e desigual da chamada autorregulação ‘instintiva’ na chamada auto-regulação psíquica” (p. 38).

Dessa maneira, Elias sobrepõe dos seus estudos sobre o processo civilizador que esse autocontrole se torna passível a medida em que somos civilizados ainda quando crianças. A medida do tempo em que atinge a idade adulta, o indivíduo se torna mais controlado à medida que as leis resultam em punições que podem condicionar a punições, o que passa a estabelecer certo equilíbrio de sua vontade instintiva para a psíquica, ocorrendo em longo prazo. Contudo, desse ponto de vista o sujeito passa a desenvolver um autodomínio de suas emoções e impulsos estabelecendo o controle de suas ações.

Em outra vertente do materialismo dialético, VYGOTSKY (2000), diferencia “história da natureza” e “história do homem”, onde considera que a história do homem segue caminhos diferenciados daqueles percorridos por outros animais. Quanto às funções psicológicas superiores, afirma que diferentemente das inferiores, estas são subordinadas às leis da vida histórica. Então para o autor, “Toda a peculiaridade do psiquismo do homem está em que nele são unidas (síntese) e outra (evolução + história)”. (p. 23).

Vygotsky aponta essa inter-relação entre o processo de evolução e história, delimitando um espaço para uma abordagem sobre o psiquismo humano, possibilitando diferentes funções e esferas do desenvolvimento. O autor considera a base biológica desse processo em busca da alteração do percurso a partir da história e cultura desses indivíduos. A partir dessa análise, ele define essa questão como uma base biológica, social e cultural, escrevendo assim uma história a partir desses campos que estão correlacionados.

Ainda para o autor esse psiquismo humano tem sua gênese nas relações sociais em uma relação social constituída a partir da reciprocidade com o outro e depois no próprio indivíduo e na formação do Estado. Vygotsky utiliza os signos como um mecanismo de criar novas conexões e mudanças nas formas de relação entre as funções elementares, produzindo outras mais complexas, sujeitas as leis da vida histórica. Segundo VYGOTSKY (1996), todo [...] signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, posteriormente dizê-

lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Traslado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças à linguagem. (pg. 114) Entretanto, essa apropriação do sistema de signos estabelecida aos estudos do autor, altera a relação do indivíduo com a realidade externa e consigo mesmo, criando as condições necessárias para um processo de autorregulação.

Elias em seus estudos a partir da sociologia dos processos aponta que as emoções humanas deveriam vir abordadas em duplo aspecto. As emoções humanas compartilhadas com as espécies não humanas e o segundo com as humanas. Para o autor é as emoções que ocorrem de modo integrado aos componentes biológicos que constituem os seres humanos que muitas vezes para se configurar sem uma referência ao próprio corpo visto em algumas áreas de conhecimento e tendências do estudo mais próximo do mundo da natureza do que o mundo social e cultural.

A partir da evolução das emoções, ELIAS (1998), considera apresenta-se como ponto de partida pertinente. A primeira hipótese diz a medida de “como espécie, los seres humanos representam uma ruptura evolutiva”. (p. 302) Desse modo, a evolução das emoções de forma instintiva na concepção animal, mas na humana não corresponde totalmente ao biológico.

A segunda hipótese apresentada por ELIAS (1998), de certa forma, em um desdobramento da primeira: “*los seres humanos no Sólo pueden aprender mucho más que otras especies, sino que deben aprender más que las otras*”. (p. 303). A evolução repercute nas condutas inatas dos seres humanos e que vão se enfraquecendo e abrindo mais formas de comportamento adquiridas gradativamente. Dessa maneira, os humanos estariam biologicamente constituídos de modo a serem conduzidos pelos conhecimentos aprendidos.

A terceira hipótese sinalizada pelo autor consiste em que “*ninguna emoción de una persona adulta es completamente no-aprendida o, em otras palabras, um modelo de reacción fijado genéticamente*”. (ELIAS: 1998, pg. 314). A partir dessas características humanas e as outras emoções resultam de um entrelaçamento entre processos inatos e aprendidos. As emoções são estimuladas através do campo biológico e no contexto social.

Nessa perspectiva cultural, ELIAS (1998), afirma que os seres humanos, dentre os impulsos emocionais inatos estão sempre relacionados com a capacidade pessoal adquirida de autorregulação e, mais especificamente com um controle das emoções que é aprendido ao longo da vida. Assim, essa capacidade de autocontrole se desenvolve, por outro lado, a

partir das necessidades e pressões impostas pela vida coletiva.

VIGOTSKY (1998) em suas pesquisas produzidas sobre as emoções iniciadas no século XX chamava atenção à perspectiva naturalista. Seus estudos faziam analogia entre os processos emocionais de animais e homens, sinalizando que as emoções inatas eram herdadas a partir do desenvolvimento sociocultural. Assim para ele as emoções *“isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e deslocam-se para um plano totalmente novo”* (p. 84).

Em relação ao processo das relações sociais, para o autor a inserção no mundo da cultura desencadeia desde criança através de um processo interativo e os processos biológicos e culturais em que transforma e integra o indivíduo no contexto histórico-cultural em que vive. A partir da diferenciação dos grupos sociais é que são criadas concepções a respeito dos sentimentos e expressões como determinadas práticas interferidas no processo das emoções.

A partir da discussão frente ao processo das emoções e autocontrole do ponto de vista eliasiano, o mesmo se configura a partir dos modelos europeus preestabelecidos e predeterminados na sociedade em vista da autoimagem do homem civilizado dada a partir do processo expansionista.

Frente à teoria sociológica de Elias e o conceito de configuração, aponta a relação de ligação entre os indivíduos. Assim, na visão do autor, as funções passam a ser “conscientes” e “inconscientes”, persistindo a relação de impulsos entre uns e outros, levando principalmente em consideração a configuração estabelecida. O processo civilizador nas sociedades ocidentais está em curso, o controle das emoções passa a ser compreendidas pela conduta do indivíduo dentre essa cadeia de relações sociais.

Quanto à teoria de Vygotsky, evidencia essa relação sociocultural quanto ao processo de evolução oriundo do psiquismo humano, possibilitando as diversas formas de desenvolvimento. Assim, autor considera que essa base biológica desse processo que busca a partir da relação histórica e cultural do sujeito. Em vista dessa análise, Vygotsky define essa questão em teorias biológica, social e cultural a partir da história desse sujeito.

Segundo o autor, o sistema de signos funciona por meio de comunicação por meio de conexão de certas funções psíquicas e de caráter social. Para Vigotski essas funções psicológicas estão ligadas geneticamente às pessoas através de ligações orgânicas através dos estímulos. A partir disso as funções psíquicas, mais conhecidas como funções da personalidade sendo social do tipo interação das funções que tomou o lugar da interação das pessoas.

Elias e Vygotski estudaram os mesmos processos sociais das teorias sobre os

indivíduos, Elias é figuracional e Vygotski sócio histórica. Elias baseou suas análises no curso do desenvolvimento da sociedade e Vygotski na relação sócio histórica na perspectiva do psiquismo humano das relações sociais a partir dos estudos das emoções. Ambos os autores buscam analisar esse processo a partir do ponto de vista social e cultural.

Em virtude dos fatos mencionados, o conceito de *civilité e kultur* (civilização e cultura) como observado, teve sua origem no mundo ocidental, e a presença da Igreja Católica nesse processo de bons costumes e transformações no período medieval eram notáveis.

Logo a Igreja Católica que desde sua história esteve marcada por conflitos religiosos entre os protestantes como evidenciado no capítulo anterior e também liderado pela forte opressão dos colonos aos índios *apriori* deste capítulo que marca o processo de catequese ao estudo da sua denominação cristã e o domínio a diversas outras línguas.

Quanto ao termo *kultur*, que também vem do Ocidente, em seu significado de “cultivado”, veio representado às normas de conduta e bons costumes a serem seguidos e ensinados, também tendo como apoio os ensinamentos católicos e a forte presença da igreja.

As regras e os bons costumes tiveram como base os estudos de Erasmo de Rotterdam, em *A Civilidade Pueril (dos meninos)*, um manual de bons costumes destinado a meninos da corte, e que também teve como incentivo ao manual dos costumes da igreja católica instituídos como regras sociais e educativas.

Para a configuração nas relações sociais, Elias apontou muito bem em “Sociedade dos Indivíduos”, que é através da sociedade que adaptação do indivíduo é realizada, ou seja, ele é controlado através da sua própria ação biológica quanto à instintiva a fim de não sofrer ou ser violado pelas leis sociais, talvez por medo a punição que elas podem trazer, evitando, por exemplo, de agredir alguém por conta de alguma intolerância seja ela religiosa, racial, homossexual.

Dado o exposto, é a partir do autocontrole que entra a tolerância, evidenciada pela sociogênese e a psicogênese, visto por Elias como “configurações”, que a partir dessas relações de interdependência, os indivíduos representados em organizações, como igrejas, por exemplo, possuem laços ligados entre si promovendo a tolerância nas relações e nos espaços sociais.

6. RESULTADOS DA PESQUISA

Anteriormente foi realizada a apresentação dos sujeitos da pesquisa, bem como suas relações e denominações sagradas e pesquisadas, utilizada pela observação participante e observação reportagem. Como anteriormente ressaltado, foi levado em consideração três aspectos: do sujeito, cenário e comportamento social.

A seguir serão apresentados os resultados da análise qualitativa referente ao questionário e as entrevistas semiestruturadas. Entretanto, antes de apresentá-los, é importante evidenciar os resultados para melhor entendimento dos sujeitos da pesquisa bem como as questões pesquisadas e estudadas.

O questionário foi aplicado a 6 líderes religiosos das quatro denominações religiosas distintas. Deste total, obteve-se 14 respostas, ou seja, grande parte dos líderes religiosos respondeu ao questionário. Pode-se deduzir que o número de respondentes atinge ao objetivo proposto, uma vez que admitem um limite máximo no número de respostas numa pesquisa entre 1 a 6 respondentes.

No referido estudo considera-se o limite estabelecido para um referencial representativo, uma vez que se pretende analisar quatro denominações religiosas requer um breve estudo sobre as religiões, o que de fato corresponde um desgaste da pesquisadora em contatar com os líderes religiosos, dispor de um tempo para entrevistas, conceder permissão para adentrar dentro do espaço sagrados, dentre outras limitações.

No Quadro 1, constam o perfil dos sujeitos entrevistados, assim como o nome “fictício” serão nomeados para cada, a fim de garantir a preservação de sua identidade, para melhor evidenciar os resultados.

Tabela 1 - Descrição do perfil e rótulo atribuído a cada um dos participantes

Nome fictício do Entrevistado	Cargo	Tempo de formação	Local de Formação enquanto líder	Sexo	Idade	Naturalidade	Organização Sócio Política
Olurum	Presidente	-	Manaus	M	35 a	Manaus	Candomblé
São Bento	Pároco	09 a	Detroit e Chicago (EUA) e Munza (ITÁLIA)	M	46 a	Toledo (Ohio)	Igreja Católica
São Sebastião	Pároco	25 a	Manaus, Inglaterra, Louviera, África, África do Sul, Moçambique e São Paulo.	M	53 a	Parintins (AM).	Igreja Católica
Sara	Pastora	15 a	Manaus	F	52 a	Manaus (AM)	Igreja Pentecostal
Abba	Rabino	-	Estados Unidos	M		Houston (Texas)	Sinagoga Ortodoxa
Amália	Secretaria	2 a	Manaus	F	47 a	Manaus	Sinagoga Messiânica

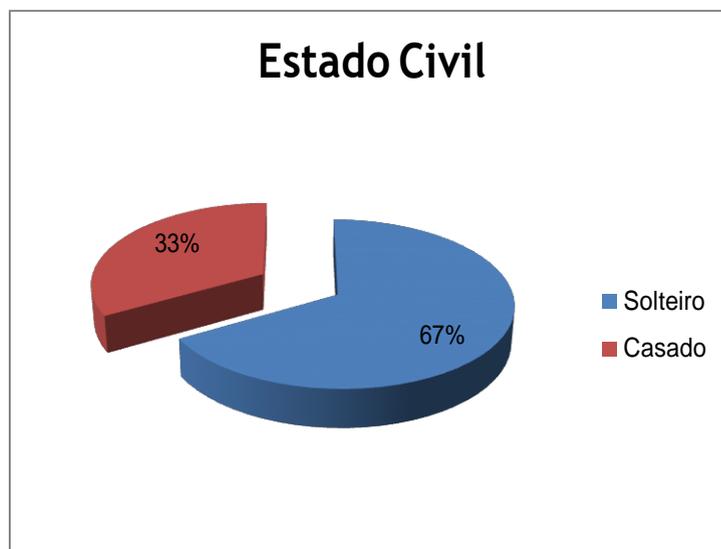
Fonte: Dados do questionário e entrevistas semiestruturadas. Leão (2017)

6.1. DADOS DO QUESTIONÁRIO

No questionário foram realizados em cinco tópicos, sendo o primeiro tópico relacionado à identificação, segundo a naturalidade, terceiro a escolaridade, quarto a organização sociopolítica e quinto religião/religiosidade. Nesse questionário procura-se apresentar uma breve síntese sobre quem são os entrevistados, bem como seu nível acadêmico e sua função como líder religioso e suas participações entre outras denominações.

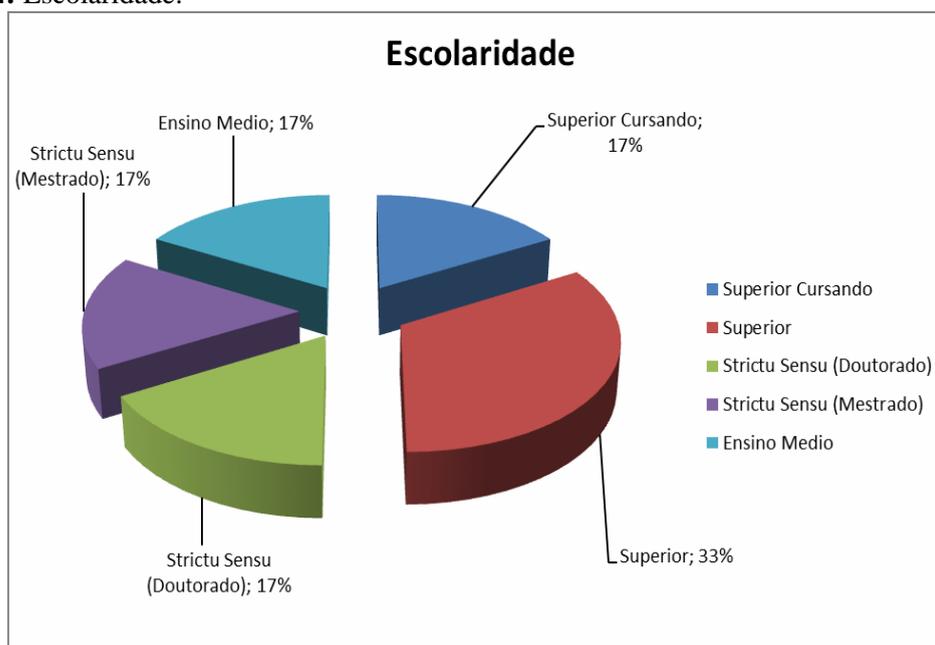
No item no que concerne a identificação dos seis entrevistados, quatro são do sexo masculino e dois do sexo feminino, apresentando uma porcentagem ao estado civil de 67% solteiro relacionado aos párocos, secretária e presidente da associação do candomblé e 33% dos entrevistados casados que correspondem aos pastores de denominação evangélica e judaico-cristã. A faixa etária dos mesmos varia dos 30 a 55 anos de idade.

Figura 13: Identificação.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora LEÃO (2017).

A naturalidade dos mesmos é bastante diversificada, uma vez que os párocos em grande maioria trazem uma bagagem rica de seus países de origem. Existem três entrevistados que são naturalizados de Manaus, sendo o presidente da associação do candomblé, a pastora da igreja pentecostal e a secretária da sinagoga judaica de origem messiânica. Há ainda um pároco que é da cidade de Toledo, Estado Americano de Ohio e outro do município Parintins (Amazonas).

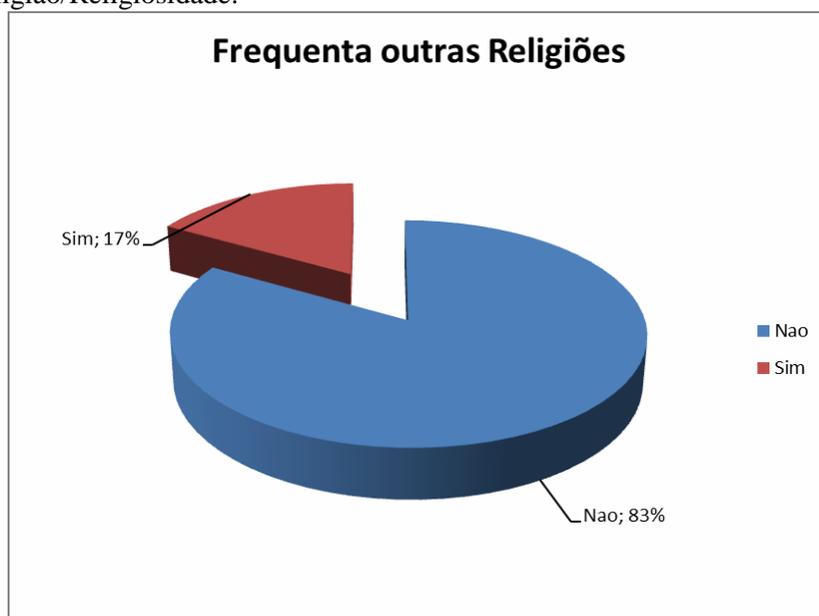
Figura 14: Escolaridade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora LEÃO (2017).

Quanto à escolaridade como representa no gráfico acima 17% cursa o ensino superior, 33% o possuem 17% têm formação *strictu sensu* a título de doutorado e a 17% para mestrado e ensino médio 17% também. O nível acadêmico mais avançado corresponde aos párocos que possuem uma formação mais avançada, pois constantemente estão atualizando seus conhecimentos por viajarem bastante.

O rabino também possui uma formação relevante a sua denominação judaico-cristã que é denominado por um mestrado judaico, outro líder religioso que possui ensino superior é a pastora e o presidente do candomblé e por fim a secretária da sinagoga que possui formação básica (ensino médio).

Quanto à organização política, os entrevistados pertencem as suas próprias denominações religiosas. Frente ao item de religião/religiosidade, evidenciado no gráfico abaixo, apenas 17% é adepto a outras religiões e as frequentam, e 83% não são adeptos a nenhuma religião, tampouco a frequentam. A mesma porcentagem de 83% veio de mesmas religiões de seus pais e 17% são diferenciadas.

Figura 15: Religião/Religiosidade.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora LEÃO (2017).

Conforme mencionado na seção anterior, realizou-se, na análise de conteúdo, a identificação da ausência e presença das categorias estabelecidas. Os resultados da análise categorial por entrevistado apresentaram-se da seguinte forma.

Tabela 2 – Categorias da Análise de Dados

Categorias	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P
1. Manifestações Religiosas		X		X	X			X	X			X
a) Sagrado e Profano		X		X	X			X		X		X
b) Comparação a outras denominações		X		X	X		X		X			X
2. Intolerância e Conflitos Religiosos		X		X		X		X		X		X
a) Conceito de Intolerância Religiosa		X		X		X		X		X		X
b) Relatos de intolerância religiosa		X		X		X	X		X		X	
c) Rivalidade entre outras denominações	X			X		X		X		X		X
d) Disseminação do ódio que leva a intolerância	X		X			X		X		X		X
e) Igreja e posicionamento com a diversidade	X			X		X		X		X		X
3. Propostas para a Liberdade Religiosa		X		X		X		X		X		X
a) Tolerar os que ferem a liberdade religiosa		X		X		X		X		X		X
b) Medidas de promoção à liberdade e paz entre as religiões		X		X		X		X		X		X
c) Autonomia política com outras religiões		X		X		X		X		X		X
d) Brasil X Laicidade existe?	X			X		X		X	X			X

Nomenclatura: A (Ausência) P (Presença)

Fonte: Dados das entrevistas semiestruturadas. LEÃO (2017)

Na análise também será contextualizada brevemente com alguns autores já estudado

no capítulo anterior com o intuito de aprofundar a discussão da problemática e procurar responder a questão norteadora proposta inicialmente. *A partir de situações previamente levantadas que permeiam a questões geradas por conflitos religiosos, embate ao discurso religioso e frente a questões de intolerância religiosa, ainda é possível a sociedade ser educada para a diversidade, sendo tolerante?*

Para melhor explicitar cada um dos resultados de ausência e presença de categorias, serão trabalhados a seguir aspectos do discurso de cada um dos entrevistados, procurando identifica-los a partir dos nomes que lhes foram atribuídos de modo simbólico para melhor preservação da sua identidade, conforme mencionado anteriormente.

6.2. DADOS DAS ENTREVISTAS

OLURUM

Em relação ao discurso do primeiro entrevistado, pode-se observar a presença da categoria **“Manifestações Religiosas”**, onde Olurum discorre de como as mesmas acontecem em seu terreiro e brevemente como se originou: *“Aqui o nosso terreiro é o ³²tambor de mina Jeje³³, ele é uma etnia um pouco diferente mais do candomblé. Porque nós vamos trabalhar cultuando somente os voduns³⁴, que são ³⁵ancestrais do Benin que é muito parecido com o sincretismo com os orixás. O xangô no caso passa a ser badé, iansã passa ser sobô, nanã que no candomblé é umas das orixás do feminino mais velha que tem, dizem que é a mãe de todos os orixás, tanto nanã como iemanjá.*

Nas senzalas os negros vivam sem poder cultuar seus orixás até que lhes foi dada permissão para que pudessem fazer seus batuques, logo se transformaram em custos religiosos, e em função da mistura os cultos também foram mesclados, diferentes da África onde comumente uma região cultua determinado orixá, aqui se começou o culto aos Orixás, predominante na Bahia, os Voduns no Maranhão, que a partir de um trabalho complexo surge o

³² Nomeado para religiões afro-brasileiras, tambor presente nos rituais do culto junto com a mina dos escravos que vinham da costa leste. Disponível em: < <http://religiao.culturamix.com/religioes/tambor-de-mina/> >. Acesso: 13 mar. 2018.

³³ O termo *jeje* (*adjeji*) origina-se da língua iorubá e significa "forasteiro, estrangeiro". Usam os também a palavra *fon* em substituição ao termo *jeje* para denominar os provenientes do Benin, do Abomey, de Savalu (os mahis), de Aladá (os aladanos). De Togo e de Gana vieram os ewes, nação que também cultua os voduns.

³⁴ Misto de crenças cristãs e ritos africanos, onde o elemento sobrenatural é preponderante. É um ritual de culto a deuses de origem africana e aos santos mais representativos da Igreja Católica. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/vodu/> > 13 mar. 2018.

³⁵ Benin, cidade africana de tradições da cultura afro cultuada por antepassados.

Candomblé como conhecemos atualmente.

De acordo com CARNEIRO (2008) no período histórico que enfatiza o modelo de culto se dava por conta do conde dos arcos achava prudente manter as diferenças tribais entre os negros, permitindo os seus batuques, porque “proibir o único ato de desunião entre os negros vem a ser o mesmo que promover o governo, indiretamente, a união entre eles”... tais diferenças já se estivessem apagando com “a desgraça comum”.

A discussão teórica com a análise de Olurum discorrerá com a contextualização da visão de BARROS E MAURICIO (2009), que é estudo no terceiro capítulo da dissertação. Olurum apresenta sua denominação religiosa e a quem cultua de modo a ser realizado nas manifestações religiosas do candomblé. Ainda para Olurum, a realização das manifestações que podem ocorrer apresentam algumas dificuldades, onde relata: *“Por que o que acontece em muitos terreiros tem suas crenças, como posso colocar assim como manifestações religiosas como eu poderia dizer de uma encruzilhada em uma mata, ou outro lugar fazer suas oferendas para o mar ou para o rio, isso nem sempre se consegue fazer por conta da própria intolerância que acontece entre eles por parte de vários outros segmentos assim na sociedade. Com isso a gente procura ir trabalhando dessa forma.”* O entrevistado se refere aos evangélicos, principalmente os pentecostais, os quais representam ameaça de cultuar suas práticas religiosas.

O ser humano, para BARROS E MAURICIO (2009) é multifacetado e conseguiu, aos poucos, sobrepor-se aos novos obstáculos à realização dos seus cultos. Com o crescimento das cidades poucas casas, atualmente, contam com este espaço tão necessário para a realização das cerimônias religiosas.

KRONBAUER (2009), precisamos entender que não há uma cultura melhor que a outra; não existe uma única verdade em termos de religião ou ideologia; não há um povo ou etnia superior a outro. Precisamos trocar experiências, aprender com o diferente e respeitar o modo de vida de cada grupo, garantindo espaço para sua manifestação.

- a) Na subcategoria dessa categoria 1, que se refere **ao sagrado e profano** é notável quando Olurum enfatiza como nomeiam em sua religião: *Nós costumamos chamar de Sagrado (nossa religião), nós somos uma religião³⁶ animista só que a gente não usa o termo religião, algumas comunidades sim por conta do próprio sincretismo que toma como religião, que para a gente tudo é sagrado, que a gente costuma dizer:³⁷ “kó si*

³⁶ Religião que crer na existência da alma humana.

³⁷ Expressão do candomblé dos praticantes aos cultos dos Orixás.

ewé kó sí omi kosi òrisà", "sem folha, sem água, não tem Deus".

Olurum, vê suas religião como algo sagrado e acredita que tudo que provem da natureza deve ser respeito e cultuado. Na história da cultura afro-brasileira os ritos das matrizes africanas ocorrem com mais frequência. Numa casa de candomblé, BARROS E MAURICIO (2009), precisam reinar confiança e responsabilidade no trato com o sagrado e com a vida civil de todos. A amizade inicial com seu/sua babalorixá (pai de santo) iyalorixá (mãe de santo) irá transformar-se em companheirismo e ambos passarão a se conhecer melhor. Mas deverá existir sem presente entre eles um a hierarquia, porque isso faz parte da religião. O iaô precisará aceitar o seu modo de ser, de ensinar e de transmitir o que sabe. Porém, o que consolidará essa fraternidade será a sua maior proximidade com a casa de candomblé.

- b) Para a segunda categoria nomeada **“Intolerância e Conflitos Religiosos”** e presente, relata que: *“O mais forte continua sendo a própria intolerância entre os evangélicos, neopentecostais que continua sendo a maior em todos os terreiros praticamente aqui, por exemplo, a própria associação no terreiro já teve inúmeros fatos né, inclusive o último que teve agora foi uma pedra aqui e um buracão que fez uma pedra sendo moradores próximos daqui, porque o que eles fizeram devido à gente morar no terreiro em frente dessa área verde é uma área que fica muito isolada e na verdade tem muitas pessoas que não têm a consciência de preservar aí querem montar, derrubar e acabar com o verde, as árvores nessa área que acabamos fazendo nossos trabalhos as nossas oferendas, nossas coisas na mata”*. Para Olurum não é a primeira vez que os evangélicos tentam contra o terreiro através de manifestações de violentas e práticas absurdas.

A intolerância considerada perigosa é despertada pela ausência de qualquer doutrina, acionada por pulsões elementares na visão de ANDRADE (2009) do início do capítulo. Até para o candomblé os filhos e filhas de Iewá costumam ser elegantes, de boa aparência, delicados, sensíveis e requintados e geralmente são intolerantes com a falsidade, com a mentira e com a hipocrisia. Os erros de postura na convivência homem-mulher também não são aceitos por seus/suas filhos/as, pois quando se relacionam amorosamente costumam ser fiéis, fazendo tudo para que a relação se mantenha estável.

- c) Ainda na subcategoria no que se trata de **casos de intolerância religiosa** presenciada pelo discurso do entrevistado, aponta: *“Que muitos têm aquela intolerância com os próprios santos da igreja católica, porque eles quebram eles invadem igrejas para quebrar imagens de santos igual com a gente, como sofremos vários ataques por conta na intolerância deles por acharem temos uma imagem, tratam-na como sagrada e fazemos todas as nossas preces e orações, eles procuravam e diziam que estavam cultuando o demônio por conta de uma imagem, mas como se fosse uma coisa que Deus tivesse imagem, Deus não tem imagem, Jesus Cristo ainda tem hoje, Deus não tem, mais não tem nada não que eu conheço né, não conheço nenhuma imagem nenhuma religião que diz essa é a imagem de Deus porque não tem, não existe e sempre dessa forma eles procuram nos demonizar de tudo quanto é forma.”*

Como resultado disso, Olurum compara o candomblé com o catolicismo e aponta à relação das imagens que são adoradas a religião oposta e criticada pelos próprios praticantes católicos. A imagem simbólica representa o “alá branco” que cobre a vida. Em Cuba, a religião de culto aos orixás denomina-se ³⁸*santería*, sendo, porém muito arraigada ao sincretismo, fazendo a ligação de nossas divindades aos santos católicos.

Essa resistência KRONBAUER (2009) tem uma explicação histórica. Católicos protestantes e afrodescendentes se estabeleceram no Brasil, desde o início da colonização – embora o Protestantismo tenha chegado bem depois, negando a experiência religiosa do outro. O catolicismo negou a experiência indígena e africana; os protestantes negaram as três. Mesmo no Brasil, a religião afro-brasileira recebe outros nomes nas variadas regiões: no Nordeste, por exemplo, em Pernambuco e Alagoas, é denominada “xangô”; no Rio Grande do Sul, chama-se “batuque”; no Maranhão, “tambor de mina”.

Na categoria **Propostas para a Liberdade Religiosa**, identificada na subcategoria que relaciona a medidas preventivas a liberdade e paz entre as religiões, o entrevistado relata que existe intolerância: *“Os católicos raramente, porque passamos desde 2004 passamos ter um diálogo com a igreja católica com arquidiocese na época de Dom Luís, e nisso a gente sempre veio fazendo essas visitas né, na catedral na igreja de São Sebastião, que vamos fazer agora dia 19 de Janeiro a procissão de São Sebastião que essa vai ser a décima primeira.”* Com efeito, desses acontecimentos, é notável que a sociedade, veio avançando no

³⁸ Que pratica um tipo de religião.

que se diz respeito ao diálogo inter-religioso mencionado pelo entrevistado. Com relação à sua religiosidade, em uma imposição da religião católica, precisou recorrer a artifícios que a camuflassem, fazendo surgir assim o sincretismo.

- a) Na subcategoria **medidas de promoção a liberdade e paz entre as religiões** exibido pela entrevista, Olurum descreve que: *“Não foi fácil, mas conseguimos através do próprio diálogo que o acordador da associação teve, como ele teve praticamente a adolescência até a fase adulta dele dos ³⁹capuchinos no seminário passou 10 anos no seminário porque ele frequentava o terreiro, mas entrou no seminário querendo seguir, e faltando 30 dias, um mês para ele se ordenar padre ele saiu de tudo porque foi à hora que foi determinado, e os próprios voduns e orixás começaram a cobrar dele, daí ele largou tudo, e conheço ele. Aprendeu sobre o estudo da teologia em toda essa parte e com isso ele passou a ter diálogo com várias outras igrejas e com outras religiões, só que por incrível que pareça o único que o povo de terreiro não consegue ter diálogo é com os ⁴⁰neopentecostais, são muito mais agressores o que a gente coloca, emprega violência e são muito mais agressores em dizer que somos adoradores de satanás do diabo e não é nada disso que eles pregam.”*

A sociedade através das relações sociais e políticas procuram estabelecer um diálogo entre as religiões para melhor se relacionarem, mas ainda é notória a intolerância por parte dos pentecostais, o que enfatiza ainda e confirma a história da intolerância em sua origem. BOBBIO (1992), no século XVI precisamente, foi resultado de guerras religiosas entre católicos e protestantes, demanda dos nascentes Estados europeus a formulação de leis para promover e regulamentar a intolerância e a liberdade religiosa por meio de diversos arranjos institucionais, visando garantir a paz.

- b) Na subcategoria manifesta **autonomia política com outras religiões**, o candomblé tem avançado bastante procurando a igualdade religiosa, bem como o respeito a seus cultos e rituais: *“Inclusive nós já tínhamos tido várias reuniões inclusive até com próprio procurador Federal da República veio aqui, foi quando a gente passou a fazer aquela à própria cartilha né, das falas que foram colocadas pelo Ministério*

³⁹ Religioso que pertence à ordem franciscana.

⁴⁰ Novos cristãos de origem pentecostal.

Público Federal e a própria polícia agora. Como agora ano passado conseguimos depois de anos, que fosse criado até nesse meio do ano de 2017, já está sendo feita a Delegacia para Crimes de Intolerância Religiosa e nisso a gente temos avançado bastante, mas ainda continuamos tendo casos de muitos, e muitos de intolerância entre evangélicos e neopentecostais.”.

O diálogo inter-religioso passa a demonstrar a possibilidade sob uma nova perspectiva de atuação das religiões no reconhecimento que podem exercer através de um papel significativo na construção de uma ética da superação da violência; que podem igualmente dedicar-se à tarefa comum de salvaguardar a integridade dos seres humanos e da terra ameaçada. A verdadeira relação com o absoluto SCHILLEBEECKX (1997) é incompatível com toda e qualquer desumanização ou violência. Essa relação, como tal, “não é violenta sob nenhum aspecto, antes pelo contrário. Ela desperta a coragem inabalável para produzir mais humanidade em todos os setores da vida”. Dessa forma, a sociedade veio contribuindo através de lutas e avanços a partir tanto do *diálogo* quanto de apoio a políticas públicas quanto de valorização da identidade.

SÃO BENTO

Na categoria **manifestações religiosas**, para o pároco é claro dentro do catolicismo: *“Sempre seguem o mesmo rito, até a maior de domingo que vem toda a família, começa com os cânticos para a chegada do povo, o padre dar algumas palavras, pedimos perdão por ser pecadores antes da liturgia da palavra. Para a eucaristia, como no domingo usamos os cânticos de anjos baseado em Lucas, ouvimos a leitura do antigo testamento, salmos; em que a igreja participa, temos outra leitura do livro apostólico: apocalipse, e depois leitura do evangelho e depois disso o padre faz a sua pregação. Temos os ciclos de três anos para as leituras, todos os evangelho, salmos, as cartas de Paulo, depois fazemos as orações e intercessões aos nosso líderes católicos, do governos, se teve as calamidades, as pessoas não ficarem em guerra, tem ofertório, pão e vinho, e deixar suas ofertas, temos o nosso rito de orações usando palavras de Jesus, que essas palavras são um rito do pão e vinho, depois das orações vamos ao a pai nosso para ter comunhão para se ter unidade, temos o momento de paz entre irmãos, para se ter perdão, abraços, temos um momento de silêncio, e acaba o culto e se dá os avisos e as bênçãos com um canto final.”* Segundo o pároco, se tornou padre por

sua família pertencer à religião católica, seguindo os rituais e celebrações preestabelecidas.

- a) Na subcategoria **sagrado e profano** para ele é evidente: *“O sagrado dependendo para que se usa e como se usa é tudo aquilo que se relaciona com a minha devoção com Deus, a igreja e aquele lugar que usamos para adorar a Deus, não importa onde seja lugar seja até um templo budista, seja onde louvar a Deus, uma cruz é sagrado, as alianças que mostra que Deus está em nossa vida. Meu celular pode ser profano, mas não quer dizer que não posso usar para coisas sagradas, está é a distinção que faço do sagrado e do profano”*.

O pároco é bem flexível quanto a distinção do termo, uma vez que se torna profano são as reais intenções do ser humano e não apenas o simbólico em questão. Para o autor ELIADE (2001), o sagrado se manifesta essencialmente em um lugar, que, por isso mesmo, se torna sagrado e se distingue do espaço comum, classificado por ele como profano. Esta dimensão espacial constitui um dos aspectos mais marcantes da distinção entre o sagrado e o profano, que é o grande foco de todas suas obras.

- b) Quanto à **comparação a outras denominações**, São Bento diz que: *“Não, sobre o candomblé eu sei apenas o que eu aprendi estudando, eu ouvi alguns vídeos sobre essa realidade quando estava estudando português, nas igrejas evangélicas no EUA, vou com a minha sobrinha, luterana é parecido, anglicana é parecido, já fui na sinagoga em Mesquita, budismo, eu tenho experiência com um pouco de cada religião. Eu entendo que Santa Bárbara, uma das maiores comunidades; às vezes tem macumbas na frente da igreja, fora isso eu sou ignorante.”*

A umbanda com o catolicismo apresenta relações de sincretismo com os saberes africanos indígenas na perspectiva europeia, religião criada no Brasil. São bento, se mostrou bastante aberto ao diálogo com as outras religiões e que segundo ele, não foi comparado a nenhuma religião; o que contrapõe ao argumento do entrevistado anterior do candomblé que acredita que o catolicismo e o candomblé são bastante semelhantes. Analisamos no capítulo anterior a luz da interpretação de ELIAS (2002), que muitos não compreendem a religião do outro e por isso há a separação dos grupos religiosos. O que de certa maneira, levam aos fanáticos a crerem que a religião do próximo é a errada, muitas vezes demonizada e condenada ao inferno. No capítulo inicial desse trabalho, foram discutidas as primeiras

origens históricas que levaram a guerras religiosas por conta da religião, o que aponta o catolicismo sempre liderado como supremacia aos poderes políticos e sociais.

Na categoria patente à **intolerância e conflitos religiosos**, o entrevistado aponta: *“Eu creio que começa com ignorância, essas ações extremistas, nasce de um sentimento falso, todos tem esse medo essa exaltação além de Deus, só a minha religião está certa e todas as outras estão erradas. Eu nunca sofri algum tipo de intolerância, eu não creio não me sinto ofendido ou atacado”*.

Haja vista, BARROS E MAURÍCIO (2011) que a intolerância ocorre em muitas vezes quando não há conhecimento, compreensão e muito menos respeito a certo grupo. Igualmente ao candomblé, todas estas religiões que coexistem no Brasil também precisaram sofrer algumas modificações e influências para poderem aqui se instalar. Como exemplo, podemos citar o catolicismo que precisou promover alterações em seus atos litúrgicos e em sua catequese.

- a) E na visão geral que aprova a categoria de conceitos **relatos sobre casos de intolerância**, aponta um que: *“Teve um grupo, por exemplo, que começou bem, que queria fazer na praça as coisas, um pastor evangélico colocou uma barraca na hora do nosso culto com guitarra elétrica tão alto que atrapalhou nosso culto, mesmo com os microfones não escutamos e virou uma guerra, esperávamos começar para fazer o barulho.”*

Esse respeito, essa tolerância deve ser trabalhada desde a mais tenra infância que se inicia ainda na educação por intermédio de programas e projetos escolares, que representa socialmente aquilo somos como seres, envolvidos em uma cadeia de interdependência, em configurações, sinalizado no segundo capítulo, por base as teorias de Norbert Elias.

- b) Na subcategoria de **rivalidade entre outras denominações**: *“Acredito que aja sim, essa rivalidade, temos de ter unidade, não creio sobre isso, e não aceito por nada”*.

São bento, se mostra bem aberto para o diálogo, inclusive a pesquisadora foi convidada pelo mesmo a assistir uma missa regida por ele, o que evidencia a flexibilidade do padre com a diversidade da pesquisadora em ser cristã e poder participar de uma missa na paróquia. Na história, BARROS E MAURÍCIO (2011) ao deparar com a economia imperial

com a retirada abrupta dos africanos de sua terra natal não somente desestruturou a organização religiosa como também restringiu seu progresso cultural, material e humano. Com relação à sua religiosidade, em uma imposição da religião católica, precisou recorrer a artifícios que a camuflassem, fazendo surgir assim o sincretismo.

- c) Quanto à subcategoria presente à **igreja e posicionamento com a diversidade**, o pároco diz que: *“As portas estão abertas para todos, como a melhor idade, na minha cidade Detroit, há muito afro americanos e brancos, e nossa paróquia foi uma das primeiras a misturas, a posição da igreja que homossexuais, eu entendo que a bíblia explica, eu não entendo a posição uma vida que eles levam.”*

O quadro evidencia que no nosso estado foi apontado um número significativo de casos e crimes voltados as questões de violência por conta da religião e intolerância. É possível reconhecer o valor de cada ser humano e a importância de garantir os direitos humanos para todos. Isto inclui a liberdade individual de seguir suas próprias crenças e caminho espiritual. Valorizar os direitos de outras pessoas a crenças variadas e diferentes é um passo fundamental para apreciar a diversidade religiosa.

Na irrefutável categoria **propostas para a liberdade religiosa**, São Bento descreve: *“A tua liberdade termina onde começa a minha, tem de se ter em mente, você pode definir ser candomblé ou evangélico, se isso ajuda a louvar a Deus, nós vemos o valor das outras religiões, a intolerância de raça, a intolerância da igreja, o machismo, o que posso fazer é dá exemplo de vida no púlpito em posição de autoridade”.*

A intolerância religiosa gera por vezes a exclusão de grupos que não aceitam relações sociais e culturais e para melhor compreensão faz-se necessário apontar os conceitos desse diálogo inter-religioso que pode levar à intolerância. Para ELIADE (2001), a liberdade pode ser vista quando levanta-se o altar e ao redor dele constrói-se a aldeia. Em todos esses casos, são os animais que revelam a sacralidade do lugar, o que significa que os homens não são livres de escolher o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos.

- a) Ainda apresenta na subcategoria as **medidas de promoção à liberdade e paz entre as religiões**, o pároco se diz disponível caso tenha seu horário livre e compatível:

“Quando aconteceu à enchente, todos nos unimos independente de religião ou denominação católico, batista ou adventista. Não conseguimos mesmo reunir, não vou mentir que tenho muito trabalho, mas sou aberto a tais reuniões, quando fazemos nossos projetos como os arraiais alguns grupos evangélicos se queixam que estamos comercializando nossos terrenos, e geralmente são as mesmas pessoas que causam os mesmo problemas sempre nas comunidades. Sei que isso não é indicativo que todas as igrejas ou cristãos são assim, mas alguns têm um zelo demais que sentem que a missão deles é destruir a igreja católica.”.

Segundo o mesmo, está sempre aberto para o diálogo com outras denominações. MENESES (1997) “As religiões podem tornar-se – e historicamente têm se tornado – um terreno especialmente propício à intolerância, por suas verdades absolutas, ortodoxias e proselitismos. Mas isso não pertence à sua natureza; constitui antes um desvio grave do humanismo que elas implicam”.

b) Para ele, há sim clara **autonomia política com outras religiões** uma vez que: *“A igreja católica se interessa por essas coisas como política sim, e não ao mesmo tempo, os bispos e papas, não te obrigam a votar eles te ajudam a pensar e abrem a igreja pra todos os candidatos, não temos restrições para proteger ecologia ou mulheres ou causas beneficentes”.*

A presença da sociedade esta ainda mais necessária e produtiva do que se imagina inicialmente, pois busca intervir em nossos valores e atitudes como mínimos de justiça, moralmente exigível. O candomblé BARROS E MAURICIO (2009) no movimento histórico foi uma religião que muitos denominavam de "seita demoníaca", devido à perseguição que lhe fazia a Igreja Católica, que se valia de seu poder para também obrigar os negros a serem catequizados, no intuito de afastá-los de sua religião. Na região Amazônica, o sincretismo e as relações com a igreja católica e os povos de terreiro que representa a matriz africana passaram a estabelecerem um diálogo. E isso são em decorrência de muito avanço, conquistas e lutas.

c) Na subcategoria **Brasil e Laicidade**, é notável no discurso: *“Eu creio que sim, honestamente em direitos, mas como em todo lugar alguns direitos têm abusos, homossexuais tem direitos nas leis, mas são abusados ou mulheres abusadas*

fisicamente, sexualmente psicologicamente, e questão de consciência de cada um. Nos EUA, temos o mesmo, na Itália é mais diferenciado.”

Assim, o pároco acredita que Brasil e Laicidade caminhem juntos. No candomblé, por exemplo, sempre foi alvo de perseguições policiais e religiosas, as casas de candomblé, no passado, eram invadidas, tendo seus objetos sagrados quebrados e, às vezes, até apreendidos. Vários terreiros eram fechados, babalorixás e iyalorixás levados presos. Era uma religião que muitos denominavam de "seita demoníaca", devido à perseguição que lhe fazia a Igreja Católica, que se valia de seu poder para também obrigar os negros a serem catequizados, no intuito de afastá-los de sua religião.

- d) Na subcategoria, é incontestemente **educação para diversidade**, uma vez que o templo sagrado participa nessa perspectiva: *“A igreja católica sim, tem vários membros que trabalham na conservação da água, pastoral da terra pra legalizar os terrenos, pois todos tem o direito a ter moradia, tem a pastoral da saúde AA (Alcoólicos Anônimos), e todos anônimos para ajudar, essa proteção ecológica atrás do Sumaúma, tem vários; medicinas homeopáticas, o custo fica entre dez reais para pagar algo, a consulta é grátis porém para medicina esse custo ajuda abastecer os medicamentos.”*

Educação para a diversidade, para o diferente, para aprender a respeitar, para aceitar aquilo que é contra meu credo religioso. A educação é definida culturalmente ANDRADE (2009), e não biologicamente. De uma forma única e singular a cultura dos mais diferentes grupos sociais estabelece a diversidade de crenças, valores, religião do social ao cultural e do cultural ao religioso.

SÃO SEBASTIÃO

Na categoria presente a **Intolerância e Conflitos Religiosos**, o pároco aponta que: *“Intolerância Religiosa; acho que significa você ter uma postura religiosa que não admite a convivência, o diálogo, o enriquecimento com outras vertentes religiosas, com outras tradições religiosas. Então, gera depois expressões agressivas, violência, de falta de respeito, de falta de convivência, vai se tornar um obstáculo para convivência humana e religiosa. Eu acho que a própria palavra religiosa, religioso, religiosidade ou religião implica no aspecto*

de interligação, de várias compreensões de Deus. A gente sabe que a religião tem uma história de intolerância que está no âmago das religiões, vamos dizer assim na maneira como ela se constituem porque normalmente a atitude religiosa é essa de pensar que só eu tenho a verdade e que o outro não tem verdade, ou tem uma verdade inferior. Então isso me leva a ter essa atitude-conquista essa postura de não diálogo, de não respeito, de não acolhimento ao outro, inferiorizando outras pessoas de outras concepções religiosas”.

MATURANA (1997) O amor é inimigo da apropriação, não pode haver diálogo inter-religioso sem essa gratuita aceitação do outro, de seu envolvimento no espaço aberto do amor. Para o entrevistado, a intolerância provém de um valor/atitude como enfatiza Andrade no início do capítulo da dissertação, uma vez que a religiosidade se torna fechada, apática e dominadora.

- a) Na categoria notada em **relatos sobre intolerância**, São Sebastião: *“Eu acho assim... que a intolerância, o preconceito religioso, ele pode ser implícito ou explícito. Às vezes, a gente não tem consciência, mas pode estar marginalizando, excluindo, inferiorizando outras pessoas de outras concepções religiosas. (...) Eu acho que o preconceito, um pouco anônimo é vedado no contexto amazônico, é a questão das relações com as nossas tradições afro, então apesar do que a gente trás vamos dizer assim... Na nossa cultura, esses elementos da pajelança, dos encantados, da benção, da vestidura que tenho um cunho da umbanda, do candomblé que estão presentes anonimamente pelo o menos na minha formação. Só fui de fato lidar com essas questões quando fui pra São Paulo, que no curso que eu tava fazendo sobre religiões, a gente teve que frequentar os centros espíritas, os centros de umbanda pra conhecer sensivelmente e palpavelmente a realidade. Então eu acho que foi muito mais fácil entrar em contato com o Islamismo e com o Budismo e outras formas do Cristianismo do que quando eu voltei pro Brasil em frequentar esses centros... Daí, sinto, talvez que existia uma intolerância por causa do modo que a gente é educado para encontrar com essas tradições religiosas, mas eu acho que superei... Eu tenho muitos amigos desse campo e a gente se dar muito bem. A gente foi no terreiro observar, fazer entrevista e a intenção não era tanta de você fazer uma abordagem fenomenológica de descrição ou etnográfica, a intenção da observação era de colher elementos religiosos, elementos teológicos, elementos da compreensão de Deus, do transcendente, a pesquisa estava voltada para essa questão do que propriamente*

simplesmente em descrever e interpretar dados a partir do observador, a gente queria vê mesmo como se dava a experiência religiosa e como se elabora concepções teológicas, se é que a gente pode se chamar de teologia, que é uma coisa bastante cristã, mas as experiências religiosas desse grupo, né. Eu fui muito positivo, porque você quebra muitos tabus, muitas concepções que você trás sobre o processo de demonização desses grupos.”

O candomblé BARROS E MAURICIO (2009) nunca poderia ser denominado de "demoníaco", pois no seio da religião não existe o demônio, que é a representação do mal, como também não existe a referência ao inferno, termo muito usado no passado para assustar os escravos. O candomblé busca reconhecimento de suas crenças e respeito aos seus cultos e manifestações religiosas. São Sebastião enfatiza que a respeito de casos sobre intolerância, o mesmo o bem conhece desde sua infância sendo observada desde a educação de seus pais sobre religião e a relação com as demais denominações. O pároco ainda admite que estigmatizava a religião do candomblé até quando já se tornou padre por mesmo desconhecer suas práticas e manifestações religiosas, o que rompeu com o preconceito a partir do conhecimento quando visitou os terreiros e pode conhecer mais a fundo a respeito.

- a) Na subcategoria presente **rivalidade entre outras denominações**, observou-se: *“Agora com a vinda do pentecostalismo no contexto latino americano, o pentecostalismo norte americano pra mim, ele é uma segunda conquista religiosa, e sabe que todo esse processo de conquista ele exige esse processo de demonização, inferiorização e desrespeito as tradições locais. Então pra mim tanto o pentecostalismo católico como o pentecostalismo evangélico ou protestante, que é uma versão do protestantismo, principalmente norte americano, ele é intolerante com essas vertentes, principalmente o processo de demonização dessas tradições.”*

BERGER (1985) os pentecostais acreditam que os que praticam a religião do candomblé fazem apologia ao satanismo e de certa forma os cultos reverenciam demônios e entidades malignas. Para alguns, esse diálogo não passa de mera estratégia mercadológica, para “racionalizar a própria competição na situação pluralista”. O entrevistado coloca a rivalidade entre outras denominações numa perspectiva histórica, advinda de guerras

universais das disputas de poder. A relação do pentecostalismo e com o candomblé vem representando um grande número de casos que estão acontecendo desde o ano de 2015 sobre intolerância religiosa aos cultos e manifestações.

Assim, o Brasil vem sofrendo com casos de violência e até mortes por conta disso, sendo uma das vítimas mais recorrentes além dos que cultuam o candomblé, os católicos também são penalizados por apresentarem semelhanças a suas crenças e intercessões aos santos, o que representa tensões de cunho social e cultural.

- b) Na subcategoria notável **disseminação do ódio que leva a intolerância**: *“Eu acho que esse ódio, esse desrespeito ele advém de uma série de elementos dentro do contexto histórico e do próprio fenômeno da religião, que é aquilo que pode dizer que pra uma religião se auto afirmar. Principalmente dentro de uma etapa da história das religiões, tem que conquistar uma a outra, ou ela tem que inferiorizar ou tentar superar uma outra expressão religiosa, que no contexto atual a gente vai percebendo que essa não é a via correta.*

Uma sociedade pluralista ANDRADE (2009) não se sustenta sem um projeto educacional que responda a essa tarefa. Importa explicitar agora alguns fundamentos ético-filosóficos para uma educação para a tolerância. Os responsáveis e seguidores de religiões KÜNG; KUSCHEL (1995) não cessam de fomentar agressões, fanatismos, ódio e hostilidade xenófoba, quando não inspiram e legitimam conflitos violentos e sangrentos. A religião vem muitas vezes usada apenas para fins de poder político, bem como para legitimar a guerra. Acredita-se que a melhor ferramenta é tentar amenizar o ódio estabelecendo uma relação apaziguada entre as religiões, priorizando o respeito, o diálogo sendo como ferramenta principal para esse principia de combate ao ódio religioso.

- c) Na subcategoria **igreja e posicionamento com a diversidade**: *“Eu acho que é uma questão que pode ser aplicada a várias situações: eu acho que toda ação individualizada, ela tem que ser contextualizada. Você tem que identificar o contexto que gera pessoas dessa vertente, então eu acho que compreender o contextual que gera esse tipo de pessoa, que gera esse tipo de ação, é fundamental. (...) Então até que ponto a religião, ela é dinamizadora de patologias? É uma pergunta que a gente sempre faz... E até que ponto ela ajuda as pessoas a se curarem, a se restabelecerem, a se transformarem psicoespiritualmente? Uma das práticas de Jesus era expulsar os*

demônios, no sentido de fazer as pessoas se integrarem, terem uma visão correta, de vida, de si mesmos. Então eu acho que qualquer tipo de abordagem ao agressor a gente deve fazer um prognóstico do contexto que gerou essa pessoa, ter uma compreensão psicoespiritual dessa pessoa e o modo de como a gente pode ir ajudando essa pessoa a se reestabelecer, eu acho que a gente sempre tem que ter essa esperança. É um problema, que muitas das vezes se diz, que é um problema dominado por uma mentalidade, é difícil de reestabelecer, mas eu acho que temos que ter essa esperança que todas as pessoas podem ser resgatadas, todas as pessoas podem adquirir uma mentalidade de convivência, de diálogo com as diferenças e eu acho que a gente tem que vê dessa forma”.

Para RATINGER (1996), o conceito de diálogo assume hoje um sentido diferente da tradição platônica e cristã: “torna-se até mesmo a quinta-essência do credo relativista e o oposto da ‘conversão’ e da missão.”. Nesse mesmo contexto, a diversidade para o entrevistado, parte de uma reflexão sobre a autoimagem que o indivíduo passa a ter sobre a religião do outro, e isso se torna doentio à medida que prega pela equidade, ela pode se tornar contrárias às práticas que tanto abomina.

Na categoria **Propostas para a liberdade religiosa na subcategoria tolerar os que ferem a liberdade religiosa**: *“E o mais importante de lidar com agressores, com intolerantes, é a gente perguntar como prevenir esse tipo de ação, fazer um trabalho preventivo que aí vem àquilo que eu dizia: A gente tem que ter uma educação religiosa, uma formação espiritual, a gente tem que trabalhar com igrejas e tradições religiosas, que ajudem as pessoas de fato a ter sua religião como maneira de se humanizar, de conviver, de agir, de lutar pelos seus direitos, de ter cidadania e não de criar mais problemas sociais.”*

Na concepção da educação, a tolerância se inicia por uma educação religiosa. Trabalhar com a diversidade na escola não é um apelo romântico do final do século XX e início do século XXI. GOMES (2007), na realidade, a cobrança hoje feita em relação à forma como a escola lida com a diversidade no seu cotidiano, no seu currículo, nas suas práticas faz parte de uma história mais ampla. Educar para a diversidade, educar para minimização de conflitos, educar para a transformação, educação para valorização; esses são os princípios para uma sociedade mais tolerante. Uma sociedade de indivíduos que seja participativa e aberta para diálogo, independente qual seja.

- a) Notável a subcategoria **a medidas de promoção à liberdade e paz entre as religiões**, é visto: *Então o diálogo vai ser o elemento fundamental para lidar com a pluralidade, então eu acho que o ódio de outras religiões, elas tem traços culturais de conquista, é uma expressão extremamente de colonização, porque eu trabalho com esses aspectos, com essas visões teóricas que é do pós-colonialismo, dos estudos pós-coloniais. Então, eu vejo muito esse ódio como uma maneira de conquistar culturas, e você se dar por esse processo, esse ódio ele advém tanto pela busca de dominar, conquistar realidades sejam elas geográficas, econômicas, laborais e assim por diante. E eu acho mesmo que ela advém nesse processo de conquista, eu acho que o ódio está mesmo nessa conquista, nessa conquista do outro para fins de uso, de manipulação, de escravização do outro. O elemento religioso se une a outros traços da cultura, da pele então existe uma série de preconceitos que vão se alimentam aqui, ou a partir do elemento religioso ou a partir de outras vertentes, mas no caso religioso é porque você pratica uma religião que eu considero inferior, eu considero demoníaca e isso me faz o desejo de conquistar você, ou seja, retirando você desse ambiente, ou seja, ou excluindo você, ou escravizando você, ou manipulando você.”.*

O diálogo vem sendo apontado em grande maioria dos discursos dos entrevistados e isso só reitera o que de fato está ausente na maioria das denominações religiosas. Para PAULO FREIRE (1967), uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.

O entrevistado aborda em seu discurso à religião afro, como uma das mais penalizadas com essa intolerância religiosa, como também o preconceito com o negro e a mulher que deve se conservar puritana, preservando sua imagem como o modelo da santa Maria, mulher imaculada que representa o símbolo de pureza na religião católica.

- b) Esteve presente também a subcategoria **autonomia política com outras religiões**: *“A nível acadêmico, a gente tem uma convivência lá, por exemplo, lá na Puc (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,) onde tô fazendo o doutorado, mais da metade*

dos alunos são de outras igrejas, e a gente tem um diálogo excelente, por que sabe que a nível acadêmico não existem barreiras de confissões. Existem teólogos metodistas, teólogos luteranos, teólogos que tem um conhecimento muito válido para minha pesquisa, sendo um teólogo católico, trabalhando dentro dessas questões aí, então a gente interage muito, mesmo aqui eu conheço alguns pastores e professores a nível de boas novas ou desse instituto de ciências da religião, que eles são de vertentes do protestantismo bastante abertos para o diálogo. E também do ramo do candomblé e do ramo indígena, é muito legal, eu não tenho dificuldades com o Pai de Santo (um dos mais renomados da cidade de Manaus, o nome foi preservado para preservar sua identidade), porque a gente se dar muito bem, se conhece desde de jovem, também tenho um primo que é pai de santo, conheço pessoas dentro do movimento social que também trabalham com essas questões, e as vezes em dia de celebração a gente participa e é uma das poucas vezes que eu gosto de me identificar, de estar ali como um padre também pras pessoas perceberem que a gente também não está superando barreiras. Então na minha vida pessoal, como igreja a gente ainda precisa dar passos bastante mais amplo de iniciativas mais concretas.”

O pároco é bem aberto ao diálogo, e o mesmo esporadicamente participa de palestras em universidades, igrejas e outros locais sobre diversos assuntos temáticos, um deles é sobre a religião e sobre a figura da mulher na sociedade, tema do seu segundo doutorado. A dificuldade desse diálogo era encontrada pelo mesmo em sua infância quando desconhecia as religiões como tal, e a partir das suas pesquisas e de um novo olhar é o que mesmo passou a reconhecer as mesmas com prestígio em meio a diversidade local onde se encontra.

Para ALMEIDA (2012), isso reflete o necessário que se faz o estabelecimento de um diálogo entre ciência e tradição, na qual a ciência deve reconhecer a importância do senso comum e das vivências. O diálogo a partir do diferente constantemente é discutido pelo mesmo a partir de reuniões com alguns líderes religiosos que diferem de sua denominação, bem como problematizado em suas pesquisas e abertos em palestras e apresentações de trabalho.

- c) Na subcategoria **Brasil e Laicidade**: *“Eu acho que no momento, na minha percepção, o que está acontecendo é o seguinte: Nós temos uma influencia de determinados grupos religiosos, principalmente com certa tendência fundamentalista, que estão*

sendo obstáculo pra isso. Isso porque esses grupos descobriram que eles podem ter poder político e poder econômico ascendendo ao exercício político. Então pra mim são duas coisas que se atrelam, que são muito perigosas atualmente no Brasil: ascensão ao poder político de mentalidades fundamentalistas religiosas e segundo, o uso que vai se fazer dessas mentalidades ou dessas estruturas, ou dessas pessoas para beneficiar o poder econômico de marginalização, de exploração, de destruição da natureza e assim por diante. Então, pra mim é um momento muito perigoso, momento de muita seriedade, no modo de como estamos lidando com essa questão política, porque é uma pena que nós estamos ascendendo o poder político um grupo de pessoas religiosas, sem uma compreensão profunda, ética, que promova de fato uma sociedade diversa que valorize a diversidade, a pluralidade que respeite direitos e que tenha projetos que valorize e preserve a natureza. É claro que tem características próprias, agora um dos veios de análises importantes hoje é a relação entre religião, poder e política, principalmente com esse fenômeno que estamos vendo concretamente no Brasil, ‘ascensão do poder religiosa’, a vertente do poder religioso nas estruturas políticas. Pra mim, é uma análise que nós precisamos cuidar muito importante de ser pesquisado”.

Diante disso na esteira da proteção à liberdade religiosa, o Programa Nacional dos Direitos Humanos/PNDH-3 (Brasil, 2010), em seu objetivo estratégico VI, que dispõe sobre o respeito às diferentes crenças, liberdade de culto e garantia da laicidade do Estado (ação programática d), estabelece “o ensino da diversidade e história das religiões, inclusive as derivadas de matriz africana, na rede pública de ensino, com ênfase no reconhecimento das diferenças culturais, promoção da tolerância e na afirmação da laicidade do Estado”. A defesa da laicidade é fundamental para que as ações do Estado não tenham preferências e privilegiem determinadas crenças religiosas ou convicções não religiosas.

A laicidade no Brasil está presente, uma vez que segundo o entrevistado a política é quem lidera a maior parte do sistema religioso. A política então passa a ser usada como arma para o empoderamento religioso frente a esses grupos, promovendo desigualdade social, resultando cada vez mais em uma sociedade intolerante, preconceituosa e discriminando o indivíduo.

- d) Na subcategoria **igreja e posicionamento com a diversidade**: *“A igreja a gente tem que vê dois aspectos: a igreja dentro dessa interação com a pluralidade ela tem a nível de teologia acadêmica que reflete em todas essas realidades. Então você vai vê que a academia tem progredido bastante nessa questão do diálogo inter-religioso da compreensão da diversidade, da superação de preconceitos, tentando elaborar perspectivas teológicas ou acadêmicas que lidem melhor com essa realidade do pluralismo, que é muito própria do nosso tempo. Uma outra questão, vamos dizer assim, um dos problemas que mais sofremos tanto católicos como evangélicos, é que não temos uma boa formação religiosa. E isso também a gente peca em termos de educação, de um modo geral. (...) Não existe políticas no âmbito público, no âmbito eclesial pra fomentar que as igrejas sejam vistas, que as tradições religiosas sejam vistas como parceiras, amigas uma das outras como diálogo.*

O diálogo inter-religioso vem progredindo bastante tanto na academia como na sociedade, mas ainda precisa ser bastante discutido para chegar a avançar cada vez mais, pois seu campo ainda é bastante limitado. O conceito de individualização anteriormente apresentado no segundo capítulo que Elias em Sociedade dos Indivíduos, está intimamente ligado com ao autocontrole, que é o processo que vai da exteriorização à interiorização. O indivíduo assim passa a interiorizar os sentimentos, paixões, emoções, controles e representações produzidas nas relações sociais e em suas atividades mentais, e depois ele exterioriza suas representações através de comportamentos, *habitus* e relações poder.

Desta maneira, a relação do pensamento e ação está interligados em um plano individual a função do social, que dirige o um para outro, e o controle é exigido e aceito pelos demais indivíduos em sociedade. Embora a sociedade tenha chegado amadurecer mais em âmbito de políticas públicas voltadas para o trabalho de diversidade, ainda é certo o preconceito com algumas tradições religiosas, principalmente a de matriz africana.

SARA

Na categoria **manifestações religiosas**: *“Existe um protocolo, os cultos eles iniciam quando abrimos a igreja, primeira coisa nós consagramos o local ao Senhor, nós ungimos porque o óleo representa a presença do espírito santo, e nós iniciamos o culto sempre com uma oração de perdão. Porque nós entendemos assim: - Para que nossas orações sejam atendidas, você precisa apresentar ao Senhor as tuas falhas, se arrepender, pedir o*

arrependimento, colocar diante de Deus aquilo que você falhou pra daí você começar o culto. Primeiro passo: você abre a igreja, unge e faz a oração do perdão, depois nós consagramos a família, faz uma oração pela família daí nós apresentamos uma palavra. Tudo isso a oração de consagração, da família embaixo de louvor, intercalada entre um louvor e outro, porque nós acreditamos que a presença do louvor, atrai a presença do espírito santo. Ai logo em seguida, nós começamos uma ministração, uma ministração para te levar ao entendimento de que você precisa ofertar, e entregar teu dízimo à casa do Senhor, porque o dízimo é uma ordenança para todos os cristãos.”.

Quanto à iniciação das outras religiões inicia-se de forma distinta ao da pentecostal, para a pastora a palavra de Deus é uma palavra que vem como fonte de inspiração liderada pelo espírito santo que conduz ao culto. O dízimo representa a fidelidade do cristão para com Deus, que ao ofertar você agradece as bênçãos que Deus dar como saúde, família, pela vida entre outras coisas.

Em se tratando de manifestação a discussão melhor que aponta o discurso de Sara está na citação de SILVA E RIBEIRO (2007) que para: “o mundo protestante sabe exatamente a quem eles estão querendo se referir a quem estão querendo atingir. Portanto, não se abandonou totalmente a forma intransigente de agir. No entanto, surge uma nova questão: será que não está no imaginário popular cristão esta ideia de que a existência se caracteriza por uma luta entre as forças do bem e as forças do mal?”. Contudo, para a pastora a consagração é a benção que se faz antes de iniciar o culto para confissão de falhas e erros a fim de que o espírito santo veja usar o líder religioso através da palavra de Deus, que propositalmente irá tocar naqueles que necessitam.

- a) Na subcategoria **Distinção do Sagrado com o Profano**: *“Olha, nós temos o entendimento de que pra você fazer parte da obra de Deus, existe a santidade. Nós temos esse entendimento assim: - De tudo aquilo que está ali na Casa do Senhor é sagrado, os utensílios de acordo com a Palavra de Deus, os utensílios da Casa do Senhor é sagrado. Uma cadeira pra você pegar, você não poder sair, chutando, arrastando... Você vai pegar de uma forte diferente de como você pega na tua casa, por que as portas, todo local é consagrado ao Senhor... Então o profano, é você fazer aquilo que desrespeita e desagrada ao espírito santo, não vou entrar dentro da Casa do Senhor e me sentar no altar pra tomar uma lata de cerveja, isso é profano! Isso é*

profanar ao altar, porque o altar não é um palco, o altar é um lugar de adoração, e o altar é o lugar de onde saí a palavra de Deus para tua vida.”.

ELIADE (2001), o desejo do homem de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente - e não numa ilusão. As relações do sagrado com o profano na perspectiva pentecostal e na maioria das igrejas evangélicas apresentam certa analogia. Uma vez que o profano se relaciona a burlar aquilo que tornar algo sagrado, santo e intocável. Os símbolos sagrados são notados por toda uma história de vida das religiões e sua relevância como cristão.

b) Manifestações Religiosas: *“Sim, as manifestações são avivadas e sempre dentro da igreja, mas não necessariamente e específico dentro da igreja. Por exemplo, por incrível que pareça, eu sou acostumada a fazer culto no meio da rua, quem olha pra mim não acredita, mas eu tenho uma caixa e um microfone.”.*

A importância na missão de levar a palavra a outras pessoas testificam do amor de Cristo para com seu povo, acredita-se na libertação dos oprimidos na sociedade por conta do pecado que gera exclusão, preconceito, doenças, impactos sociais, mundiais, culturais e relacionamentos conturbados por conta desse mesmo pecado que entrou no mundo e é causa de todos os males visíveis e não visíveis.

Para SILVA E RIBEIRO (2007), o cristianismo mais conservador se sente na obrigação de converter o mundo e espalhar sob a face da terra e esse tipo de mentalidade traz conflitos, visto que muitas vezes a cultura local não é respeitada. Então, a religião funciona como meio de harmonia, comunhão que conduz a oração e libertação para uma possível amenização desses através da esperança do retorno do Criador para por fim em tudo que aprisiona e relativamente faz mal as pessoas.

Na categoria **Intolerância e Conflitos Religiosos** na subcategoria **Conceito de Intolerância Religiosa:** *“A intolerância religiosa pra mim é você não respeitar o ponto de vista do teu irmão. Eu acho que essa é maior forma de agressão, por que Deus dá o livre arbítrio para as pessoas. E se nós somos cristãos genuínos, nós temos o DNA de Deus. Então*

a Palavra de Deus diz que não é por força, nem por violência, mas pelo poder do espírito santo de Deus. Nós somos apenas instrumentos de Deus, você leva a Palavra de Deus daquela forma dentro da visão a qual você faz parte, cabe à pessoa aceitar ou não. Se ela não aceitar, ela não é teu inimigo, ela não é aquela pessoa que você vai perseguir, porque se Deus dá o livre arbítrio ao homem, porque quem somos nós para não dar? Então, eu acho que essa é a nossa visão.”.

A intolerância se tornou uma prática tão preocupante a ponto de existirem organismos especializados em monitorar o que acontece no mundo envolvendo ações de intolerância religiosa. Isso demonstra que para entender a sociedade atual é indispensável conhecer como os grupos religiosos se organizam. SILVA E RIBEIRO (2007). A não aceitação do outro como diferente, o diferente causa estranheza, gera incomodo e por fim a intolerância, essa que pode ser manifestada nas mais variadas formas. A pastora então se baseia na palavra da Bíblia como forma de respeitar essa diversidade apenas respeitando, mesmo que haja um desacordo, a lei do amor é o respeito ao próximo mesmo que esse possa representar nosso adversário.

- a) Relatos de intolerância religiosa:** *“Não, eu sofro nenhum tipo de intolerância, graças a Deus. a gente sofre intolerância sim, mas não de uma maneira insuportável. Por que como eu te disse, você pode chegar a um lugar e falar: - Você gostaria de ouvir a Palavra de Deus? E a pessoa dizer: Não! Normal, respeita... Eu creio que essa foi à primeira intolerância da minha vida que eu sofri, desse batismo, porque a pessoa ela se sentiu agredida em eu não concordar em não fazer parte da homenagem que ela estava fazendo. Mas, ela não veio contra mim necessariamente, porque eu estava ali batizando e pregando o Evangelho, ela se sentiu irada porque eu recusei a participar, eu tenho liberdade de escolher! Na praia da ponta negra, eles estavam demarcando o território para colocar aquelas tendas, aqueles negócios pra fazer o ritual deles no dia seguinte. Então, nós nem adentramos no espaço em que eles estavam próximos e se incomodou. É como aquela situação de evangélicos fanáticos, ter um terreiro de macumba na esquina de uma igreja lá, querer tomar satisfação, querer quebrar, querer destruir, então não é por aí”.*

Esse caso contrapõe o que foi inicialmente relatado por Olurum, do candomblé sobre as questões de intolerância religiosa em grande parte ser causada por pentecostais. Acredita-se que o respeito a não participar de uma determinada manifestação religiosa não julga o fato de demonizar tal prática, apenas temos escolha de liberdade, de religião. Olurum inicialmente aponta um caso que os pentecostais jogaram pedras no seu local de trabalho e no terreiro sem razão aparente apenas por julgar sua crença por prática demoníaca, enquanto no caso da pastora a mesma estava praticando sua manifestação de consagração à espiritualidade da sua religião, enquanto um praticante do candomblé se tornou ofendido pela mesma se recusar a estar participando do movimento.

As forças do mal SILVA e RIBEIRO (2007) sempre foram entendidas como diabólicas ou causadas por seres diabólicos. Esse tipo de mensagem sempre esteve presente nas igrejas evangélicas de tradição pentecostal. Quem passa a ser intolerante nessa perspectiva? São casos a repensar sobre nossa prática enquanto sujeitos sociais merecedores de respeito.

b) Rivalidade entre outras denominações: *“Olha o que acontece é o seguinte, existem ‘n’ igrejas evangélicas, cada uma têm a sua visão. E muitas vezes, por falta de sabedoria não existe só aquela agressão de visão diferente, tipo católico rebatendo evangélico, evangélico rebatendo espírita... Às vezes existe isso dentro do nosso próprio meio, por quê? Porque a pessoa fica tão cega, de que aquela visão dela é a certa, é a correta e ela começa a perseguir... Então existe sim, entre as mesmas denominações, existem entre a mesma visão, existem, tanto fora como dentro”.*

É certo que a intolerância não parte somente entre as religiões distintas, mas como no próprio mesmo religioso, diversidade de opinião, de crenças, de atitudes e intolerância também. Ainda a crítica é inegável quando SILVA e RIBEIRO (2007), nessa perspectiva apontam que “exorcizar o demônio sempre foi uma prática tolerada no interior desses templos. Até mesmo grupo de protestantes tradicionais ou históricos também costuma, invariavelmente, relacionar o Candomblé e a Umbanda como expressões do mal.”. A ressalva, levanta a partir das relações de desigualdade religiosa entre essas duas denominações religiosas: a de denominação afro e pentecostal, sendo rotulado ao Candomblé e a Umbanda que detém de cultos praticados e direcionados ao mal, e ao grupo Pentecostal como promotor do mal, diabolizado em suas práticas e cultos.

- c) **Disseminação do ódio que leva a intolerância:** *“Eu creio que é porque as pessoas começam a perder o foco, começam a tratar o que é sagrado como uma forma de competição. A minha igreja tem mais pessoas, a tua tem menos e começam a se atacar. Então quando você perde o foco, quando perde a noção de quem você é de qual a missão que Deus te colocou aqui nessa terra, e você começa a entrar nesse espírito de acusação, porque acusação não vem de Deus, a acusação vem do inimigo, o inimigo ele te acusa o tempo inteiro, até se você falar uma palavra mais baixa, mais alta ele usa aquilo pra te acusar. Então aí, já não tem mais a presença de Deus, aí já é carne... É o homem dirigindo a igreja, administrando”.*

O discurso SILVA e RIBEIRO (2007) de intolerância nos textos bíblicos da tradição judaico-cristã muitas vezes foi interpretado como reação dos oprimidos contra os opressores. A pastora foi bastante enfática no seu discurso sobre a categoria do ódio que dissemina e que gera violência, a competição não se mede quem é melhor ou pior, se calar não é aceitar, respeitar é válido a não violar.

- d) **Igreja e posicionamento com a diversidade:** *“Olha, em relação à diversidade religiosa, homossexual, cor... Nós não aceitamos isso dentro da igreja... Nós não fazemos acepções de pessoas, todas essas pessoas elas são bem recebidas na igreja, nós não fechamos a porta pro homossexual, nem pra aquele que é de cor, nem pra prostituta, nem pra aquele que é de outra denominação, aceitamos como estão, como assim Jesus nos aceita.”.*

MADURO (1994) diz: [...] as nossas experiências nos levam a ver a realidade de uma maneira diferente daqueles que viveram outras experiências. Essas experiências farão com que a comunicação seja não apenas possível, mas, muitas vezes, necessária. Esse argumento evidencia o próprio respeito com o próximo dentro do espaço sagrado, o que aponta a liberdade religiosa como ponto positivo a diversidade.

Na categoria **Propostas para a Liberdade Religiosa**, na subcategoria **Tolerar os que ferem a liberdade religiosa:** *“Olha, a gente tem uma palavra que diz assim na Bíblia que é: “Deus que nos justifica”. Nós não vamos sair por aí abrindo fogo contra todos aqueles que*

não concordam ou que lançam palavras sujas, palavras profanas, contra o nosso trabalho, contra a obra do Senhor. Então a nossa forma como igreja, é orar... A gente não vai arregaçar as mangas e tomar satisfação, e nem vai combater o mal com o mal, nós nos mantêm de pé com a nossa visão, nos fortalecendo, nos edificando, porque o mundo é assim... Existem opiniões e divergências em tudo, então a melhor forma de nos preservar é não atacar”.

De fato, KUNG (1999) a religião sempre se mostrou mais convincente – muito antes da ideia moderna de autonomia, quando ressaltou eficazmente o humano na perspectiva do Absoluto: basta citar o Decálogo (“Dez Mandamentos”), o sermão da montanha, o Corão, os discursos de Buda e a Bhagavadgita. O discurso de intolerância nos textos bíblicos da tradição judaico-cristã muitas vezes foram interpretados como reação dos oprimidos contra os opressores. SILVA E RIBEIRO (2007). Tolerar aqueles que são livres, aqueles que são diferentes, aqueles que discordam, a tolerância para a paz, para o bem, para a aceitação.

- a) **Medidas de promoção à liberdade e paz entre as religiões:** *“Eu creio que a melhor forma de liberdade, é a gente espalhar mais e mais a Palavra de Deus, porque a Palavra de Deus diz que: ⁴¹“os campos estão brancos e os ceifeiros são poucos”. Se você começa a ensinar o povo o Evangelho genuíno, o povo mesmo vai se despertar que não é esse o caminho que Deus quer... Eu não vou matar, quando Deus diz que “não é pra matar”, eu não vou agredir o nosso irmão, quando Deus diz que “devemos amar o nosso próximo”, então quanto mais o Evangelho for colocado, mais o verdadeiro Evangelho, mais a gente tem possibilidade de evitar essa loucura que a gente tá vivendo. Porque o Evangelho tem que disseminar, espalhar o amor e não o ódio”.*

Em geral SILVA E RIBEIRO (2007) os textos bíblicos eram analisados a partir do conflito entre os oprimidos e opressores ou entre cidade e campo. Não podemos negar que, na história bíblica, esse conflito realmente existe. A pastora aborda muito bem sua colocação quando aponta que na Palavra de Deus a maior e melhor pregação de respeito é o amor.

⁴¹ Versículo encontra na Bíblia no Novo Testamento em João 4:35.

- b) **Autonomia política com outras religiões:** *“Várias bandas de outras denominações vieram tocar na igreja em datas como dia da criança, festa junina, a festa das noções, foram bandas que vieram de fora. Então assim, a gente procura se relacionar com igrejas que fazem parte da mesma visão cristã, muito difícil a gente procurar uma banda católica, uma banda espírita, porque eles estão em uma outra pegada diferente... Então a gente não mistura conflito, a gente não vai conflitar, mas a gente não faz acepção, só que se eu tomo água, eu vou procurar tomar água, e porque eu vou tomar coca cola?”*

SILVA E RIBEIRO (2007) houve também a preocupação em se fazer uma leitura latino-americana que se identificasse com o nosso contexto. É possível encontrar nos textos bíblicos tradições que se representam grupos diferentes com projetos de vida diferentes e interesses políticos diferentes. Sara em seu discurso, fora pouco contraditória ao anterior, mesmo não sendo explícita diretamente, apresenta certa resistência em contratar serviços de outras denominações religiosas.

- c) **Brasil X Laicidade existe?** *“Eu acredito que nós vivemos sim, mas ainda existe muita coisa a ser tratada, as pessoas estão se perdendo como eu te falei, porque elas estão focando muito no homem, na concorrência, elas estão agindo sem buscar o que é o sagrado. Então os conflitos religiosos existem no nosso país, apesar de a gente ter a liberdade de expressão, de a gente caminhar... Então eu tava inclusive conversando com meu filho: - Como uma pastora faz uma coisa dessa, de quebrar com um martelo uma estátua? Ela até pode responder um processo por isso”. Isso fere a constituição do Brasil, então nós temos a liberdade, nós temos uma estrutura pra crescer como país cristão, mas o que falta é mais respeito entre um e outro. Porque o ser humano é dotado de inteligência, e quem faz a obra. Nós acreditamos de quem faz a obra não somos nós na força do nosso braço, porque é o espírito santo de Deus que trás o convencimento da justiça, do juízo e do pecado. Prega o Evangelho, é deixar Deus agir, porque vou ter que ficar me digladiando com esse e com esse? Convencer o outro na força? Quem faz a obra é o Senhor, tá lá escrito em João: “sem Mim, nada podeis fazer”. Enquanto a gente tá brigando porque o fulano está ensinando errado, o que vai acontecer é que a gente para, no mundo espiritual; não existe parar, ou andar pra frente ou andar pra trás. Existe uma força muito grande, política! Existe a força*

da imprensa, agora que a força da imprensa está se movimentando, em relação a favorecer aos evangélicos, porque os evangélicos eram tratados como zé povinho, então hoje em dia..., mas existe todo um interesse financeiro por detrás disso, porque? Porque o mundo gospel explodiu, você pode trazer um cantor gospel para um programa, pro teu canal de televisão a tua audiência vai deslanchar, narrar de você colocar um cantor evangélico pra cantar, nossa! Vai dar uma enxurrada de ligação, então existe todo um interesse econômico por detrás disso, que queira ou não deu uma abertura maior pra um movimento evangélico no Brasil, que não podia ficar mais sufocado, porque estamos realmente crescendo. Então, existia uma força política muito grande impedindo o avanço das igrejas cristãs, ainda existe até hoje, só que o nosso crescimento tomou uma proporção tão grande, que não tem mais como esconder. Se faz movimentos em praias, em shows, em estádios lota, o povo já tá começando a despertar”.

RIBEIRO (2014) em questão de maturidade, o Brasil veio surpreendendo a sociedade com o desenvolvimento sociocultural no que diz respeito a laicidade, mas em outras questões o país ainda é neutro, isonômico e neutro. A espiritualidade ecumênica requer capacidade de dialogo e profunda sensibilidade para a afirmação da vida e promoção da paz.

ABBA

Na subcategoria **Distinção do Sagrado com o Profano**, o entrevistado discorre: *“Deus se encontra em todos os lugares, não existe um lugar em que não encontro, senão ele não é Deus O Todo Poderoso. A gente fala que sagrado é alguma coisa que a gente vê, só olhando que se vê. Você vê um livro, vê uma pessoa, essa pessoa é sagrada. Tem pessoas que são sagradas e você não consegue vê, a mesa é sagrada Deus criou essa mesa e tá existindo aqui e está escutando tudo o que a gente fala, mas também está nos revelando e isso é sagrado. Profano é uma coisa que não dar pra vê, só isso, mas nunca é contra, nada é contra, mesmo o pecado não é contra”.*

EILIADE (2001). O sagrado é visível aos olhos segundo o sujeito da pesquisa, mas em seu discurso se mostrou bastante intolerante principalmente ao profano. De modo que as pessoas têm hoje maior interesse por qualquer significado misterioso ou simbólico que estes espaços sagrados possam gerar. O desejo do homem de viver no sagrado equivale, de fato, ao

seu desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver em um mundo real e eficiente - e não numa ilusão.

Na categoria **Intolerância e Conflitos Religiosos**, especificamente na subcategoria **Conceito de Intolerância Religiosa**: *“Eles falam Osama Bin Laden, pessoas sem educação mesmo. Eu acho que ao contrário, evangélicos está tão grande que todo mundo aceita, mas nunca... Falam que os judeus tem dinheiro etc., bomba... Eles comparam a gente com o Islamismo. Então só isso, porque intolerância existe intolerância contra os judeus no mundo geral posso explicar, mas em Manaus não tem intolerância. O mundo geral é por causa dos judeus, quando eles cumprem o que eles precisam cumprir, eles fazem as pessoas lembrar que existem ordem no mundo, que não é qualquer pessoa que pode fazer o que ele quer. Existe um Deus que fala quando os judeus param de trabalhar no sábado, adventista também, tô dizendo em não ligar a luz... A gente faz as pessoas pensarem que existe ordem na presença de Deus.”.*

Para a visão judaico-cristã, SILVA E RIBEIRO (2007), “o uso da expressão ‘pluralista’ no esforço de se estabelecer paradigmas para a compreensão da relação da fé em Cristo com uma perspectiva ecumênica de encontro das religiões não é consensual. É o fato que o termo representa certa superação e avanço das tipologias que se consagravam no século XX, identificados, com algumas variáveis, com as expressões exclusivismo, inclusivismo e relativismo”. Para Abba, em Manaus não existe intolerância contra os judeus, mas contradiz em seu próprio discurso ao falar que são comparados com o país do Islã.

a) Relatos de intolerância religiosa: *“Intolerância existe intolerância contra os judeus no mundo geral posso explicar, mas em Manaus não tem intolerância.”*

Declaração de Princípios sobre a Intolerância (Unesco: 1997, art. 1º - item 1.1) , frente a intolerância, a tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade de culturas de nosso mundo [...] Para o mesmo ainda, a intolerância só é visível a outros países, mas na cidade de Manaus ainda não presenciou. Uma vez que segundo ele, não atiram bombas como os islamitas, mas a visão de mundo contra eles é mais direcionada a intolerância.

b) Rivalidade entre outras denominações: *“Rivalidade com a religião islâmica com a judaica.”*

SILVA E RIBEIRO (2014) a lei faz com que os grupos se sintam protegidos em relação aos agressores. Ao mesmo tempo se exerce que só é possível viver pacificamente em sociedade se o respeito a diferença for observado. O judaísmo, por exemplo, tem como primeira religião monoteísta do país e o islamismo tem como ensinamentos baseados no profeta Maomé, então segundo o entrevistado essa relação análoga em muitas vezes são comparadas e até mesmo confusas aos que julgam sua denominação.

c) Disseminação do ódio que leva a intolerância: *“Escola e religião no Brasil são separados, que nem nos Estados Unidos, então educação e religião não é válido e não tem. Sabe; certos lugares e outros países como os árabes, você olha o livro deles de educação e história, você vê que o próprio presidente dos Estados Unidos ele falou que muitas pessoas morreram, sofrimento de pessoas inocentes, mas morreram seis mil judeus. Ele não falou nenhuma palavra sobre judeus e morreram seis mil judeus, egípcios, homossexuais. A educação não vem da escola e sim de fora, a visão, a mídia, a internet e para mudar isso é bem difícil.”*

No art. 4 da mesma Declaração de Princípios sobre a Intolerância pela Unesco (1997), no que se refere a educação ainda diz: Item 4.1: A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância e Item 4.2: A educação para a tolerância deve ser considerada como imperativo prioritário. [...] Assim, o rabino não crer que através da educação que se pode educar para uma sociedade mais pacífica, mais tolerante. Mas, refere-se não somente a educação no ensino escolar, mas a educação de berço, que vem da cultura, das relações sociais existentes.

d) Igreja e posicionamento com a diversidade: *“Primeiro, não pode fazer distinção... Deus criou dois tipos de pessoas no mundo, os judeus e o não judeu, têm muito mais não judeus do que judeus e Deus criou os dois, pois cada um tem sua missão. Missão dos judeus é cumprir 613 mandamentos, você encontra pela Bíblia, a missão dos não judeus é cumprir as ⁴²Sete Leis de Noé que são inclusos nos 67 mandamentos,*

⁴² “As Sete Leis” são uma herança sagrada para toda a humanidade e para cada um em particular de como deve conduzir sua vida espiritual, moral e pragmática. Disponível em: <http://www.chabad.org.br/tora/7leis/index.htm>

chamados ⁴³Brit Noah, Fios de Noé. Então esses mandamentos não aplicam e nem deveriam fazer, por exemplo, comida judaica é especial, o boi não precisa comer, o sábado também não precisa fazer, os dez mandamentos: não matar, não roubar, etc., são mandamentos. Então, existe uma diferença o que um tem que estudar, judeu tem que casar com judeu, a gente faz reuniões para judeus e etc., e tem reuniões para não judeus, mas não misturam os dois. O judaísmo, não fala: - Você não é judeu e vai para o inferno, não existe. Deus fez todos seguirem os dez mandamentos.”.

KROBAUER (2009) a tradição judaico-cristã deu grande contribuição para essa forma de pensamento ao defender a ideia do monoteísmo. Por muito tempo, combateu e eliminou de seu meio qualquer possibilidade de convivência com outras divindades. Assim sendo, a diversidade da tradição judaica difere das demais uma vez que Deus lhe deixara mandamentos a seguir, pois a ordem judaica representa no mundo a liderança que também reinará na nova Jerusalém. Os não judeus são considerados filhos adotivos de Deus Altíssimo (Deus, Pai, Filho Jesus e Espírito Santo) e por isso não são bem visto pelos judeus ortodoxos.

Na categoria **Propostas para a Liberdade Religiosa** na subcategoria **Tolerar os que ferem a liberdade religiosa**: *“Quando você tem um inimigo, e mostra amor ao inimigo também vai sentir, porque ele é amado. Ele vai chegar e refletir. Não tenho nenhum caso assim de ferimento por causa da religião, de matar, de xingar, nunca vi. Às vezes a pessoa tem uma voz e precisa ser escutado, as vezes ele não quer ouvir e nem ser escutado, a falta de ser escutado.”.*

Nessa visão SILVA E RIBEIRO (2007), a diversidade possui maior valorização, firmada no cultivo da tolerância, na ênfase na alteridade e na valorização da identidade distinta do outro. Não se trata e negação da unidade, mas de uma busca de equilíbrio entre unidade e diversidade. Do mesmo modo, a vítima que sofre algum tipo de violência relacionada à religião é alguém que não se pode ser ouvido como pessoa, como ser humano que possui algo que difere das demais religiões.

- a) **Autonomia política com outras religiões:** *“Não fazemos parceria com outras religiões. Sempre fomos e sempre vamos ser sozinhos. Não é que não respeitamos, respeitamos...”*

O conflito SILVA E RIBEIRO (2007), começa quando o outro percebe que as suas ideias, o seu jeito, a sua forma de ser, o seu mundo e ele próprio têm tanto valor quanto o conhecimento que lhe foi proposto. Nenhuma visão de mundo vem desacompanhada de uma visão de sociedade.

A tradição judaico-cristã KRONBAUER (2009), deu grande contribuição para essa forma de pensamento ao defender a ideia do monoteísmo. Por muito tempo, combateu e eliminou de seu meio qualquer possibilidade de convivência com outras divindades. Além do mais, o discurso demonstra que pelo rabino preterindo o judaísmo tradicional como dependente deles mesmos sem ajuda de qualquer outra religião.

- b) **Brasil X Laicidade existe?** *“Não existe nenhum país que é religioso no mundo, mesmo em Israel. O Brasil é... pessoas dão o dízimo, pessoas governam, tem pessoas honestas, não roubam”.*

É possível observar também que o comportamento de intolerância religiosa pode ser revisto ou pode ser resultado de um aprendizado. Silva e Ribeiro (2007, p. 47). Quando há aproximação dos líderes religiosos ou dos grupos religiosos, isso tem repercussão na sociedade e reforça os valores de respeito, compreensão e tolerância. Quer dizer, que a laicidade então, mesmo em países ditos religiosos, nem sempre agem com a liberdade de crença, o que deve ser também respeitada igualmente pelo Estado.

AMALIA

Na categoria **Manifestações Religiosas:** *“⁴⁴Serviço solene só no Shabat, nós temos os serviços aqui... Nós começamos o Shabat às 18horas, é Shabat que é o nosso dia solene aqui, né? Começamos a partir das 18horas, aí temos o ⁴⁵Cabalat Shabat e durante a noite nós podemos ficar aqui em processo de acendimento de velas. Processo de bênçãos sobre os*

⁴⁴ Nome dado às cerimônias judaicas.

⁴⁵ Recebimento de Shabat. Trata-se de serviço religioso celebrado, após anoitece na sexta feira. O shabat (sábado) inicia ao pôr do sol de sexta-feira e se encerra ao anoitecer de sábado.

chalots, que é o pão trancado. Que há décadas, há centenas de anos que é usado realmente em todos os serviços. Então nós começamos, mas o Shabat “todinho” começa na sexta, porque pra gente é só um dia. Agora é dividido em relação a isso, à noite e a manhã. Que é o dia de descanso.”.

Isto é, HICK (2000) a relação com o “cristianismo como um contexto autêntico de salvação/libertação entre outros, que não opõe a, mas interage de formas mutuamente criativas com os outros grandes caminhos”. Embora, a manifestação do Shabat acontece da mesma forma na sinagoga judaica ortodoxa, enfatizada pelo discurso do entrevistado anterior, nesse discurso da entrevistada a mesma especificou detalhadamente como ocorre no espaço sagrado.

Para Amalia, os ensinamentos judaicos são de inspiração de Deus pela: *“Torah. Todo esse processo que nós fazemos aqui do Shabat, ele tá dentro de uma especificação de Moisés. Então é por isso que nós temos realmente todo esse processo. Mas, existe também, como eu tava explicando hoje para uma moça que eu dou aulas de hebraico, a restauração, aí eu disse pra ela que, quando você vai acender as velas do Shabat, antigamente se acendia no menorá, no tabernáculo, o menorá é aquele castiçal de sete pontas, e era acendido e passava o dia todo e a noite era removido. Então de shabat em shabat era aceso. Só que agora na ⁴⁶halachá, que é um ensino também judaico, tem tradição, porque os judeus prezam muito isso, a lei, a tradição e os costumes. Então existe esse costume de acender esses dois castiçais. E esses dois castiçais coloca-se duas velas e passa uma benção, benção das velas, o que significa isso? Significa o texto que diz sobre os mandamentos que o homem deve lembrar e guardar o shabat. Por isso que acende as duas velas. Um pra guardar e outro pra lembrar. Então, além da menorá, existe esses dois castiçais, é por isso que eles tem uma significação específica numa mesa de Shabat.”*

Em relação aos textos sagrados ANDRADE (2009) para a tradição judaico-cristã, as narrativas de violência e intransigência relacionadas às divindades exteriores se constituíram em intolerância. Mesmo que, no judaísmo existam suas tradições, os rituais são acompanhados sempre por membros que pertencem ao judaísmo, o que é diferenciado nas sinagogas ortodoxas que estabelecem distinção e separação dos grupos.

⁴⁶ Conjunto das leis judaicas que contêm os 613 mandamentos da Torá.

- a) **Distinção do Sagrado com o Profano:** *“Tudo aquilo que eu consagro a Deus é considerado sagrado. Nós temos o símbolo que é o mais antigo de todos que é a Menorah, o candelabro, ele representa a luz que ficava dentro do tabernáculo, representa no mundo espiritual ⁴⁷Yeshua, outro símbolo, o seifer torah, que é o pergaminho”.*

Para ELIADE (1992) a história das religiões tem justamente a função de despertar e educar o homem imaginativamente, para que este possa perceber um mundo que faz parte de sua humanidade, mas que foi abolido de sua vida. Enfim de trazer à lembrança ROHDEN (1998), um mundo de sentidos através dos mitos e símbolos das culturas tradicionais para o nosso mundo desencantado pela racionalidade técnica. Os símbolos apresentados no discurso de Amalia na visão judaica são considerados sagrados, pois representam a aliança de Deus para com seu povo.

- b) **Comparação a outras denominações:** *“Comparados no ensino da Torah não. Só no judaico”.*

ANDRADE (2009) “Ainda do clima de intolerância e violência em vários pontos do planeta envolvendo questões políticas e econômicas com questões étnicas, culturais e religiosas, há que se registrar que a “panela de pressão” da imigração de populações pobres em direção aos países do Norte já começava a ferver.”. A comparação do ensino é notável na religião dos adventistas do sétimo dia cuja observância é o sábado. Em nosso estado, por exemplo, essa situação ainda é notável diante o embate político e econômico por conta da diversidade religiosa existente.

- c) **Manifestações Religiosas:** *“As cerimônias, os rituais devem ser feitos no santuário, já os banquetes, as oferendas não.”.*

Em outras palavras SILVA E RIBEIRO (2007), é necessário converter o indivíduo fazê-lo negar sua experiência religiosa e adotar uma nova. A conversão traz em seu bojo a ideia de que a experiência religiosa do indivíduo não é a melhor, não é a mais adequada, não

⁴⁷ Em hebraico significa Jesus.

contribui para o seu aperfeiçoamento e que sua divindade não é verdadeira. Com o propósito de entender as manifestações religiosas, na sinagoga os banquetes que não são ofertados no santuário, por exemplo, é a de comida casher que são usados para sacrifícios, que envolvem animais (bode, cabra e ovelha), refletindo a personalidade nesses animais como ritual de sacrifício a Deus.

Na categoria **Intolerância e Conflitos Religiosos** na subcategoria **Conceito de Intolerância Religiosa**, para entrevistada: *“Intolerância religiosa é não tolerar a religião do alheio.”*.

- a) **Relatos de intolerância religiosa:** *“Acho que aqui não, pessoalmente aqui não.”*
- b) **Disseminação do ódio que leva a intolerância:** *“O que dissemina esse ódio é você desrespeitar aquilo que a pessoa crer. Aquilo que ela acha que e a fé dela.”*
- c) **Igreja e posicionamento com a diversidade:** *“Olha, é por isso que estamos no Cerdram (Comitê Estadual de Respeito à Diversidade Religiosa). Queremos ensinar o que a Torah diz sobre homossexualismo, sobre as outras religiões.”*

O significado da tolerância (Unesco, 1997, p. 11-12) apresenta uma concepção que se aproxima a de Michael Walzer, com forte conotação enquanto convivência pacífica para a garantia de um marco na diversidade. Assim, *“a tolerância é harmonia na diferença”*. Nas observações não se constatou intolerância por partes dos judeus, apenas por parte deles para com não judeus. Para adentrar na sinagoga, foi interrogado se era cristã e solicitado nome completo para em seguida entrar em contato e agendar o dia para participar do possível serviço. A secretaria é bem participativa na sociedade enquanto serve do Deus Altíssimo em representação também ao rabino de origem messiânica judaica.

Na categoria **Propostas para a Liberdade Religiosa**, na subcategoria **Medidas de promoção à liberdade e paz entre as religiões:** *“Diálogo. Tem de haver diálogo”*.

- a) **Autonomia política com outras religiões:** *“Sim, temos. Até hoje temos esse bom relacionamento com batistas, presbiterianos, metodistas.”*

Na fundamentação da intransigência SILVA E RIBEIRO (2007), está à ordem de obedecer cegamente às diretrizes divinas, ou seja, é melhor obedecer a Deus do que aos homens. A visão preconceituosa e de intolerância já faz parte também da sociedade que estamos construindo ou que queremos construir. Finalmente diante do exposto, o diálogo é a ferramenta que aproxima as diversas religiões existentes.

Nos textos da tradição judaico-cristã e islâmica KRONBAUER (2009) há histórias belíssimas de incentivo à convivência e a solidariedade entre os povos, mas existem também relatos de intolerância que ficaram registrados nos textos sagrados desta tradição. A mesma coisa acontece na história do mundo ocidental.

Nesse sentido, ainda é visto como desafio as lideranças ecumênicas, mas gradativamente está conquistando um espaço na sociedade. Ele indica uma possibilidade de convivência com a diversidade, respeito e tolerância à liberdade religiosa.

Em resumo, abaixo encontram-se sinteticamente os resultados das categorias após a análise e discurso dos entrevistados.

Tabela 3: Sistematização dos Resultados definidos por Categorias

CATEGORIA 1 Manifestações Religiosas	CATEGORIA 2 Intolerância e Conflitos Religiosos	CATEGORIA 3 Propostas para a Liberdade Religiosa
<ul style="list-style-type: none"> • Dentro e fora do espaço. • São relacionadas como ato e reverência ao sagrado, segundo os entrevistados. • Rivalidade entre Pentecostalismo x Candomblé. • Candomblé comparado ao catolicismo. • Judaísmo comparado ao islamismo e ao judaísmo messiânico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Intolerância entre o Pentecostalismo Católico e Protestante ao Candomblé • Na mesma denominação religiosa. • Entre os evangélicos, neopentecostais ao candomblé e catolicismo. • Ignorância das demais denominações. • Ao meio social. • As imagens, santos, objetos e elementos da natureza. • As práticas, manifestações e poder de cura. • Ao negro, homossexual, cor e etnia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo entre as denominações. • Educação religiosa e para a liberdade. • Trabalho com a diversidade cultural. • Projetos sociais a comunidades. • Amor ao próximo.

Fonte: Dados das entrevistas semiestruturadas. LEÃO (2017)

6.3. OBSERVAÇÕES DOS LOCAIS

As observações dos locais serão pontuadas um a um nesse capítulo, com a finalidade de evidenciar melhor a temática da pesquisa, bem como o de identificar acontecimentos em espaços sagrados, como também de apontar a evolução da sociedade na perspectiva de indicar as ações socioeducativas, em prol da tolerância na cidade de Manaus.

6.3.1. AS MANIFESTAÇÕES DO TERREIRO

No dia 25 de janeiro de 2017, dirigiu-se ao terreiro de uma mãe de santo na cidade de Manaus. O terreiro é nomeado como um centro espírita que se nomeia por uma santa da igreja católica, por conta do sincretismo religioso e para preservar a identidade do terreiro e fugir de perseguições religiosas.

Para Barros e Maurício (2009), o local sagrado é a morada arquitetônica e sagrada das divindades, um conjunto onde agem as energias naturais, que faz a ligação física destas com os seres humanos. Um lugar público, aberto a todos que o procuram e que recebe variados nomes, entre eles a "casa das forças sagradas", a "casa dos elementos poderosos da natureza", "casa de santo", "Axé", "roça" ou "terreiro".

Figura 16: Pintura da santa, caboclo Jacaúna e Pombagira Cigana.



Fonte: Leão (2017).

Tal qual CARNEIRO (2008), a fisionomia geral da casa de candomblé não difere muito da das casas pobres, em geral, da Bahia. O material de construção se reduz a barro e armação de madeira, às vezes caiado. Em geral, repousam apenas sobre barro batido e só por vezes se pode encontrar chão de cimento ou de tijolos. Segundo a concepção corrente, as mulheres devem dançar descalças sobre chão, nunca sobre soalho. Há alguns anos, Natividade (Neve Branca), pouco antes formado em odontologia, realizou uma inovação na sua casa de Brotas, pondo soalho em todos os compartimentos. Outros candomblés começam a fazer o mesmo. As paredes da casa de candomblé não vão até o teto inclusive, algumas vezes, as paredes externas, e a sua espessura se mede pela vigota que as limita ao alto. A armação de madeira continua para cima, a fim de sustentar a cobertura, quase sempre de palha e, mais raramente, de telhavã ou de zinco. Na divisão da casa, perde-se um grande espaço com corredores, às vezes de 12 a 15 metros de comprimento, como no Engenho Velho, no Gantois, na Vila Flaviana. Ao lado desses corredores alinham-se pequenos quartos e salas que podem servir para os misteres mais diversos. Em redor da casa, abrem-se portas e janelas estreitas, pouco altas, toscamente acabadas e insuficientes à ventilação e à iluminação.

Os terreiros então passam a ser vistos como territórios, onde as religiões de matrizes africanas constroem e reconstróem formas de resistência, enquanto os de candomblé e umbanda representam a baliza que acolhe a diversidade de deuses e entidades inscritas em um espaço considerado sagrado. Há também espaços de sociabilidade e memória, que representa a história do povo de santo encenada por meio dos ritos, essencialmente os iniciativos, nos quais se constituem os pais e mães de santo.

Suplente CARNEIRO (2008), a conquista da Amazônia, iniciada no século XVII, resultou da necessidade de assegurar uma nova fonte de especiarias a Portugal, que as estava perdendo no Oriente. As cidades de Belém e Manaus e um ou outro burgo mais populoso e antigo. Aqui se produziu um fenômeno semelhante ao indicado no centro-sul; sem um prestigioso grupo jeje-nagô para apoiá-lo, e tendo encontrado viva e atuante uma tradição local, o modelo de culto teve de adaptar-se às condições do ambiente.

E isso dentro de uma sociedade Kronbauer (2009), que, até hoje, não reconhece os integrantes dessa população negra como sujeitos de uma tradição histórica, ou de diversas tradições. Tradição que os faz ser um povo com linhagem, com alteridade e conhecedor de um Transcendente, o qual se manifesta com ternura, majestade e divindade.

Ao chegar o terreiro que se localiza em frente à casa da mãe de santo, aguardava-se para as observações do espaço sagrado. De início surgiu apreensão e certo temor por estar naquele lugar, o que jamais havia sido frequentado pela pesquisadora. Cumprimentou-se a

mãe de santo que estava com uma fragrância de perfume bastante forte e a mesma se dirigiu para um local mais adentro do terreiro que parecia uma residência onde residiam alguns moradores. A mesma fez o pedido para aguardar nos bancos enquanto iria para uma consulta médium com alguns moradores que chegavam de vez em quando ao local para se consultar com ela. As pessoas que chegavam ao local observavam com estranheza minha presença, e normalmente chegavam vestidos de roupas comuns e lá trocavam suas vestimentas por cores brancas, onde os homens trajavam-se, de calças e blusas brancas e chapéus e as mulheres saias, calças, blusas ou vestidos brancos com um lenço na cabeça.

Figura 17: Manifestação no espaço sagrado.



Fonte: Leão (2017).

Barros e Maurício (2009), um terreiro de candomblé é um templo religioso, a morada das divindades, portanto, um local sagrado, de silêncio, de meditação. As pessoas que o visitam não devem se apresentar vestidas com roupas inadequadas, desnudas, transparentes, pois ali não é local de lazer nem de passeio, e ninguém entra em outros segmentos religiosos vestindo-se inapropriadamente. Devem-se evitar também palavras de baixo calão, discussões, brigas e desentendimentos.

O fazer-se dos locais de terreiros estão relacionados à dinâmica social, espacial e cultural. Dessa forma, sua consolidação como espaço eficaz necessita da revelação divina. A força sagrada gera uma manifestação justificada pela escolha do espaço como um ponto primoroso. Representa uma parte no mundo onde o indivíduo religioso se sente orientado comunicar-se com deuses. Logo, na ambiência dos terreiros da umbanda e candomblé consolidaram-se como uma espécie de instituições de resistência a toda e qualquer forma de

anulação e preconceito das religiões afros.

Figura 18: Iniciação do culto aos orixás.



Fonte: Leão (2017).

A compreensão que o povo negro busca afirmar no seu contato com a terra é a de que, nela tudo acontece para o bem comunitário. No ambiente religioso, revela uma dimensão profunda da presença de Deus da Vida no seu dia a dia. ⁴⁸“A terra é um aspecto do grupo, não a base do agrupamento [...]. Em parte nenhuma da África a base do reagrupamento depende de contratos autóctones.”.

O candomblé, a religião dos orixás carrega o panteão de suas divindades para a convivência do homem, tornando-o sagrado e mais próximo. O orixá ou Orisá é visto como o dono da cabeça, o dono do ori, que é portador de uma força natural e da natureza. As diferentes nações nomeiam estes seres como orixás, na cultura Iorubá, voduns, entre os fon, e inquices entre os bantu.

De acordo com CARNEIRO (2008), os cultos apresentam todo um estilo de comportamento, uma subcultura, que pode ser vencida somente através de alterações profundas e substanciais das condições objetivas e subjetivas arcaica de que são certamente o reflexo. Logo após uma hora e meia, mais ou menos começaram as manifestações no espaço. Os fiéis ficavam de frente para o outro batendo palmas e cantando descalços, considerado como espaço sagrado, onde não foi permitida minha entrada. Um homem ficava fora do local do espaço e

⁴⁸ SILVA, Marcos Rodrigues da. Teologia afro-americana com um olhar nos passos da comunidade e suas atitudes de fé; corpo e terra, imagens do Deus da Vida. In: ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. Cultura tradicional Banto. Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985. Disponível em: <<http://www.wftl.org/pdf/009.pdf>>.

esporadicamente jogava uma fumaça fora do salão, que possuía um cheiro muito forte parecido com de incenso.

Ainda para BARROS e MAURICIO (2009), existem cultos que representam as “Sociedades secretas e confrarias divinas”, existentes para permitir que determinados cultos fiquem circunscritos somente em certas parcelas da civilização. Algumas, porém, abriu-se para tornar-se mais sociais e políticas, e menos religiosas. Outras se voltaram só para a manutenção da doutrina e da ordem religiosa.

Em harmonia, CARNEIRO (2008), aponta que os cultos são chamados "batuque" na Amazônia e no Rio Grande do Sul. ... "batuque" se aplica a toda e qualquer função à base de atabaques ...ao culto, há na Bahia a forma "batucajé" ...os cultos de Porto Alegre são chamados "pará" pelos crentes e "batuque" por estranhos. A palavra "pará" parece tupi, e não africana a menos que se verifique a hipótese, pouco provável, de ser uma deturpação de Bará, nome por que é conhecido entre os negros gaúchos o mensageiro Exu. Em "babaçuê" (Amazônia), há apenas, como contribuição do negro, o e (fechado) final.

Os animais Lepine (2011),. representam a generalidade de vodum está entre o cabrito, galinha d'angola e o galo. *“Cada um dos orixás está associado a elementos da natureza, fenômenos meteorológicos, determinada cor, dia da semana, animais, plantas, etc. Além disto, os filhos de santo são supostos de herdar e reproduzir o temperamento do seu santo de cabeça, podendo também haver. Às vezes, certa influência do segundo orixá, de modo que os deuses fornecem modelos com os quais os fieis se identificam. O panteão oferece, portanto, uma classificação dos estereótipos da personalidade, e os orixás são constantemente mencionados, na vida cotidiana, como categorias que permitem definir as pessoas, os tipos humanos”*.

Fora do espaço havia uma galinha preta que circulava em toda a parte, e o mesmo homem que jogava a fumaça estava fazendo fogo fora com carvão, parecia que iria assar algum alimento. Tive a satisfação de conhecer a neta e o neto da mãe de santo, em uma das minhas observações em outros locais na pesquisa, que me trataram com bastante atenção e simpatia abrindo as portas para me receber no local para as observações.

Contudo, o ⁴⁹“*O serviço do negro terá consistido em contribuir, com outros povos, para refazer a unidade do homem e do mundo, unir a carne ao espírito, o homem ao seu semelhante, a pedra a Deus. Noutras termos, unir o real ao super-real por meio do homem, não como centro, mas como articulação, umbigo do mundo*”. Durante a cerimônia eles

⁴⁹ Ibid., p. 254.

entoavam uma música e levaram uma senhora para o meio do salão e sentaram-na em uma cadeira. A mesma estava adoentada e estavam realizando algum tipo de cura por meio da bênção da mãe de santo, que se concentrava no centro da roda, com todos aplaudindo e movimentando o corpo em forma de embalo.

Consoante CARNEIRO (2008), antes de dançar, os jongueiros executam movimentos especiais pedindo a bênção dos cumbas velhos, palavra que significa jongueiro experimentado, de acordo com esta explicação de um preto centenário: "Cumba é jongueiro ruim, que tem parte com o demônio, que faz feitiçaria, que faz macumba, reunião de cumbas." O jongo, dança semi-religiosa, precedeu, no centro-sul, o modelo nagô. O vocábulo é angolense, talvez corresponda à partícula *ba* ou *ma* que, nas línguas do grupo banto, se antepõe aos substantivos para a formação do plural, com provável assimilação do adjetivo feminino má.

Figura 19: Estátua do Caboclo Jacaúna no espaço.



Fonte: Leão (2017).

Consoante a CARNEIRO (2008), os cultos mais modernos, tocados de espiritismo, já se intitulam de Umbanda, em contraste com Quimbanda, ou seja, macumba. Esta seria a magia *negra*; a Umbanda, a magia branca. São coexistentes à criação adicionadas as regras básicas da Umbanda diferenciada do Candomblé, tais como: o uso de roupas brancas; ter como adereço uma fita da cor do orixá ou do santo do dia; não receber recompensa de quem recorre à Umbanda; não praticar sacrifício de animais; fazer da caridade a prática permanente do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Quando seus filhos adoecem e sente a aproximação da morte,⁵⁰ xangô procura dar toda a assistência e trazer possibilidades de cura. Pedir a bênção, no candomblé, faz parte da hierarquia e da rotina das casas, onde todos se cumprimentam, saudando-se e trocando bênçãos, num gesto bonito e humilde de relacionamento. A bênção é uma forma de demonstrar nossa humildade perante as divindades. Quando uma pessoa responde a um pedido de bênção, essa é uma resposta do orixá, utilizando-se de sua boca para se comunicar e de suas mãos para tocar naquele que a pediu. O homem não tem o poder divino de bendizer ou de abençoar seus semelhantes. Ele é somente a ferramenta utilizada pelas divindades. (p. 163).

Figura 20: Celebração aos orixás.



Fonte: Leão (2017).

Mas mesmo nos dias atuais, em alguns lugares, ainda existem perseguições à nossa religião BARROS E MAURICIO (2009) e também a várias outras. Porém, não devemos aceitar e nem permitir que haja discriminação ou violência aos nossos direitos e à nossa liberdade de expressão, ou que ofendam nossa religião e nossas crenças. Se alguns têm direito de levar as pessoas para as praças ou de seguir em procissão pelo meio das ruas para fazer suas rezas, os candomblecistas e umbandistas também têm o direito de fazer seus preceitos nas encruzilhadas, nas matas, nos rios, nas cachoeiras, nos mares. Na observação, os vizinhos da região passavam em frente ao terreiro e olhavam com certa desconfiança e aparentava temor ao ver os fiéis trajados com as vestimentas. Isso reflete a intolerância que possuem da

⁵⁰ (Şàngó) é orixá que tem dois aspectos: o divino/mítico e o histórico. Sua linhagem divina provém diretamente de Odudua. Pela parte histórica, é tido como filho de Oraniã com Torossí, uma linda filha do rei Elempé, da nação Tapá (ou Nupê). (Barros, 2009 p. 416).

religião-afro, em classificá-las como “macumba” e o povo do terreiro como demoníacos.

É geralmente convidado um par de autoridades ilustres a religião para servir como testemunha para o nascimento de uma nova cumeeira, de uma nova comunidade. A partir daquele momento, o casal escolhido precisará estar sempre presente nas futuras festas e obrigações da cumeeira.

Assim, não foi permitida minha entrada no espaço, entretanto não me interessei de fato por entrar, apenas de registrar os momentos do espaço uma vez que a intenção ao realizar as observações do espaço, consistia em identificar se no ato da manifestação sagrada, presenciaria algum caso que despertasse ou incitasse intolerância religiosa ou violência o que não foi presenciado naquele momento.

Figura 21: Observação do terreiro de vitima por intolerância religiosa



Fonte: Leão (2017).

Uma das regras para alguém ser convidado na roda do candomblé segundo Barros e Maurício (2009):

- ✓ Pessoas não devem entrar na "roda de candomblé" se não forem convidadas. As mulheres que forem chamadas pelo sacerdote ou pelas autoridades da casa para fazer parte da "roda" devem, de preferência, usar um pano da costa;
- ✓ Vestidos muito justos, decotados ou transparentes, de cores muito escuras ou berrantes, e também calças compridas, não são roupas preparadas para se dançar para as divindades;
- ✓ Não devem entrar na "roda" pessoas que estejam ébrias, pois trarão transtornos a todos;

- ✓ Pessoas que fazem da festa sagrada do orixá local de encontro ou de diversão, para verem e serem vistas, com certeza não têm fé e não estão ali para compartilhar da festa e da dança das divindades;
- ✓ É usual que as casas preparem cadeiras especiais para receber suas visitas ilustres. Neste caso, ninguém poderá sentar-se nestas cadeiras se não for convidado por uma autoridade do Axé;
- ✓ Deve ser observado o horário determinado para o início da festa, pois, ao chegarem atrasadas, as pessoas provocam certa turbulência e até mesmo causam distração. Aqueles que têm fé e amam as nossas divindades esperam por elas em sua morada.

No dia-a-dia, muitas casas de candomblé geralmente encontram-se, em relativo silêncio e com pouco movimento, mas nos dias de festas das divindades a quantidade de pessoas se multiplica muitas vezes. Por isso, as regras de conduta, de civilidade e da boa educação precisam ser bem observadas. Em muitos Axés existem várias pessoas para ajudar na organização para que tudo corra a contento e na mais perfeita ordem. Os convidados devem ser tratados com muito carinho, pois são as visitas que ajudam a abrilhantar ainda mais as festas. Entretanto, existem certas regras que devem ser observadas pelas visitas, de acordo com cada casa.

Complementando CARNEIRO (2008), além das características nacionais dos cultos de origem africana, inúmeros outros elementos de identificação já inteiramente esquecidos ou abandonados nas demais áreas, como o ritual funerário (axexê) e a sociedade secreta dos Eguns (Bahia), as esposas *sacerdotais* do adivinho (Recife) e, em toda a sua inteireza, a personalidade de Exu, sob o nome de Bará Porto Alegre).

Em busca da cura de mazelas e dos problemas que a sociedade atravessa, este indivíduo que se sente desprotegido faz com que o terreiro seja considerado um ambiente de consolo, de paz e reflexão, O indivíduo se enxerga não como um ser humano, mas como alguém que faz parte do sagrado e se torna importante e ativo, pois ele não fica passivo, apenas na escuta, ele vive e vivencia a sua prática.

6.3.2. AÇÕES DA SOCIEDADE PELA DIVERSIDADE RELIGIOSA

Elias aponta “sociedade e indivíduo” em sua obra Sociedade dos Indivíduos, em certos aspectos dos seres humanos. Além disso, oferece instrumentos para refletir sobre as pessoas e observá-las em uma perspectiva emancipadora como forma de liberdade do pensamento

resultante de uma postura crítica.

A sociedade contemporânea Silva e Ribeiro (2007), está mais aberta ao diálogo e principalmente sendo incentivada através de campanhas socioeducativas para promoção da liberdade religiosa. Quando há aproximação dos líderes religiosos ou dos grupos religiosos, isso tem repercussão na sociedade e reforça os valores de respeito, compreensão e tolerância.

Figura 22: Pedágio Respeito à Diversidade e Intolerância Religiosa.



Fonte: Leão (2017)

Na foto acima, foi realizada o Pedágio Respeito à Diversidade e Intolerância Religiosa na cidade de Manaus, objetivando conscientizar a sociedade frente à diversidade existente na região. O pedágio teve como incentivo o apoio do governo do estado do Amazonas e suporte dos policiais militares para garantir a segurança dos que estavam participando.

Os conceitos Elias (1990), que influenciam decisivamente o pensamento e os atos das pessoas que crescem na esfera delas fazem com que o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes.

Figura 23: Ação Social de Respeito à Diversidade Religiosa.



Fonte: Leão (2017).

O evento contou com alguns membros que defendem a liberdade religiosa, como alguns da Articulação Amazônica dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana que representam o candomblé. A ação social contou a divulgação da campanha através de cartazes, adesivos e folders em busca de igualdade e respeito à diversidade religiosa. Andrade (2009) aponta ainda que as desigualdades, sobretudo sociais, políticas, jurídicas e econômicas as realidades que se quer, de uma maneira mais ou menos intensa, superar.

No entanto Touraine, (1998), “todas as sociedades modernas foram fortemente hierarquizadas, ao mesmo tempo em que afirmavam a igualdade dos direitos civis”. Nessa perspectiva, a igualdade é vista como um direito natural: os seres humanos nascem e permanecem livres e iguais em direitos.

6.3.3. AÇÃO SOCIOEDUCATIVA NAS UNIVERSIDADES

Outra ação socioeducativa que esteve engajada no mês de janeiro em representação ao dia do Combate à Intolerância Religiosa, tiveram como participação duas universidades públicas na cidade de Manaus. A primeira foi a Universidade Federal do Amazonas em uma palestra sobre o tema, enfatizando direitos humanos e civis. A outra foi na Universidade Estadual do Amazonas, tendo como ponto temático direitos públicos no estado e sobre a importância da laicidade na cidade como promoção a liberdade e diversidade religiosa.

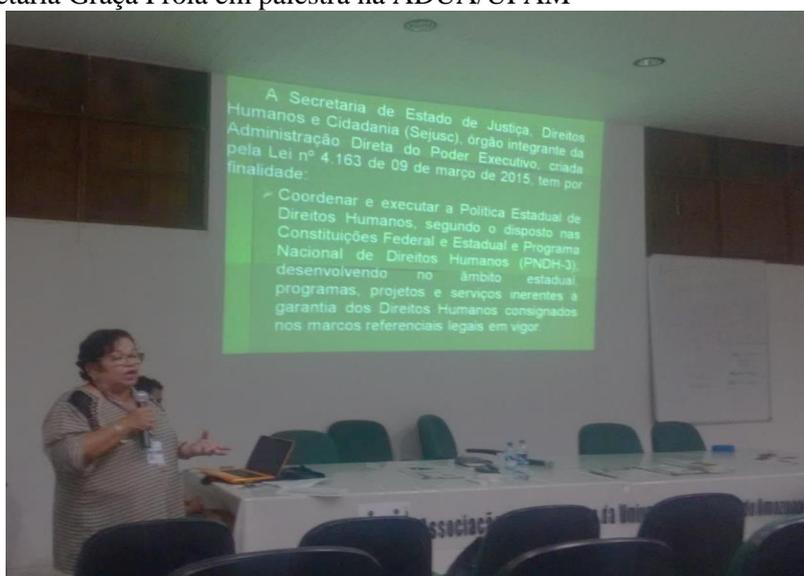
As mudanças na maneira como a sociedade Elias (1990) é compreendida e refletem,

portanto, e até na maneira como as diferentes pessoas que formam essas sociedades entendem a si mesmas: em suma, a autoimagem, e a composição social – aquilo a que chamo o *habitus* dos indivíduos.

Na ação, compareceu na ADUA (UFAM), no dia 18 de janeiro de 2017 da palestra com a secretária Graça Prola da Secretaria de Estado e Justiça Direitos Humanos e Cidadania – SEJUSC onde esteve palestrando na Universidade Federal do Amazonas sobre direitos humanos política e cidadania. A secretaria é dirigida por Graça Prola, onde coordena o Conselho Estadual de promoção de igualdade racial e o Comitê Estadual de Respeito à Liberdade Religiosa. Além dos conselhos há também as campanhas educativas e campanhas sobre a diversidade religiosa, a secretaria, então trabalha para que haja através das políticas públicas de direitos humanos, o respeito, a paz, tolerância e igualdade.

A sociedade, como sabemos, somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas. Mas uma porção de pessoas juntas na Índia e na China forma um tipo de sociedade diferente segundo Elias (1990), encontrada na América ou na Grã-Bretanha; a sociedade composta por muitas pessoas individuais na Europa do século XII era diferente da encontrada nos séculos XVI ou XX. E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de vida em comum para outra não foi planejada por nenhum desses indivíduos. Pelo menos, é impossível constatarmos que qualquer pessoa dos séculos XII ou mesmo XVI tenha conscientemente planejado o desenvolvimento da sociedade industrial de nossos dias.

Figura 24: Secretária Graça Prola em palestra na ADUA/UFAM



Fonte: Leão (2017).

Além de apontar uma das principais causas que levam a sociedade a ir além de seus dogmas religiosos, existem vários outros tipos de situações que possam despertar a intolerância. No âmbito religioso, a intolerância Andrade (2009) é incitada a partir de ausência de diálogo ferindo o outro através da manifestação do ódio religioso, o que também é evidenciado em casos homofóbicos e raciais. Educar para a tolerância apontaria assim para a universalidade das normas morais e para a particularidade de cada ser humano como um ser absolutamente valioso.

Figura 25: Seminário da UEA: “Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa.”



Fonte: Leão (2017).

Outro evento muito relevante e o que contribui para o desenvolvimento da pesquisa como reiterado no início da dissertação, foi o Diálogo com o Sagrado que ocorreu dia 14 de abril de 2016. No evento, houve um debate muito edificante que abordou tolerância e a diversidade cultural na própria Universidade. O evento abordou uma discussão frente a questões de igualdade, tolerância e respeito a diversidade cultural. O que ainda precisa ser fomentados nos espaços acadêmicos, pois pouco se presencia tais ações, embora essas questões venham sendo discutidas a um longo período. O evento foi promovido pelos Programas de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia e em Sociologia (PPGSCA e PPGS) em parceria com dois grupos de pesquisa sobre religião da Universidade. O primeiro deles é o Grupo de Pesquisa em Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE), coordenado pela professora Marilina Conceição, e o segundo é o Núcleo de Estudos ‘Afro Indígenas’ (NEAINC), sob a coordenação da professora Renilda Costa.

Sobre indivíduo e sociedade Elias (1990), no processo civilizador estendia-se por inúmeras gerações, podia ser rastreada ao longo do movimento observável, numa determinada direção, do limiar da vergonha e constrangimento. Isso significava que as pessoas de uma geração posterior ingressavam no processo civilizador numa fase posterior. Ao crescerem como indivíduos, tinham que se adaptar a um padrão de vergonha e constrangimento, em todo o processo social de formação de consciência, posterior ao das pessoas das gerações precedentes. O repertório completo de padrões sociais de auto regulação que o indivíduo tem que desenvolver dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, é específico de cada geração e, por conseguinte, num sentido mais amplo, específico de cada sociedade.

Esteve-se no Seminário Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa em 19 de Janeiro de 2017 na Universidade do Estado do Amazonas. O seminário Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa em parceria com a Secretaria de Estado, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC) teve como objetivo conscientizar a sociedade na semana, que antecede ao dia 21 de janeiro, contra a Intolerância Religiosa. O seminário começou às 9h30 e se estendeu até as 16h30. Foram apresentados painéis sobre religiões, liberdades e intolerâncias; Desafios e Perspectivas para o Estado Laico no Brasil; Diagnósticos sobre a Liberdade Religiosa no Brasil; uma discussão acerca do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (RIVIR), além de uma palestra especial sobre os Desafios da Laicidade no Mundo Contemporâneo. O encontro foi aberto ao público e gratuito na reitoria da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Igualmente, Elias (1990) aponta que ela só existe porque existe um grande numero de pessoas, só continuam a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e, no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular.

O seminário foi iniciado pela advogada Gelene e Adriana Oliveira, ambas da Comissão de Liberdade de Consciência e Crença da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB – AM), que estava compondo a mesa do debate juntamente com a secretária Graça Prola da Secretaria de Estado, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC). Gelene, da OAB, apresentou uma breve introdução sobre a representação do seminário, apontando o Estado Laico como “liberdade de crença”, ou seja, o credo da sociedade não vem ser discutido de forma dogmatizada, mas sim como respeito à diversidade na perspectiva de diálogo inter-religioso.

Na obra de Elias (1990), em Sociedade dos Indivíduos, os conceitos que influenciam decisivamente o pensamento e os atos das pessoas que crescem na esfera delas fazem com que

o ser humano singular, rotulado de indivíduo, e a pluralidade das pessoas concebida como sociedade, pareçam ser duas entidades ontologicamente diferentes.

Dessa maneira, ainda segundo ela, o Estado passa a ser indiferente e não neutro, evidenciando em nossa Constituição como direito a liberdade de crença. A educação então passa a agir como medida de promoção para a tolerância como forma de conscientização à liberdade de crença. Seguindo com a temática, a Secretária Graça Prola aponta a questão de respeito à liberdade religiosa como trabalho que não deve ser contínuo, promovendo a cultura de paz na sociedade manauara. Diante de vários casos que ocorreram nos anos anteriores sobre violência e mortes contra proferir e cultuar as diversas religiões no Estado do Amazonas, a secretária conseguiu, em parceria com o Governo do Estado, que seja instituída a delegacia especializada para crimes contra a intolerância religiosa, com o objetivo de minimizar os conflitos e violências, a fim de garantir liberdades em cultos e celebrações que pertençam ao sagrado. Além desse grande avanço, a SEJUSC trabalha em campanhas preventivas contra esses crimes.

Assim **indivíduo e sociedade** na visão de Elias (1990), constituem em elementos indissociáveis e complementares, nenhum existe sem o outro. O indivíduo na companhia de outros e a sociedade como sociedade de indivíduos, desprovidos de objetivo. A dificuldade parece estar em que, nas ordens sociais que nos apresentam uma das duas coisas sempre leva a pior. Entre as necessidades e inclinações pessoais e as exigências da vida social, parece haver sempre, nas sociedades que não são familiares, um conflito considerável, um abismo quase intransponível para a maioria das pessoas implicadas.

6.3.4. CONQUISTA DE DIREITOS NA SOCIEDADE

As ações na cidade foram desenvolvidas a respeito da temática objetivando incentivar a liberdade religiosa em meio à diversidade de crenças. O mês de janeiro contou com uma programação recheada para que esse incentivo à sociedade fosse reforçado. O governo do Estado do Amazonas, conseguiu avançar a passos lentos a respeito dessa igualdade.

Numa democracia pluralista Andrade (2009), a liberdade só tem razão de ser se articula e limitada por outros valores igualmente legítimos. A liberdade deve, então, ser reflexivamente determinada por outros critérios, por outros valores que apresentem razões suficientes para também organizar a vida social. Entre esses, o valor da igualdade, que reivindica condições de isonomia e equidade, a fim de se evitar a imposição dos mais fortes, que agem supostamente em condição de liberdade e igualdade com todos os outros. A

liberdade enquanto ideal não pode servir para mascarar a desigualdade de fato.

A programação ocorreu do dia 19 e 21 de janeiro de 2017. Para fortalecer a campanha permanente de respeito à liberdade religiosa se faz necessário inicialmente conscientizar a população sobre o assunto. A Declaração Universal dos Direitos Humanos possivelmente seja o documento mais conhecido que evidencie o direito ou protesto contra alguma violência sofrida. O artigo 18 contempla a liberdade religiosa: *“Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.”*. Dessa maneira, foi a primeira atividade do ano sobre o tema que contou com o apoio do Comitê Estadual de Respeito à Diversidade Religiosa e da Comissão Liberdade, Consciência e Crença da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/AM). Igualdade e liberdade são, então, demandas e não simétricas, mas que, ao mesmo tempo, se limitam Bobbio (1995): *“medidas igualitárias limitam a liberdade e, vice-versa, medidas liberárias aumentam a desigualdade”*.

Na primeira imagem da figura 26, representa o fortalecimento da campanha permanente de respeito à liberdade religiosa e conscientizar a população sobre o assunto, o Governo do Amazonas, por meio da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (Sejusc), realizada nos dias 19 (quinta-feira) e 21 (sábado) de janeiro, programação especial pelo Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa, lembrado em 21 de janeiro.

A agenda é de conscientização do público acerca da intolerância religiosa que já é considerado crime, do respeito a crença do outro e de consolidação do pacto coletivo estadual de respeito a liberdade religiosa que foi assinado no fim do ano passado com a participação de várias entidades religiosas e poder público, haja vista que nesta ação já vamos planejar as atividades a serem realizadas em 2017”, salienta a titular da Sejusc, Graça Prola.

A defesa do conceito de tolerância nesses termos seria capaz de unificar, no atual contexto, três diferentes e históricas demandas de justiça: (1) a liberdade de pensamentos, expressão e associação; (2) a igualdade de acesso a direitos, oportunidades e bens sociais; e (3) o direito à diferença e ao pluralismo de identidades e condições. (Andrade 2009, p. 202). O

projeto de lei 152/2016 que considera como de Utilidade Pública e Associação de Desenvolvimento Sócio Cultural Toy Badé. Para o deputado Luiz Castro, a aprovação do projeto é um passo à frente em busca do reconhecimento de utilidade pública para a associação. *“Um passo importante no processo de inclusão social das comunidades afrodescendentes”* ressaltou, o projeto foi encaminhado para sanção.

Reflete, portanto, mudanças na maneira como a sociedade é compreendida, e até na

maneira como as diferentes pessoas que formam essas sociedades entendem a si mesmas: em suma, a autoimagem, e a composição social – aquilo que Elias (1990) chama de *habitus* dos indivíduos. (p.09).

A ⁵¹Convenção Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (1966), diz que:

Art. 18

1. Toda pessoa terá à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Esse direito implicará a liberdade de ter ou adotar uma religião ou crença de sua escolha e a liberdade de professar sua religião ou crença, individual ou coletivamente, tanto pública como privadamente, por meio do culto, da celebração de ritos, de práticas e do ensino.
2. Ninguém poderá ser submetido a medidas coercitivas que possam restringir sua liberdade de ter ou adotar uma religião ou crença de sua escolha.
3. A liberdade de manifestar a própria religião ou crença estará sujeita apenas às limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.
4. Os Estados-partes no presente Pacto comprometem-se a respeitar a liberdade dos pais – e, quando for o caso, dos tutores legais – de assegurar aos filhos a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

Art. 19

1. Ninguém poderá ser molestado por suas opiniões.
2. Toda pessoa terá o direito à liberdade de expressão; esse direito incluirá a liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, independentemente de considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, de forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha.
3. O exercício de direito previsto no parágrafo 2º. do presente artigo implicará deveres e responsabilidade especiais. Conseqüentemente, poderá estar sujeito a certas restrições, que devem, entretanto, ser expressamente previstas em lei e que se façam necessárias para:

⁵¹ O Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos foram adotados pela Resolução n. 2.200-A (XXI) da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 16 de dezembro de 1966, e ratificado pelo Brasil em 24 de janeiro de 1992.

1. Assegurar o respeito dos direitos e da reputação das demais pessoas;
2. Proteger a segurança nacional, a ordem, a saúde ou a moral públicas.

Art. 20.

1. Será proibida por lei qualquer propaganda em favor de guerra.
2. Será proibida por lei qualquer apologia ao ódio nacional, racial ou religioso, que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade ou à violência.

Na contemporaneidade esses documentos a sociedade esta mais consciente e reflexiva em relação aos assuntos que envolvem respeito, diversidade, cultura, tolerância, intolerância, inclusão e exclusão, as hostilidades ainda estão vigentes. Há Kronbauer (2009), um limite entre a tolerância e a convivência. A intolerância acontece atualmente por dois motivos: a não aceitação da experiência religiosa diversa e a imposição de um único modo de experiência religiosa

Figura 26: Direitos Humanos, Caminhada Pela Cultura de Paz.



Fonte: Panfletos distribuídos (2017).

Na terceira figura, aponta a realização da abertura no dia 19 de janeiro de 2017, com o seminário “Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa”, que ocorreu no auditório da Reitoria da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), na Avenida Djalma Batista na zona centro-sul de Manaus. Foram apresentados painéis sobre religiões, liberdades e intolerâncias; Desafios e Perspectivas para o Estado Laico no Brasil; Diagnósticos sobre a Liberdade Religiosa no Brasil; uma discussão acerca do Relatório sobre Intolerância e Violência Religiosa (RIVIR), além de uma palestra especial sobre os Desafios da Laicidade no Mundo Contemporâneo. O encontro foi aberto ao público e gratuito e com certificação ao final.

Assim, Elias (1990) a finalidade da linguagem é a comunicação entre as pessoas, ou que a finalidade do Estado é a manutenção da ordem, como se, no curso de história da humanidade, a linguagem ou a organização de associações específicas de pessoas sob a forma de Estados tivesse sido deliberadamente criada para esse fim específico por indivíduos isolados, como resultado de um pensamento racional.

Na última figura, foi realizada a Caminhada pela Cultura de Paz do dia 10 de dezembro de 2017, com chegada a praça da polícia no centro da cidade em prol da diversidade religiosa e liberdade de crença.

Figura 27: Passeata contra a Intolerância Religiosa.



Fonte: Leão (2017)

O ato contra a intolerância religiosa na cidade de Manaus no ano de 2017 foi bastante enfatizado na cidade, uma vez que no mês é marcada a data do dia 21 de janeiro contra o combate a intolerância religiosa. Várias campanhas socioeducativas, passeatas e seminários voltados à temática foram trabalhados na cidade, com a finalidade de garantir a paz entre as

religiões, principalmente à de descendência afro. A liberdade Andrade (2009) dessa maneira é defendida e definida em oposição às arbitrariedades do poder absoluto. O conceito de igualdade, por sua vez, tem sido historicamente pensado em oposição às desigualdades sociais.

Tomou-se conhecimento da agenda da cidade que valorizava o mês da programação sobre intolerância religiosa, a partir da entrevista realizada com o sujeito da pesquisa que representa a denominação do candomblé. O mesmo avisou sobre a caminhada e a relevância que a mesma apresenta para a sociedade e os povos do terreiro.

O conceito de igualdade tem sido fundamental para a consolidação da concepção de democracia, concebida como sistema político que visa à garantia da igualdade dos indivíduos perante a lei, tal qual preconiza a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Enquanto a desigualdade Delacampagne (2000) é, portanto, o fato primeiro, que cabe à sociedade corrigir. E o ideal de igualdade é o resultado global dessa tentativa de correção. Na formação histórica e social desse processo, o indivíduo não desempenha papel algum. Os modos científicos de pensamento misturam-se, fácil e imperceptivelmente, com os modos religiosos e metafísicos, formando uma perfeita unidade.

Figura 28: Povo do terreiro na Caminhada até a paróquia de São Sebastião.



Fonte: Leão (2017)

Partindo dessa premissa, as observações foram destinadas aos locais da programação do mês de janeiro na cidade de Manaus, o acompanhamento e os registros. O campo foi bastante complexo, pois a pesquisadora estava com o braço engessado devido a uma fratura, o que ficava impossibilitada de permanecer muito tempo em pé e se deslocando para locais

distantes, mas todo o desafio foi recompensado pela pesquisa.

Mas dificuldades dessa natureza não se encontram apenas no estudo de fatos históricos e sociais no sentido mais estrito. Não menos intrusivas são elas quando se tenta compreender os seres humanos e a sociedade em termos de funções psicológicas. Na ciência Elias (1990) que lida com fatos dessa espécie, encontram-se de um lado, ramos de pesquisa que tratam o indivíduo singular como algo que pode ser completamente isolado e que buscam elucidar a estrutura de suas funções psicológicas independentemente de suas relações com as demais pessoas. Por outro lado, encontram-se correntes, na psicologia social ou de massa, que não conferem nenhum lugar apropriado às funções psicológicas do indivíduo singular.

Figura 29: Mãe de Santo entoando durante a caminhada.



Fonte: Leão (2017).

A caminhada então estava acompanhada pelos povos de terreiro de matriz africana de umbanda e candomblé, acompanhada pelo carro dos corpos de bombeiros que carregava em cima a estátua do santo que mais sofreu intolerância no decorrido ano. Essa celebração costuma ocorrer uma vez ao ano e o povo de terreiro, ambos mantêm um diálogo inter-religioso com o povo da umbanda e candomblé há 13 anos. A caminhada também contou com a ajuda da polícia militar do estado, para dar suporte à segurança dos mesmos, pois no ato da caminhada pelas ruas cantavam e tocavam tambor celebrando suas raízes afros.

Nos estudos elisiano, a sociedade ou o indivíduo é visto como o objetivo mais alto, os dois lados procedem, no que tange ao pensamento, como um ser externo à humanidade, ou um representante seu em nosso pensamento, a “natureza” e uma “razão” divina que funcionassem previamente a qualquer experiência, houvesse estabelecido esse objetivo último e essa escala de valores, sob essa forma, para todo o sempre.

Ao que tudo indica Konder (2001), a tensão entre singularidade [diferença] e a universalidade [igualdade] cria um desses problemas filosóficos que não têm solução, quer dizer, que vão sendo resolvidos caso a caso, um tanto de acordo com as contradições históricas e culturais. (...)

Figura 30: Povo do terreiro na caminhada expondo seus santos.



Fonte: Leão (2017).

A sociedade Elias (1990) é o objetivo final e o indivíduo é apenas um meio, o indivíduo é o objetivo final e a união dos indivíduos numa sociedade é apenas um meio para seu bem-estar, eis os gritos de guerra que os grupos em confronto bradam um ao outro, no contexto de sua situação atual, com as pressões e interesses que lhe são transitórios.

Figura 31: Chegando ao término da caminhada.



Fonte: Leão (2017).

A sociedade observava o ato com bastante surpresa e entusiasmo, o que em alguns era notório o olhar de repugnância e espantos e em outros até se benziam com sinal da cruz. Observou-se ainda, que em grande parte dos olhares da população aos arredores da cidade eram de preconceito, e ouviam-se algumas expressões como: - *macumbeiros!* Normalmente, acusam essas pessoas que cultuam às religiões afros como: assassinos, feiticeiros e demônios que praticam o mal, e por isso muitas vezes os julgam e por vezes os agriem e cometem suicídios.

Figura 32: Imagem de São Sebastião carregada pelos povos do terreiro.



Fonte: Leão (2017).

Essa formação panteísta de formação de sociedade evidencia também pelo movimento histórico ditado no cristianismo como formação de mundo e dos primeiros seres habitáveis em terra. De fato, o processo civilizador da humanidade poderia ser constituído a partir das primeiras civilizações desses seres que retratam a descendência de gerações passadas que contribuem até hoje nesse processo da contemporaneidade.

Contudo Andrade (2009), é possível avançar em direção aos direitos de igualdade, principalmente através de progressivas políticas sociais de redistribuição e de reconhecimento de oportunidades, renda, bens e poder. Se a desigualdade é um fato constatado e inegável ainda que também construído, ou seja, produzido e a igualdade um princípio fundamental de nossas sociedades, há que se buscarem as estratégias de redução dessa distância.

Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humana só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade Elias (1994) sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo. Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente, é constante

aparecerem lacunas e falhas em nosso fluxo de pensamento, como num quebra-cabeça cujas peças se recusassem a compor uma imagem completa.

Figura 33: Discurso do Pai de Santo antes de entrar na paróquia.



Fonte: Leão (2017).

Seguidamente, a caminhada foi bastante desafiadora, pois, iniciou meia hora do horário previsto. Iniciou-se da zona norte, especificamente do bairro cidade nova. Seguiu adiante até a zona sul do centro de Manaus, tendo como ponto de chegada em frente à paróquia São Sebastião. A sociedade surge, então, simplesmente como uma aglomeração de muitos indivíduos, como o determinante estatístico de atitudes e ações, e não como um auxiliar (em vez de meta) indispensável e como a evidencia mais importante à disposição da pesquisa sócio-psicológica.

Figura 34: Mãe de Santo entra entoando na paróquia.



Fonte: Leão (2017).

Em frente à paróquia, o pai de Santo Alberto Jorge proferiu: *“Em 2004, pela primeira vez o povo de terreiro do Amazonas, pode entrar em uma igreja católica, iniciando assim um diálogo inter-religioso. E essa tradição se manteve até hoje todos os anos do dia 19 de janeiro aqui na igreja de São Sebastião. Nós aqui nesta igreja somos bem acolhidos, somos bem recebidos, a comunidade de São Sebastião dar assim uma das mais fantásticas e maravilhosas provas de amor cristão, de aceitação, de respeito à dignidade humana, respeito à diversidade religiosa. Em nome de todos os povos e comunidades tradicionais de terreiro do Amazonas, nós queremos prestar aqui nossos agradecimentos na comunidade São Sebastião”*.

A afirmação de que os indivíduos Elias (1990) são mais “reais” do que a sociedade nada mais faz além de expressar o fato de que as pessoas que defendem essa visão acreditam que os indivíduos são mais importantes, e que a associação que eles formam a sociedade, é menos importante. A ideia de “na realidade”, não existir sociedade, apenas uma porção de indivíduos.

Após o discurso de Alberto Jorge o povo de terreiro adentrou na paróquia e assistiram o novenário da missa de São Sebastião. Logo na entrada do povo de terreiro, os olhares dos fiéis da igreja católica resultavam-se, em discriminação e desprezo. Percebia-se que não se agradavam da presença dos mesmos na paróquia. Nesse mesmo ano de 2017 no dia 20 de janeiro, foi realizada a missa campal e procissão a São Sebastião.

Figura 35: Entrada do povo de terreiro na paróquia.



Fonte: Leão (2017).

A epistemologia contemporânea Andrade (2009) nos ajuda a pensar uma educação para a tolerância que recuse toda e qualquer possibilidade de verdades inquestionáveis, que reconheça na racionalidade a possibilidade do erro e que afaste de nossa maneira de pensar os dogmatismos intolerantes, as verdades prontas e as certezas supostamente objetivas.

Por conta de sincretismo, a relação entre a arquidiocese com os povos de terreiro se deu a partir do diálogo entre as religiões. A relação foi facilitada, pois o pai de santo Alberto Santo também conhece os padres por participar da igreja, segundo o mesmo fora criado nas duas denominações religiões, e em pouco tempo para se ordenar padre decidiu seguir com o povo do candomblé atendendo o chamado dos vodus.

A primeira vez que a pesquisadora adentrou em uma igreja católica, o que de fato desconhecia como ocorria o ritual da missa. De fato estranhou-se bastante, uma vez que ao discorrer sobre a dissertação frente à temática de intolerância, sentiu-se desconfortável. Os olhares dos fiéis eram de estranheza a real condição da pesquisadora, uma vez que a mesma estava com o braço e o punho esquerdo engessado devido a uma fratura que havia sofrido. A tolerância assim Andrade (2009), irrompe como virtude e atitude desde a Renascença à Ilustração.

Figura 36: Povo de terreiro se dirigindo próximo ao púlpito.



Fonte: Leão (2017).

Em momento algum, ofereceram local para a mesma sentar durante toda a missa que durou mais de uma hora. A pesquisadora é de origem cristã, não possui religião definida apenas tem como credo religioso Jesus Cristo seguido pela Trindade Pai, Filho e Espírito Santo. A mesma crê que a religião gera fanatismo, egoísmo, acepções de pessoas e distinção de grupos, o que gera acusações, violência física e simbólica.

As sociedades Elias (1990), porém, não têm essa forma perceptível. Não possuem estruturas passíveis de serem vistas, ouvidas ou diretamente tocadas no espaço. Consideradas como totalidade, são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro. Os pais, filhos de pais, são seguidos por filhos e as mães, por filhas. Trata-se, na verdade, de um fluxo contínuo,

uma mudança mais rápida ou mais lenta das formas vivas; nele, só com grande dificuldade o olhar consegue discernir um ponto fixo.

Figura 37: Diálogo com os fiéis da paróquia.



Fonte: Leão (2017).

A instante nenhum presenciou-se a integração do grupo dos representantes do candomblé e da umbanda na paróquia. Os mesmos se concentraram em frente ao púlpito num canto da paróquia e apenas no final da missa, foi chamado pelo frei o pai de santo Alberto Jorge para reiterar a relevância do diálogo religioso em seu discurso. Elias (1990), sobre o indivíduo, até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe.

Diante do mal banal e intolerante do mundo contemporâneo, Andrade (2009) vê nessa perspectiva acredita numa educação em que os/as educadores/as se encontrem diante de duas possibilidades: ou se educa para a tolerância e conseqüentemente para o pluralismo e a valorização das diferenças, ou se colabora, ainda que inconscientemente, com uma educação para a irreflexão, para o vazio do pensar, para um harmonioso mundo de clichês e verdades feitas, para o monismo e a uniformização.

Acredita-se que esse momento é realizado devido à importância que a igreja católica tem como organização política, mas como igreja não conjectura-se que talvez esse momento não fosse realizado se não representasse uma posição de supremacia na sociedade. A ordem invisível dessa forma de vida em comum, que não pode ser diretamente percebida, oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis.

6.3.5. EDUCAR PARA A DIVERSIDADE

Na cidade de Manaus, especificamente na sociedade contemporânea as campanhas educativas estão sendo reforçadas à medida que as religiões estão buscando a cada dia seu espaço. Essas imagens referem-se ao vídeo da campanha da Secretaria do Estado de Justiça de Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC). As pessoas estão vinculadas através de laços invisíveis de trabalhos e propriedades de instinto e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-se dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Em cada associação de seres humanos esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica

O respeito Kronbauer (2009) pelo direito à convivência de todos no mesmo espaço social não nos impõe que tenhamos que aprovar ou pôr em prática os valores do outro grupo com quem não compartilhamos os mesmos valores. No entanto, o fato de não concordamos com um grupo não nos dá o direito de exigir a sua destruição ou eliminação, nem realizar atos de violência.

Figura 38: Campanha socioeducativa no cinema.



Fonte: Sejusc com o apoio do Governo do Estado do Amazonas.

Por um lado, uma sociedade ou grupo ou até mesmo uma pessoa não pode impor um

modo de vida, ou um conjunto de valores, ou uma maneira de enxergar a realidade como sendo a única verdade. Essa é a forma mais visível de intolerância. Por outro lado, ser tolerante não é apenas adotar uma realidade porque não temos como fugir dela; ser tolerante não é apenas adotar uma realidade porque não temos como fugir dela; não é “aguentar” a situação. Não podemos dizer que somos tolerantes só porque não podemos nos livrar da pessoa ou porque estamos de alguma forma obrigados a assumir algo. Tolerância significa ver o outro como ser de direitos.

Uma educação para tolerância Bobbio (2002), também pode aprender que há valor em virtudes fracas, tal como a serenidade, pois a prepotência é a força do intolerante, mas a tolerância se constrói na fortaleza da não violência. Na cidade de Manaus, especificamente na sociedade contemporânea as campanhas educativas estão sendo reforçadas à medida que as religiões estão buscando a cada dia seu espaço.

Essas imagens se referem ao vídeo da campanha da Secretaria do Estado de Justiça de Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC). O vídeo educativo que dura em torno de 30 segundos foi apresentada no cinema UCI, do Shopping Sumaúma localizado no bairro da zona norte da cidade de Manaus antes de iniciar a sessão dos filmes.

Entretanto, esse arcabouço básico de funções interdependentes, cuja estrutura e padrão conferem a uma sociedade seu caráter específico Elias (1990), não é criação de indivíduos particulares, pois cada indivíduo, mesmo o mais poderoso, mesmo o chefe tribal, o monarca absolutista ou o ditador, faz parte dele, é representante de uma função que só é formada e mantida em relação a outras funções, as quais só podem ser entendidas em termos da estrutura específica e das tensões específicas desse contexto total.

A diferença não pode nem deve ser um problema. Faz parte da constituição inata do ser humano e da diversidade natural da realidade. Não temos impedimentos para conviver com a diversidade na natureza; ao contrário, achamos que é exatamente isso que produz beleza e harmonia.

No vídeo aparece vários slogans apontando que o respeito a diversidade de religiões passa além das relações humanas, é por direito e lei, pois nascemos livres para escolhermos no que devemos ter por credo religioso a ponto de manifestar nossa fé da forma que achamos que é conveniente e para aceitar-se a escolha de professar a fé do outro é um exercício de cidadania. Uma educação para a tolerância Andrade (2009) parte tanto do reconhecimento do valor absoluto de cada ser humano, único, distinto, singular, como da obrigação moral de, pelo diálogo, construir normas éticas comuns e compartilhadas (universais) para garantir, sem mais, a pluralidade deste mesmo ser humano tão particular.

Essa cidadania que vem sendo discutida desde o início da dissertação até precisamente o término da mesma. Os indivíduos são vistos como átomos e partículas mínimas da sociedade Elias, (1990) concebem o indivíduo como postes sólidos entre os quais, posteriormente, se pendura o fio dos relacionamentos. Os outros, de olhos fixos na autonomia das relações humanas, pensam na sociedade como algo que existe antes e independentemente dos indivíduos. [...] pensa nos indivíduos como algo que existe antes e independentemente da sociedade.

A luta por uma sociedade mais justa, mais democrática e mais livre, livre de preconceitos, livre de dogmas e livre de angústias e violências. Embora tenha havido uma melhora na tolerância da sociedade Kronbauer (2009), em relação a alguns grupos e valores, percebe-se que ainda há equívocos relacionados ao conceito. Muitas vezes estamos acostumados, a discutir a diversidade cultural e o multiculturalismo, mas o assunto sobre a tolerância acaba ficando de fora.

Nosso país é um estado laico que garante por lei o respeito à liberdade religiosa e para a garantia deste, não se limita apenas nas leis constitucionais, mas em nossos governantes que estão no poder político e que por intermédio de suas intervenções como campanhas e segurança a nossa população é que podemos avançar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer do tema de intolerância religiosa na cidade de Manaus apresentou como uma proposta desafiadora para lidar com a problemática. Uma vez que ao falar de religião, minha visão judaico-cristã não me permitia conhecer outras vertentes do campo religioso, principalmente a diversidade das mesmas.

A escolha inicial do tema consistiu como enfatizado inicialmente em uma motivação da pesquisadora como pedagoga e professora, que em sua práxis docente observou casos de intolerância religiosa em uma determinada escola confessional que lecionava. Daí partiu a iniciativa de cursar o mestrado enfatizando a problemática uma vez que ao pesquisar mais profundamente, identificou um caso específico de uma escola pública que passou por um colapso semelhante ao que tinha vivenciado. Uns grupos de alunos evangélicos se recusaram a realizar um trabalho que fazia parte do componente curricular sobre a temática da cultura afro-brasileira, por fazerem analogia à religião da macumba e como prática de demonização e incentivo ao homossexualismo. O caso repercutiu bastante nas mídias veiculadas na cidade.

Similarmente com o caso vivenciado a mesma apresentou a proposta ao projeto de dissertação ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. As dificuldades foram notadas ao cursar as disciplinas do programa, pois o objetivo com a pesquisa era alicerçar o objeto com as questões multidisciplinares na região Amazônica, uma vez que o projeto exposto estava fechado e atrelado apenas às questões educacionais, o que não atendia a proposta do programa. O redimensionamento ao projeto foi realizado para então atender suas exigências, uma vez que a escolha das denominações religiosas pesquisadas se deu a partir de uma participação de um seminário: Diálogo com o Sagrado na Universidade Federal do Amazonas, o que me fez problematizar em um contexto sociocultural.

A escolha inicial partiu da religião afro, em análise ao contexto histórico ao contemporâneo, grandes casos de violência ao credo religioso dos que professam o candomblé e a umbanda se tornam cada vez mais alarmantes em nosso país, especificamente em nossa região norte. O candomblé é um culto de deuses africanos, oriundos dos ancestrais de Benin prestados em todo o território brasileiro vindo especificamente no período da colonização e em grande parte se concentrando na cidade baiana. Com a expansão da religião afro, os negros realizavam suas manifestações sempre escondidos de seus senhores e até hoje buscam igualdade, reconhecimento e liberdade as

suas práticas e escolhas.

Segundo a Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções, entende-se por “intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções” toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

É evidente que o Brasil ainda esteja atravessando à corda bamba na busca do reconhecimento a liberdade religiosa, mesmo sendo um país laico precisa avançar e muito. A intolerância religiosa entra como ação contrária ao respeito, aceitação, apreço a riqueza e a diversidade cultural nas mais variadas formas de expressão, teoria enfatizada no capítulo inicial da dissertação baseada nos estudos de Andrade (2009). Ao invés de julgar, violar e matar por algo que discordo, preciso antes de qualquer coisa respeitar o que não aceito, o que não concordo e o que não faço. As guerras surgiram a partir da intolerância religiosa em uma proposta voltada para tolerância, sendo notórias as guerras do cristianismo e protestantismo e logo após os movimentos começaram a surgir.

Essa análise inicial do capítulo clarificou melhor o objeto do estudo, desde suas primeiras raízes históricas. Relacionar a problemática com as relações sociais de Elias, fora bastante prazeroso, uma vez que o teórico estudou varias vertentes desse sentido. A civilização processual no curso da sociedade a partir da análise configuracional, possibilitou um olhar mais crítico da sociedade em que vivemos seus avanços e retrocessos. A sociedade de indivíduos, a sociedade que possibilita ao mesmo tempo em que escraviza que aprisiona e que não liberta. A sociedade que queremos para nossos filhos é uma sociedade doente; que mata, que rouba, que maltrata e ao mesmo tempo nos possibilita de viver libertos, mas libertos de quê? Como trabalhar a tolerância e o autocontrole nessa sociedade patológica, através da autorregulação? Como questão norteadora do estudo: *“ainda é possível à sociedade ser educada para a diversidade, sendo tolerante?”*. Poder-se-ia responder que sim, mesmo não estaria sendo convicta totalmente da afirmação, uma vez que para alcançar esse avanço há muito a ser feito:

Isso exemplifica a sociedade que queremos:

Uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais humana;

Uma sociedade que tolere o diferente;

Uma sociedade que respeite o homossexual;

Uma sociedade que não viole os templos religiosos;

Uma sociedade que não enfraqueça a mulher como sexo frágil;

Uma sociedade que não faça acepções e distinções quanto à classe social;

Uma sociedade dos indivíduos, representando à união desses “elos”;

Uma sociedade que valorize a diversidade;

Uma sociedade educada para a tolerância em quaisquer esferas;

Uma sociedade educada para conviver com a diversidade e essa diversidade ser respeitada, valorizada e acima de tudo conquistada.

Ocasionalmente o sujeito intolerante entende que tem uma missão para livrar as pessoas do erro. À primeira vista, a missão aparece ser nobre. O ambiente escolar é um lugar privilegiado para desenvolver no cidadão a ideia de tolerância. A Declaração de Princípios sobre a Tolerância já afirmava isso: “A educação é o meio mais eficaz de prevenir a intolerância.”. Do mesmo modo, como constatado nos dicionário a educação consiste no ato de educar, instruir, polidez e disciplinamento resultantes de costumes e hábitos de uma comunidade a partir de experiências vividas e ela não se restringe somente a escola.

Por muito tempo também enfatizamos a necessidade de reunir os grupos religiosos em torno de alguns pontos que fossem comuns aos diversos grupos. Isso daria unidade. Estamos sempre procurando algo que possa ser comum aos vários grupos a fim de que se torne o ponto de apoio para a aproximação e convivência. Retomando a Boff (2006), há situações em que a tolerância significa cumplicidade e leniência como o crime, omissão culposa, comodismo ou insensibilidade social e ética:

Não devemos ser tolerantes com aqueles que têm em suas mãos o poder de erradicar a vida humana do planeta;

Não devemos ser tolerantes com aqueles que assassinam inocentes, abusam sexualmente de crianças e traficam órgãos humanos;

Não devemos ser tolerantes com aqueles que comprovadamente escravizam menores;

Não devemos ser tolerantes com atos terroristas e ações fundamentalistas que em nome de um projeto político e de uma religião se atingem e se matam milhares de inocentes;

Não devemos ser tolerantes com aqueles que, no afã de lucro, deterioram os meios de vida que causam a morte de milhares de pessoas.;

Não devemos ser tolerantes com as máfias das armas, das drogas e da prostituição que incluem sequestros, torturas e eliminação física de pessoas;

Não devemos ser tolerantes com práticas que, em nome da cultura, cortam as mãos de ladrões e submetem mulheres e crianças a mutilações sexuais.

Naturalmente, “a tolerância sem limites líquida com a tolerância, assim como a liberdade sem limites conduz à tirania do mais forte. Tanto a liberdade quanto a tolerância precisam da proteção da lei”.

A pesquisa em si trás consigo uma gama de sentimentos: de alegria, frustração, ansiedade, tristeza, riscos e insegurança. Para adentrar sobre as denominações religiosas fora bastante difícil uma vez que se teve que se inserir nos campos das quatro denominações pesquisadas, bem como frequentá-las e se inserir de certo modo. Inicialmente houve resistência principalmente na religião do candomblé, mas com a maturidade do trabalho e as vivências em campo, esse olhar preconceituoso foi sendo desmistificado. A religião do candomblé possui suas particularidades e mesmo assim receberam-me muito bem nos locais, sendo bastante atenciosos e prestes a esclarecer algumas indagações da pesquisa. Houve certa dificuldade em contatar com um dos padres da paróquia, mas como a pesquisa foi realizada em duas houve um retorno satisfatório de ambas as organizações. A resistência maior se deu nas sinagogas, mas todo esforço foi válido e a satisfação recompensada.

Considera-se que o objetivo principal da pesquisa em identificar acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus foi alcançado. No terceiro capítulo da pesquisa, por exemplo, foi discorrido sobre o processo de colonização da Amazônia, dando como ênfase principal a primeira presença do povo negro na região e mais *a posteriori* da pesquisa os casos mais decorrentes de intolerância religiosa na cidade de Manaus, sendo o mais frequente com a religião do candomblé. Julga-se que os mesmos objetivos secundários também foram atingidos, pois foi realizada a discussão da ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica nos três capítulos iniciais, como também enunciados, o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância e por fim listado as principais ocorrências de casos que despertam intolerância na cidade de Manaus.

Está claro que, a pesquisa contribuiu tanto no aprofundamento da temática quanto no desenvolvimento científico da Amazônia, o que evidencia a escolha pela Linha 1: Simbólicos e Manifestações Socioculturais do Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na compreensão dos processos de significação frente aos estudos de nossa cultura amazônica.

Uma sociedade pluralista não se sustenta sem um projeto educacional que responda a essa tarefa. Importa explicitar agora alguns fundamentos ético-filosóficos para uma educação para a tolerância. No entanto, precisamos conhecer e respeitar os outros

exatamente por sua diferença e não por aquilo que têm em comum com o meu grupo ou minha ideologia. Devemos respeitá-la exatamente porque são diferentes.

REFERÊNCIAS

- ACRITICA. **Delegacia de crimes por discriminação racial deve ser inaugurado até junho.** Disponível em: <<http://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/inaugurada-ate-junho>>. Acesso em: 10/05/2017.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz de. **É necessário queimar os hereges: Sébastien Castellion e a liberdade de opinião na época da reforma protestante.** São Paulo: Fonte Editorial, 2014. 120p.
- ALMEIDA, M. da Conceição. **Ciências da complexidade e educação razão apaixonada e politização do pensamento.** Natal: EDUFRN, 2012.
- ANDRADE, Marcelo. **Tolerar é pouco? Pluralismo, mínimos éticos e práticas pedagógicas.** Petrópolis, RJ: DP& Alii / Rio de Janeiro: Novamerica, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARROS, Marcelo.; MAURICIO, Jorge.; OXAGUIÃ, Vera. O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon.** Pallas, 2009.
- BERGER, P. **O dossel sagrado; elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BELLO. A. A. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica.** Bauru, SP: Edusc, 1998.
- BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural.** Manaus: Valer/UFAM, 1999.
- BHABA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOBBIO, N. **A era dos direitos.** Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- _____. **Direita e esquerda: razões e significações de uma distinção política.** São Paulo: Unesp, 1995.
- _____. **Elogio da serenidade e outros escritos morais.** São Paulo: Unesp, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível; convivência, respeito e tolerância.* Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOISSEVAIN, JEREMY. 1974. **Friends of friend: Networks, manipulators and coalitions.** New York: St. Martin's Press.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **“Danças e Andanças de Negros na Amazônia”.** In.: CAMPELO, M.M.; LUCA, T.T. As duas africanidades estabelecidas no Pará. Revista Aulas (UNICAMP), v.4. p. 1-27, 2007.

- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **O controle dos impulsos e das paixões no processo civilizatório de Norbert Elias**. In: O processo civilizador: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília/DF, 2010.
- CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Letras, 2006.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação em terreiros de candomblé: contribuições para uma educação multicultural crítica**. In: Candau, V.M. (org) Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p.181-207.
- CARNEIRO, EDISON. **Candomblés da Bahia**. Coleção Raizes, 9ª. Ed. Salvador, 2008.
- CASTRO, Edna. **“Terras de pretos entre igarapés e rios”**. Artigo parte integrante do relatório de pesquisa “quilombola de Bujarú. Memória da escravidão, territorialidade e titulação da terra” elaborado na pesquisa Mapeamento das comunidades negras rurais no estado do Pará. UNAMAZ, e no âmbito da pesquisa NAEA/UFPA, 1999.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Ética; direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. **Cultura e Diversidade**. Curitiba: Ibepe, 2008;
- COSTA, S. **Psicologia da religiosidade: nações, religiões e profecias**. Rio de Janeiro: Editora Silvacosta, 2010.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CUESTA, M. Sánchez. Cultura. In: VILLA, Mariano M. (dir.). **Dicionário de pensamento contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2000, 174-176.
- DECLARAÇÃO de Princípios sobre a Tolerância. *Biblioteca Virtual de Direitos Humanos*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br>.
- DECLARAÇÃO sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções. *Direitos Humanos na Internet (DHnet)*. Disponível em: <<http://WWW.dhnet.org.br>>
- DELACAMPAGNE, Christian. *A filosofia política hoje: ideias, debates, questões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUPUIS, Jacques. **Diálogo inter-religioso**. In: LATOURELLE, René, FISICHELLA, Rino (Org.). Dicionário de teologia fundamental. Petrópolis: Vozes/Santuário, 1994.
- DUPUIS, J. **Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso**. Brescia: Queriniana, 1997.
- ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- EGIDO, Teófanos. *Época Moderna: de los confesionalismo a la tolerancia*, in: La tolerancia en la historia, Valladolid, Espanha: Universidade de Valladolid, 2004, pág. 63-94.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos Indivíduos**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- _____. **Introdução à sociologia**. - Reimp. - (Biblioteca 70 ; 16) 1897-1990.
- _____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- _____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. **A Sociedade dos Indivíduos: A questão cardeal da sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.
- _____. **Teoria simbólica**. Oeiras: Celta, 1994.
- _____. DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- _____. **Norbert Elias & a Educação** / Andréa Borges Leão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- _____. **Sobre los seres humanos y sus emociones: un ensayo sociológico procesual**. In ELIAS, N. La civilización de los padres y otros ensayos. Colombia: Editorial Norma S.A., 1998.
- FREIRE, Paulo. *A Educação como cultura*. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002b.
- _____. **Educação como prática de liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. 4. Ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- GEBARA, A. **Conversas sobre Norbert Elias**. Piracicaba/SP: Biscalchin Editor 2005.
- GEFFRÉ, Claude. **A fé na era do pluralismo religioso**. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 61-74.

- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIOVANNI PAOLO II. **Discorso dall'auditorium di "Radio Veritas" Asia**, 21 febbraio 1981. In: GIOVANNI PAOLO II. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1981. v. 4/1. p. 452-460.
- GIOVANNI PAOLO II. **Discorso alla curia romana per gli auguri di natale**, 22 dicembre 1986. In: GIOVANNI PAOLO II. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1986. v. 9/2. p. 2019-2030.
- GONDIM, Neide. **Como o mar de águas doces e suas dilatadas províncias são percorridos pelo imaginário dos cronistas viajantes**. In: _____ *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GOMES, N. L. **Educação e diversidade étnico-cultural**. In: SEMTEC. *Diversidade na educação reflexões e experiências*. Brasília: Programa Diversidade na Universidade, 2003b, p. 67-77.
- GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- FERREIRA, Arcângelo da Silva. SILVA, Marcia Gabrielle Ribeiro. **Na trajetória da Umbanda e Candomblé: Religiosidades de Matrizes Africanas na cidade de Parintins**. Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR. Juiz de Fora – MG, 2015.
- FIETRECA. **Candomblé no Brasil e na África**. Disponível em <<http://www.fietreca.org.br/candomble-no-brasil-e-na-africa/>>. Acesso em: 14 de agosto de 2017.
- FUNES, Eurípides A. **Nasci nas matas, nunca tive senhor**. In.: Gomes, Flavio dos Santos. *Liberdade por um fio: história dos quilombos do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GOULART, JOSÉ ALÍPIO. 1968. **O regatão (Mascate fluvial da Amazônia)**. Rio de Janeiro: Conquista.
- HALL, S. "*Cultural identity and Diaspora*". In Rutherford, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**, 2005.
- JACAÚNA, Maria do seu. **Nova delegacia vai coibir crimes de discriminação e intolerância no AM: Tiro após discussão sobre crenças**. Depoimento [13 de dez, 2016]. Acrítica Manaus: Entrevista concedida a Paulo André Nunes.

JUNQUEIRA, Sérgio R. A. **O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil.**

Petrópolis: Vozes, 2002.

JUSBRASIL. MPF **denuncia crimes de intolerância religiosa no Amazonas.** Disponível em: < <https://gerry.jusbrasil.com.br/noticias/122248794/mpf-denuncia-crimes-de-intolerancia-religiosa-no-amazonas>>. Acesso em: 10/05/2017.

KÜNG, H.; KUSCHEL, K-J. Per un'etica mondiale; la dichiarazione del Parlamento delle religioni mondiali. Milano: Rizzoli, 1995.

KONDER, Leandro. **O socialismo e o indivíduo.** In: KONDER, L e BETTO, F. O indivíduo no socialismo, São Paulo: Perceu Abramo, 2000, p. 07-20.

KRONBAUER, Selenir Corrêa. **Educar para a convivência na diversidade: desafio a formação de professores.** São Paulo: Paulinas, 2009.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica** – 6. Ed. – 7. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico.** 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉPINE, C. Análise formal do Panteão Nagô. In: MOURA, C. E. M. **Culto aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-Brasileiras.** Rio de Janeiro: Pallas, 2011, p. 21-78.

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO. **Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo da Fundação Pontifícia ACN (Ajuda à Igreja que Sofre).** ACN Brasil, 2016.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância,** Coleção Os pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MELO, Emerson. “**Memória e resistência na formação dos terreiros de candomblé**”. In.: FELINTO, Renata. **Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em sala de aula: saberes para professores, fazeres para alunos: religiosidades, musicalidades, identidades e artes visuais.** – Belo Horizonte, MG: FT Editora, 2012.

MCLAREN, **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para um novo milênio.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MADURO, OTTO. **Mapas para a festa; reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1997.

MENESES, P. **Tolerância e religiões.** In: TEIXEIRA, F. (Org.). O diálogo inter-religioso como afirmação da vida. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 49-50.

MENEZES, Paulo. **Tolerância e religiões,** in: TEIXEIRA, F. (org.) O diálogo inter-religioso como afirmação da vida, São Paulo: Paulinas, 1997, pág. 39-54.

- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Escravidão Indígena: o trabalho escravo e legal na Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2010.
- MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MAW, H. L. **Narrativa da Passagem do Pacífico Atlântico**. Liverpool, F. B. Wright, 1831. Cap. 1 e observações do tradutor.
- NICHOLAS, RALPH W. 1966. “**Segmentary factional political systems**”, in *Political Anthropology*. Edited by M. Swartz and V. W. Turner and A. Thuden. Chicago: Aldine.
- OLIVEIRA, Ivone Martins. **A constituição social e histórica das emoções: contribuições de Elias e Vigotsky**. UFES: ES – Brasil.
- OLIVEIRA, João Pacheco. **Regime tutelar e faccionalismo. Política e Religião em uma reserva Ticuna**. /João Pacheco de Oliveira. – Rio de Janeiro: CASA 8, 2015.
- OLIVEIRA, João Pacheco. **Elementos para uma sociologia dos viajantes**. – Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1983. 80p.
- PEREIRA, S. R. C. et al., **Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento**. *Revista Kinesis*, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61,2001.
- POWELL, R. A; SINGLE, H. M. Focus Groups. *International Journal for Quality in Health Care*, v.8, n.5, p.499-504, 1996.
- PRADO JR., CAIO. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1963.
- _____. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- PROLA, Graça. Direitos Humanos e Cidadania. **Palestra proferida pela Universidade Federal do Amazonas**, 18 jan. 2017.
- QUEBRANDO TABUS. **Salve as crianças: Professores impõem suas crenças em escolas que deveriam ser laicas**. Disponível em: <<http://qbrandotabus.wordpress.com/tag/bullying/>>. Acesso em: 05 out. 2013.
- RADCLIFFE- BROWN, R. *Structure et fonction dans la societe primitive*. Paris: Editions de Minuit, 1968.
- RATZINGER, J. **Situação atual da fé e da teologia**. Atualização, v. 263, p. 545, 1996.
- RIBEIRO, C. **Religiosidade do índio brasileiro no Candomblé da Bahia**. *Revista Afro-Ásia* (1983). Disponível em http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n14_p60.pdf. Acesso em 20.03.2018.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Pluralismo e libertação**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a forma e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- REIS, ARTHUR CESAR FERREIRA. 1931. **História da Amazônia**. Manaus: s/ editora.

- SALLES, Vicente. **O negro no Pará sob o regime da escravidão**. Brasília MIC/SECULT, 1988.
- ROHDEN, Cleide Scarlatelli. *A camuflagem do sagrado e o mundo moderno, à luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SAAVEDRA, G.; SOBOTTKA, E. **Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth**. Civitas, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 9-18, 2008.
- SCHILLEBEECKX, E. **Religião e violência**. Concilium, v. 272, n. 4, p. 170-171, 1997.
- SANTOS, Boaventura de S. **A construção multicultural da igualdade da diferença**. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal. RJ, 1995.
- _____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4e. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. **Além da Conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina**. 2 ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- SILVA, Antônio Jorge. Nova delegacia vai coibir crimes de discriminação e intolerância no AM: Até que enfim. Depoimento [13 de dez, 2016]. Acrítica Manaus: Entrevista concedida a Paulo André Nunes.
- SILVA, Clemildo Anacleto da. **Intolerância Religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância**. / Clemildo Anacleto da Silva e Mario Bueno Ribeiro – Porto Alegre: Sulina; Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2007.
- SILVEIRA, Rosa M. G. **Diversidade Religiosa**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/03/03_rosa2_diversidade_religiosa.pdf>. Acesso em 06 out.2013;
- _____. TEIXEIRA, Faustino (org.). **O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio**. Convergência, v. 34, n. 325, Rio de Janeiro, 1999, pp. 433-448.
- SOUZA, M. História da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2009.
- TAYLOR, Charles. (Org.). **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 45. Disponível em: <http://unisinus.br/blogs/ndh/2014/12/15/a-politica-de-reconhecimento-de-charles-taylor-para-uma-cultura-de-direitos-humanos/>. Acesso em: 11 mai de 2018.
- TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues & DANTE Ribeiro da Fonseca. **História regional (Rondônia)**. Porto Velho: Rondoniana, 1998.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia-Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Civilização Brasileira, 1982.
- TOURAINÉ, Alain. Igualdade e diversidade: o sujeito democrático. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1998.

- TRAMONTE, Cristina. **Com a bandeira de Oxalá: Trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis.** – Itajaí: UNIVAL, 2001.
- UNESCO. *Declaração de princípios sobre a tolerância.* São Paulo: USP / Unesco, 1997.
- VARNHAGEN, FRANCISCO ADOLFO DE. 19622. **História geral do Brasil.** Edição Integral. São Paulo: Melhoramentos.
- VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Beni e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX.* 4. Ed. Salvador: Corrupio, 2002.
- VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade.** Revista Quadrimestral de Ciência da Educação / Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), Campina, CEDES, n. 71, p. 21-44, 2000.
- VOLTAIRE (François-Marie Arouet). **Tratado sobre a Tolerância: a propósito da morte de Jean Calas. Da tolerância.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WILKINSON, S. Focus group methodology: a review. *International Journal of Social Research Methodology*, v. 1(3): 181-203, 1998.

APENDICÊ 1



**Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia**



PERFIL SOCIOECONÔMICO

Entrevistado: _____
Data: ____/____/____

I. Identificação

- 1.1. Sexo: 1.()M 2.()F
 1.2. Est. Civil: 1.()Solteiro(a) 2.()Casado(a) 3.()União Consensual 4.() Separado(a)
 5.()Divorciado(a) 6.()Outros:.....
 1.3. Idade: 1.()15-19 2.() 20-24 3.() 25-29 4.()30-34 5.() 35-39 6.() 40-44 7.() 45-49 8.()
 50-54 9.()55-59 10.() Acima de 60 anos

II- Naturalidade

- 2.1. Onde o/a Sr.(a) nasceu? _____
 1.Em outro estado. Qual?.....
 2.() Outros:.....

III - Escolaridade

3.1. O/a Sr.(a) já frequentou a escola ? 1.()Sim 2. ()Não

3.2. Se sim. Até que série o Sr.(a) estudou ?	Incompleta	Cursando	Completa
1. Alfabetização			
2. De 1ª à 4ª série do ensino fundamental			
3. De 5ª à 8ª série do ensino médio			
4. De 1º à 3º ano ensino médio			
5. De Ensino superior			

IV- Organização Sócio-política

- 4.1. O/A Sr.(a) participa de organização? () Não () Sim
 () Igreja. Qual(is)? _____
 () Associação de moradores. Qual(is)? _____
 () Cooperativa. Qual(is)? _____
 () Sindicato. Qual(is)? _____

Outros. Qual(is)? _____

V. Religião/ religiosidade

5.1. O/A Sr.(a) já foi adepto de outra(s) religião/ões? Sim não

Católica

Evangélica

Neopentecostal

Pentecostal

Espiritismo/kardecismo

Religiões de origem afro

Outros: _____

5.2. O/A Sr.(a) costuma frequentar outra(s) religião/ões? Sim não

Católica

Evangélica

Espiritismo/kardecismo

Religiões de origem afro

Outros: _____

5.3. Qual a religião dos seus pais? Sim não

Católica

Evangélica

Espiritismo/kardecismo

Religiões de origem afro

Outros: _____

5.4. O/A Sr.(a) já precisou da ajuda de rezadores/benzedeiros? Sim não

(Se afirmativo) Há quanto tempo? _____

5.5. O/A Sr.(a) acredita que exista fenômenos religiosos?

Não acredita Acredita. Qual/is? _____

APENDICÊ 2



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



Entrevista semiestruturada

Identificar acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus.

Discutir a ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica.

Enunciar o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância.

Listar as principais ocorrências de casos que despertam intolerância na cidade de Manaus.

Dados sobre religião

- a) Como surgiu a denominação religiosa a qual congrega?
- b) Qual sua visão sobre religião?
- c) Desde quando se considera adepto(a) desta religião?
- d) O que levou o Sr.(a) a se tornar adepto(a) dessa religião?
- e) Qual a sua religião anterior?

Dados sobre a condição de líder religioso

- a) Quando o Sr.(a) se tornou líder religioso dessa denominação?
- b) Quais critérios foram utilizados na escolha para se tornar líder religioso?
- c) Para o/a Sr.(a), o que difere a sua denominação das outras?

Dados sobre os espaços sagrados

- a) Como são realizadas celebrações religiosas?
- b) As programações são organizadas de que maneira?

- c) Como fazem a distinção do sagrado com o profano?
- d) Como denominam as celebrações religiosas?
- e) Já foram comparados com outras cerimônias religiosas?
- f) Nas cerimônias religiosas como são organizadas/reparadas? Ocorrem sempre dentro do espaço sagrado?

Dados sobre intolerância e conflitos religiosos

- a) O que você entende como intolerância religiosa?
- b) Já ocorreram casos contra ao sagrado por conta ao ódio religioso? Como aconteceu?
- c) Você sofre/sofreu algum tipo de intolerância? Como costuma ocorrer?
- d) Há rivalidade entre outras denominações? Quais as razões?
- e) Como dissemina o ódio que leva a intolerância?
- f) Como o espaço sagrado se posiciona com a diversidade, seja ela religiosa, racial e homossexual?

Propostas para a Liberdade Religiosa

- a) Como tolerar os intolerantes que ferem a liberdade religiosa?
- b) Quais seriam as medidas para promover a liberdade e a paz entre as religiões?
- c) A igreja tem autonomia com as outras religiões? Como se organizam?
- d) Você acredita que vivemos em país laico de direitos? Se positivo, por quê? Se negativo, o que falta?
- e) A Lei nº 11.635/07 instituiu o dia 21 de janeiro como o "*Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa*". A igreja participa desse movimento? E o que precisa para que esses conflitos possam ser minimizados?

APENDICÊ 3



Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o Senhor (a) a participar da pesquisa: **“Kó si ewé kó si omi kosi òrisà”**: **Um estudo sobre as religiões de Manaus na perspectiva de intolerância religiosa**, sob a responsabilidade da pesquisadora Anne Ariadne Alves Menezes Ponce de Leão, endereço de contato na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, localizado no setor Norte do Campus Universitário no Instituto de Humanas e Letras, no endereço: Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 – Coroado, pelo telefone (92) 3305-5678 e seu orientador, Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos, contato: (92) 99138-4210 e e-mail: glauciocampos@bol.com.br.

Temos por **objetivos** identificar acontecimentos que geram intolerância religiosa em espaços sagrados na cidade de Manaus. E por **objetivos específicos**: Discutir a ideia de intolerância religiosa a partir de uma perspectiva multicultural e simbólica; Enunciar o que pensam os líderes religiosos sobre as questões de intolerância; Listar as principais ocorrências de casos que despertam intolerância na cidade de Manaus.

Esta pesquisa se **justifica** pela necessidade de compreender os fenômenos da intolerância religiosa enquanto manifestação sociocultural em espaços sagrados na cidade de Manaus.

Informamos que **sua participação é voluntária** e se dará por meio da concessão de uma entrevista com a autorização prévia para o uso de gravador, todavia, se isto representar algum tipo de incômodo, não o utilizaremos. Caso você aceite participar, solicitamos que responda as perguntas que vou lhe fazer e nos autorize a usar as informações que relatadas e as informações serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Somente a pesquisadora envolvida neste projeto terá acesso a estas informações.

Metodologicamente a pesquisa será de cunho qualitativo, na intenção de privilegiar a investigação e compreender os fenômenos da tolerância/intolerância religiosa enquanto manifestação sociocultural em espaços sagrados na cidade de Manaus, a partir da perspectiva

de líderes religiosos. Entretanto, não descarta a coleta de dados quantitativos, que podem ser necessários na etapa exploratória de campo ou à medida que esses dados puderem estabelecer uma relação com o discurso dos profissionais.

O instrumento utilizado para a coleta de dados será a entrevista semiestruturada, dentre os tipos de entrevistas, será realizada a semiestruturada, que tem como principal característica a formulação de questionamentos básicos, apoiados em teorias ou objetivos que irão ser correlacionados ao tema da pesquisa. Os dados obtidos serão analisados por meio da análise de conteúdo, que consiste em uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática, e quantitativa do conteúdo evidente da comunicação. Os sujeitos da pesquisa serão líderes religiosos das denominações do candomblé, catolicismo, pentecostalismo e judaísmo. A amostra será intencional. **Critério de Inclusão:** Ser líder religioso e participar de manifestações religiosas que envolvam o sagrado; Se tiver mais de um líder religiosos, selecionar o sujeito da pesquisa que tem mais tempo de atuação. **Critério de Exclusão:** Membros que não exercem a função de líder religioso; Se for mais de um líder religioso, excluir os que se encontram em menos tempo de serviço nas manifestações religiosas. A coleta de dados ocorrerá após prévio agendamento de dia e hora para as entrevistas, onde será solicitado aos participantes que assinem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Todos os sujeitos envolvidos serão esclarecidos antecipadamente sobre os objetivos da pesquisa, sendo a participação livre, atendendo aos cuidados éticos com pesquisas desenvolvidas com seres humanos. Todas as entrevistas serão gravadas com uso de gravador de voz, sendo posteriormente transcritas em sua íntegra. A análise dos dados será realizada com a técnica de análise de conteúdo que constitui em uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo das falas dos entrevistados.

Dos riscos decorrentes, sabemos que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, embora mínimos, e estes podem ser: desconforto, constrangimento em algum momento da entrevista, sendo que trabalharemos para que tais riscos sejam minimizados ou, caso aconteçam, o pesquisador se compromete em ressarcir possíveis despesas oriundas do processo. Para tanto, trabalharemos com identificação por meio de números, de modo que o (a) Sr. (a) não seja identificado e se no momento da entrevista o participante não se sentir à vontade para responder os questionamentos, interromperemos a atividade para não causar maiores desconfortos aos participantes.

Formas de Ressarcimento: Se por algum motivo algo prejudicial acontecer aos participantes, as responsáveis pela pesquisa providenciarão os meios para que seja reparado o possível dano, verificando acompanhamento psicológico ou uma possível indenização dos

participantes e seus acompanhantes, se assim for o caso, ressaltando que os itens ressarcidos não são apenas aqueles relacionados à transporte e alimentação, mas a tudo o que for necessário ao estudo, como consta na Resolução CNS N. 446 de 2012. EM CASO DE ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO, temos como instituição de referência o Centro de Atenção Psicossocial Sul – CAPS-SUL, no endereço: Rua Borba nº 1084 no bairro Cachoeirinha, próximo ao Terminal T2.

Os benefícios: Se você aceitar participar, estará contribuindo para que se gere mais conhecimento acerca de promover um processo de reflexão sobre o fenômeno da tolerância/intolerância religiosa que permita uma maior compreensão sobre a questão. Bem como, entender o que pensam os líderes religiosos sobre tolerância/intolerância religiosa e as oportunidades para uma maior compreensão sobre o tema. Além de contribuir com a pesquisa na cidade de Manaus e poder gerar a compreensão dos principais motivos que levam a ocorrência da intolerância religiosa, com a finalidade de entender as práticas socioculturais realizadas nos espaços sagrados a partir da diversidade religiosa em uma perspectiva multicultural.

Indenizações: Vimos informá-los também que estão assegurados o direito a indenizações e cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa e ao participante da pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7.

Se depois de consentir em sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (A) SR (A) NÃO TERÁ NENHUMA DESPESA E TAMBÉM NÃO RECEBERÁ NENHUMA REMUNERAÇÃO. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, MAS SUA IDENTIDADE NÃO SERÁ DIVULGADA, SENDO GUARDADA EM SIGILO. Para qualquer outra informação poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP, Rua Teresina, 4950, Adrianópolis. Telefone fixo 3305-1181, ramal 2004, e celular 99171-2496. E-mail cep.ufam@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

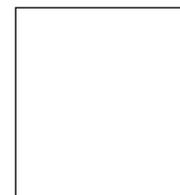
Eu, _____ fui informado (a) sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em 2 vias, sendo uma assinada pelo pesquisador

responsável e outra pelo participante, ambas as partes ficam com uma via do termo, que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da Pesquisadora responsável

Orientador da pesquisa



Impressão dactiloscópica

